



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Price Inspector

CORRESPONDÊNCIAS

Clarice Lispector



Organização de
TERESA MONTERO

ROCCO LIT

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Agradecimentos

Nota prévia

Década de 1940

[A Lúcio Cardoso]

[A Maury Gurgel Valente]

[De Maury Gurgel Valente]

[A Maury Gurgel Valente]

[De Maury Gurgel Valente]

[A Maury Gurgel Valente]

[De Maury Gurgel Valente]

[A Maury Gurgel Valente]

[De Maury Gurgel Valente]

[A Lúcio Cardoso]

[A Getúlio Vargas]

[A Getúlio Vargas]

[A Lúcio Cardoso]

[A Tania Kaufmann]

[A Lúcio Cardoso]

[A Lúcio Cardoso]

[De Lêdo Ivo]

[A Lúcio Cardoso]

[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]

[A Lúcio Cardoso]

[A Lúcio Cardoso]

[A Lúcio Cardoso]

[De Lúcio Cardoso]

[A Lúcio Cardoso]

[A Lúcio Cardoso]

[De Manuel Bandeira]
[A Lúcio Cardoso]
[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]
[A Tania Kaufmann]
[De Manuel Bandeira]
[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]
[De Fernando Sabino]
[A Fernando Sabino]
[De Bluma Wainer]
[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]
[De Bluma Wainer]
[De Manuel Bandeira]
[De Bluma Wainer]
[De Fernando Sabino]
[A Fernando Sabino]
[A Lúcio Cardoso]
[De Bluma Wainer]
[A Elisa e Tania Kaufmann]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Lúcio Cardoso]
[A Lúcio Cardoso]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Lúcio Cardoso]
[A Lúcio Cardoso]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]

[A Tania Kaufmann]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De Bluma Wainer]
[De João Cabral de Melo Neto]
[A Tania Kaufmann]
[De João Cabral de Melo Neto]
[De João Cabral de Melo Neto]
[De João Cabral de Melo Neto]

Década de 1950

[A Tania Kaufmann]
[A Eliane Gurgel Valente]
[De Rubem Braga]
[De Fernando Sabino]
[A Fernando Sabino]
[A Mafalda Verissimo]
[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]
[A Mafalda e Êrico Verissimo]
[De Rubem Braga]
[A Mafalda e Êrico Verissimo]
[De João Cabral de Melo Neto]
[De Rubem Braga]
[A Mafalda Verissimo]
[A Mafalda Verissimo]
[A Mafalda Verissimo]
[A Elisa Lispector e Tania Kaufmann]
[A Mafalda Verissimo]
[A Mafalda Verissimo]
[De João Cabral de Melo Neto]
[De Êrico Verissimo]
[A Eliane Gurgel Valente]
[A José Simeão Leal]

[A Eliane Gurgel Valente]

[De João Cabral de Melo Neto]

Década de 1960

[A Thiers Martins Moreira]

[A Thiers Martins Moreira]

[De Marly de Oliveira]

[De Fernanda Montenegro]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

[A Paulo Gurgel Valente]

Década de 1970

[A Paulo Gurgel Valente]

[De Marly de Oliveira]

[De Alberto Dines]

[De Carlos Drummond de Andrade]

[De Lygia Fagundes Telles]

[De Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[De Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[De Andréa Azulay]

[De Andréa Azulay]

[De Andréa Azulay]

[De Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[A Andréa Azulay]

[De Carlos Drummond de Andrade]

[A Mafalda Verissimo]

[A Mafalda Verissimo]

[De Maria Bonomi]

[De Alberto Dines]

[De Lygia Fagundes Telles]

Notas Biográficas

Cronologia

Índice

Fonte de consulta

Obras da autora

Créditos

A Autora

*Como nos fazem falta as pessoas como Clarice,
a quem se possa escrever certas cartas.*

MARIA BONOMI

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente àqueles que acreditaram e possibilitaram a concretização deste projeto: a Paulo Rocco e a sua equipe e aos autores e às famílias que concederam o direito de publicarmos estas cartas.

Alberto Dines, Alexandre Teixeira, Ana Luiza Chafir, Andrea Azulay, Eliane Gurgel Valente, Eliane Vasconcelos, Fernanda Montenegro, Fernando Sabino, Inêz Cabral, Lêdo Ivo, Lúcia Nolasco, Lucia Riff, Lygia Fagundes Telles, Maria Bonomi, Mafalda Verissimo, Marly de Oliveira, Pedro Augusto Drummond, Rafael Cardoso, Roberto Seljan Braga e Tania Kaufmann.

NOTA PRÉVIA

A ideia de publicar *Correspondências* foi de autoria da família de Clarice Lispector, com o intuito de atender ao desejo de estudiosos e leitores que aguardam há anos a publicação deste material, já que somente algumas destas cartas foram publicadas de forma avulsa e, em geral, fragmentadas. O objetivo precípua desta edição, norteado pelo critério cronológico, foi fazer um retrato de sua trajetória biográfico-literária e do contexto cultural e sociopolítico de sua época por meio de uma parte de sua correspondência com escritores, artistas, intelectuais e familiares.

Convidada pela família de Clarice para organizar esta edição, reuni 129 cartas. De um lado a sua correspondência pessoal ativa, num total de 70 cartas, de outro a correspondência pessoal passiva, proveniente do meio familiar e dos amigos: 59. O conjunto de cartas foi dividido em quatro décadas. De 1940 a 1950, abrangem o período em que ela residiu no Rio, Belém, Nápoles, Berna, Torquay e Washington, casada com o embaixador Maury Gurgel Valente; e de 1960 a 1970, quando ela voltou a morar definitivamente no Rio de Janeiro. Trata-se de cartas efetivamente chegadas aos seus destinatários. As respostas a que tive acesso foram inseridas em seguida à carta que lhes corresponde, como foram os casos das cartas de Maury Gurgel Valente e Fernando Sabino, e em algumas de Lúcio Cardoso e Andrea Azulay.

Como o livro não teve o objetivo de ser uma edição anotada, inseri algumas notas e uma cronologia que pudessem elucidar fatos, mencionados nas cartas, referentes exclusivamente ao itinerário biográfico-literário de Lispector. As notas das cartas trocadas entre Fernando Sabino e Clarice foram extraídas de *Cartas perto do coração*. Estabeleci, também, uma nota biográfica dos missivistas com o intuito de situar sua ligação pessoal com a escritora.

Foi respeitada a pontuação original, atualizada a ortografia e corrigidos os eventuais erros gramaticais. Algumas palavras foram inseridas entre colchetes para permitir a compreensão do texto.

Adotei as seguintes convenções na fixação do texto:

[.] palavra ilegível;

(sic) palavra ou frase escrita desta forma pelo autor.

Numa época em que os arquivos virtuais cada vez mais se tornam presentes em todos os setores das nossas vidas, a valorização das cartas se impõe como uma necessidade de preservar e, para alguns, de “auratizar” um objeto fadado ao quase total desaparecimento.

Clarice preservou sua correspondência pessoal em detrimento dos originais dos romances e contos, o que pode revelar sua preocupação em guardar a memória de um tempo em que viveu longe do Brasil, cujo registro só poderia ser feito através de fotos e cartas.

Foram quinze anos vividos intensamente por meio de cartas. E só quem viveu uma experiência semelhante à dela sabe da quentura que as cartas dão.

TERESA MONTERO

DÉCADA DE 1940



Belo Horizonte, 13 de julho de 1941

Hellô, bem

Está tudo direito, agora. Antes de partir falei com aquela pessoa por causa de quem eu me encontrei com V. de noite. Não aludi à carta principal e só falei das outras que vieram com belíssimas flores, morangos e outras coisas.

Houve um momento em que ele me disse: S. está tonto porque V. vai embora. Menti: “certamente entra aí um pouco de álcool. E, nesse caso, eu sempre desculpo”. Não olhei para ele, não quis ver a reação. Voltei para casa triste com a meia perturbação que eu notara. Mas eu me tinha prometido ser outra, não é? Fiquei defronte do espelho e fiz uma cara belíssima: uma mistura de Nicolau Couro de Cobra com a tua Amélia (Vi tua Amélia no trem; e para o meu desapontamento... ela me sorriu amavelmente. Quem sabe? se você também lhe tivesse dado uma oportunidade...)

Eu pretendia chorar na viagem, porque fico sempre com saudade de mim. Mas felizmente sou um bom animal sadio e dormi muito bem, obrigada. “Deus” me chama a si, quando eu dele preciso.

Quanto ao teu fantasma, procuro-o inutilmente pela cidade. As mulheres daqui são quase todas morenas, baixinhas, de cabelo liso e ar morno. Aliás, quase que só há homens nas ruas. Elas, parece, se recolhem em casa e cumprem seu dever, dando ao mundo uma dúzia de filhos por ano. As pessoas daqui me olham como se eu tivesse vindo direto do Jardim Zoológico. Concorro inteiramente. Para não chamar atenção, estou usando cachinhos na testa e uma voz doce como nem Julieta conheceu.

Que +? Eu tinha vontade de escrever outras coisas. Mas você diria: ela está querendo ser “genial”.

Encontrei uma turma de colegas de Faculdade em excursão universitária. Meu exílio se tornará + suave, espero. Sabe Lúcio, toda a efervescência que eu causei só veio me dar uma vontade enorme de provar a mim e aos outros que eu sou + do que uma mulher. Eu sei que você não o crê. Mas eu também não o acreditava, julgando o q. tenho feito até hoje. É que eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde é a sua fonte.

O.K. Basta de tolices. Tudo isso é muito engraçado. Só que eu não esperava rir da vida. Como boa escrava eu era uma jovem séria, disposta a chorar pela humanidade... (Estou rindo.) Um grande abraço da

Clarice.

P.S. – Hotel Imperador. Pça. Rio Branco, 744-748
quarto nº 302
– B. Horizonte

P.S. – Esta carta você não precisa “rasgar”...

2/1/42

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma chuva enorme me esperando na estação, um carro descoberto pra me conduzir à Fazenda guiado por um belo negro e dois cavalos; uma capa grossíssima, cheirando a cavalo, pra cobrir a jovem viajante. E os solavancos. E a sensação de perigo (quase nenhum, infelizmente) ao atravessar o riozinho. Por um triz – uma aventura! Faltou justamente o carro virar e a donzela cair desmaiada sobre a terra, os loiros cabelos misturados à lama.

Que tolices estou dizendo?

Mal consigo disfarçar a impaciência, essa é a verdade. É preciso sempre desconfiar quando assumo esse sorridente ar infeliz.

Como vai benzinho? Como vão tuas mãos?

Escreva-me, bem. Quando se trata de apaziguar os outros, transformo-me subitamente numa grande fonte de serenidade. E eu mesma bebo dessa fonte. Estou sendo literária? Juro, faço o possível para mergulhar bem fundo dentro de mim e retirar belas coisas simples.

Ratinho curioso, perdoe essa carta desconexa e insegura. Além disso, prometo escrever à máquina, da próxima vez.

Receba um grande abraço meu, bem.

Clarice

P.S. – Estou com saudade de você.

Fazenda Vila Rica

Avelar – Est. do Rio

5/1/42

Como vai você, meu bem?

Ainda impaciente? Mesmo depois de um dia de roça? Aqui são onze horas. Os casais já desertaram do nosso quintal. Temos liberdade. Você hoje não tem hora para entrar em casa, nem porteiro abelhudo para se intrometer.

Nem é necessário ouvir o que eu digo. Você deve estar sonhando ou então jogando víspera à luz de um lampião de querosene.

Ou a sua fazenda é igual a todos os lugares de veraneio?

E tem luz elétrica? Se tem, não é fazenda de verdade.

Você já está enfiada nas calças compridas?

Já li uma porção de vezes a sua carta.

Senti um frisson quando você contou a aventura do riacho. Você já esteve realmente em perigo?

Uma vez eu caí de um barranco.

Durante a queda, só fiz pensar nas consequências do tombo para o meu nariz.

Quando cheguei ao chão senti um cheiro de terra e chorei, para completar o quadro.

Ontem, à tarde, fui levar uma carta para você ao Correio Central. Entrei pela rua do Ouvidor – todas as portas fechadas, nem um gato pingado. Fiquei mais triste ainda. Trabalhei hoje como um mouro. O automatismo burocrático está me fazendo a mão pesada. Vou acabar esta carta assim: “Tenho a honra de renovar a Vossa Excelência os protestos da minha alta estima e mais distinta consideração.” Veja que barbaridade. Eu tenho mesmo pena de você. Afinal de contas eu deveria aguentar sozinho toda essa amolação e deixar de envenenar suas férias com lamúrias impotentes. Meu consolo é que o mau estilo fará você não dar atenção a tudo isso. Somente uma coisa me faria bem agora. Seria adormecer com a cabeça no seu colo, você me dizendo bobagenzinhas gostosas pra eu esquecer a ruindade do mundo. Vou dormir pensando nisso.

Até logo, Clarice

Aviso aos leitores

Perigo de vida – esta carta está cheia de má literatura

6/1/42

Alô, benzinho

Mandarei imprimir cartões especiais, com cestinhos de flores e anjos rosados, anunciando que sou sua namorada. De acordo? Ou você prefere outro gênero de decoração? Escreva-me, que de qualquer modo isso pode definir você.

Sua carta veio justamente depois de uma noite de quase-insônia, de sonhos malucos e de Huxley. Quando a recebi, lia um pedaço sobre as consequências do desejo de ser + do que humano. Ratinho curioso, afinal tuas mãos nas minhas não deixam de ser uma boa dose de humanidade, não é? Ou não basta? Estou hoje tipicamente inquiridora. É um perigo.

Alô, bem. Você imobilizou-se fazendo a barba e eu só consigo imaginá-lo com o sabão no rosto, a Odete, de voz irritante, dizendo pra você tomar banho...

Arranjei uma pequena cascata, algumas montanhas verdes, ótimos vizinhos inexpressivos. Restava-me entoar hinos à paz e repousar. Mas ando de um lado pra outro, dentro de mim, as mãos abandonadas, pronta pra inventar uma tragédia russa, pronta pra criar um motivo que me acorde... horrível. Estou tão vaga, tinha vontade de fazer um embrulho de mim, com papel de seda, lacinho de fita, e mandá-lo pra você. Aceita?

Quanto ao lugar pra você, temo que isso seja difícil, quase impossível. Talvez um pouco + tarde.

Ordens a serem executadas sob prescrição médica: a) informar-se na Faculdade sobre o exame de Civil; b) manter apenas uma conversa séria por semana com o seu colega inteligente e perturbador; c) acreditar que estamos no melhor dos mundos possíveis; d) ser feliz.

Um grande abraço da namorada

Clarice

7/1/42

Alô: Clarice

Estou chegando do Ministério. Meu primeiro olhar foi para a mesinha do relógio – é onde se põem as cartas, numa casa patriarcal.

Nada encontrei ali, mas não fiquei desaperançado e voei para cima da fruteira pois vi, de longe, um envelope branco. Abri a carta com tal avidez que rasguei uma parte.

Como castigo para a minha precipitação, você veio logo ironizando o meu pieguismo. É isso mesmo, você anda lendo Huxley. Leia o fim do “Contraponto”, também, *“of suchs is the kingdom of heaven”*.

Como eu gostaria de ser um deles!

Menina, não bula comigo. Eu sou um bom rapaz, sem sombra de intelectualismo. Detesto me definir.

Quanto ao Everaldo, ele é mais perturbado que perturbador.

Não sei por que, liguei duas frases da sua carta – aquela do “desejo de ser mais humano”, com a do “talvez um pouco mais tarde”, relacionada com o problema do lugar para o teu ratinho curioso.

Você que é batuta em psicanálise, decida a parada.

Então você pensa que me apanha numa definição? As definições são asfixiantes e eu gosto de liberdade.

Gostaria de saber o sentido do “afinal” que você usou na frase: “Ratinho curioso, *afinal* tuas mãos nas minhas não deixam de ser uma boa dose de humanidade, não é?” A mim, ele dá uma ideia horrível de concessão.

Seria tão bom se eu pudesse deixar de interpretar o que os outros dizem e tomar tudo ao pé da letra.

Não me leve a sério, Claricinha – os momentos de dúvida são passageiros e muito mais forte do que eles é a minha amizade por você.

Ontem, por exemplo, eu estava de um humor cachorro e lhe escrevi uma carta infecta. Vou mandar esta aqui Expressa, para chegar antes da outra.

Eu topo integralmente a ideia de receber você num embrulhinho, com laço de fita e tudo. Manda, meu bem, que eu ponho debaixo do travesseiro. Assim, só pensei em coisas boas.

Chego até a considerá-lo condição essencial para bem executar aquela sua ordem – ser feliz. Como acreditar que estamos no melhor dos mundos possíveis, se o que eu

quero é impossível? Você sabe por que fiz aquele pedido na primeira carta?

Era pra poder escrever nas outras, do lado de fora:

Remetente – O namorado.

Hoje, tive em mãos, no Ministério, o requerimento de um sujeito que declarava:

Estado civil – Noivo.

Não é divertido?

Gostaria dar (*sic*) um abraço num camarada de tanta personalidade.

Vou mandar retirar aquele anúncio luminoso de “Vinho Único” e substituí-lo por outro, em três tempos:

Clarice (vermelho); Maury (verde); Namorados (azul).

Até logo, meu bem, e desculpa tanta bobagem, ao teu Maury e lá vai um bom abraço.

Existe também... sei lá o quê. Talvez qualquer coisa que valha a pena. Pelo menos pra olhar do ônibus e sorrir.

Ou se não, porque não se entregar ao mundo, mesmo sem compreendê-lo? Individualmente é absurdo procurar a solução. Ela se encontra misturada aos séculos, a todos os homens, a toda a natureza. E até o teu maior ídolo em literatura ou em ciência nada mais fez do que acrescentar cegamente + um dado ao problema.

Outra coisa: o que você, *you individualmente*, faria de especial se não houvesse a ruindade do mundo? A ausência dela seria o ideal para todos os homens, em conjunto: Para um só, não bastaria. Garanto-lhe que sempre haveria a arte de evasão e as preces e as fugas para Bach.

Como diria o meu amigo Tasso da Silveira: tudo vem do pecado original...

Alô, bem. Não creio que tenha tocado exatamente no ponto principal. E suponho que esta carta já o encontre em outra disposição e seja inútil, o que ele (*sic*) seria aliás de qualquer modo.

Quanto a mim, estou ± O.K. Não consegui no entanto soltar minhas rédeas. Planos, programas, consciência, vigilância. O que vale é que misturada a tudo isso, está a vida que não para.

Um abraço de

Clarice

P.S. – Nunca vi uma alma tão feia quanto a minha letra

1. Carta incompleta e sem data, que também faz parte do conjunto de cartas trocadas entre Maury e Clarice. (N. da O.)

9/1/42

Olá, Marquesa de Maricá

Antes de tudo preciso agradecer aos conselhos que me foram tão dramaticamente dispensados. Você usou grandes palavras, fortes generalizações, falou na beleza tétrica da ruindade do mundo, comparada à música moderna, que horripila mas atrai, nos meus ídolos científicos e literários, cada *um*, como [.], trazendo uma contribuição à Dúvida Universal; no sofrimento como Motor Imóvel da produção artística, além de outras coisas gigantescas.

Confesso que, à medida que eu ia lendo, fui ficando pequenino, pequenino.

É como se o alfaiate fizesse uma roupa para o *Primo Carnera (sic)* e a mandasse para mim.

Não, meu bem, sobra muito pano. Estou abafado. Que vou fazer com isso?

Você me aponta uma solução “Misturada aos séculos, a todos os homens, a toda a natureza”? Sinto até vontade de voltar aos tempos do Joel Miranda, o tal de Minas, e pedir licença a você para publicar a sua carta em todos os jornais. Aquela carta não foi para mim, foi um panfleto dirigido a toda a HUMANIDADE. Quem sabe se esclarecidos pela luz forte que dela irradia, não deixariam os exércitos de lutar e se uniriam todos os homens, para, num esforço único, se lançarem à busca da SOLUÇÃO, misturada ao Cosmos.

Estou imaginando que intensidade não teriam as suas palavras, ditas por Orson Welles, no tom daquele jornal do *C. Kane*. Papagaio, que sucesso!

Não, benzinho, eu sou muito mais simples do que isso. Minha angustiazinha mofina não está ligada aos grandes problemas.

Oh! Deusa Clarice!

Sê clemente! Não pronuncie contra mim, com ar tão solene, a sentença da minha condenação eterna.

Deixa-me viver pacatamente como bom sujeito. Eu quero me preocupar com o padeiro, com o leiteiro e com os dentes do guri.

Não me jogue, a mim tão pequenino e infantil, nessa rua de monumentos colossais, onde o Edifício da *Noite* é pixote, que se chama VIDA.

Não me aterrorizes com os holofotes antiaéreos que dirigiste contra mim – eu voou muito baixo – é só estender a mão pra me apanhar.

No momento eu só tenho um grande problema – é saudade de você. O resto é

bobagem.

Peço à “Fessora” assinalar todas as expressões infantis das minhas cartas, para que eu me possa corrigir.

Enquanto isso, vá me estendendo a mão, que eu preciso dela. Se você não diz nada, é porque há muita coisa dentro de você. Eu gostaria que você se confiasse um pouquinho mais a mim. É isso que eu chamo de jogo unilateral. Não pense que eu ando atrás só de “belas coisas simples”. Eu quero qualquer coisa, desconexa, contraditória, insegura, não tem importância, desde que seja sua. As definições redondas e grandiloquentes, as coisas categóricas e acabadas não me satisfazem, porque eu não sou assim.

Se não quiser dizer nada, também não faz mal, basta me estender a mão.

Depois de escrever tanto, fiquei melhor; a verdade é que tenho lido, ouvido música e estou até com vontade de estudar Direito Civil.

Tenho pouco papel e não há jeito de arranjar mais, no momento, por isso escrevo nas costas das folhas.

Há trechos estupendos do Morgan, tão lúcidos que eu quase arranco a página e mando pra você. Li hoje de manhã, uma passagem, tão interessante e a propósito, que vou reproduzir: *One night at Royan, the night after her walk through the woods with Madeleine, Courcelet had spoken of George Sand, the conversation had run to music and to Chopin, and Tempbrand (sic) had attacked the Romantics, saying that they were sentimental, that they lied.*

Cugnot had taken fire, not in defence of the Romantics, but in cometer(sic)-attack upon those whose catchword for all feeling but hatred was “sentimentality”. He had asked which was the greater lie – to be sentimental or to be paralysed by the fear of sentimentality?

(descobri mais papel no fundo da caixa, posso me espraiair) continua Morgan: *Was it not better, in art, to be wrong in boldness than wrong in fear? And Courcelet had said: “If I may be allowed to speak with authority, as one whose whole life is a lie and certainly not a romantic one (Courcelet é intelectualizado 100%), I suggest that the greatest of lies is by self-consciousness to freeze the heart. To be incapable of surrender is the final cowardice. The priests call it spiritual pride.”*

Vou parar aqui, senão seria capaz de copiar o livro todo e com que letra...

Um abraço, meu bem, e fica certa de que tens um lugar garantido no céu, por suportares toda esta xaropada.

P.S. – Estou até em preparativos para o carnaval.

Vou ao cinema, depois do jantar, ver *Meu marido maluco*, que dizem ser boa comédia.

11/1/42

Alô

Ri muito quando li sua carta. Era mesmo de se esperar uma resposta nesse gênero. Mas a verdade é a seguinte: não procurei fazer-me nem enorme nem inteligente. Apenas eu estava precisando pôr em ordem certas coisas que me preocupavam ligeiramente. Estava precisando de uma teoria. Sem querer, propriamente, aproveitei a ocasião e escrevi aquelas tolices que lhe pareceram terrivelmente “feitas” e que no entanto, agravando o caso, foram muito espontâneas.

No entanto, tudo isso servirá para que esclareçamos uns pontos. Quando eu lhe disse que era egoísta, não foi simplesmente por dizer. Eu o sou. E muitas outras coisas, piores ainda. Por isso tenho a impressão de que o jogo continuará unilateral, como você chama. Não só com você, aliás (*sic*). Está esperando demais de mim, suponho. Nunca me vi confiante nem boazinha. Não sei se foram certas circunstâncias de vida que me deixaram assim, sem jeito para me confessar. E orgulhosa (por que, meu Deus?... estou rindo, não se assuste – nada trágico). E covarde a ponto de não ceder, de não me render, como quer o teu Morgan.

Pode crer: aquela ideia de me mandar num embrulho para alguém, ocorre-me de vez em quando como o ideal, tão cansada eu fico às vezes de estar sempre de pé, segurando eu mesma as minhas rédeas (bem se vê que ando montando). Mas simplesmente como ideal impossível. Estou bastante acostumada a estar só, mesmo junto dos outros. Digo isso sem grande amargura.

Foi nesse sentido apenas que eu lhe disse que era fria como uma estátua. Todas pessoas que gos-

12/1/42

Alô, Clarice

Tive mau presságio, logo que abri a carta. Estava escrita à máquina e tinha apenas um “alô”, seco.

Não, você interpretou demais. Eu não tenho sensação desagradável quando estou com você. Se você é distante, o é de você mesma. Eu sei que você não se confia nem a si própria. Sei também que é doloroso mergulhar dentro de nós mesmos. Por isso, eu queria ajudá-la no *nosee te ipsum*. Você não é deusa, imaterial, inacessível e outras coisas. É que eu vivo sempre reagindo contra o intelectualismo, do qual muito sofro.

Já disse uma vez, a você, que não gostava de escrever. Sabe por quê? É por causa da dramatização. Eu me torno dramático e tudo o que digo fica grande demais para mim e começo a desconfiar que estou sendo literário.

Talvez a intensidade da minha reação fosse oriunda do muito de verdade que havia em suas palavras. É sempre mais fácil desancar os nossos defeitos transferindo-os para os outros – daí o meu azedume.

Mas isso não tem importância, eu gosto de você e vejo em você um potencial de ternura tão grande que dispensa palavras para ser sentido.

Já lhe disse várias vezes que não a considero como lenitivo, compressa quente, remédio ou consolo, de qualquer espécie. Eu gosto de você e está acabado. Tudo o mais é irrelevante.

Se você não fosse literária, seria uma verdadeira aberração. Quem não sofre influências do meio?

Além do mais, você assimilou boa literatura.

Não a acusei de falta de espontaneidade. Ser literária é uma coisa, não ser espontânea é outra. Estou certo de que você, realmente, pensa tudo o que disse. Fica ainda o problema de saber se essas coisas resistem a uma sondagem introspectiva. Tenho a impressão de que nós, duas vítimas do intelectualismo, nos identificamos tanto com os autores lidos que passamos a considerar nossas as ideias deles. O que eu chamo de literário é considerar como próprias as experiências dos outros.

Confesso que fui um bruto e devo ter magoado bastante a você. Mas, creia, aquela revolta era muito mais contra mim que contra você.

Tenho a impressão que o meu desencanto diante da vida é dessa natureza.

Esta carta deve parecer sem sequência – é porque estou no Ministério e várias pessoas

me interromperam.

O problema das responsabilidades não se coloca, a não ser quanto a minha rudeza de expressão. Ninguém tem culpa de coisa alguma.

Mas o seu fracasso como “conselheira” muito me alegra. Assim você tirará da cabeça essa ideia de que eu a quero para um fim determinado, passível de representação intelectual – médica, mãe ou coisa que o valha.

Peço-te, meu bem, que consideres como não escrita a tua carta. Aliás, eu não a posso considerar como documento válido, visto não ter sido assinada (fala o burocrata).

Você falou em nos tornarmos mais exigentes. Mas eu não me lembro de ter exigido alguma coisa. Quando eu disse que gostaria que você se confiasse mais a mim, foi no sentido de que você tivesse alguma preocupação cujo desabafo a aliviasse. Nada mais.

Não existe no nosso caso um pinga de afetação. Com outras eu sempre afetei, representava. Dizia coisas que não pensava, mantinha atitudes pouco minhas, até um ponto em que elas se enjoavam de mim e eu delas (esse plural está Donjuanesco).

Lembro-me de ter dito que me contentava com o “estender a mão e ficar calada” e isso significa muito.

Será que você tem outras objeções contra mim, além das que me vieram datilografadas? Não acredito, porque se você tivesse as diria, não é?

Estou, francamente, com um nó na garganta. (...) Você então tem culpa da minha estupidez? Nem eu tenho, infelizmente.

Lá vêm as frases patéticas. Eu a avisei que tinha medo de escrever.

Sabe, eu já tinha mandado imprimir os tais cartões cheios de querubins rosados (é mentira mas me faz bem). Há pouco, eu assumi aquele “ar de órfão”.

Mas o fato é que a sua carta me deixou tão “jururu”. Foi como uma alfinetada num balão de borracha. Fui murchando, murchando.

Não pense que eu me tenho dirigido a você procurando uma solução para a minha angústia. Apenas eu gosto de me queixar, nada mais. É como se fôssemos colegas de escola e eu lhe contasse as injustiças da professora. Você poderia solucioná-las?

Ocorreu-me uma canção, do Morgan, que eu gravei, tendo lido uma só vez. Lá vai ela.

“I said a stupid thing. I wish I could unsay it. But you only could unsay it. But you only could unsay it by not remembering my foolishness when you remember me.”

Será que você não quer saber mais do seu neguinho. Responda qualquer coisa, que não seja por piedade. Perdoa-me, se fui malvado.

Posso chamar-te ainda minha namorada?

Temo ter escrito muitas coisas sem nexos. Prometo, da próxima vez, escrever uma carta menos perturbada, pois tenho grande esperança na resposta ao telegrama.

Um abraço do Maury

Vila Rica, 10/1/42

Alô, Lúcio

Estou há + de uma semana aqui. Tomei banho numa cascata, já montei “Faísca” e fui mordida por um batalhão de mosquitos. Andei pelos morros, fazendo horríveis reflexões sobre a vida e a morte. Mas ainda não chorei, contrariando os seus prognósticos. Quando estou “quase”, olho-me ao espelho com tanta dureza e com tanta noção de presente, passado, espaço e tempo, que me envergonho.

E você? E sobretudo Clara? Perdoe o sobretudo. Mas indiretamente saberei assim como você está passando.

Dê um abraço pro Padilha, pro Geraldo. Aos outros, eu escreverei. E também você receba um, bem grande.

Clarice

P.S. – Não se esforce por ser um bom rapaz e não se obrigue a escrever-me. Você tem minha simpatia *quand même*.

Fazenda Vila Rica – Avelar – Estado do Rio.

Rio de Janeiro, 3 de junho de 1942

Senhor Presidente Getúlio Vargas:

Quem lhe escreve é uma jornalista, ex-redatora da Agência Nacional (Departamento de Imprensa e Propaganda), atualmente n'*A Noite*, acadêmica da Faculdade Nacional de Direito e, casualmente, russa também.

Uma russa de 21 anos de idade e que está no Brasil há 21 anos menos alguns meses. Que não conhece uma só palavra de russo mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo. Que não tem pai nem mãe – o primeiro, assim como as irmãs da signatária, brasileiro naturalizado – e que por isso não se sente de modo algum presa ao país de onde veio, nem sequer por ouvir relatos sobre ele. Que deseja casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros. Que, se fosse obrigada a voltar à Rússia, lá se sentiria irremediavelmente estrangeira, sem amigos, sem profissão, sem esperanças.

Senhor Presidente. Não pretendo afirmar que tenho prestado grandes serviços à Nação – requisito que poderia alegar para ter direito de pedir a V. Ex.^a a dispensa de um ano de prazo, necessário a minha naturalização. Sou jovem e, salvo em ato de heroísmo, não poderia ter servido ao Brasil senão fragilmente. Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos, distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.^a. E, de um modo geral, trabalhando na imprensa diária, o grande elemento de aproximação entre governo e povo.

Como jornalista, tomei parte em comemorações das grandes datas nacionais, participei da inauguração de inúmeras obras iniciadas por V. Ex.^a, e estive mesmo ao lado de V. Ex.^a mais de uma vez, sendo que a última em 1º de maio de 1941, Dia do Trabalho.

Se trago a V. Ex.^a o resumo dos meus trabalhos jornalísticos não é para pedir-lhe, como recompensa, o direito de ser brasileira. Prestei esses serviços espontânea e naturalmente, e nem poderia deixar de executá-los. Se neles falo é para atestar que já sou brasileira.

Posso apresentar provas materiais de tudo o que afirmo. Infelizmente, o que não posso provar materialmente – e que, no entanto, é o que mais importa – é que tudo que fiz tinha como núcleo minha real união com o país e que não possuo, nem elegeria, outra pátria senão o Brasil.

Senhor Presidente. Tomo a liberdade de solicitar a V. Ex.^a a dispensa do prazo de um ano, que se deve seguir ao processo que atualmente transita pelo Ministério da Justiça, com todos os requisitos satisfeitos. Poderei trabalhar, formar-me, fazer os indispensáveis projetos para o futuro, com segurança e estabilidade. A assinatura de V. Ex.^a tornará de direito uma situação de fato. Creia-me, Senhor Presidente, ela alargará minha vida. E um dia saberei provar que não a usei inutilmente.

Clarice Lispector

Sr. Presidente Getúlio Vargas

Tendo requerido dispensa de formalidades para o processo de minha naturalização e sabendo que o processo, em sua fase final, está dependendo de despacho de V. Ex.^a, tomo a liberdade de, em carta pessoal, vir à presença de V. Ex.^a para, mais particularmente, ressaltar a justiça do que pleiteio.

Tendo nascido em 10 de dezembro de 1920, vim residir, com meus pais, meses depois, em Pernambuco. Desta forma somente em dezembro de 1941 adquiri a minha maioridade e, com ela, o direito de requerer. Tratei, então, imediatamente, de legalizar, pela naturalização, a minha situação de estrangeira que, entretanto, somente por acaso o era. Tão grande interesse punha nessa regularização que, apesar do demorado processo preliminar para requerimento de tal natureza, poucos meses me foram bastantes para ultimar a preparação dos meus documentos, podendo, assim, em março deste ano, isto é, apenas três meses depois, fazer o necessário requerimento da naturalização.

Tenho visto, Exmo. Sr. Presidente, em despachos publicados pela imprensa o interesse de V. Ex.^a em saber os motivos pelos quais os requerentes de naturalizações demoram anos em pleitear a nacionalidade brasileira. Por esse motivo é que, agora, venho novamente à presença de V. Ex.^a para ressaltar que assim que adquiri a maioridade e, com ela, o direito de requerer, apressei-me imediatamente em fazê-lo, a ponto de não demorar senão três meses para ultimar um processo que quase sempre exige pelo menos um ano de esforço.

Pedindo a V. Ex.^a que me releve o dirigir-me pessoalmente ao Chefe da Nação e certa de que o meu caso será visto com a sua proverbial magnanimidade, sou, de V. Ex.^a, como sempre, a sincera admiradora.

Clarice Lispector

Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1942.

Belém, 6 de fevereiro de 1944

Lúcio:

Quando eu telefonei para você pra me despedir fiquei aborrecida com um engano seu. Eu disse que nunca tinha podido chegar + perto de seus problemas porque você nunca deixava; que eu, por encabulamento, então, disfarçava minhas perguntas de amizade em perguntas de curiosidade. É bem possível que você já nem saiba do que estou falando, tenha esquecido. Mas eu precisava lhe repetir que minha amizade não se transformou em curiosidade, o que seria horrível para mim.

Estou aqui meio perdida. Faço quase nada. Comecei a procurar trabalhar e começo de novo a me torturar, até que resolvo não fazer programas; então a liberdade resulta em nada e eu faço de novo programas e me revolto contra eles. Tenho lido o que me cai nas mãos. Caiu-me plenamente nas mãos *Madame Bovary*, que eu reli. Aproveitei a cena da morte para chorar todas as dores que eu tive e as que eu não tive. – Eu nunca tive propriamente o que se chama “ambiente” mas sempre tive alguns amigos. Aqui só tem “mutucas” (isso é besouro, mas por que não chamar tudo de mutuca logo de uma vez?).

Lúcio, como vai você? Responda, se responder, claramente a essa pergunta.

Achei você confuso naquele domingo, quando estávamos com Eros Gonçalves. Como vai o seu trabalho? – Naquela mesma noite eu liguei para Hirmingarda. O telefone por longos minutos tocou sem resposta. É ruim que eu tenha saído assim, sem me despedir, quando eu gosto tanto dela. Me faça um favor, Lúcio: me mande o endereço dela que eu quero escrever. E, enquanto isso, explique-lhe as dificuldades que encontrei. – Recebi duas cartas do Rio Grande do Sul, retransmitidas pelo Rio. Gostei; mas, Deus meu, nunca vi crítico pedir retrato do criticado... – Aqui não consigo jornais do Rio para ler as notícias sobre o que se publica aí – Lúcio, sei que estou antipática e não posso fazer nada. Eu só falo de mim porque nem sei o modo de abordar você. Dê um abraço ao Octávio de Faria, Adonias Filho e Eros Gonçalves. Saudades da

Clarice

Remete – Clarice Gurgel Valente

Central Hotel

Pará – Belém

Belém, 16 de fevereiro de 1944 – 4ª feira

Alô, Tania!

Depois de não sei quanto tempo sem carta sua, recebi finalmente uma, do dia 9. Achei você cansada. Recebi a carta de Elisa e já respondi há muito tempo. Como é que vamos fazer quando você for para fora? Respostas – 1) Por intermédio de Maury tenho uns leves conhecimentos que não me interessam propriamente. Estou cansada de pessoas e sozinha me aborreço. Eu mesma não sei o que quero; 2) o “seu” trabalho manual está quase pronto e consta de um paninho vagabundo em ponto de cruz. Mas não devo bordar porque então nada + faço e me dá ânsia de bordar até acabar. 3) Quanto ao meu trabalho, ando horrivelmente desfibrada: tudo o que tenho escrito é bagaço; sem gosto, me imitando, ou tomando um tom fácil que não me interessa nem agrada. Também ainda não conseguimos 2 quartos e isso faz de mim uma cadeira. Procuro não me desesperar, ou melhor, nem posso porque estou vagando numa quietude chata. Espero que isso se transforme depressa; as críticas, de um modo geral, não me fazem bem; a do Álvaro Lins (um amigo do Maury trouxe, de passagem) me abateu e isso foi bom de certo modo. Escrevi para ele dizendo que não conhecia Joyce nem Virginia Woolf nem Proust quando fiz o livro, porque o diabo do homem só faltou me chamar “representante comercial” deles. Enfim – está tudo O.K. 4) Recebi do *Lux-Jornal* o artigo da Dinah Silveira, do Breno Acioli, do Guilherme Figueiredo, do Roberto Lira (elogiando, mas uma porcaria), e só. Um rapaz, Lauro Escorel, crítico ou ensaísta, e que agora entrou pro Itamarati, escreveu e me mandou um artigo na *Manhã* de 2-2-44 (o *Lux-Jornal* nem ligou...) muito bom, ótimo mesmo. Vale a pena ler. Tenho impressão que o *Lux-Jornal* não me mandará nada dos Estados, nem de revistas do Rio, como *Leitura*, *Revista do Brasil* etc. O mesmo colega do Maury, que passou por aqui, trouxe *Diretrizes*, onde classificam o livro no “Leia se quiser”, tratando-me com palmadinhas paternas nas costas, carões e conselhos. Chato e eu não ligo. 5) Tenho descansado depois do almoço. 6) Tenho livros para ler; aqui há uma boa livraria onde há tudo menos meu livro... 7) Já engordei uns dois quilos, mas os 58 estão um pouco longe; estou feia e sem graça, mas estou com boa saúde. 8) Os americanos são bem simpáticos, mas nada sei sobre a família deles, se estão aqui ou não. 9) Maury vai de manhã e à tarde ao trabalho, principalmente porque se aborrece no hotel e porque com 1 quarto só é difícil ler ou ficar simplesmente. Não sei se ele tem saudades do Rio propriamente. Lá ele estava levando uma vida agitada demais. 10) Ainda não consertei o vestido de baile, tenho preguiça de mandar limpar

meus sapatos, de tudo. Mas eu sempre fui assim e tudo me custa. – Espero que você me escreva com mais frequência, a menos que isso provoque ainda mais falta de tempo pra você.

O fato é que estou sempre perguntando na portaria se não tem carta. Prometi a mim mesma deixar o homem em paz; mas quando passo por perto, olho de um jeito tal que ele diz logo: não tem nada. – Só ontem recebemos as malas que deveriam vir.

Aqui descobri uma venda chamada: Casa Feio e Forte.

Outra: O sol nasce para todos. Tem uma livraria chamada Livraria Nossa Senhora, Rainha das Dores. Aqui tinha uma venda chamada Pau de Macaco. O dono quis mudar o nome, enquanto não lhe ocorria outro, ele pôs uma placa: Antigo Pau de Macaco. – Estive relendo um livro de Rosamond Lehmann, passagens sobre crianças, coisas adoráveis. Fiquei com uma urgência enorme de ver a criança da família, a holandezinha. Tire um retratinho dela fantasiada, não é, Tania? E me mande um.

Aqui tem um bocado de urubus. Vivem em cima das casas. Em vez de pombos e passarinhos... – Você não precisa visitar a prima do Maury, se não quiser. Pode ser chato.

Se aparecer alguma coisa contra o livro e que o *Lux-Jornal* não me mande, você não deixe de enviar. Essas coisas são assim mesmo. – Na carta que você me escrever diga quando Sarita vai embora e como as coisas têm se comportado. Diga do Fabião, dos preparativos de ir para fora; para onde? E quanto tempo de licença?

Olhe, querida, facilite as coisas para você. Um abraço da sua

Clarice

Se estiver com Buono indague se ele recebeu minha carta. Não tive resposta.

Lúcio:

Imagine que eu estava junto da mesa, pronta para escrever para você e contar coisas, quando bateram à porta e trouxeram-me, vindo do Rio, o que você publicou no *Diário Carioca*^[3]. Isso valeu como se você tivesse respondido à minha primeira carta... Gostei tanto. Fiquei assustada com o que você diz – que é possível que meu livro seja o meu mais importante. Tenho vontade de rasgá-lo e ficar livre de novo: é horrível a gente já estar completa. Sei que não é isso o que você quis dizer. Quanto ao meu meio sucesso me perturbar, às vezes ele me deixa saciada e cansada. Às vezes, embora possa parecer falso, me desanima, não sei por quê. Parece que eu esperava um começo mais duro e, tenho a impressão, seria mais puro. Enfim, tudo isso é tolice minha. – Não tendo aqui a Agência Nacional e *A Noite*, estou numa liberdade deliciosa, há anos que não sentia isso. Às vezes mesmo passo uns dois dias sem fazer nada, sem mesmo ler, e com a impressão de que escrevi muito, de que li, de que trabalhei. Tenho trabalhado um pouco. Às vezes com uma facilidade que me desespera. Mas eu acho que com um pouco de paciência eu me amansarei, nem sei. Estou hoje um pouco confusa e sobretudo a fita da máquina não dá mais nada e está chovendo, eu não quero sair para comprar outra. Antes de começar a escrever eu tinha a impressão de que ia lhe contar como eu tenho escrito, como eu tenho duvidado, como eu acho horrível o que eu tenho escrito e como às vezes me parece sufocante de bom o que tenho escrito, e dois dias depois aquilo não vale nada, como eu tenho aprendido a ser paciente, como é ruim ser paciente, como eu tenho medo de ser uma “escritora” bem instalada, como eu tenho medo de usar minhas próprias palavras, de me explorar... Eu pensava em dizer tudo isso, estava num impulso de sinceridade e confissão que muitas vezes eu tenho em relação a você. Mas não sei, talvez porque você nunca tenha sentido em relação a mim esse mesmo impulso, eu fico de repente apenas com as palavras que eu queria dizer mas sem gostar delas. Eu hoje estou muito burrinha, especialmente hoje, e nem entendo direito o que quero dizer. O fato é que eu queria escrever agora um livro limpo e calmo, sem nenhuma palavra forte, mas alguma coisa real – real como o que se sonha, e que se pensa uma coisa real e bem fina. Lúcio, não se passa quase uma semana sem que eu pense numa coisa que você disse por uns minutos: que ia fazer um livro de muitas pessoas indo a piquenique, e passeios, é isso? Sairia como os pedaços sobre adolescentes do livro que você me deu. Não se pode encomendar livro a ninguém, mas esse você prometeu e eu fiquei esperando – a ideia me pareceu tão viva.

Encontrei aqui pessoas muito interessantes. Paulo Mendes é professor de literatura,

mas não um didático. Tem grande biblioteca, conhece um bocado de coisas, mas não ficou [...] sobre a cultura, é muito inteligente. É ótimo falar com ele sobre livros dos quais a gente gosta. Ele me emprestou os *Cahiers de Malte*, de Rilke, e pedaços escolhidos de Proust. Ele falou de você de um modo que eu gostei de ouvir. E acho que você ainda alcançará outras fases – desculpe eu estar falando assim, de um modo cru, eu sei que desagrada estar dividindo a gente em fases, mas não sei exatamente os termos que ele usou e você compreende. Junto dele está mais ou menos sempre um rapaz cego que faz poesias. Plínio, não sei direito o nome todo. Sabe como o Paulo Mendes descobriu ele? O Plínio era aluno do Paulo Mendes e, como ainda hoje se mostra, era muito calado e tímido, impossível de se conhecer. (Aliás, ele se parece um pouco com você, tem olhar meio de fantasma.) Pois um dia o professor pediu aos alunos que escrevessem sobre um tema de literatura e lessem na aula. Todos escreveram sobre os clássicos temas de aula de literatura. O Plínio surgiu com um estudo sobre as poesias de Lúcio Cardoso. O professor ficou surpreso: de fato ele lera em aula “romances de Lúcio Cardoso” mas não falara nas poesias porque naquele tempo só conhecia algumas publicadas nos *Cadernos da Hora Presente*. Encontrando-se o professor e o aluno assim de repente, o professor convidou o aluno para casa e ficaram amigos. O professor descobriu logo que o aluno fazia poesias. Li umas duas. Entre muitas palavras que agora os poetas usam, há mesmo poesia. Ele fala de luar. “Durma ouvindo os teus passos de anjo pela noite.” Serve horivelmente para um epitáfio e a ideia é de Paulo Mendes. Vou ver se o Plínio conserva seu trabalho sobre as suas poesias. – Seria bom você ler, não é? é sempre curioso.

Lúcio, você diz no seu artigo que tem ouvido muitas objeções ao livro. Eu estou longe, não sei de nada, mas imagino. Quais foram? é sempre curioso ouvir. Imagine que depois que li o artigo de Álvaro Lins, muito surpreendida, porque esperava que ele dissesse coisas piores, escrevi uma carta para ele, afinal uma carta para ele, afinal uma carta boba, dizendo que eu não tinha “adotado” Joyce ou Virginia Woolf, que na verdade lera a ambos depois de estar com o livro pronto. Você se lembra que eu dei o livro datilografado (já pela terceira vez) para você e disse que estava lendo o *Portrait of the artist* e que encontrara uma frase bonita? Foi você quem me sugeriu o título. Mas a verdade é que senti vontade de escrever a carta por causa de uma impressão de insatisfação que tenho depois de ler certas críticas, não é insatisfação por elogios, mas é um certo desgosto e desencanto – catalogado e arquivado. Vou tentar completar a tinta o que a máquina negou ao papel. Um abraço para você, seja feliz.

Clarice

3. O artigo de Lúcio Cardoso é sobre *Perto do coração selvagem*. Foi publicado no Diário Carioca em 12 de março de 1944.

Belém, 24 maio 1944

Lúcio

Não sei se você recebeu há dias um envelope meu com o pedaço do romance para Condé, “Atlântico”.^[4] Até escrevi a Tania pedindo que ela lhe telefonasse perguntando isso. Mas hoje me lembrei de uma coisa e escrevo-lhe rapidamente para não perder a hora do correio e não atrasar. É o seguinte: o final do trecho, se não me engano, tem uma vírgula que me incomoda horivelmente: eu gostaria que você a retirasse em nome de nossa amizade... Se você acha que não serve para publicar, o caso é outro. O fim do trecho: “E às vezes, numa queda, como se tudo se purificasse – ela se contentava em fazer uma superfície lisa, serena, unida, numa simplicidade fina e tranquila.” É a vírgula de depois do “às vezes”. Gostaria que ficasse assim: “E às vezes numa queda, como se tudo se purificasse – ... etc.”. Perdoe a tolice, estou envergonhada. Mas prefiro mesmo sem vírgula... Agora vou pôr isso no correio. Adeus, um abraço da

Clarice

Lembranças a Octávio.

Eu gostaria de ter o endereço dele.

4. O pedaço do romance é “Bonecos de barro” e está em *O lustre* (Rio de Janeiro: Agir, 1946). (Cf. *Passeio literário pelas escrituras de mim. As cartas de Lúcio Cardoso e Clarice Lispector*. Adriana Guimarães. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1998.)

Rio, 5 de julho de 1944.

Mediterrânea Clarice – Enfim, a esperada chegou inesperadamente, e aqui estou eu para lhe responder. Obrigado pelas notícias. Agradeço sua sugestão, a temporada vai ser entregue ao editor, com o título de “O Caminho sem Aventura”. Está irreconhecível, cortei toda a carga poética, vai sair clássico. Sua letra, a gente a entende por intuição. Protesto, em nome de Joana,^[5] contra sua intervenção. Joana é praia, manhã, noite, escuridão, vento que não sopra, surpresa de poder caminhar ao crepúsculo. E outras coisas mais.

Bem, tenho me encontrado sempre com o fantasmorico-fotogênico Lúcio. Diz ele que Julien Green mandou muitos retratos pra ele, mas não gosta mais dele, Julien. E leu sua carta, procurando os intrincados caminhos em que poderia haver uma indireta, o perfume de uma malícia. A crítica falou muito das Imaginações e da Escolha. E você ainda continua aqui, deslumbrada aparição. Pelo que pude calcular pois estou trabalhando em *A Manhã* e leio sempre notícias sociais, há atualmente no Brasil uma moda de se colocar nos recém-nascidos o nome de Joana. E quando nasce homem, já sabe, é João ou Joano.

Espero que o nativo marajoara paraense não desvirtue a atmosfera intensamente adriática de seu temperamento poético. Me mande endereços, que mandarei algumas das *imageichens* (*sic*) para os meninos daí. Lhe confesso que me sinto muito selvagem, somente temperamento e nada personalidade. Lúcio se irrita porque não gosto de música nem de quadros. E ele tem a detestável mania de entrar em antiquários.

Eu então, quando ele entra, grito: “Lúcio, por que você entra aí, se você não tem dinheiro?” Ele se revolta, sai correndo, envergonhado, e eu explico que sou contra os antiquários, tenho vontade de me transformar em palmeira diante dessas casas.

Sua mania de escrever com um livro no colo talvez venha dos tempos da A. Nac.^[6] Estou fazendo poemas novos, diante dos quais as *imag.* (*sic*) são pó do pó do pó. Depois lhe mandarei alguns. Dizem que Antônio Cândido, crítico literário de s.paulo, vai publicar um artigo sobre você que é hino aleluia kirie eleison e outras coisas.^[7] As palavras de restrições são genial, assombrosa, invulgar etc.

Bem, adeus. Gostaria de escrever muitas palavras, mas acontece que muitas seriam inventadas. Escreva mais romances, talvez você seja mais real nos livros.

E aqui fica, sem remorsos de ter escrito uma carta,

5. Protagonista de *Perto do coração selvagem*.

6. Abreviatura de Agência Nacional.

7. Antônio Cândido publica *Perto do coração selvagem*, *Folha de S. Paulo*, em 18 de julho de 1944.

Natal, 25 de julho de 1944

Lúcio:

Estou lhe escrevendo de Natal, do horrívelzinho Grande Hotel daqui. Maury embarcou ontem e eu estou esperando condução talvez para esse fim de semana. Só tomara que isso tudo já siga um rumo claro, porque estou tão desorientada. Quer dizer, tudo está correndo bem, mas eu estou em Natalzinho e com saudades de minhas irmãs, de Maury, de meus amigos do Rio e de Belém. Quando eu voltar quero encontrar você muito feliz, muito contente, muito sereno; está bem? Lúcio, vou lhe pedir de novo que você se interesse para que Paulo Mendes, de Belém, vá ao Rio fazer algumas conferências sobre Antero de Quental ou algum outro assunto. Sei que você gostará dele, sei que ele gostará de você. Se o Ministério da Educação pudesse fazer alguma coisa... Vou repetir seu endereço: F. Paulo Mendes, Vila Amazônia, Passagem Mac-Dowell, 25 – Belém, Pará. Um abraço bem grande para você e para Inácio que eu não conheço mas que delira tão bem.^[8]

Clarice

Um abraço especial para Octávio.

Um abraço para o Lêdo Ivo e Adonias.

Virgínia está melhor?

8. Clarice se refere a Inácio, o protagonista de uma novela de Lúcio Cardoso, publicada pela Editora Ocidente, em 1944.

Argel, 19 de agosto de 1944
sábado

Minhas queridas:

Na verdade eu não sei escrever cartas sobre viagens; na verdade nem sei mesmo viajar. É engraçado como, ficando pouco em lugares, eu mal vejo. Acho a natureza toda mais ou menos parecida, as coisas quase iguais. Eu conhecia melhor uma árabe com véu no rosto quando estava no Rio. Enfim, eu espero nunca exigir de mim nenhuma atitude. Isso me cansaria. Estou em Argel desde terça-feira à tarde. No dia 14 embarquei para Casablanca e a viagem correu bem como sempre. Fui como correio diplomático, carregando comigo um grande embrulho, sem largá-lo um instante. Mas isso me facilitou arranjar prioridade para Argel, no dia seguinte. Casablanca é bonitinho, mas bem diferente do filme *Casablanca...* As mulheres mais do povo não carregam véu. É engraçado vê-las com manto, véu, e vestido às vezes curto, aparecendo sapatos (e soquete) tipo Carmem Miranda. A cidade não tem muita marca oriental, é cheia de soldados americanos, franceses e ingleses. Há um lugar típico, medina, mas que eu não pude conhecer porque não era dia de se poder visitar. É proibido ir, e além do mais perigoso porque os árabes roubam que não é vida. Em Argel estou muito bem, hospedada na Delegação brasileira, dormindo no quarto de Mozart,^[9] que dorme num cômodo sofá marroquino. Aliás a casa, que é alugada, é um estilo marroquino. Mozart está muito bem (isso é para d. Zuza e dr. Mozart^[10]), muito alegre; achei-o um pouco mudado no sentido de estar + sociável e comunicativo. No dia 24, quinta-feira, vou para Nápoles com o Mozart e dr. Vasco (que é uma simpatia) – eles se destinam a Roma, mas é a mesma condução. A companhia é muito agradável e me faz passar um pouco da ansiedade de já chegar num lugar, desmanchar as malas e parar. Maury passou aqui 5 dias e me deixou uma carta. Ele está com muita saudade. Todos dizem que ele parece aéreo, que não presta atenção a nada – isso é bom para mim... Certamente quando eu chegar a Nápoles já encontrarei um alojamento arranjado, lavadeira e lugar para comer... Todos dizem que na Itália podem-se encontrar os melhores criados do mundo. (Espero que a Célia esteja ótima com você e Marcinha; senão de volta eu carrego uma napolitana que ensine a Marcinha a falar com as mãos.) Mozart, que esteve em Nápoles há poucos meses, diz que as coisas lá não estão tão difíceis assim – e ele viu a cidade há meses. Agora os americanos devem ter melhorado ainda mais. Não nos faltará nada, estou certa, principalmente em relação à comida por causa dos americanos que nos auxiliarão certamente. Todo esse mês de

viagem nada tenho feito, nem lido, nem nada – sou inteiramente Clarice Gurgel Valente. Eu estou bem-disposta. Como tudo, bebo vinho às refeições e nada, nada sinto. Estou como antes de ter aquela sensibilidade chata. Temos ido ao cinema. Revi a *Estranha passageira* e realmente o filme, que não é novo em técnica ou em originalidade especial, tem uma linda história, cheia de sugestões e de conselhos discretos. Em Casablanca fui com o Cônsul americano ao cinema da Cruz Vermelha e vi *Ladies in Washington*. Não tem evidentemente letreiros em português, mas eu entendo tudo ou quase tudo; é uma questão de prática. – Ganhei do dr. Vasco dois livros do pai dele, Tristão da Cunha. – Todo o mundo conhece histórias da Marcinha; eu vivo citando vocês... Um dia Tania disse a respeito de uma fruta (*sic*), que ela era sincera. Pois agora aqui se diz de tudo, se é sincero ou não. Dizem que o cigarro 17 (é uma marca brasileira) é perfeitamente sincero. Contanto que vocês estejam bem, eu estou ótima – isso é uma coisa egoísta minha que eu peço a vocês para não esquecerem, por altruísmo para comigo. (Esqueci de dizer que eu tenho muito apetite, que vivo com fome...) Que mais eu tenho para contar? Que minha impressão é a de que eu não saí do Brasil. Com serenidade, sem esforço, me parece estar inteiramente próxima das coisas de lá. Em Lisboa o Ribeiro Couto deu um jantar para o qual foi convidado, entre outros, o João Gaspar Simões, grande crítico português. Conversamos bastante. Ele gostou muito de mim e quer o livro (vocês não imaginam como eu fui um sucesso nessa noite. Todos me imitaram, todos ficaram “encantados”). Queria pedir a vocês o seguinte: que buscassem 4 livros na *Noite* e pusessem na mala diplomática para Lisboa. Acho que se entregassem a d. Zuza ela faria isso de boa vontade e sem esforço porque pelas circunstâncias ela está mais em contato com o Itamaraty e seus processos. Esses quatro livros são para Ribeiro Couto, João Gaspar Simões, Natércia Freire (ótima poetisa) e Maria Archer, romancista. Estive em Lisboa meio chateada, contando os minutos, as horas e os dias. Mas tudo passa – é essa a minha convicção mais moderna. Aqui conheci várias pessoas simpáticas. Muitas esnobíssimas, de feitio duro e impiedoso embora sem jamais fazer maldades. Eu acho graça em ouvi-las falar de nobrezas e aristocracias e de me ver sentada no meio delas, com o ar + gentil e delicado que eu posso achar. Nunca ouvi tanta bobagem séria e irremediável como nesse mês de viagem. Gente cheia de certezas e de julgamentos, de vida vazia e entupida de prazeres sociais e delicadezas. É evidente que é preciso conhecer a verdadeira pessoa embaixo disso. Mas por mais protetora dos animais que eu seja, a tarefa é difícil. No meio de tudo, encontram-se porém pessoas verdadeiramente interessantes e simpáticas como o dr. Vasco e o Ribeiro Couto.

Acho que em Nápoles não me faltará nada, nem mesmo batons porque Roma é perto, em Roma estará Mozart, e lá tem muita coisa.

Deem um grande abraço em William, um beijo no rostinho adorável da Marçuska.

Digam a ela que não sou italiana como ela me disse, e corrijam a Geografia da Célia, porque a Rússia não é perto da Itália, e Márcia vai se criar com péssimas noções. Lembranças a Priscila, a Lúcio, a Hermengarde, a Suzana, a Bertinha.

(Tem mais, o principal)

Como vai a filhinha do Buono? Lembranças a ela.

* É quase certo que durante algum tempo não poderei escrever, por condições de Nápoles mesmo.

Mas no caso – falta de notícia é boa notícia: para qualquer coisa que houver mesmo tola, arranjar-se-ia comunicação com o Brasil. Estou bem e Maury também.

9. Diplomata e irmão de Maury Gurgel Valente.

10. Sogros de Clarice.

Nápoles, 30 de setembro de 1944

Lúcio:

Mande uma carta para você; não sei se já recebeu.

Transmito-lhe agora esse Efebo da Itália. Até parece um pouco com você... Não me esqueça.

Clarice

Maury manda um abraço.

Exmo. Sr.

Lúcio Cardoso – Livr. José Olympio

Rua do Ouvidor, 110

Rio de Janeiro

Lúcio, eu lhe peço um favor especialíssimo: telefonar para 25-0591, chamar Tania e dizer-lhe que não recebi nenhuma notícia nem de Elisa nem dela. No entanto eu já mandei não sei quantas cartas. Transmita-lhe o endereço que eu dei a você; talvez elas não tenham recebido.

Essa carta foi escrita em meados de setembro; já é 5 de outubro e ainda não tenho portador.

Lúcio:

É esquisito escrever uma carta de tão longe, parece que se fica com a obrigação de dizer coisas formidáveis. Por favor, nada é formidável, ou sei lá, talvez tudo seja. Fiz uma viagem longa e sozinha. Passei 12 dias em Natal, esperando o clipper; uma cidadezinha sem caráter, nem mesmo o da velhice; as pessoas são muito delicadas e parecem nem saber que Natal é Natalzinho. No dia 30 domingo de julho, embarquei às duas horas da tarde. Viajei com muitos missionários e olhando para uma mulherzinha santa que dormia em frente a mim, eu mesma me sentia fraca e horrivelmente espiritual, sem nenhuma fome, disposta e convencer todos os negros da África que não há necessidade de nada, senão de civilização. Na manhã seguinte chegamos a Fisherman's Lake, na Libéria, onde passamos um dia e uma noite. Eu precisava me repetir: isso é África – para sentir alguma coisa. Nunca vi ninguém menos turista. (Vi muitas coisas mas não só tenho preguiça de contar, como de lembrar.) No dia seguinte embarcamos de novo e tocamos em Bolama, possessão portuguesa, onde almoçamos. Seguimos até Dacar, aí ficamos duas horas. E daí, a noite toda, até Lisboa, onde fiquei por 10 dias. O Ribeiro Couto deu uma noite um jantar e parece-me que fui um ligeiro sucesso; não é terrível isso? conheci o João Gaspar Simões que é uma simpatia e me deu dois livros; Natércia Freire, talvez, segundo me disseram, a maior poetisa portuguesa, de quem acabo de receber uma carta e um poema sobre mim e sobre ela; Maria Archer, romancista. De um modo geral eu tenho feito “sucesso social”. Só que depois deles eu e Maury ficamos pálidos, exaustos, olhando um para o outro, detestando as populações e com programas de ódio e pureza. Deus meu, se a gente não se guarda como nos roubam. Todo o mundo é inteligente, é bonito, é educado, dá esmolas e lê livros; mas por que não vão para um inferno qualquer? eu mesma irei de bom grado se souber que o lugar da “humanidade sofredora” é no céu. Meu Deus, eu afinal não sou missionária. E detesto novidades, notícias e informações. Quero que todos sejam felizes e me deixem em paz. Em Lisboa há muitos livros brasileiros nas livrarias e grande interesse a respeito: mas o melhor eles não conhecem. Lisboa deve ser horrível para se viver e trabalhar. Como disse

Maria Archer, o mal dos portugueses é a dignidade. Eu, pelo menos, não sei se pela situação especial de espera e ansiedade, experimentei um desassossego como há muito não sentia. Mas de algum modo a gente se sente mesmo como se estivesse em casa – talvez por isso, quem sabe? Mas vi coisas lindas. O bairro de Alfama, por onde nasceu a cidade, é verdadeira Idade Média. Seus personagens, Lúcio, dariam urros de alegria vendo aquilo de noite, com pescadores, com cheiro de peixe, mofo e frio. Depois fui a Casablanca, como correio diplomático, passei lá um dia e uma noite e fui para Argel, onde fiquei 12 dias. As coisas são iguais em toda a parte – eis o suspiro de uma mulherzinha viajada. Os cinemas do mundo inteiro se chamam Odeon, Capitólio, Império, Rex, Olímpia; as mulheres usam sapato Carmem Miranda, mesmo quando usam véu no rosto. A verdade continua igual: o principal é a gente mesmo e só a gente não usa Sapatos Carmem Miranda. Depois fui de navio, já então com dr. Vasco Leitão da Cunha e meu cunhado que trabalha com ele, até Taranto, sem largar um instante o salvavidas obrigatório, comboiada nos dois destróieres. Em Taranto tomamos o avião particular do comandante em chefe das forças aliadas no Mediterrâneo e chegamos a esta cidade. Eu estava moralmente exausta – tenho impressão de que quando eu for velha hei de praguejar o tempo todo. Passei várias noites sonhando que tinha que arrumar de novo as malas. Isso aqui é lindo. É uma cidade suja e desordenada, como se o principal fosse o mar, as pessoas, as coisas. As pessoas parecem morar provisoriamente. E tudo aqui tem uma cor esmaecida, mas não como se tivesse um véu por cima: são as verdadeiras cores. Um edifício novo aqui tem um ar brutal. Às vezes eu me sinto ótima; às vezes simplesmente não vejo nada, não sinto nada. Estou lendo em italiano porque é o jeito. A palavra mais bonita da língua italiana é *gioia*, embora alegria também seja bonito. Reli a *Porta estreita* de Gide, sobretudo encontrei as *Cartas* de K. Mansfield. Não pode haver uma vida maior que a dela, e eu não sei o que fazer simplesmente. Que coisa absolutamente extraordinária que ela é. Passei alguns dias aérea – estou aqui de vez em quando muito delicada, me interessam principalmente flores e passarinhos. Um passarinho para se comprar e depois abrir a gaiola custa umas 1.600 liras. Quero também um gato e um cachorro. Quero milhões de coisas. Quero também não morar com tanta gente. Estamos num apartamento grande, com todos do consulado que são ótimas pessoas; mas eu nunca precisei de ótimas pessoas. Mas enfim por enquanto nada há a fazer. Meu livro se chamará O LUSTRE. Está terminado, só que falta nele o que eu não posso dizer. Tenho também a impressão de que ele já estava terminado quando eu saí do Brasil; e que eu não o considerava completo como uma mãe que olha para a filha enorme e diz: vê-se que ainda não pode casar. Mas é preciso que ela case e que eu fique sozinha olhando flores e passarinhos, sem uma palavra. Encarregue-se por obséquio de lhe arranjar marido na Edit. José Olympio. Se eles fizerem qualquer tipo de oposição,

ou se só me prometerem a impressão daqui há muito tempo, então Tania, minha irmã, se encarregará de arranjar algo mais modesto e possivelmente pago – mas rápido, rápido, porque me incomoda um trabalho parado; é como se me impedisse de ir adiante. – Não me esqueça inteiramente, Lúcio, não me considere exilada. A distância nada quer dizer, acredite. Escreva-me, diga coisas, diga-me sobretudo o que você quiser – eu ia dizendo, ou então nada escreva para lhe dar liberdade; mas não, eu *exijo* uma palavra fria e curta que seja. Sei que é difícil agora a correspondência; eu mesma até hoje nada recebi de minhas irmãs, o que me desespera; mas agora dou um endereço. Você me escreve e entrega a carta no antigo Banco Germânico. No envelope você só põe o seguinte: “Clarice Gurgel Valente – Consulado do Brasil – 422 – F.E.B.” Desculpe essa carta tão malfeita e tão tola; é que eu mesma sou malfeita e tola. Se você pudesse me mandar a professora Hilda!^[11] Mas isso é esperar demais. Me conte o que está sucedendo aí. Diga a Octávio que eu gosto muito dele. Dê um abraço a Lêdo Ivo, a Adonias Filho. Como vai seu incrível apartamento-casa de cômodos? Vou mandar postais para vocês. Para você um abraço enorme da

Clarice

Está chovendo e está frio. São 10 horas da manhã, quinta-feira. Meu quarto é independente dos outros e eu desarrumo ele à vontade. Meu quarto dá para o mar. O mediterrâneo é azul, azul.

Fui a um concerto e ouvi Variações Sinfônicas de Cesar Fremb[.]. Fui a outro e ouvi Duvorjak (é assim?) e só faltei dormir. Aqui tem ópera todos os dias, às 2^{1/2} da tarde...

Fui ao vulcão Solfatara mas tenho preguiça de contar. A coisa parece um milagre. Os museus estão fechados.

11. *Professora Hilda* (novela) de Lúcio Cardoso, Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

[Na] turalmente não tanto quanto eu. No envelope ponha meu nome, e Consulado do Brasil em Nápoles. Não é fácil? Não consigo lhe dar a ideia do que é isto aqui. Nem de mim mesma. Não sei o que está me fazendo triste e cansada. Talvez eu precise começar a trabalhar de novo, certamente é isso – mas tenho que me conter um pouco também. Estou lendo em italiano e romances policiais também. Li *Anfitrião* 38. Lúcio, você pode me mandar seu livro, se é que já foi publicado. Faça o embrulho e deixe no Itamaraty. Uma jovem a quem eu devo apresentar uma carta de uma arqueóloga romana deve me apresentar a várias pessoas, entre as quais Benedito Croce. Acho ele muito interessante e tudo o mais, porém para falar a terrível verdade não sei o que é que eu tenho com ele. Sobre tudo a obrigação de conversar coisas espirituais me cansa de antemão; e de fazer perguntas gênero discípula falando com mestre. Hoje tirei um retrato que deve ter saído horrível porque eu estava horrível. Mas se sair mais ou menos eu mandarei um a você. Quer? Coitado você não quer nem retrato nem carta. Inventei que você me tem como amiga somente porque eu sou sua amiga; que pequena tragédia. Continuamos morando todos no Consulado; em parte é bom porque me tira a responsabilidade de pensar em casa. Mas nós bem gostaríamos de estar num apartamento nosso. Embora se possa com esforço arranjar para não ter uma vida por demais misturada com a dos outros. Acho que vou tomar um professor de italiano. Compramos uma máquina fotográfica. Vamos tirar milhões de pequenos retratos. Você continua escrevendo para *A Manhã*, quartas-feiras? se você pudesse me mandar alguns dos artigos... Quando você me escrever me diga novidades da Irmgaard. Quando vim embora ela estava muito doente; mandei um cartão para ela daqui, uma carta antes do Natal; as pessoas que ela me incumbiu de procurar eu ainda não achei e julgo difícil localizá-las. Diga-lhe por favor o meio de me escrever. Um abraço para você, Lúcio, e seja muito feliz.

Clarice

15 de nov. – Hoje não está mais chovendo e o frio está agradável, estou bem. Hoje vou tomar chá com a diretora de um colégio de moças que resolveu, não sei por que, comemorar de algum modo o 15 de novembro, sem ser brasileira. Se Octávio quisesse mandar um recado para mim... Eu mesma não ousou escrever... Ele é tão fugitivo de algum modo. Eu tenho um pouco de medo dele; quando nós estávamos juntos eu quase procurava dizer ou não dizer qualquer coisa; mas isso não quer dizer que eu me sentisse mal com ele; muito pelo contrário, sentia-me muito bem, com vontade de falar muito e de ouvir. Mas vocês dois jamais se dignariam me conceder

um leve esboço de vocês mesmos; eu me vingo tendo tantos segredos quanto se pode ter... E seria inútil você me dar um de seus adjetivos ou de Octávio ter alguma vez me classificado cientificamente, como eu imagino que ele deve ter feito... Enquanto vocês vivem no Brasil, eu aqui tomo chá com leite num colégio de moças.

12. Carta incompleta. Escrita em Nápoles, em 1944.

Clarice,

Estou escrevendo da galeria Askanasy, junto de Irmgaard, sobre quem às vezes converso a seu respeito. Digo “às vezes” porque sempre converso a seu respeito com todo o mundo. Só Irmgaard é que vejo de vez em quando.

Não há nenhuma pequena tragédia: sou realmente muito seu amigo e sentiria muito se você não acreditasse nisto. E se nem sempre tenho escrito cartas, acho que tenho por outros meios procurado provar em tudo, não?

Invejo muito a sua sorte de estar na Itália. Aqui faz calor e é sempre o mesmo. Na falta de objeto para me apaixonar, apaixonei-me por Belo Horizonte, o que é uma velha paixão, aliás.

Não li o seu livro, mas tive muita vontade disto. Gosto do título *O lustre* mas não muito. Acho meio mansfieldiano e um tanto pobre para pessoa tão rica como você. Tenho falado com José Olympio, mas ainda não há nada decidido. Mas prometo que sairá no ano próximo (escrevo no dia 28 de dez...) de qualquer modo. *A professora Hilda* ainda não saiu, assim que sair mando para você. Estou escrevendo uma outra novela que se chama *O anfiteatro*.^[13] Talvez você goste.

Clarice, não deixe de me escrever. Juro como seu amigo. Só que sou muito preguiçoso. Mas sob palavra que outra carta que receber sua responderei com um testamento de vinte páginas. E você escreve cartas tão lindas, tão naturais!

Quando será seu regresso? Dei todos os seus recados a Octávio, Lêdo Ivo. Ambos enviam lembranças e vão escrever também. Quando você escrever de novo, queria que mandasse umas linhas para – Jacques do Prado Brandão – um amigo meu de Minas que é louco por você. Adeus, lembranças ao Maury, grande abraço. Sou muito, muito seu amigo e de Tania.

Lúcio

13. *Anfiteatro* (novela) de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Agir, 1946.

Lúcio, espero que a cartinha ao seu amigo não pareça idiota. Ou melhor, é idiota. Mas eu fico encabulada. Diga a ele para me escrever sem falta. E assim eu me sinto perdoada pelo bilhete. Você está certo de que ele não é invenção sua?

Lúcio, caro:

Que alegria receber sua carta, tão curta e tão apressada. Mesmo assim, *grazie tante* pela lembrança. Me faz (*sic*) bem receber qualquer palavra sua. Me entristeceu um pouco você não gostar do título, *O lustre*. Exatamente pelo que você não gostou, pela pobreza dele, é que eu gosto. Nunca consegui mesmo convencer você de que eu sou pobre...; infelizmente quanto mais pobre, com mais enfeites me enfeito.

No dia em que eu conseguir uma forma tão pobre quanto eu o sou por dentro, em vez de carta, parece que já lhe disse, você recebe uma caixinha cheia de pó de Clarice. Talvez você ache o título mansfildiano porque você sabe que eu li ultimamente as cartas da Katherine. Mas acho que não. Para as mesmas palavras dá-se essa ou aquela cor. Se eu estivesse lendo então Proust alguém pensaria num lustre proustiano (meu Deus, ia escrevendo proustituto!), numa dessas pequenas coisas a que ele dá tanto sentido mas sem dar nenhum valor sobrenatural. Se estivesse ouvindo Chopin, pensaria que meu lustre era um desses de grande salão, com bolinhas delicadas e transparentes, sacudidas pelos passos de moças doentes e tristes dançando. O diabo é que naturalmente eu venho sempre por último, de modo que eu sempre estou no que já está feito. Isso muitas vezes me deu certo desgosto. Assim, eu estava lendo Poussière e encontrei uma coisa quase igual a uma que eu tinha escrito. E agora que estou lendo Proust, tomei um choque ao ver nele uma mesma expressão que eu tinha usado no *Lustre*, no mesmo sentido, com as mesmas palavras. A expressão não é grande coisa, mas nem sendo medíocre se chega a não cair nos outros. Mas isso não importa tanto. O que importa é trabalhar, como você tantas vezes me disse. E é isso o que eu não tenho feito. Minha impaciência chega a ser tão grande que às vezes me dói. Assim não tenho gostado verdadeiramente da Itália, como não poderia gostar verdadeiramente de nenhum lugar; sinto que há entre mim e tudo uma coisa, como se eu fosse daquelas pessoas que têm os olhos cobertos por uma camada branca. Sinto horrivelmente ter que dizer que esse véu é exatamente minha vontade de trabalhar e de ver demais. Um dia desses pensei com tristeza de como é genial a tortura da mediocridade... Sinto tanto, tanto ser tão fraca. Gostaria de tal, de tal forma poder trabalhar sem parar. Mas não consigo, as coisas me vêm esparsas – e além disso eu de tal modo desconfio de mim, com medo de escrever facilmente com a ponta dos

dedos, que nada faço. Quer me animar, Lúcio? Não que eu mereça ser animada, mas mereço como qualquer pessoa ter os pés em cima da terra. Eu queria fazer uma história cheia de todos os instantes, mas isso sufocava o próprio personagem. Acho mesmo que meu mal é querer ter todos os instantes. Que eu estou idiota, você não precisa dizer, sei bem...

Nem toquei no fato de você ler meu livro porque sei que você não gostará; e isso me entristeceria. Estou lendo *À sombra das rap'rigas eim floire*, como traduziram os portugueses, estou lendo em francês naturalmente. Eu pensava que ia gostar de Proust como se gosta das coisas esmagadoras; mas com grande surpresa vejo que tenho um prazer enorme e sincero em lê-lo, acho-o naturalíssimo, nada cacete, nada imponente, pelo contrário, de uma modéstia intelectual que nunca se sacrifica por um brilho, por uma imagem; você concorda? diga. Que é que você faz? Minha irmã Elisa mandou-me uma tradução sua de Emily Brontë, ainda não li de tão cheia de mil pequenas ocupações esses dias. Por que *A professora Hilda* não aparece? O que é o anfiteatro? é o anfiteatro com gente vendo espetáculo ou o anfiteatro escuro na hora da limpeza? que mistério. Explique, se é que você ainda me escreverá, tão desiludida é esta pobre moça. Que aliás vai posar (ia escrevendo pousar, mas a tempo corriji minha natureza de pássaro) para uma pintora brasileira há muitos anos aqui, uma que tomou parte na semana de arte moderna, Zina Aita. Acha com certeza meu rosto “característico”, como já me disseram tantas vezes sem dizer característico de quê. Com certeza é qualquer coisa feia. – Aqui as ruas são atapetadas de bambinos, principalmente os becos. A gente fica boba para passar entre eles (nos becos todos vivem na rua, cozinham até), crianças que engatinham, crianças que já têm ar sabido, imundas, com aspecto saudável na maioria, com a carinha vegetativa, sentadas ao chão. Tem feito bem frio, de vez em quando cai um pouco de neve. O Vesúvio está com as encostas brancas. Mas ainda não vi neve caindo propriamente dita, em flocos. Quando vejo já está no chão, e como é pouco fica logo meio derretida, não muito branca. A primeira vez o *chauffeur* do consulado veio me dizer que o carro estava com nevinha. Eu abri a porta saí correndo e peguei um punhado (fica um pedaço grudado a outro), quando veio Maury com um ar zangadíssimo, bateu na minha mão que segurava a neve, a neve caiu e eu fiquei com cara de boba. Então ele me lembrou que eu estava bem resfriada, que podia pegar uma pneumonia etc. Mas eu estava inconsolável. No dia seguinte, eu estava no quarto, Maury entrou com um papel dobrado, desembrolhou e mostrou um pouquinho de neve que ele tinha ido buscar para mim. A coisa estava derretida, horrorosa, e Maury com um ar de triunfo, mas era um presente mesmo. Hoje está fazendo um bom sol, mas minha janela está quebrada e eu não posso abrir. – A lavadeira de casa, uma *signorina*, está esperando bebê e vive espionando a nossa cozinha e tremendo com os olhos enormes. Um dia desses fui pedir uma xícara de chá e

só ela estava lá. Quando pedi que ela fizesse, ela tremeu de alegria e disse: *Faccio una anche per me!* (*anche* é também) (e *faccio* não sei se se escreve assim...) – Lúcio, me escreva as vinte páginas que você prometeu, ou mesmo, duas ou três apenas. Não seja egoísta nem preguiçoso, isso me ofende. Diga a Irmgaard que não escrevo por enquanto porque estou procurando os dois endereços que ela pediu.

Um grande abraço para você da

Clarice

Lúcio, você quer alguma coisa daqui?

NÃO SEJA PREGUIÇOSO!!!!

Nápoles, 7 fevereiro 1945

Caríssimo amigo:

Que felicidade receber seu livro! acabei de recebê-lo com uma carta de casa, li a carta, li correndo a primeira página de seu livro, escrevi correndo uma carta para casa e estou agora escrevendo para você para pegar um portador que vai para o Brasil. Li logo a primeira página de seu livro porque não podia esperar, tanta curiosidade, tanta alegria. Estou tão contente. Vou ler, vou ler, vou ler, vou ler, vou ler... Um dia desses eu acordei com uma moleza de gripe e depois do café voltei para a cama. Achei então que era um bom momento para ler as poesias de Emily Brontë. Como ela me compreende, Lúcio, tenho vontade de dizer assim. Há tanto tempo eu não lia poesia, tinha a impressão de ter entrado no céu, no ar livre. Fiquei até com vontade de chorar mas felizmente não chorei porque quando choro fico tão consolada, e eu não quero me consolar dela; nem de mim. Você está rindo? – Fez há uma semana mais ou menos 1° abaixo de zero. Alguns dias depois eu desconfeiei que o tempo estava bom e fui para a terrasse. Ainda estava frio e ficará assim até março, mas estava tépido e fresco, com um perfume que só se sente mesmo depois do inverno por causa das folhas que desde o começo do outono caem e ficam no chão. Eu respirei tanto que Deus me castigou e por isso no dia seguinte eu estava com a moleza de gripe e li Emily Brontë... Você vê que as coisas se completam perfeitamente na Itália. – Estou tentando escrever qualquer coisa que me parece tão difícil para mim mesma que eu me contenho para não me desesperar. É alguma coisa que nunca será gostada por ninguém, mas não posso fazer nada.

Lúcio, essa Editora Ocidente é a de Adonias Filho? ele não querará editar meu livro *O lustre*? porque decididamente não posso esperar dois anos para vê-lo publicado pela José Olympio. E ainda mais sei que José Olympio não querará editá-lo depois de lê-lo. Se Adonias lesse o livro e o quisesse, se Adonias me promettesse a publicação para bem, bem, bem breve, se Adonias tivesse qualquer interesse nele e, sobretudo, se a Editora Ocidente é de Adonias! Enfim, responda-me sobre isso e eu mandarei uma carta para ele conforme a sua resposta. Está bem? Lúcio, me escreva, não seja preguiçoso. Me conte muitas coisas e não esqueça seus “conhecidos” de ultramar. Ainda não li seu livro, não sei quem é Inácio, mas seu nome agora vai ser, para o livro de ponto no DIP: Joaquim Inácio Cardoso Filho, e para os livros: Inácio Cardoso. Estou tão burrinha hoje, quanto mais eu escrever mais bobagens digo. Por isso um abraço para você e até breve. Responda também sobre Adonias. Outro abraço da

Rio, 20 de março de 45

Clarice querida,

Que surpresa encantadora a do seu bilhete e carta! Só não gostei que você me tratasse de senhor: pelas chagas do Cristo lhe peço que se esqueça dos malditos quarent'anos que separam as nossas idades!

Mando-lhe duas lembrancinhas: a última edição das *Poesias completas* e os *Poemas traduzidos*. Mando-lhe também cópias de três poemas políticos que escrevi, inspirado na comoção democrática que agora sacode o Brasil – inspirado sobretudo pela figura do Eduardo Gomes. O poema “O Brigadeiro” foi lido pelo Chico Barbosa (já está inteiramente bom da perna e mais serelepe do que nunca) num grande comício realizado em Belo Horizonte. Todos os meus amigos estão verdadeiramente estarelecidos com essa novidade de minha demagogia poética! Eu, que nunca tive jeito senão para choramingar umas dorezinhas de corno. Quero saber a sua opinião a respeito.

Muito obrigado pela “Donzela pudica”. Muito obrigado por tudo, inclusive isto que lhe vou pedir: fazer chegar estes dois livros às mãos da Giovanna Aita e do Magalhães de Azeredo, meu confrade naquela casa mal-assombrada da avenida Presidente Wilson, que tem o nome de Machado de Assis.

Receba as minhas saudades e recomende-me ao cônsul, feliz companheiro dessa joia que é você.

Muito seu,

Manuel Bandeira

Av. Beira-Mar 210, ap. 409 – Rio

Nápoles, 26 de março de 1945

Lúcio:

Há quanto tempo estou para lhe escrever... (Naturalmente não conto o tempo que você “demora” para escrever para mim.) Li seu livro numa só tarde, naturalmente sem interromper. A princípio tinha dificuldade de lê-lo tão trágico me parecia porque é escrito na primeira pessoa e eu tinha a impressão de que o rapazinho era você. E como você é mesmo impossível podia ser você. Aos poucos fui me acostumando e afinal separei você de seu livro. Você começa com um estilo tão excitado como um passarinho... E no começo tem uma coisa que você parece nunca ter usado (sobretudo no começo): quase bom humour, quase ironia. (Não fique irritado, é bom humour no bom sentido...) O fato é que gostei de Inácio com tanta curiosidade e tanto interesse como dos seus outros. Ele é uma mistura (nesse livro mais, me parece) de coisas em que a gente sempre toca, como a Duquesa fazendo café à moda da roça e a flor “sem serventia nenhuma”, com coisas que a gente nunca toca, como Inácio, meu Deus... Quando chegou o momento em que o rapazinho diz finalmente: eu queria saber como minha mãe e você se conheceram, eu parei e fiquei descansando uns 15 minutos. E quando ele fica louco, que alívio. Quando dá a gargalhada, a gente respira: o livro todo prepara a gargalhada. O livro podia se chamar Lucas Trindade, mas no momento em que Inácio aparece com o xadrez e o lenço perfumado, com a cara de boneca velha, então só podia mesmo se chamar Inácio. Gostei muito de Inácio ter ido à Feira de Amostras com aquelas jovens; é uma situação tão rica, tão desenvolta, e como audaciosa. Gostei muito de vários pedaços das conversas do rapazinho com Violeta. É que..., suspirou a dama. (tão gentil...) O modo como Stela e Lucas se divertiam sufocando de riso é uma maravilha, nem sei lhe dizer como emociona sobretudo quando se sabe a verdade das relações dos dois. Gostaria de ler críticas a respeito. Como não sou crítica nem um pouco, minha opinião sempre se condensa melhor depois de ler uma crítica (quer dizer, minha opinião falada), qualquer que seja minha opinião, contrária a qualquer crítica. Compreende? Você deve estar com a professora Hilda nas livrarias. Não quer me mandar? se você soubesse com quanto interesse leio seus livros haveria de me mandar.

Comigo nada há de novo. Tania me avisou que a Editora Agir publicará meu livro; estou esperando confirmação. Quanto ao mais, não sei. Diz santa Terezinha que cansa recolher os sentidos que “*como estan acostumbrados a andar derramados, es harto trabajo*” recolhê-los, como tirar água do poço, diz ela num espanhol mais ortográfico do

que a minha citação. Pois estou um pouco cansada de retirar água do poço, tão espalhada anda ela e tão hartos é o trabalho. Mas o pior é que a água do poço quando não se tira em vez de acumular desaparece. Estou simbólica como no *Jornal das Moças*, o que afinal dá no certo porque sou uma moça. Tania fez sérias restrições ao *Lustre*. Inclusive quanto ao título. Vai assim mesmo embora ela tenha razão. Nada ali presta realmente. Minha dificuldade é que eu só tenho defeitos, de modo que tirando os defeitos quase que resta *Jornal das Moças*. – Estou trabalhando no hospital americano, com os brasileiros. Visito diariamente todos os doentes, dou o que eles precisam, converso, discuto com a administração pedindo coisas, enfim sou formidável. Vou lá todas as manhãs e quando sou obrigada a faltar fico aborrecida, tanto os doentes já me esperam, tanto eu mesma tenho saudades deles.

Lúcio, me escreva e conte coisas. Ou então não escreva, que posso eu fazer? Um dia desses fui ver a lava do Vesúvio. Tenho um pedaço feio de lava para você. Depois de um ano ainda estava quente; é uma extensão enorme, negra, de vinte a trinta metros de altura; a gente anda sobre casas, igrejas, farmácias soterradas. A erupção foi em março de 1944 e quando chove sai fumaça ainda. Com certeza eu já lhe disse que o mar aqui é absolutamente azul; mas como estou com a porta do quarto aberta para o terraço, vi o mar e me lembrei de dizer de novo. E certamente já lhe falei em Posilipo, que é um lugar. Em grego quer dizer pausa da dor. A dor realmente fica um instante suspensa, tão doces são as cores, tão sem selvageria, tão belo, tão belo é o lugar com mar, árvores, montanha. A minha impressão é quase ruim: há coisas bonitas em excesso, eu parece que não tenho tempo ou força, o fato é que ficaria mais calma com uma.

Dê lembranças a Octávio, a Léo Ivo, a Adonias. Um abraço para você da

Clarice

Perdoe carta tão mal escrita. É que detesto copiar, sempre que copio transformo.

Roma, 9 maio 1945

Minhas queridas:

Ainda hoje de manhã escrevi pelo Rubem Braga umas palavras antes dele partir, mas não quero perder a mala de amanhã, quinta-feira. Dessa vez estamos demorando muito em Roma. Já era para termos ido mas o embaixador Nabuco faz anos amanhã e ficamos... Hoje de tarde posei a última vez para De Chirico (pronuncia-se De Quírico). Ele é famoso no mundo inteiro. Tem quadros em quase todos os museus: certamente vocês já viram reproduções dos quadros dele. O meu é pequeno; está ótimo, uma beleza, com expressão e tudo. Ele cobra muito caro como é natural, mas cobrou menos. E enquanto ele estava pintando apareceu um comprador. Ele naturalmente não vendeu... Mas veio com uma história de fazer dois quadrinhos para eu escolher. De outra vez que eu estiver em Roma, se o excelentíssimo marido permitir posarei então para ele mesmo, quer dizer, para o quadro ficar dele (ele venderia então). O meu retrato é só da cabeça, pescoço e um pouquinho de ombros. Tudo diminuído. Posei com aquele vestido de veludo azul da Mayflower, lembra-se Tania? Quando tirar a fotografia do quadro, mandarei. Mas não se poderá talvez ver bem por causa das cores que não saem. Tudo isso misturado ao cansaço e a uma saudade horrível. Mas resolvi não falar hoje em saudade, nem dar a entender “saudade” por carinhos... Senão me derramaria demais e perderia o equilíbrio que é tão necessário pelo menos para se dormir de noite. É melhor ir na onda dos jantares, das comemorações e das besteiras. Mas, antes de encerrar o assunto: sinto verdadeira sede de estar aí com vocês. A água que eu tenho encontrado por este mundo afora é muito suja, mesmo que seja champagne. Estou preciosa, pelo que vejo. – Mando por essa mala dois feltros de veludos (está no lado avesso para maior segurança). São para você, Elisa, e para você, Tania. Espero ardentemente que agrade.

Por favor, peçam coisas. Há coisas aqui que devem ser + baratas do que no Rio. A chapeleira estica o feltro, como disse a Açucena, e faz o modelo que se quer. Se não agradaram as cores eu mando outros. Aliás pretendo ver melhor e achar + bonitos. Vão também dois retratos para vocês, maus retratos no sentido de não darem muito a ideia do que se é ou se está.

Elisa, você recebeu a caixinha de pó levada pelo Tenente Deschamps? Não sei ainda se ele partiu porque não estou em Nápoles. Tenho em Nápoles duas caixas de madeira feitas em Sorrento, muito bonitinhas, mas não arranjei ainda portador. Por favor me escrevam, gostem de mim... Porque eu amo vocês + do que se pode. – Minha hesitação quanto a

filhos vem principalmente porque eu gostaria de tê-los ou melhor tê-lo aí.

Uma das coisas de que eu estou surpreendida e vocês certamente também é que no bilhete de hoje de manhã não falei no fim da guerra. Eu pensava que quando ela acabasse eu ficaria durante alguns dias zonzona. O fato é que o ambiente influenciou muito nisso. Aposto que no Brasil a alegria foi maior. Aqui não houve comemorações senão feriado ontem; é que veio tão lentamente esse fim, o povo está tão cansado (sem falar que a Itália foi de algum modo vencida) que ninguém se emocionou demais. Naquele filme *Wilson* vocês viram a parte natural do fim da guerra de 14: uma alegria doida. Mas agora não. Eu estava posando para De Chirico quando o jornalista gritou: *È finita la guerra!* Eu também dei um grito, o pintor parou, comentou-se a falta estranha de alegria da gente e continuou-se. Daqui a pouco eu perguntei se ele gostava de ter discípulos. Ele disse que sim e que pretendia ter quando a guerra acabasse... Eu disse: mas a guerra acabou! Em parte a frase dele vinha do hábito de se repeti-la, e em parte do fato de não ter mesmo a impressão exata de um alívio.

Minhas queridas, escrevo a cada uma separada na mala seguinte. Estou precisando de cartas de vocês. Sejam felizes como eu desejo que vocês sejam.

Clarice

Nápoles, 1º setembro 1945

Tania, querida.

Recebi sua carta de 12 de agosto, aquela que você se queixa da dificuldade de correspondência. Com certeza ela é resposta a alguma minha em que eu me queixo de não receber cartas. Mas acho que eu me queixava da demora apenas. Creio que estou recebendo tudo o que você manda. Tanto que as notícias que você resume eu já as tivera por outras cartas. Quanto a não poder conversar direito pelas cartas, isso é uma fatalidade e tem que ser por toda a vida... É melhor a gente se habituar. Mesmo pessoalmente é difícil conversar, mesmo quando a conversa é entre duas irmãs que se gostam e se entendem. Mil sentimentos atrapalham, como seja o amor mesmo, a desconfiança de que se esteja vagamente mentindo, a vontade de convencer etc.

Não ligue a mim, não se preocupe. Vou escrever dagora em diante cartas + alegres. Na verdade não tenho ido a festas, que Nápoles tem pouca vida social. Tudo o que eu tenho é a nostalgia que vem de uma vida errada, de um temperamento excessivamente sensível, de talvez uma vocação errada ou forçada etc. Que importa na verdade se por carta não se pode falar direito? pessoalmente você se irritaria comigo. E com razão, certamente. Está tudo bem, não há nada a fazer. Meus problemas são os de uma pessoa de alma doente e não podem ser compreendidos por pessoas, graças a Deus, sãs. Mas fique tranquila, eu tenho levado uma vida como de todo o mundo. E tudo corre bem. Leio agora com mais interesse, estou trabalhando um pouco, vou ao cinema. Maury tirou um dente de siso, teve que abrir o osso. Mas tudo está bem, feito por dentista americano.

O cachorro pegou uma doença, fui com ele ao veterinário e um burro me disse que era incurável.

E lá estava eu chorando, passei um dia nervosa e triste com a ideia de que se teria que matá-lo, eu que gosto tanto dele. Maury, como sempre, reage normalmente e não sentiria muito. Mas estamos nos interessando em fazer raio X no cachorro e ele se curará, me garantiram.

O cachorro é a pessoa + pura de Nápoles... Se você visse como esta cidade é suja.

Estou vendo se vou a Castelmare, onde há fontes minerais, fazer uma rápida estação de águas, porque sinto que minha colite se acordou um pouco.

Recebemos carta de d. Zuza onde ela diz que o burro de um portador disse que eu devia estar chegando no Rio. Não sei quem o autorizou a isso. Não, não vejo ocasião de

ir. Será + tarde ou talvez eu não vá, só vá daqui a quatro anos, normalmente. Afinal de simplicidade e de menos personalidade é que eu preciso... Cada um tem o seu destino: agora começo a acreditar em destino.

Quanto a escrever a amigos do Brasil, querida, eles não me respondem... é ridículo, não é? não escrevo mais. Mas não tem importância. Peço-lhe, Tania querida, que não se preocupe comigo. Eu sou muito feliz.

Me diga sobre o livro de Elisa, sobre a reação da crítica. Me diga sobre o que tem feito, se você está bem de saúde.

E sobre a Márcia. Aqui continua fazendo calor. Parece que em breve as casas serão desrequisitadas, então procuraremos um apartamento. Quanto a primos para Márcia... a questão é *Troppo* complicada. Nem mesmo pessoalmente você concordaria e eu saberia me explicar. Além do mais não deve ter importância.

Em outubro iremos a Florença, parece.

Bem, querida, nada mais resta dizer, senão as coisas de sempre, das quais você já deve estar cansada: que gosto de você e que você deve ser feliz.

Me perdoe não sei como você desejaria que eu fosse...

Estou muito bem e muito alegre. Quando puder darei um pulo ao Brasil, e você verá que, feliz ou infelizmente, sou a mesma de sempre. E você se irritará comigo e preferirá que eu viva muito bem.. mas longe. Estou muito bem e feliz.

Me escreva sempre, que suas cartas são sempre as novidades. Dê um beijo para Márcia e me abrace, que no abraço mais do que em palavras, as pessoas se gostam. Sua sempre Clarice.

Digo sinceramente que estou muito bem e tenho esperanças.

Rio, 23 de novembro de 45

Clarice querida,

Um dia que eu estava me caceteando no Lido num desses almoços-homenagens, lembrei-me de você e as minhas saudades se traduziram numa quadrinha que escrevi no menu e passei ao Chico, que estava sentado em frente de mim. Agora quis relembrá-la e não consegui. Só me recordo que fazia uma brincadeira verbal com o seu nome e o último verso era

Clara... Clarinha... Clarice.

Vou ver se o Chico guardou o papelzinho ou se lembra dos outros versos para lhe mandar. Conto-lhe isso só para dizer que tenho sempre muitas saudades de você, Clarice. Sobre tudo do seu olhar e da sua voz, ambos tão pessoais. Quando é que vocês pensam vir ao Brasil?

Demorei em responder a carta que você me escreveu porque contava que saísse em princípios de novembro a minha *Apresentação da Poesia Brasileira* – queria escrever ao lhe mandar um exemplar do livro. Mas a impressão demorou mais do que o editor contava. Irá depois.

Estou esperando com grande curiosidade o seu segundo romance. Primeiro, porque tudo que vem de você me interessa. Segundo, porque ouvi dizer que o Alceu Amoroso Lima anda dizendo que o novo romance ainda é melhor que o primeiro.

Sabe que vou dar em livro, editado pelo Zélio Valverde, a minha antologia dos poetas bissexto? Sai a matéria já aparecida em *Autores & Livros* mais outros bissexto (Chico, Joel Silveira, Guilherme de Figueiredo etc.). Se tivesse comigo aqueles poemas seus que você me mostrou um dia, incluiria você também. Ficará para uma segunda edição. Quer me mandar algumas coisas? Você é poeta, Clarice querida. Até hoje tenho remorso do que disse a respeito dos versos que você me mostrou. Você interpretou mal as minhas palavras. Você tem peixinhos nos olhos: você é bissexta: faça versos, Clarice, e se lembre de mim.

Sua carta de julho deu uma grande alegria. Você nunca é falante, barulhenta. O que você escreve nunca dói nem fere os ouvidos. Você sabe escrever baixo. E sua assinatura, Clarice, é você inteira:

Clara... Clarinha... Clarice...

Receba um grande abraço do velho amigo

Av. Beira Mar 406, ap. 40
Rio

P.S. – Peço-lhe o favor de fazer chegar às mãos de Nella Aita a carta inclusa e este pacote de livros. De antemão, muito obrigado.

Berna, 5 de maio de 1946 – 4 horas, domingo.

Minhas queridas:

É uma pena eu não ter paciência de gostar de uma vida tão tranquila como a de Berna. É uma fazenda. No domingo, como hoje, passou um grupo do Exército de Salvação, homens e mulheres cantando em coro, com voz bem calma e afinada, sem vergonha. Às vezes se veem camponesas, de alguma cidadezinha perto, vestidas com os trajes regionais, o rosto vermelho, honesto, com olhos azuis – os olhos são tão honestos que nem parecem observar. E os camponeses com roupa de ombros estreitos, nariz corado. E o silêncio que faz em Berna – parece que todas as casas estão vazias, sem contar que as ruas são calmas. Dá vontade de ser uma vaca leiteira e comer durante uma tarde inteira até vir a noite um fiapo de capim. O fato é que não se é a tal vaca, e fica-se olhando para longe como se pudesse vir o navio que salva os naufragos. Será que a gente não tem mais força de suportar a paz? Em Berna ninguém parece precisar um do outro, isso é evidente. Todos são laboriosos. É engraçado que pensando bem não há um *verdadeiro* lugar para se viver. Tudo é terra dos outros, onde os outros estão contentes. É tão esquisito estar em Berna e tão chato este domingo... Parece com domingo em S. Cristóvão. Mas a prática termina ensinando que jamais se deve no domingo ir de tarde ao cinema, deve-se sempre ir de noite, porque se fica esperando pela noite... É o caso de hoje, embora não haja filme direito para ver. Hoje depois do almoço fomos ver os ursos de Berna. Os ursos são o símbolo da cidade; quando se ia fundar a cidade encontrou-se um urso; isso foi considerado como bom augúrio e ali mesmo fundou-se Berna, onde é agora Bärengraben, caverna dos ursos. É por um caminho muito bonito, ladeando o rio, que é mais ou menos raso, muito caudaloso e brilhante. Dá-se comida aos ursos e para eles ganharem comida eles procuram fazer gracinhas – gracinhas de urso... É muito bonito. Mas num domingo... Parece que num domingo a gente deve fazer coisas grandiosas. Por exemplo, eu ia passar um domingo com vocês. Esta carta é bestinha, é carta de domingo, soa a “ajantarado” e a folga de empregada... e a mosca voando... Na verdade quando eu escrevo carta eu estou com um anzol compridíssimo cuja isca bate no Rio de Janeiro para pescar resposta. É um jogo sujo, esse de mandar qualquer carta para receber RESPOSTA. O pior é que vocês, com falta de tempo, reúnem dez cartas minhas e respondem em uma.

Estou me lembrando de Marcinha: fui levá-la ao cinema Rex e comeci a errar caminho que não foi vida, de vez em quando eu via que estava entrando por um beco

errado. A Márcia suportou tudo calada. E eu calada também, envergonhada. De repente Marcinha disse: titia, eu acho que você está bobeando...

Dando assim notícias de Marcinha, que é a flor mais preciosa do mundo, eu encerro a missiva de domingo e vou pôr a carta no correio, se estiver aberto, para pegar o avião de amanhã. Neste mesmo avião seguem uma carta para S. Clemente e outra para Silveira Martins, escritas ontem; botei ontem a data de hoje porque sabia que só iriam amanhã. Me abracem, queridas, sejam felizes sempre.

Clarice

New York, 10 de junho de 1946

Clarice,

Esta é a quarta carta que inicio para responder a sua. A primeira eu deixei no Brasil, só trouxe a primeira página, que vai junto. A segunda eu rasguei. A terceira eu não acabei, vai junto também. Hoje recebi uma carta do Paulo, dizendo que não tinha mandado até agora a resposta dele. Positivamente somos uns cachorros irremediáveis. Você por favor não ligue para isso não. Pode ter certeza de que não te esquecemos. Ainda ontem me lembrei muito de você porque um americano me perguntou se o meu relógio era suíço. A Suíça existe mesmo? Serão daí mesmo os queijos suíços? Me escreva, Clarice, sou tão cínico que te peço para me escrever, me responder com a pontualidade e a presteza que não tenho, contando tudo, suas aventuras e desventuras nessa poética Seminarstrasse. Do Brasil não posso te contar nada, senão que o Paulo me contou hoje na carta dele: que o Pajé tem tomado aos domingos porres gigantescos, colossais. Que a sensação de um libertino ao acordar na segunda-feira é a pior coisa do mundo. Que houve um comício no Largo da Carioca onde choveu bala sobre os comunistas, mataram um estudante. Que o Rubem Braga vai indo bem. Que num chá que os acadêmicos ofereceram a outros acadêmicos ninguém perguntou por você.

Daqui de Nova York não posso te contar nada além do que você calcula. Outro dia abri um livro do Érico Verissimo sobre literatura brasileira escrito aqui, mesmo na página em que ele fazia uma referência a você. Tenho sentido muita falta de seu livro que deixei no Brasil, para plagiar uns pedaços quando vou escrever o meu. Tenho tido muitas dores de cabeça, tenho ouvido histórias de espantar. Uma: o homem mais gordo do mundo fez um regime para emagrecer, emagreceu 50 quilos e morreu. Tenho dado muitas gafes aqui com o meu pobre inglês. Uma: entrei num *Drugstore* para comprar remédio para dor de cabeça e acabei levando uma loção para cabelos. Tenho tido muitos pesadelos. Um: ontem sonhei com um rato encravado na parede, guinchando de dor. Tenho reformado muitos conceitos, por exemplo: o Jayme Ovalle não é tão chato como eu imaginava. Tenho imitado Octávio de Faria em tudo o que ele não faz. Tenho feito descobertas importantes, por exemplo: o pecado é simplesmente tudo o que Cristo não fez. Tenho conhecido sujeitos famosos, por exemplo: Duke Ellington. Tenho tido muito pouco dinheiro. Tenho tido muitas oportunidades de ficar calado. Tenho tido muita decepção com os Correios. Tenho tido cansaço, saudade e calma. Tenho bebido muito, muito, muito. Tenho lido os suplementos dominicais. Tenho tido vontade de voltar.

Tenho escrito muitas cartas para você. Tenho dormido muito pouco. Tenho xingado muito o Getúlio. Tenho tido muito medo de morrer. Tenho faltado muita missa aos domingos. Tenho tido muita pena de Helena ter se casado comigo. Tenho tido dor de dente. Tenho certeza que não volto mais. Tenho contado muito nos dedos. Tenho franzido muito o sobrolho. Tenho falado muito com os meus botões. Tenho tido muita vontade de brincar. Tenho feito muitas manifestações de apreço ao Senhor Diretor. Clarice, estou perdido no meio de tantos participípios passados. Estou com vontade de fumar e o meu cigarro acabou, estou com vontade de namorar de tarde numa pracinha cheia de árvores, estou com muitas saudades de mamãe. Aqui na minha frente, na minha mesa do Escritório, tem uma pilha de 1.834 fichas me esperando para serem conferidas. São tão simpáticas, as fichinhas. Me esperam e sorriem burocraticamente: conhecem o meu triste fim. Sorrio também para elas, digo que esperem: agora estou indo para Seminarstrasse.

Só de pensar que você estará lendo esta carta muitos dias depois de ter sido escrita me dá vontade de não mandar. Mas mando, isso é uma desonestidade. Você nos escreveu há um mês. Juro que não faço mais isso, foi só da primeira vez, agora não faço mais. Me escreva que responderei imediatamente. Como vai indo o seu livro? O que é que você faz às três horas da tarde? Quero saber tudo, tudo. Você tem recebido notícias do Brasil? Alguém mais escreveu sobre o seu livro? É verdade que a Suíça é muito branca? Você mora numa casa de dois andares ou de um só? Tem cortina na janela? Ou ainda está num hotel? Oh, meu Deus, Seminarstrasse será simplesmente um hotel? Qual é o cigarro que você está fumando agora? Pipocas, Fernando!^[14]

Clarice, em Belém eu procurei no hotel uma carta do Mário para você, não encontrei. Eu delirava se pudesse ter essa alegria. Tinha certeza de encontrar e não encontrei.

Manuel Bandeira é um sujeito muito triste, Clarice. Também não me despedi de muita gente. Também me esqueci de muitas coisas no Brasil. Quando eu era menino chubei uma vez tanta manga verde que fiquei doente de cama por três dias, faltei ao grupo, só vendo. Eu tinha um coelhinho chamado Pastoff. Um dia meu pai pegou o coelho e deu para um amigo, fiquei triste mesmo, chorei muito, papai foi muito mau. A coisa que mais gostava era no tempo de frio sair fumacinha da minha boca. Pipocas, Fernando! Clarice Lispector é uma coisa riscadinha sozinha num canto, esperando, esperando. Clarice Lispector só toma café com leite. Clarice Lispector saiu correndo no vento na chuva, molhou o vestido, perdeu o chapéu. Clarice Lispector sabe rir e chorar ao mesmo tempo, vocês já viram? Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre. Me escreva uma carta de 7 páginas, Clarice.

Fernando

14. Referência a sua predileção por pipocas, que a levou um dia a me assustar com esta incontida exclamação de alegria infantil, ao passarmos no meu carro em Copacabana diante de um pipoqueiro.

Berna, 19 de junho de 1946 – quarta-feira

Fernando,

Sua carta me surpreendeu tanto! Eu tive a impressão de ter caído numa coisa assim: de jogar verde para colher maduro ou de ir buscar lá tosquiada, ou dois e dois são quatro – eu escrevi para vocês no Rio, na sua casa, e você me responde de Nova York. Eu sabia que vocês estavam lá por alguém que veio dos EEUU e passou por Paris – estive uns 15 dias em Paris – mas pensei que era a passeio. Não cesso de imaginar vocês em New York e não sei como. Como é que Heleninha fala no meio da cidade? E você trabalha de noite num arranha-céu? e os arquivos? Só agora é que vejo que vocês no Rio eram uma das garantias que eu procurava. Por que é que todo mundo quer sair do Brasil? E você é espírita, é, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Ou já falamos sobre isso? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vêm seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega. Se o telefone toca eu dou um pulo e se me “convidam” eu pareço criança ou cachorrinho, saio correndo e enquanto corro digo: estou perdendo minha tarde.

Mas eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais. Estivemos em Paris andando desde manhã até de noite. Aquela cidade é doida, é maravilhosa. Não consegui absorvê-la, ter uma ideia só. De volta fomos diretamente para um apartamento novo, ainda novo, tudo encaixotado, estranho, desarrumado. Encontrei cartas de casa e vários recortes de jornal, artigo de Reinaldo Moura, nota de Lazinha Luiz Carlos de Caldas Brito..., várias notinhas, referências a você e a mim em Sérgio Milliet, e em vários. E nota de Álvaro Lins dizendo que meus dois romances são mutilados e incompletos, que Virgínia parece com Joana, que os personagens não têm realidade, que muita gente toma a nebulosidade de Claricinha como sendo a própria realidade essencial do romance, que eu brilho sempre, brilho até demais, excessiva exuberância... Com o cansaço de Paris, no meio dos caixotes, femininamente e gripada chorei de desânimo e cansaço. Só quem diz a verdade é quem não gosta da gente ou é indiferente. Tudo o que ele diz é verdade. Não se pode fazer arte só porque se tem um temperamento infeliz e doidinho. Um desânimo profundo. Pensei que só não deixava de escrever porque trabalhar é a minha verdadeira moralidade.

Finalmente arranjei emprestada uma empregada que em um dia deu ordem na desordem – ela era uma verdadeira mulher. Uma grande mulher, sem dúvida, chamada Rosa, italiana, que Deus a abençoe.

Hoje passei o dia lendo; às três horas li de novo sua carta e o bilhete de Helena. Diga a Helena que na primeira vez em que nos encontrarmos ela ganha de mim uma caixinha de música. No mesmo dia em que recebi sua carta, recebi uma de Paulo. Carta pequena, cautelosa, quase silenciosa.

Fernando, procure em Nova York, no Consulado, Araújo Castro. Ele é ótimo. Vai lhe parecer calado e fechado, de início. Ele é muito, muito inteligente, bom, e de boa espécie.

São nove horas da noite, mas parece seis da tarde. E eu brilho, brilho sempre – isso deve ser brilho. Na verdade deve ser apenas adaptação ao novo apartamento. Não se pode deixar uma janela aberta, voa tudo; é um lugar onde ainda estão construindo, sem muitas casas. A rua chama-se Ostring e eu sou a pérola de Ostring, não vê? Vocês pretendem mandar buscar Eliana? como vão fazer? Quanto tempo na realidade vão ficar nos EUA? Paulo diz que vocês ficarão seis meses apenas... Desejo muita felicidade a vocês. Sejam muito felizes: estou com vontade de dar conselhos grandiosos, dizendo: custa um pouco adaptar-se a um lugar novo etc. Fernando, você tem trabalhado? E Helena, o que é que faz? Acabei de passar uma semana das piores em relação ao trabalho. Nada presta, não sei por onde começar, não sei que atitude tome, não sei de nada. Digo a mim mesma: não adianta desesperar, desesperar, desesperar é mais fácil ainda que trabalhar. Me mande um conselho, Fernando, e uma palavra bem amiga. Desculpe esta carta tola. Respondam depressa e eu mandarei uma muito boa, muito calma. – Quem tinha me falado de *Sagarana* era o Escorel, elogiando. Não sei mais nada. E as notícias que recebo do Brasil são as piores. Até pão falta. Vocês devem estar experimentando agora a tristeza de estar num país onde mesmo lentamente tudo tende a melhorar e receber notícias constantes desse jeito. Dá vontade de ser um grande homem e fazer alguma coisa. Certamente teremos alguma revolução. Até o ar lá está precisando disso.

Fernando, Helena, um abraço grande. Me escrevam, agora que vocês sabem quanto pode valer uma carta e sobretudo certas cartas.

Dei um ar de tristeza? não, dei um ar de alegria.

Clarice

18/VI/46

Clarice,

Você nem sabe a alegria que me deu, presenteando-me com a caixinha de música.

Há muito tempo, muito tempo mesmo, não sentia uma tão grande alegria. Se eu fosse poeta, diria que foi como que um lindo raio de sol que brilhasse no meio de uma grande tempestade. Muito obrigada. Senti um enorme carinho por você, nesse momento.

A primavera vai terminar sem mesmo ter chegado. Continua chorando chuva e abraçando frio. Os parisienses “nunca viram um tempo assim, em Maio e Junho”. O céu, agora, como que se enfeitou para que lhe mande dizer coisas bonitas – está azul, azul, com leves nuvens brancas. O vento abana a chuva e ela parou de chover. A pior chuva é a das notícias lá de casa. Só ontem recebi cartas e fiquei triste com a tristeza da carta de Eneida. Isso nos tolhe querer trabalhar. Depois q vocês se foram (que pena!) em vez de descansar, nos largamos ao trabalho. Samuel continua num crescendo, desejar voltar. Eu, ao contrário, quero querer ficar. Enquanto isso, tratamos da nossa próxima viagem.

Chegam muitos brasileiros (oh Deus!) e voltam alguns. (...)

Se tiver coragem de olhar os catálogos, avisarei. De qualquer forma, agradeço.

Samuel manda grandes abraços para v. e Maury. Eu também.

Bluma

Lausanne, 13 de julho de 1946

Elisa, Tania,

escrevo de Lausanne, sentada no parapeito do lago Lemán. Perto tem uma orquestra com uma mulher tocando violino, uma marcha meio valsa, meio militar. Junto tem um hotelzinho estreito chamado Hotel du Port. Há montanhas a pique na outra margem do lago. Há uma fontezinha dividida em três ramos sobre uma bacia de pedra. Há uma criança comendo um biscoito. Uma mulher de chapéu branco num barco. Vocês quase que podem adivinhar que é sábado de tarde. O lago é de água doce e tem um cheiro gostoso de água. O lago é enorme e transparente. Junto de mim é esverdeado. Mas do meio para o fim está da cor do céu e a montanha mesmo está da cor do céu. Hoje à noite vai ter uma festa noturna no lago, sobre um barco. No banco está sentada uma mulher com o chapéu preto e fita branca enterrado até os olhos como em 1920 e tanto, lendo jornal. Isso que eu estou sentindo pode-se chamar de felicidade. Só que a natureza se faz tão estranha que o próprio momento de felicidade é de temor, susto e apreensão. É pena que não possa dar o que se sente, porque eu gostaria de dar a vocês o que sinto como flor. Compreendo que ontem em Berna, quando recebi carta de vocês, ficasse tão aflita. Talvez fosse de alegria – e de não poder dar esta mesma alegria naquele mesmo instante. Um momento muito forte como o de ontem sempre arrasta tudo para ele: arrastou todos os meus pecados que Deus não precisa castigar porque neles mesmos vem o castigo. Pecado de egoísmo, de indecisão, pecado de deixar morrer gente de fome e comer, pecado de não entender o mundo, pecado de amar demais, pecado de não saber amar. Vi um filme idiota onde o rapaz dizia: eu gosto de você. E a moça dizia: eu sei, mas não gosto do jeito pelo qual você ama as pessoas. Eu sei, é preciso dar muito mais o que dou. É também de minha natureza carregar nos ombros a culpa do mundo. Se todos sentissem isso talvez sáísse um novo mundo. Uma pessoa só pode apenas sucumbir. Foi isso que fiz chorando no cinema e aliviando uma mágoa confusa. O início disso tudo foi a carta de vocês que eu botei junto do coração para sentir o calor dela e dormi assim, e mesmo agora, sentada junto do lago, tenho a carta na mesma posição, com o envelope me arranhando um pouco. Não incomoda, é como um aperto de mão um pouco mais forte. Agora tem um passarinho se aproximando da fonte. E dois meninos passaram, me olharam e continuaram a falar em francês. Fomos há pouco ver uma exposição de pinturas holandesas, de Van Gogh para cá. Eu estava vendo pacificamente com a cabeça. De repente vi um pequeno quadro *Vers le Soir*, de um pintor chamado Karsen. Entendi

muito bem o que você disse, Tania, sobre a paisagem que se misturou com você. Esse quadrinho finalmente me dominou. É uma casa no cair da noite. Não posso descrever. Tem umas escadas, umas heras, o branco é azulado e tudo um pouco escuro; tem umas estacas – é um fim de caminho com mato. Gosto de muitas coisas; mas de repente uma coisa é o que a gente está vendo e acima dela não existe mais nada, pelo menos por um instante; não sei se estou me explicando bem.

Toda esta carta foi uma tentativa malograda de tirar um retrato deste lugar junto do lago Lemman, porque esqueci de trazer a máquina. E aproveitei a ausência da máquina para tirar o retrato deste momento também. Que Deus abençoe vocês e lhes dê uma alma luminosa. A paz esteja com vocês, minhas queridas.

Clarice

Paris, 22/7/46

Clarice,

Esperei que as fotos ficassem prontas, para escrever, mas não pensei que demorasse tanto, enfim, ficaram prontas, não estão boas, mas não há de ser nada. Prometo não a “derranjar” mais com história de fotografias. Aqui continuam acontecendo coisas e nossa viagem vai sendo adiada. Temos agora a Conferência da Paz e isso significa que até Setembro não viajaremos. A coisa mais importante é que nos mudamos. Sim senhora, estamos agora em pleno Montparnasse. Num hotel bem simpático com uma bela vista sobre uma grande floresta formada por gordas árvores que escondem sob suas folhas o Cemitério de Montparnasse. Por enquanto estamos em dois quartos pequenos, sem banheiro, mas temos promessa de mudarmos para outros dois *com*. Temos 2 bicos de gás e poderemos oferecer-lhes café ou chocolate, caso venham antes de terminar nosso stock. Tudo aqui é quieto e limpo – qualquer coincidência com o cemitério é pura semelhança, mas estou contente, pois estamos realmente *chez nous*. Assim que acabei de arrumar, toquei sua caixinha de música e ela também, pareceu gostar da nova casa.

Fiquei sabendo de mais uma coisa: aqui em Paris, Julho e Agosto não existem, i. e., todo mundo tem férias e vai para fora, e como não se usa rodízio para férias, fecha-se a casa toda, e todos partem. Nós, pobres-diabos que aqui ficamos, encontramos as portas fechadas com os avisos de “fechado para férias”. Outra coisa, as mulheres de todo mundo, que seguem a moda parisiense, também podem descansar esses 2 meses. Se quiserem, podem mesmo sair nuas pois não há moda durante esse período. É ou não é gozado? Chegam brasileiros, vão brasileiros, os brasileiros comprem (*sic*). Agora teremos a delegação brasileira e só quero ver... nosso embaixador “como bom imigrante bem assimilado ao país” encontra-se em *vacances* – os brasileiros que precisam de coisas, que se danem, quem mandou chegar a Paris em Julho? Tivemos sol ontem e hoje temos tempo cinza e fresco. Há novas e inúmeras exposições. Hollywood manda *films* velhíssimos e ruins para atender ao acordo do Blum. Os franceses vão ao cinema assim mesmo. Portinari prepara sua exposição que deverá ser aberta em Setembro (26 ou 27). Chega uma porção de gente com bolsas de estudo. Do Brasil, a última notícia que tivemos foi que não há mais café no país e que a UDN terminou entrando em acordo com Dutra – coalizão oficial. Ah, antes que me esqueça, minha opinião sobre a Mme. Jayme de Barros, quero refazê-la. Não sei se ela é de inteligência rara, mas pelo que me dizem, ela deveria estar num dos seus maus dias. Encontrei-a outras vezes – não cheguei

a conhecê-la, mas não quero deixar aquele qualificativo nascido talvez de mau humor meu. Deixando de parte a inteligência, tem-se mostrado muito gentil.

E depois, essa história de inteligência é ponto de vista, também, não é? Coitada. Nós temos trabalhado um pouco e eu, que estava quase convencendo o Samuel de que precisava ficar algum tempo sem fazer absolutamente nada, recebi carta do Oswaldo (diretor de *Diretrizes*) “lembrando” algumas coisas para eu fazer. Veja você que peso. E o jovem não quer nada, não. Quer apenas algumas reportagens fotográficas e outras escritas no duro. Ainda não comecei, mesmo porque está todo mundo fora. Mas quem sabe, aqui, na nova casa, renasça o desejo de trabalhar. Quanto ao Samuel, estou contente por ele, pois com a Conferência ele estará como gosta, em grandes agitações e tempo marcado. E além do mais, virão outros jornalistas brasileiros cobrir a Conferência e isso entusiasma mais. Sabe quem vem também? Carlos Lacerda o renegado, como o chamam. Numa carta que recebi hoje, contam-me que ele escreveu um artigo dizendo ao Dutra que tomasse cuidado, pois ele ia viajar, mas voltava, que não fizesse bobagens. Esse sujeito é formidável! (Dona O. também virá.) Virá também o Barreto Leite Filho. O melhor, você não sabe, é que o Ministério de Informações tem *um* passe só, para a imprensa brasileira. Agora é que eu quero ver. Muito bem, a conversa está comprida, você já se divertiu, agora conte pra nós o que tem feito. Você tem trabalhado muito? E a sinistra senhora? E Maury? Berna, diziam outro dia, é a cidade mais interessante da Suíça (?). O nosso amigo Pires do Rio é que nos pareceu bastante estranho. Encontramo-nos, muita festa, ficou de telefonar para jantarmos juntos e neca. Foi embora sem dizer “té logo”. Imagino o que tenha sido mas não pensei que ele desse ouvidos a histórias. É o sr. Paulo Duarte que tem feito uma “propaganda” sobre o Samuel, com coisas que ouviu falar no Rio (Joel Silveira). Que é que se há de fazer, não é? Eu digo isso do P. Duarte, por uma conversa que o Frazão teve conosco, dizendo que tinha ouvido falar mal do Sam., e, disse Licia, que o marido é muito amigo do Sam., pois rebateu grandemente. Não disse quem foi, mas percebemos. Tá bom, deixa. O Pires foi na onda... Não há de ser nada.

Isto é que é conversa, hein? Até quadrinhos de “diz que falaram...”.

Clarice, não conte carta. Quando tiver vontade de conversar, converse. Samuel manda abraços. Abrace Maury por mim. Pra você, outro abraço, de

Bluma

p.s. mando em duplicata as fotos “fumando espero” porque as pequenas, gosto mais.

B.

Rio, 13 de agosto de 1946

Clarice querida,

Muito obrigado pelo seu cartão-postal de Berna. Espero que vocês se tenham dado bem aí: que não lhes aconteça o mesmo que ao Ribeiro Couto, de quem acabo de receber uma carta melancólica – tão melancólica e desanimada que me espantou. Parece que o poeta anda abafado com as sombras do Jura. Até voltou a poetar no estilo adolescente do *Jardim das confidências*.

Não me venha denegrir aquela viagem de ônibus para Copacabana. Você falou de si mesma e de literatura, mas fui eu que provoquei, porque me interessava conhecer o mecanismo de suas criações. Seu nome aparece frequentemente nas críticas e crônicas literárias, citado a propósito de outros autores.

O mês passado tive que funcionar na Academia para fazer o discurso de saudação ao Peregrino Júnior. O imprudente falou durante uma hora e quarenta minutos, entregando-me um auditório sovado e sonolento. Mas o meu discurso foi uma brincadeira do princípio ao fim. A propósito dos trabalhos de biotipologia do Peregrino lancei em plena Academia a Nova – Gnomonia com os seus parás, mozarlescos, quernianos, onésimos e dantas. Zombei do fardão e do lema “Ad immortalitatem”, com tanto jeito que fui depois sorridentemente felicitado até pelos acadêmicos mais enfatuados da glória acadêmica.

Escreva-me, Clarice. Escreva carta. Um cartãozinho seu já é uma delícia. Mas eu quero a delícia maior das cartas. E fale de você. Fale muito de você. Nunca tenha medo de falar de você para mim.

Receba um abraço e as saudades de

Manuel

Paris, 2 de setembro de 1946

Clarice,

Arranjei esse papel bonitinho para me ajudar a pedir-lhe que não fique muito zangada comigo. Não lhe escrevi logo, com a mania de querer mandar as fotos junto. Aí, aconteceu que tornamos a mudar e além disso, a Conferência nos tomava o dia inteiro, e às vezes as noites. Agora, já estamos numa casa nova que tem um nome formidável: Chateau de Frontenac – que tal? Parece um castelo, não é? Mas para v. eu conto o segredo: é um Hotel muito simpático, “bien marché”, onde conseguimos um pequeno apartamento (1 salinha, quarto e banheiro). Verificamos que não nos seria possível continuarmos lá em Montparnasse porque o Metrô leva meia hora e essa história de táxi é muito bom, mas no fim do dia, eram 400 a 500 frcs. – *stás a ver...* Aqui estamos no centro, perto da n/ delegação (Helás), embaixada e consulado. Não tomamos condução, conduzimo-nos. Quando vocês vierem (comecem a preparar-se, nós estaremos aqui, de volta, lá pelo dia 20 de outubro), avisem com antecedência e faremos o impossível para que se hospedem no nosso Chateau. Já estou com saudades de vocês. Mexam os pauzinhos, inventem qualquer coisa. Olhe, no próximo dia 27 Portinari vai inaugurar sua exposição. Infelizmente, não poderemos assistir, pois marcamos (?) nossa viagem para o dia 10. Vocês não podem deixar de ver a exposição. Se não for possível virem os dois (desculpe, Maury!), venha você só, mas então, espere para vir quando nós cá estivermos (veja informação acima). Paris não teve verão e antes mesmo de entrarmos no outono, já esfriou bastante. A Conferência continua, mas nós já fechamos os nossos trabalhos sobre o assunto. As senhoras agora andam muito atarefadas com as inúmeras exposições de modelos. Ainda não fui a nenhuma, mas irei. É verdade que fui a Roma sem ver o Papa, mas aqui faço questão de ver alguns desfiles. Não só para ver os modelos propriamente ditos, mas para sentir o ambiente. Deve ser bem engraçado. Não sei se os jornais daí publicaram uns telegramas sobre os últimos acontecimentos no nosso querido Brasil – tiros, prisões, feridos. A polícia sob o controle do exército. Tudo isso nos faz chegar à conclusão de que se já não se impôs a ditadura militar, não demoraremos muito – questão de dias, talvez. Naturalmente essas notícias não são nada animadoras – todas as coisas boas e bonitas aqui perdem uma grande parte do seu “ser” para nós. Meu esforço é duplo, para não deixar que Samuel se entregue inteiramente à chateação. Mas, como dizia um negro velho, nosso conhecido: Devagar e sempre. Assim, vamos indo, jovem Clarice. Temos trabalhado muito sem termos feito nada de

extraordinário. Samuel, que tinha mandado dizer ao jornal que ia tirar uma férias – passaria 2 meses sem escrever –, foi inda agora fazer uma entrevista com Paul Rivet, sobre o Congresso Socialista que se realiza em Paris nesse momento. De antemão, poderia dizer que talvez (99,9%) não seja publicada, pois uma entrevista dessas, nesse momento, no Brasil (triste Brasil!), é inteiramente inconveniente. Ele o sabe tão bem quanto eu, mas como não é possível parar os acontecimentos e o Congresso está acontecendo... E vocês, que têm feito? E você, particularmente, tem trabalhado muito? Está contente com o trabalho e as aulas? Quero ver se Samuel pega de verdade e começa o livro que pensa escrever – na volta, naturalmente. Além disso, pretendemos estudar um pouco, aproveitando o frio que vem aí. Então Berna não é tão feia como pensávamos.

Tudo na vida é mais ou menos assim: depende da maneira de ver as coisas, não é? Só há uma coisa que não adianta olhar de cima, de baixo ou do lado, é a miséria. Essa é miséria, miséria, não adiantam interpretações. Bem, vamos parar por aqui senão acabo entrando em lutas de classes e outras coisas, e então, é um não acabar.

Clarice, não vão todas as fotos, pois está tudo numa confusão louca e não consegui encontrar os outros negativos. Mando-lhe apenas algumas e assim que encontrar (prometo procurar direitinho), tirarei cópias e mando. Tá bem? Obrigada. A linda caixinha de música que você me deu, está aqui perto de mim e manda lembranças cantadas. Acho que se v. puder responder logo que receba esta, poderemos conversar uma vez ainda.

Fique junto do Maury para que Samuel e eu possamos fazer uma roda e abraçá-los. Lá fora está mais cinza que azul. Não chove, mas também o sol está guardado. Até logo.

Bluma

Última hora: o presidente Dutra mandou soltar os comunistas presos. Nossa viagem está marcada *definitivamente* para o dia 11. Assisti ontem ao desfile de Molineux – na minha imaginação os desfiles eram muito mais bonitos. Esse estilista não apresenta nada de novo e as suas modelos são velhinhas de 45-50 anos, feiasas, mas que corpo!? Cinturinhas de vespa, como diria o poeta – manequim 38. Hoje já é dia 4 – desculpe.

B.

Nova York, 17 de setembro de 1946

Clarice,

Quase que meu silêncio desta vez em relação a você vira de novo caso de consciência, como naquela ocasião em que saímos do Brasil. Graças a Deus uma operação na garganta a que me submeti há poucos dias (ainda estou de repouso em casa, saí do hospital anteontem) pode com um pouquinho de boa vontade responsabilizar-se. Mas a verdade é que atravessei um período mais ou menos intenso de “bom jeito” e precisava terminar a todo custo um capítulo enorme. Eu estava macio que só vendo, a coisa foi de uma felicidade tão grande para mim (embora o trabalho, o medo, o cansaço, as dificuldades) que terminei como se tivesse escrito um romance inteiro. Agora estou vazio, seco, estéril, inerte, oco, esgotado e mais toda essa desvitalizada coleção de adjetivos.

Recebi, porém, suas duas cartas, a pequena mensagem amiga, o fogo rasteiro que realmente nos incendiou em saudade de você, envolvendo até mesmo a Elianinha que fez o impossível para picar a carta em pedacinhos sem conseguir – e a sua outra carta com o conto, de que gostei muito. Fiquei muito encabulado quando dei com aquela página de minha carta copiada por você, tive a impressão de que o que eu dizia sobre os movimentos simulados era também um movimento simulado. Em todo caso me será útil, e muito obrigado pelo trabalho.

Clarice, estou tão sem engenho e arte hoje! Com minhas amígdalas parece que estirparam definitivamente minha possibilidade de comunicação. O que aliás seria muito engraçado: escreveu até 1946, ocasião em que uma operação cirúrgica cortou-lhe a vocação literária, neutralizando-lhe em saúde e tranquilidade – a posteridade haveria de me dedicar.

Clarice, estou me sentindo tão menino hoje! Minha idade mental não ultrapassa agora a de um menino de doze anos. De modo que acho que a solução para o meu caso seria dedicar o resto da vida a escrever o Diário de Marques Rebelo. Ah, antes que as asneiras que vou escrevendo me tirem a possibilidade de mandar esta carta, deixa que eu conte uma coisa capaz de garantir que ela seguirá. Foi o sonho que tive com você anteontem, sonho ainda de hospital e talvez influência ainda de anestésicos, de qualquer maneira muito importante.

Sonhei com você e com o Octávio de Faria. Eu e você estávamos parados numa praia muito esquisita, toda verde, a água refluiu para o mar não em ondas mas em escumas

(procuro um exemplo e não encontro), enfim era um mar bem estranho e iluminado, verde-claro, atrás de nós tudo era escuro e negro como o vazio, só o mar existia. Estávamos parados, eu te contava que tinha acabado de ler os originais de um novo livro do Octávio, um livro completamente diferente. Eu falei assim: “O mais impressionante, Clarice, é que tudo o que o Octávio criou *agora* existe e antes não existia.” Você não falou nada, estava de lado olhando o mar. Continuei: “Tudo tem um nome e mesmo a fera tem um nome que o Octávio não sabe.” Então eu escutei um ruído que podia ser o vento ou o murmúrio do mar, como o eco de um gemido do outro lado. Você não tinha escutado e continuava impassível como uma estátua. Falei de novo: “Tem um nome, Clarice, esta fera tem um nome.” De novo ouvi o ruído, desta vez mais nítido, áspero (era como um instrumento de música em que alguém soprasse com força), você se voltou, parecia também ter escutado. A minha alegria já não tinha limites, nós nos olhávamos, perplexos e deslumbrados, e eu gritei, certo de minha vitória: “Tem um nome, EU SEI o nome da fera!” Foi quando se deu o inesperado: ao longo do meu braço esquerdo, até a mão, até o dedo polegar, um risco, como de lâmina, deixou atrás de si o sangue brotando do corte que atingira também a unha, ela se abriu em duas. Fiquei olhando aquela linha de sangue no meu braço, depois nos olhamos estarecidos. Aquilo significava que havíamos descoberto que *tudo existia*, que era a vingança do que existia contra o meu conhecimento de um nome que nos salvaria ou perderia. Octávio havia chegado, estávamos agora numa sala que tanto podia ser aquela de meu apartamento no Rio como uma sala de espera qualquer. Corremos para ele, eu contei-lhe tudo, invoquei você como testemunha. Octávio não acreditava e nos fez jurar. Juramos, eu mostrei o sinal no braço, a unha partida. Então quis me lembrar do nome e não me lembrei. Perguntei a você, você me disse que eu não havia falado, havia apenas pensado, que você também tinha pensado, mas esquecera. “O importante não é o nome, Octávio, o importante é que tudo existe”, você dizia, eu dizia, e ele sacudia a cabeça, dizendo que sem o nome não tínhamos nada a fazer senão continuar a escrever, a viver e a esperar. Neste instante eu acordei, sozinho no hospital, eram três da manhã. Tive vontade de estender o braço e apanhar o copo d’água, minha garganta queimava. Mas faltou coragem para o menor movimento com aquele braço, eu não tinha coragem nem de fechar de novo os olhos para que o sonho não voltasse. Nunca tive um sonho tão estranho na minha vida, e o que eu contei não dá nem uma pálida ideia do “ambiente” dele. Se você se dá a devaneios psicanalíticos, me mande dizer o que achou.

Como eu já disse, gostei muito do seu conto: admiravelmente bem escrito, não falta nada nem sobra nada. Se permite duas ou três sugestões: onde você fala primeira vez que o homem carregava um saco, sugiro que diga saco de linhagem, ou de pano etc... “... tirou a pá do saco” me soa desagradável. Parece que não há mais nada. É em verdade um

conto tão bonito, Clarice, um conto que só se escreveria na Europa, na Suíça. Por ele posso perceber uma coisa muito mais importante do conto: que você está escrevendo bem, com calma, estilo seguro, sem precipitação. Talvez porque agora você já não esteja sofrendo muito: o que é preciso é sofrer *bem*: é uma diferença bem importante, para a qual o Mário sempre me chamava a atenção. A gente sofre *muito*: o que é preciso é sofrer *bem*, com discernimento, com classe, com serenidade de quem já é iniciado no sofrimento. Não para tirar dele uma compensação, mas um reflexo. É o reflexo disso que vejo no seu conto, você procura escrever bem, e escreve bem. Me deu vontade de enunciar um truísmo: “O problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário.” Álvaro Lins.

La te mandar também um conto meu chamado “O espelho do general”, mas desisti: creio que o conto não paga o trabalho que me dará de passar a limpo e que te dará de ler. Tudo o que tenho feito cada vez corresponde menos ao que queria fazer. Apesar disso meu livro vai indo: página 178. E o seu? Conte mais coisa, estou curioso.

Acabei de ler *The Rainbow* de Lawrence e iniciei *Woman in Love* um tanto decepcionado: acho meio artificial. Li o *Journal* de Julian Green, as poesias de Laforgue, e comecei *The Bal* de Comte D’Orgel de Radiguet. Li também um livro que gostaria que você lesse, se ainda não conhece: é o *Book of Pratical Cats*, poemas de T.S. Eliot, uma delícia, te joga numa infância que eu pensava não fosse mais possível. Recebi vários jornais do Brasil: ótimas crônicas da Rachel, boas crônicas do Rubem, e ainda crônicas do Paulo e do Lêdo Ivo, que se casou, segundo a carta do Otto, com a Leda há poucos dias. *Sagarana* continua elogiado, Antônio Cândido meteu o pau no livro do Adonias (não vi, Otto me contou) e o Hélio bebe, solitário em Marrocos, um barzinho de Belo Horizonte. Recebi ontem uma carta do Otto e outra do Hélio, depois de muitos anos de silêncio. O Paulo, nada.

Parei para almoçar e depois para pensar: pensei que agora posso fazer um movimento rápido no romance e encerrar a primeira parte. Em seguida abrir a segunda com uma crônica da família: “Em 1896 chegou ao Brasil...” etc., e dar a origem da coisa. Não sei por que me veio essa ideia. E a terceira parte apanharia de novo a família, já alguns anos depois. Você me pergunta se o personagem é corajoso. Não, porque não se trata de um personagem – é uma família: por uma família inteira e por mais uma porção de gente que gravita ao redor e recebe influência dele, procuro definir apenas um personagem, que nem eu conheço, nunca vi por dentro e não sei a que leis se subordinam seus movimentos. Imaginei um diário desse desconhecido, que é o mais importante da história e o que aparece menos. Mas acho que não será preciso. Enfim, é tão bom imaginar, Clarice.

Toda carta que eu escrevo a você acaba sempre perigando de não ir. É que vou

escrevendo, escrevendo, e cada vez mais ficando asnático. Depois é o tamanho que me assusta. Recebi uma carta muito boa do Otto e outra do Hélio, como já disse, fiquei muito feliz. Receber cartas é muito bom, Clarice, me responda logo.

Também pensamos em fazer traduções, pois o dinheiro é curto, você não errou. Mas em matéria de tradutores, atualmente, a oferta é maior do que a procura. Fui para o Consulado porque no Escritório dei uma informação num processo sobre a assinatura do ponto que meu chefe achou desrespeitosa e brigou comigo. O filho do Araújo já nasceu, com grande regozijo da colônia. Começo umas crônicas sobre os E.U. que sairão no Brasil ainda não sei em que jornal. No fim do mês nos mudaremos daqui desse doce estábulo onde moramos e ainda não temos lugar para onde ir. Fernando Sabino é realmente um ser de comovente estupidez: no Brasil, tinha casa, amigos, emprego melhor, automóvel (se bem que...), chope no Alcazar, Rubem Braga, Moacir, livros na estante, cartas da família, doenças do Pagé, discussão com Nicodemus,^[15] sol na varanda, café na esquina, jornais pela manhã. Aqui ele não tem nada disso e ainda ganha menos, trabalha mais, se literatiza abominavelmente, finge que sabe inglês, é empurrado de tarde no *subway*, leva desaforo pra casa, come comida sem sal, toma café sem açúcar, e para o mal dos pecados nunca saberá com antecedência quando é que vai voltar.

Até logo, Clarice, exijo resposta imediata, mesmo que não tenha feito nenhuma pergunta. Aqui vai uma: quantas páginas já tem o seu livro? A dois espaços ou a um espaço? Conte detalhes. Acho que estou fumando demais, segundo o médico dois cigarros por dia será muito para essas famosas amígdalas. (Amígdala Montamara, famosa pianista italiana?) Deus nos abençoe, Clarice, neste penúltimo século de civilização.

Um forte e saudoso abraço para você, deste decadente

Fernando

Me escreva logo. Estou com tanta saudade do Brasil, hoje, nesse 21 de setembro chuvoso. Soube das desordens por lá? Parece que a vida anda bem difícil e o mundo cada vez mais inabitável. E nós fomos esquecer o nome da fera...

Fernando

15. Apelido fraternal de Paulo Mendes Campos.

Berna, 13 de outubro de 1946

Fernando,

Que bom receber carta sua.

Eu não sabia que você tinha amígdalas... Minha amizade por você teve presença por tão pouco tempo. Acho que deveríamos apagar tudo e principiar pelo princípio. Começo um pouco timidamente dizendo que fiz operação de apendicite. Quem sabe a sinusite não era amígdalas?

Seu sonho, Fernando, nem quero psicanalisá-lo, e nem lamento que tenhamos esquecido o nome da fera, se bem que por dentro eu diga decepcionada: pronto, nunca mais. Mas se nos lembrássemos o nome dela estaríamos no mesmo: certamente ele não seria uma palavra clara mas uma ignorada, uma que de novo a gente teria que dizer: é um símbolo. Se bem que dessa vez essa palavra fosse o último símbolo, o mais perto do nome real, e não o símbolo do símbolo do símbolo, como são as outras palavras. Mas acho que já estou desvairando e continuando o sonho do sonho do sonho.

E outra coisa, meu caro confrade: seu sonho está muito bem escrito. Não estou falando em “descrito”, porque por mais bem descrito que fosse não seria o original que é o sonho, seria mesmo descrito.

Uma noite dessas também sonhei uma coisa. Não foi terrível como o seu sonho (a ideia de uma unha partida em dois é o mesmo para mim que apagar o quadro-negro com folha de papel... até nisso sua “técnica de horror” foi bem-sucedida). Meu sonho não foi tão terrível como o seu mas também me deu uma angústia de símbolo. Sonhei que estava num lugar de cores apagadas, tudo meio dormente, e que eu ia subir uma escadaria imensa, alta, alta. Eu me aproximava para subir, e com horror via que a escadaria era apenas pintada – nem pintada, desenhada a lápis com perspectivas certas em claro e escuro, parece que em cima de papel móvel porque havia vento. Nem lhe posso descrever de como comecei a subir e que dificuldade sentia: era uma imagem de escada e eu pisava em degraus desenhados e sem profundidade. Peço-lhe que não faça psicanálises... Acho que a explicação é de que me falta “realidade”.

Aliás o Lauro, numa carta que recebi dele, fala em relação ao *Lustre* em “escritor a ficar pedalando indefinidamente no vácuo”, o que está bem dito, em relação a quem é. Não é truísmo o seu – o problema para quem escreve é antes de tudo um problema literário – mas pergunto-lhe agora: é ainda um problema literário a falta de pés no chão ou é anterior a ele? Acho que estou divagando e nem responda.

Estou muito contente com seu período de “bom jeito”. Gosto muito de “em 1896 chegou ao Brasil...” Também andei procurando “anos atrás”. Meu livro há meses está parado por falta de movimento íntimo e “êtimo”. Espero em Deus acordar deste mau sonho que está se prolongando mais do que posso às vezes suportar. Mas às vezes nem é difícil suportar. Às vezes estou num estado de graça tão suave que não quero quebrá-la para exprimi-la, nem poderia. Esse estado de graça é apenas uma alegria que não devo a ninguém, nem a mim, uma coisa que sucede como se me tivessem mostrado a outra face. Se eu pudesse olhar mais tempo essa face e se pudesse descrevê-la, você veria como é esse o nome da fera que você esqueceu no sonho.

Talvez seja orgulho querer escrever, você às vezes não sente que é? A gente deveria se contentar em ver, às vezes. Felizmente tantas outras vezes não é orgulho, é desejo humilde. Enquanto isso, estou me divertindo tanto quanto você não pode imaginar: comecei a fazer uma “cena” (não sei dar o nome verdadeiro ou técnico); uma cena antiga, tipo tragédia idade média, com... coro, sacerdote, povo, esposo, amante... Em verdade vos digo, é uma coisa horrível. Mas tive tanta vontade de fazer que fiz contra mim. Não está pronto e está tão ruim que até fico encabulada. Mas você não imagina o prazer... Trabalhando nesta cena, estou descobrindo uma espécie de estilo empoeirado – uma espécie de estilo que está sempre sob nosso estilo é que é uma mistura de leituras meio ordinárias da adolescência (não a sua, por Deus, talvez de sua infância...), uma mistura de grandiloquência que é na verdade como a gente já quis escrever (mas o bom gosto achou com razão ridículo), uma mistura disso – está ruim como o quê, mas com que prazer descubro as tiradas – parece que não há sequer invenção. É tão engraçado... Talvez, se chegar a um ponto em que a grandiloquência pelo menos tenha o pudor da gramática, eu lhe mande. O verdadeiro título dessa grande tragédia em um ato seria para mim “divertimento”, no sentido mais velhinho dessa palavra.

Recebi há tempos cartas de Rubem Braga que diz: tenho saudades do Fernando e também muita, ou mais, de Helena, menina engraçada... Recebo carta de Sarah, mulher do Lauro Escorel, de Diva, aquela moça amiga do Lúcio, lembram? Ela é agora minha amiga, me mandou numa das cartas um amor-perfeito. Fernando, eu queria muito ler outros contos de Helena, seria possível? Não escrevo diretamente para ela sobre o conto para não amolar, mas foi tão bom, fiquei tão honrada...

“Tirou a pá do saco” também está me soando horrível... Dá impressão daquelas frases-brinquedo que têm molinha escondida: tanto pode ser “tirou a pá do saco” como “pá saco tirou”.

Página 178 é uma bela página de romance para se estar. Desejo que você não esmoreça, porque é tão bom estar de “bom jeito”. Acho que eu devia abandonar minha “tragédia” em um ato...

Demorei tanto a responder por motivos exteriores ao prazer que tenho em receber carta sua e ao gosto de lhe responder. Por que é que você hesita em cada carta, sobre se deve ou não mandá-la? Acho que sou tão seca que corto o movimento das pessoas. E só quem é assim é que pode compreender como é ruim ser assim.

Estou aqui em pleno outono, e apesar de ser outono, apenas por ser “pleno”, tem o mesmo fulgor de primavera plena, inverno pleno – a impressão que dá é que alguma coisa está madura. Talvez sejam as maçãs,

Que

São

Redondas

E

Vermelhas

E depois dessa extrema poesia, peço, porque estou com frio, uma esmolinha pelo amor de Deus. E para rimar digo adeus, que é rima pobre e nua, mas, aí de nós, absoluta. Recebam um abraço de saudade,

Clarice

Fernando, você poderia me mandar “O espelho do general”? O nome é uma beleza. E o general é velho, e é silencioso.

Berna, 31 outubro 1946

Alô, Lúcio,

isto é apenas pra perguntar como você vai.

O quê? ah, estou bem, obrigada.

Sim, com frio também, obrigada.

O quê? ah, sim, mesmo no outono já se tem um grau abaixo de zero.

Que eu vou morrer de frio? Ah, sim, você talvez tenha razão. Que você tem me escrito muito? sim, recebo sempre suas cartas; até ia lhe dizer que não me escrevesse tanto porque você pode se cansar. O quê? que você fez isso por amizade? é claro, foi o que pensei. Que você me mandou seus livros? realmente, todos os dias recebo um. Se eu li seu poema "Miradouro"? sim, li e gostei tanto, tanto. O quê? desculpe, não estou mais ouvindo, a distância é grande, minha "aura" está acabando e o esforço desta comunicação é tão sobre-humano que mal tenho força de assinar

Clarice

Paris, 28/11/46

Clarice,

É verdade que já chegamos há uns 20 dias, mas acontece que não andava com vontade de escrever, embora com uma bruta vontade de conversar – daí não lhe ter escrito até agora. Hoje é “Thanksgiving Day” e eu, além de não crer em Deus, nada tenho para agradecer, senão estar viva. Há uma multidão que agradecerá não mais estar em campos de concentração, outros, terem saído da Europa, porém esta sua amiga, olhando como tudo anda mal por toda parte do mundo, nada teria para agradecer. Parece incrível que não tendo ainda restabelecido a paz, os reacionários (desculpe usar essa terminologia) continuam procurando nova guerra, que na realidade não terminou se a gente não quiser ser surda e cega, vendo o que se passa na Grécia e na Palestina, enquanto Perón inventa uma nova condecoração, o “Colar da Liberdade”, e envia ao grande libertador Franco. Na Alemanha, os ingleses e americanos ficam fazendo fuxicos contra a Rússia, enquanto os alemães continuam nazistas. A imprensa anglo-saxônica faz grandes provocações contra os formidáveis yugoslavos que nada querem a não ser reconstruir o seu país, o que têm feito, para grande desapontamento dessa mesma gente que não pode imaginar que ninguém possa viver sem o “apoio” anglo-saxão. Clarice, você, que ainda conserva uma grande sensibilidade (que faço votos possa conservar por toda vida), que faz com que se possa sentir com maior intensidade a vida em todas as suas formas, se comoveria com todos os seus sentimentos, se visse como o povo yugoslavo que lutou tão heroicamente na guerra, luta hoje, com o mesmo heroísmo, para garantir a paz e reconstruir o seu país. Eu mesma, que talvez tivesse menos dúvidas que você, sobre essa nova experiência de regime – nova mesmo, pois sendo baseada na russa, é inteiramente diferente na prática –, vendo como sente e age essa gente, é que compreendi inúmeras coisas. Quando penso em você na Jugoslávia, parece que a vejo parar a todo instante, abrindo grandemente os olhos e talvez mesmo, algumas vezes, ver lágrimas. Essa gente é como que uma criancinha que tivesse nascido no meio de ruínas, órfã de pai e mãe e que a precocidade forçada pela miséria, fizesse com que ela sozinha fosse aprendendo a engatinhar e balbuciar as primeiras palavras. Uma senhora americana, cujo marido trabalha na UNRRA, disse-me que estava realmente encantada em poder ver esse povo simples, que ainda não aprendeu a dissimular os seus sentimentos, construir um mundo novo que desde já embora esteja em esboço diante dos planos que tem para um futuro próximo, já serve de grande exemplo para o mundo chamado civilizado. Tenho certeza

que você teria ficado encantada se visitasse a exposição infantil que as crianças yugoslavas fizeram, tudo feito, organizado e dirigido por elas (de 3 a 15 anos). Fizeram brinquedos lindos, que cada qual imaginava fosse alguém que ela conhecia (bonecos), ou então, bichos estranhos, com aspectos fantásticos tirados de suas imaginações jacarés com 4 cabeças, por ex.). Cenas de histórias infantis como a do chapeuzinho vermelho quando encontra o lobo no lugar de sua avó, tudo feito com bonecos de massa, barro, tintas etc. Uma beleza. E os próprios garotos lá estavam apresentando os seus trabalhos e contando as histórias. Essa nossa viagem valeu bem. Vimos os dois lados: Alemanha – depressão, nazismo. Tchecoslováquia e Iugoslávia – vida, seiva – antifascistas, verdadeiros democratas, liberdade. Essas histórias que a gente lê nos jornais americanos, principalmente, contando coisas do arco-da-velha, é tudo invenção, como essa história dos russos lavarem a carne no w.c. É muito engraçado contarem coisas como essa, sobre médicos russos, que são hoje os mais adiantados, i. e., o único lugar do mundo onde a medicina tem progredido, onde se têm feito as maiores experiências e conseguido as maiores invenções, pois na Alemanha, antigo berço científico, hoje está morto, uma vez que só pensavam e imaginavam como fazer mal e não bem. Um rapaz que conhecemos por acaso, numa viagem de trem entre Munich e Nuremberg, médico do exército americano, nos contou coisas sobre o trabalho médico alemão: disse ele que ficou espantado. Não tinham médicos. Ensinavam a um sujeito qualquer, como cortar um braço ou uma perna e ele o fazia, sem ter a menor noção do que poderia acontecer com o resto. Aqui na França, onde tivemos Pasteur, Cury e outros, os médicos não conhecem nada sobre o que há de novo na medicina – nem nos remédios. Clarice, desculpe essa conversa um pouco dura, para quem não conversa há mais de 2 meses com você, mas é que o que vai pelo mundo e principalmente o que vai pelo Brasil (pobre país), que nos diz mais de perto, deixa-me irritada e triste. Naquele nosso país, onde “em se plantando dá”, não há nada para comer, o mercado negro que está sendo combatido em todo mundo está no seu auge, num país onde mesmo nos bons tempos, a maior parte do seu povo não tinha o que comer. E, além disso, estão entregando tudo, de vez: aos americanos. Como acabará tudo isso? E agora, que estão em vésperas de lançar a nova lei de segurança, igualzinha à de 37, a chamada lei monstro, que todos os mascarados de democratas combateram para derrubar Getúlio. Hoje, aliados ao grande presidente, se unem todos contra aqueles verdadeiros democratas, comunistas ou não, que coerentes com sua maneira de pensar, se batem por um governo democrata. É, minha senhora, estamos voltando pra trás, em vez de andar para frente. Enquanto isso, Paris está cinza, muito bonita, um pouco fria, com um enorme programa de teatros, concertos etc. Os casais Valente e Barros aqui estiveram e saímos algumas vezes juntos. Foi pena vocês não terem podido vir. Quem sabe darão um jeitinho agora? Venham passar uns dias. Quem

sabe, pelo Natal? Não lhes posso oferecer uma grande árvore de Natal, mas se vocês vierem, prometo arranjar nem que seja uma pequenina. O Samuel trabalha porque ainda não mandou uma linha – escreve como se estivesse em Belgrado. Espero que amanhã termine uma parte e então poderemos fazer alguma coisa – andar, por exemplo, pelas ruas. Ah, estivemos ontem com o n/Grumbach que nos informou que ainda não estava pronto, mas que dentro de 20 dias, mais ou menos... Samuel dará maiores detalhes ao Maury. E vocês como vão? Têm trabalhado muito? Viveram alguns dias de excitação com o caso “Dakota”? Uma bela história para um *film*, hein? Depois, há quem ache que a vida não tem imaginação. Os ficcionistas são pinto. Que notícias tem recebido do Rio? Não recebi nada, pois só agora escrevi para lá. Escreva uma longa conversa, sim? E sua funcionária, como vai? Lembre-me ao Maury. Samuel manda abraços para vocês, aos quais junto algumas saudades.

Bluma

Paris, janeiro de 1947

Minhas queridas,

apesar de não ter escrito tanto tempo, estou sempre pensando em vocês, minhas queridinhas. Não escrevo porque minha vida aqui tem sido mais movimentada do que é possível e eu queria escrever muito, mas só poderia superficialmente. Não sei se estou louca por Paris. É difícil dizer. Com a vida assim parece que sou “outra pessoa” em Paris. É uma embriaguez que não tem nada de agradável. Tenho visto pessoas demais, falado demais, dito mentiras, tenho sido muito gentil. Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço, uma mulher que eu detesto, uma mulher que não é a irmã de vocês. É qualquer uma. É por isso também que não tenho escrito. Não pensem que Clarice está se divertindo tanto que não tem tempo de escrever. Tempo eu tenho, mas escrever para vocês pediria uma concentração que estou evitando porque se eu me concentrar uma vez, passo a não querer ver tanta gente e a estragar o programa de Maury. Eu amo vocês. E Paris é ótimo e até conheci pessoas ótimas. Conhecemos Santiago Dantas que é inteligentíssimo. Conheci melhor Augusto Frederico Schmidt e a mulher dele, almocei hoje com ela. Uma noite dessas Santiago Dantas nos convidou e ao Schmidt e mulher e a filha de Tristão de Ataíde para jantar – terminamos a noite às cinco da manhã e todos bastante bêbados. A mulher de Schmidt me disse hoje que quando eu bebo eu pareço um anjo. Minhas queridas, se vocês estivessem comigo como eu seria feliz! feliz! Vocês estão bem de saúde? por favor [...] sejam felizes, pelo amor de Deus. Entendam o motivo por que não lhes escrevi – é porque gosto demais de vocês para escrever apressadamente. Temos ido a teatros ótimos. Hoje no almoço com Yeda, mulher do poeta, estava sentado junto (foi no Ritz) aquele ator de cinema Victor Franceu (*sic*). Ele é igual à tela. Temos visto muitos bolsistas, somos amigos de Ceschiatti, o escultor brasileiro que ganhou 1o- prêmio de viagem. Temos estado o dia inteiro com Bluma, de quem gosto muito. Falei muito com ela de vocês. Fomos ouvir Madeleine Gray. Não sei se ela estava doente, mas ela cantou horrível. Vimos *Electra* de Eugene O'Neill, uma beleza. – *Digam a Prescila o seguinte*: Maury falou com o cônsul de novo e com outras autoridades a resposta é: não. É impossível. O cônsul respondeu que tudo depende de autorização do Brasil. Que no momento em que vier uma autorização, por telegrama ou não, ele dá imediatamente o visto. Não é possível insistir mais. A família vai bem, com ótimo aspecto. Perguntei mil vezes se eles precisam de alguma coisa, de dinheiro, roupa ou comida: eles responderam que têm tudo isso e não precisam. Prescila

deve fazer tudo no Brasil.

Minhas queridas, recebam meu abraço e me abracem. No dia 4 de fevereiro volto para Berna. Me escrevam, me escrevam

Clarice mil vezes para vocês.

Paris, 12/2/47

Clarice,

Você foi tão gentil (no velho e bom sentido da palavra, não no sentido cerimonioso) em escrever-me assim que chegou. Desculpe não retribuir igualmente, pois só hoje lhe escrevo, e à máquina, mas acontece que quis mandar com as fotos e só hoje ficaram prontas e estou de tal maneira viciada a pensar com o barulho do teclado, que não sei mais escrever senão assim. Há grandes novidades: Samuel mandou dizer que está pensando seriamente em *comprar* um apartamento, o que, naturalmente, acho uma boa ideia, e ao mesmo tempo, *não sabe* ainda se ficaremos lá ou aqui. Enfim, no momento, está em Buenos Aires, onde, diz ele, ouvirá tangos durante o carnaval. Mandou contar igualmente, que não há água nem para beber, quanto mais para tomar banho e que o café, naquele dia 4 de fev., tinha aumentado 40%. Por aí, temos um quadrinho do Brasil. Paris continua como sempre, muito parisiense e como boa mulher, mudando, sempre que pode. Mostrou-se linda, cheia de sol, uns dois dias, aqueceu um pouco e todos pensavam que a primavera chegaria mesmo antes da data marcada. Então não sei, vestiu-se novamente com sua roupa *gris-bleu*, e está novamente fria de queimar. Mas ontem, minha cara, passei uma hora inteira dentro da banheira cheia de água quente. Sim senhora, água quente de verdade, e o mais surpreendente é que hoje continua a haver água quente nesse nosso Chateau. Isadora, muito bem-comportadinha, está aqui ao meu lado, lendo e estudando, enquanto bato máquina para conversar com você. Não é bem uma conversa como gostaria, pois além de ser de longe, continuo sempre eu, a contar coisas. Você se esconde sempre. Durante todo este tempo que aqui passou (que foi tão pouco), eu falei sempre. Continuo sem saber direito como é Clarice, a não ser da maneira que eu acho que ela deve ser e isso não é bem a maneira de se saber nada. Enfim, não há de ser nada. Um dia... quem sabe!? Célia, nomeada Chefe Geral do Orçamento da Unesco, trabalha das 8:30 às 2 e 3 da madrugada. Não a vejo mais. Ceschiatti parece que caiu mesmo nos braços da jovem, aquela... é pura desconfiança minha. Tem estado sempre comigo e garanto a você e Maury, que tem feito tudo para convencer-me de que devo ir a Berna. Não sei ainda, embora ache que não irei. Ele irá, embora esteja com crises de consciência antecipadas, pois disse-me que talvez quisesse ficar mais de 8 dias aí e vocês “talvez achessem que ele estaria fazendo a cabeça de Clarice, só para ficar mais tempo” – como vê, o rapaz está ficando desencaminhado, pois não é bem ele quem pensa essas coisas. Disse-me que quer fazer sua cabeça aí, o que levaria uns 10 a 15 dias, por

isso, essa conversinha que ficou acima. Disse-lhe que não etc. e tal. E ele respondeu-me que talvez fosse melhor se arranjasse um hotelzinho barato. Expliquei-lhe então que qualquer hotelzinho na Suíça é pago em dinheiro suíço, o que deixa de lado qualquer conjuntura de economia.

Clarice, seu vestido chegou mesmo à hora marcada e está triste, dentro da caixa. Mandarei pelo primeiro portador que for para a Suíça. O Alceu deve ir no dia 22 – se ninguém for até essa data, irá por ele. Seus retratos não estão ruins, embora tenham engordado você um pouco – seguem dentro desta. Repare como v. está sem máscara de “mulher dura” – está suave. Continuo sem saber quando Anibal vai chegar, pois até agora, ninguém mandou dizer em que “veículo” vai viajar.

Recebi novas notícias da tal Jurema que quer que eu trabalhe para a revista dela, e como da primeira vez, embora tenha sido Eneida desta vez, não mandam dizer que espécie de revista será. Em todo caso, vou ver o que posso fazer por elas e por mim. Imagine você, que a primeira entrevista que pedi, recusaram. Você conhece uma tal Clarice Lispector? Pois é ela mesma.

Rosa gostou do *tailleur*? Diga-lhe que lhe mando lembranças. Ceschiatti ficou muito contente com o seu cartão e a carta do Maury. A rainha Wanda está agitando o mundo inteiro, ainda um dia destes, Célia recebeu uma carta do Nogueira Porto, da Grécia, contando novas decisões e aventuras dessa famosa rainha. A última notícia que tivemos foi que ela estava cantando no alto do Empire Building, em N.Y, em favor dos pequenos sofrendores de paralisia infantil, aproveitando para dirigir o tráfego aéreo.

Chegou Ceschiatti que vai desenhar um pouco. Isadora e Ceschiatti mandam muitos abraços. Abrace Maury e pra você, uma porção de saudades de

Bluma

Paris, 31/III/47

Clarice,

Até que afinal V. escreveu. Não deveria responder-lhe assim em cima da hora, mas hoje está um dia lindo e há encantamento de primavera no ar – não quero deixar de mandar-lhe um pouco, mesmo que seja apenas como notícia – pois está tão bonita, que enche a gente de muita alegria grande, que faz a gente ter vontade de voar, pular, rir. É pena d. Bluma não ter um namorado pois há uma atmosfera de amor – parei para ir correndo ao Consulado que estava fechando, apanhar uma carta. É do Sam – uma carta boa e cheia de notícias ruins. O quê? Coisas q. talvez para v. não o sejam. Mas não há de ser nada. Desculpe, pois, a interrupção um tanto romântica em q. vinha. A verdade é q. estou meio atarantada com este mês de espera, de coisas a fazer, de compras, e tudo isso com cálculos. Minha vontade, vontade, era andar os dias e as noites, assim, sem pensar em hora nem em nada. Olhar, pegar, sentir Paris o mais possível, pois minha cara amiga, Bluma vai para o Brasil e quem sabe se de lá sairá ou quando. Sei q. é bom voltar – sinto saudades daquilo e sei mesmo q. vivendo aqui, não seria inteiramente feliz – faltar-me-ia o Brasil, mas agora q. sei q vou para ficar, q sei q vou deixar Paris, analiso melhor como esta cidade já é uma coisa na minha vida. Pretendo ver alguma coisa da França sem ser Paris – quero ver se passo a Páscoa olhando praias e visitando a Primavera q já está morando no sul da França. Isso não quer dizer q v. precisa “fazer hora” – como demora a responder! E dizer q gosta tanto de receber carta. Minha senhora, pra receber é preciso se dar um pouquinho. Não se preocupe com a tal jovem. Empregarei todos os meus maus instintos para não deixar-me cair nas [...] tramas. Veja se “estabelece” um programa cerrado de trabalho, de maneira a ficar com pouco tempo para “receber”. Talvez assim consiga fugir dela. Recebi um bilhete do Ceschiatti q está achando Roma diferente e que “todos acham muito difícil encontrar *studio*”. Enquanto isso, a Rosita partiu para a Itália.

As meninas, que não tenho visto “a miúde”, porque Célia continua trabalhando muito e Isadora, agora q não está aqui nem precisa do meu *chez*, tão pouco se lembra q eu existo. Fazem festinhas e passeios, sem Bluma.

Mandei contar q assisti a uma reunião do PC Espanhol, onde ouvi e vi a Passionária falar? É u’a mulher sem qualificativo – todos estão gastos. Gostaria q v. assistisse uma coisa assim, para sentir o q de vida se irradia dessa gente. Senti-me reviver, entre aqueles 8.000 espanhóis, ali reunidos na Salle Pleyel.

Recebeu *Busca*? Mais uma vez, desculpe o estado físico do livro. Foi “vítimo” das

mãos da “guardiã” francesa, além da emoção de Célia, a quem não tive coragem de recusar emprestá-lo. Sobre a opinião de Tania – lembra-se do q lhe disse quando comecei a ler o livro?

Mais ainda, cresce meu desejo de ler o seu 1º livro, pois comparando com o *Lustre* acho *Busca* + seguro. Desculpe estas minhas intromissões literárias. O q disse acima, não quer dizer nada, porém, como conversei com v. sobre o q tinha achado de *Lustre*, e agora q v. leu ou lerá *Busca*, talvez compreenda o q quis dizer.

Clarice, aqui vai uma longa conversa. Veja se vem passar uns dias comigo antes de eu partir, sim? Diga ao Maury q apresento minhas desculpas por querer roubá-la um pouco, mas quem sabe, poderia ser? Você conhecia Aníbal melhor – nem sei o q deva oferecer-lhe para fazer uma *chantage*.

Obrigada pelas contas, recibos e tudo mais. Naturalmente q está tudo certo. Até logo.

Abrace Maury por mim. Não transmiti a ninguém – ainda – suas lembranças mas retribuo de antemão.

É sim. Eu vou.

Boa-noite. Muito sol.

Mandarei uma figa assim que chegar.

Saudades.

Bluma

P.S. – quer mandar uma cópia da foto q tirei de você *no morro dos ventos uivantes*? *Merçi*.

Paris, 3/4/47

Clarice,

Acabo de ler sua carta e aqui me tem. Hoje, não será uma carta cheia de sol, pois o dia está escuro, embora seja meio-dia e esta sua amiga também não está com melhor luz interior – o exterior fica um pouco por conta do *make-up*. Juntamente com sua carta, recebi carta de Ceschiatti, aflito, pedindo conselhos, porque “você raciocina melhor que eu”, diz ele. Pois sim, isso é o que ele pensa, enfim, trata-se de que o Tesouro de N.Y. mandou avisar que não há verba para atender os artistas que estão no estrangeiro. Estão tratando de votar uma nova verba, no Congresso, e, enquanto isso, os que se encontram fora do país, que se danem – ó Brasil! Oh, Dutra! Vou escrever-lhe, naturalmente, dizendo que volte para Paris, onde o Jayme (ele mesmo o diz) o ajudará a ser ex-patriado (*sic*) [.]. Novidades, novidades, não há. Falei com o Sam ao telefone, como já mandei dizer e como sempre acontece nessas ocasiões, ficamos no “v. vai bem? Tudo vai bem? etc.” Prefiro mesmo não falar, pois me enerva, sem resultado. Se estivéssemos em países onde não houvesse meios de comunicação, vá lá, mas para quem recebe e escreve duas vezes por semana, cartas, não há necessidade. Em todo caso, vai tornar a chamar-me no próximo dia 12 – o rapaz está apaixonado, imagine v., depois de 12 anos de casados e de 16 de conhecimento, 17, talvez seja mesmo vergonhoso – mas são os restos de Paris que cantam na alma do jovem. Em sua última carta mandou falar apenas em coisas mais ou menos pessoais, e uma delas deixou-me com dor de estômago, como sempre acontece quando me aborreço. Imagine que está “cavando” dinheiro para *Diretrizes*, que está em muito má situação financeira. Por quê? pergunto eu. Pra que se ele não tem mais nada que ver com a direção do jornal, e que além disso não tem nenhum compromisso nem profissional nem de amizade, uma vez que o Oswaldo não mexeu uma palhinha sequer para regularizar a situação dele (Sam) no jornal, a quem devem quase um ano de salários? E o eterno ingênuo, o eterno crente, anda lá às voltas com bancos amigos dele, a quem com certeza darão crédito, o que representa um compromisso moral, que não poderá pagar de maneira nenhuma, uma vez que o jornal não é dirigido por ele. Bem, desculpe estas conversas que nada têm que ver com v., mas é que estou tão amolada com isso, que preciso desabafar. Ao lado disso, continua pedindo loucuras, como seja, geladeira elétrica, *electrola* e outras coisas. É gozadíssimo o jovem. Se dinheiro não há, em 1º lugar, em 2º, não existem as mercadorias... Bopp telefonou-me anteontem avisando-me que tinha chegado, trazido encomenda e que além das caixinhas de música,

não tinham recebido aqui o resto da encomenda, que tinha telegrafado etc. Ficou de telefonar-me para que nos víssemos. Deixou as caixinhas de música na portaria (são lindas, obrigada) e até agora não me falou. Pretendo mandar deixar na portaria do hotel dele a goiabada, as fotos e umas flores, com os meus agradecimentos. As meninas, como v. sabe, não tenho visto nem ouvido. Isadora foi a Londres passar as férias de Páscoa – nem me telefonou, embora tivesse mandado pedir que o fizesse, pois queria mandar uma coisinha para sua mãe. Célia telefonou-me esta manhã e não pudemos conversar, nem pelo fio, pois a chamaram para uma reunião. Disse-me, que se conseguirem terminar o trabalho até a meia-noite de hoje, que partirá amanhã de manhã para a Suíça, onde passará uns dias com alguns companheiros da Unesco – de auto. Não sei se o Octávio de Faria está aqui em Paris, pois o círculo brasileiro se tem estendido tanto, que hoje não se sabe mais quem chegou nem quem está, muito menos quem vai. Sei que Aníbal deve estar para chegar – a companhia não sabe ainda o dia certo; que o casal Thiré vem, que o casal Braga deve vir, passando talvez pelos E.U., que o Roberto Marinho também está para chegar em companhia do casal Pongetti. Recebi carta da dra. Nise da Silveira – v. não a conhece? É uma mulherzinha pequenina, médica de loucos – já falei nela a você, não é? Mandou contar o trabalho que realizou com os seus loucos “internos” – diz ela que tem “internos” e “externos”. Organizou uma exposição de pintura dos seus loucos e foi um sucesso. “Demonstraram que os artistas nada têm de uma casta de eleitos e que não se pode pretender traçar fronteiras entre os mundos dos loucos e os mundos dos *normais*” – diz ela. “Cerca de 300 quadros ficaram em exposição no Ministério da Educação durante um mês e espero que tenham sido bom remédio para muito pedantismo.” Estou com ela. Pede-me livros sobre os séculos XVII, XVIII e XIX – livros sérios sobre as populações, desenvolvimento econômico e social das cidades europeias. Se você e Maury se lembrarem de alguma coisa sobre isso, mandem dizer. Ela diz que está toda entregue ao século XVII e convida-me para viajar com ela nessa viagem. Ela é formidável – você gostaria muito dela. Minha viagem ao sul da França gorou por falta de entusiasmo. E para me consolar, fico pensando que será muito interessante (e será mesmo) assistir a algum discurso que o Henry Wallace venha a fazer aqui. Os jornais noticiaram que deveria deixar E. [...] no dia 7. Seria ótimo se o Dick, que é secretário dele, viesse – ele é nosso amigo.

Faço votos que o jantar tenha ou se já houve, melhor ainda, um grande sucesso, embora isso seja um pouco perigoso, pois assim, procurarão *volver*. E a sra. d. Vrenia? Esta senhora não realiza que se não todas pelo menos uma parte das pessoas que andam por este mundo de Cristo, como dizia..., tem também sensibilidades, humores e tudo mais, mas que para poder viver com outras pessoas, é preciso sobrepor-se? Ela é muito bonitinha, muito engraadinha, muito mocinha, mas já tem idade suficiente para saber

dessas coisas, e se não sabe, explique-lhe, com muito jeito, mas é preciso que ela deixe de andar nua assim, senão, sentirá frios eternos e arrepios a toda hora. Não acredito que o Maury admita que v. se transforme em agasalho desta senhora – nem você mesma, *I hope*. Meu bem, eu vou mesmo para o Brasil, para ficar. Por isso, v. bem que podia vir passar uns dias antes de eu ir embora, não é? Passearíamos uma porção. Andar, andar, andar, até que saia outra pessoinha de dentro da gente, e ande ao nosso lado. Como disse a você, poderia ficar aqui no meu *chez* – não quero aumentar suas despesas, além do mais, isto aqui está sendo mesmo pago para 2 pessoas, e v. vindo sem o Maury, não há nada de mais, ficar aqui, que não tem cama de ouro, mas tem Paris, árvores dando filhinhos, flores por toda parte. Maury, você deixa? – Clarice, v. quer vir? Não digam nada ao Higas, ele pode inventar uma teoria sobre o assunto. Venha, sim? Bluma ficaria muito contente. Lembranças à Rosa – diga-lhe que não mate o Stálin porque gosto muito dele. Até logo.

Saudades

Bluma

Maury, saudade ainda é uma das poucas coisas q todos podem ter – obrigada – aqui vai um pouco da saudade de Bluma.

Paris, 12/4/47

Clarice,

Hoje é sábado e o dia está muito bonito. Vou falar com o Rio novamente. Não sei se falarei com o Sam também, pois mandou dizer que iria a S. Paulo, pois sua mãe está doente. Desta vez falarei com meus velhos e os meus mais moços (César e Noia). Infelizmente não há notícias boas. Há doentes do meu lado e do lado do Sam. A política no Brasil como v. deve imaginar com a agitação da reação por toda a parte, principalmente aqui e nos E.U., influi de maneira a mais funesta, em nosso pobre país. Em todas as cartas, Sam procura preparar-me para um *avenir* nada risonho, mas que é o real e o que nós teremos que enfrentar. Fora disso, continua ele (Sam) inteiramente na lua, pedindo que leve geladeiras que não existem na França e dúzias de cognacs que custam 1.000 francos a garrafa. É um sonhador esse nosso amigo. Por outro lado, não consegue casa; o que quer dizer que ficaremos na praia, se a polícia e d. Santinha consentirem. Por aqui, há a expectativa da chegada de Aníbal, amanhã às 17:30 na *Gare Osterlitz* (se a ortografia está errada, desculpe). Dra. Nise não vem a Paris, não, ela escreveu-me apenas para contar dos seus trabalhos e seus progressos junto aos seus loucos e como no momento, está no século XVII, pede-me que lhe envie livros desse tempo. Ela é uma jovem que não é moça nem velha, baixinha, não bonita, que fisicamente talvez não tenha mesmo nenhum interesse, mas que é realmente importante no seu trabalho – é uma das maiores médicas de doenças mentais, muito simpática, simples, inteligente e engraçada. É uma pessoa que estou certa, se v. conhecer um dia, gostará muito. Ceschiatti continua escrevendo, com saudades de Paris – ô rapaz inconstante. A vida parisiense continua agitada com mudanças de programas lítero-artísticos e novos acontecimentos políticos, e como o povo francês vive intensamente tudo que se passa dentro e fora do seu país, há vida intensa em tudo. Estes últimos dias, estou dentro de uma coisa inteiramente nova pra mim: clubs de cinema. Juntei-me ao Scliar, Maria Eugênia e Paulo Emílio e me tenho divertido bastante não só porque gosto muito de cinema e tenho visto coisas muito boas, como também por ver essa vida, i.e., a vida da gente que se interessa por esse assunto. É engraçado e divertido, cheio de correrias, discussões sobre técnica de cinema etc. Por enquanto não entendo nada, mas talvez (?) chegue a entender. O mais engraçado dessas coisas é que fico sempre surpresa em constatar que em reuniões assim (como aconteceu uma Conferência da Paz, mal comparando), se discutem assuntos ou melhor pontos de tal ingenuidade, coisas que em

geral a gente não tem coragem de perguntar quando não sabe. Enfim, mesmo que não aprenda nada de cinema, aprenderei ou melhor, ampliarei os meus conhecimentos humanos (ô diabo, que frase pomposa!). As meninas, nem pelo telefone... Longe dos olhos... Também, não estou ligando – que se há de fazer? Quem tem aparecido aqui, é Regina, que agora mesmo aqui está, para que saíamos para almoçar. Ela parece que gosta de Bluma e por isso, procura-me. Eu gosto dela e se o pai dela não tomar cuidado (ele foi integralista, não sei se ainda o é, e é contra judeus, embora não seja antisemita – acho difícil, enfim, é essa a explicação), quando ela chegar no Rio, irá assistir a várias reuniões do pc. das quais ela ouviu falar (cursos de conferências) e que achou muito interessantes. Ela tem muita vontade de aprender coisas e é sincera. Recebi as encomendas, muito obrigada. Aliás, nem soube da partida do Bopp que não me telefonou. Não os vi. Escrevi-lhe um bilhete ontem, juntando as fotos e agradecendo. Falar em fotos – desculpe não ter tecido elogios a sua foto, mas também não quero ficar sem uma cópia daquela que tirei de você, no “morro dos ventos uivantes”, sim? Você diz gostar da minha cara naquela foto – muito obrigada, são truques da fotografia. Faça uma carícia na cama de ouro. Meus cumprimentos à Noia. Meus agradecimentos à Rosa que realmente me olhou por um prisma inteiramente gentil. Vrenia, que vá ao Rio e consulte dra. Nise. Um abraço para Maury e para você, saudades.

Bluma

Paris, 2/5/47

Clarice,

Aqui me tem, em vésperas de partida, sentindo por dentro a mesma sensação de vésperas de exame oral – uma coisa assim, dentro da gente. Muito obrigada pelo chá que v. ofereceu a D. Bluma – ela gostou muito e ficou comovida com sua lembrança e disse que achou o terraço lindo. Aníbal chegou e embora esteja em Paris há 15 dias (se não me engano), continua extasiado. Não sente saudades do Brasil e cada dia que passa, cada rua que vê, o enche de alegria e chegou mesmo a me dizer que aqui sente necessidade de escrever – ele, que é o mais preguiçoso dos escritores, que só escreve quando é obrigado. Foi recebido pela União dos Intelectuais, onde entregou uma mensagem dos nossos intelectuais – já conheceu vários escritores, poetas etc. e continua marcando encontros sem tomar nota, de forma que está sempre em grandes trapalhadas que nos divertem muito. Ah, quero contar a você: no dia em que ele foi recebido pelos intelectuais, encontrei com o Pierre Emanuel a quem tinha sido apresentada quando o Portinari foi igualmente recebido. Foi pena v. não estar presente. Imagine que o poeta resolveu mostrar-nos a casa onde está sendo instalada a sede da União. É um casarão antigo, enorme e que se encontra em mísero estado, pois depois dos alemães, os americanos passaram por lá e cada qual arreventou um pouco. Ele disse-nos (Scliar, Gérard (um rapazinho paulista que aqui está estudando) e eu) que iria mostrar-nos o jardim: Fomos. E sabe o que aconteceu? atravessamos todas as janelas que íamos encontrando e que tinham qualquer coisa encostada, que pudesse facilitar a escalada, atravessamos várias salas, quartos de banho, corredores e no fim, andamos sobre o teto da casa. Eu e os meninos morremos de rir e o poeta igualmente encantado por encontrar tão bons companheiros de loucuras – pena ter feito amizade com ele agora, que me vou embora. Ele é uma simpatia e inteiramente louco. Você gostaria dele. Quando vier a Paris irá visitá-lo com Scliar que aqui fica e que foi muito convidado para *boire un verre* com ele. O Scliar não bebe, mas v. poderá fazer companhia e tenho certeza gostará dele, se é que não gosta dos seus poemas.

Meu bem, a primavera também se escondeu em Paris – não há sol. Há frio e ar cinzento e de vez em quando chuva. E eu que queria andar pelas ruas de dia e de noite. Você falou-me numa provável viagem – pra onde? Samuel tornou a telefonar esta semana – o rapaz está saudoso e inquieto. Há milhões de probleminhas que formam um grande problema, que é a nossa vida no Brasil, e ele não quer resolver nada sem que eu chegue.

Não aguenta mais ficar em *Diretrizes* que está inteiramente doida, uma vez que deu a louca no Oswald. Enfim, coisas ruins, que não adianta contar pra você, que se alguma coisa fizer é aborrecê-la também. Aproveite meu bem, essa embriaguez de primavera que v. diz estar sentindo. Eu há semanas, escrevi uma carta para o Samuel, dizendo-lhe mais ou menos a mesma coisa – que me sentia reviver, que sentia como se qualquer coisa de bom estivesse acontecendo à Bluma em qualquer parte do mundo. Clarice, esta primavera foi a primeira primavera que senti de verdade. Assisti ao inverno acabar e à primavera chegar – fez-me um bem enorme.

Porém estou com medo de que saindo daqui, deixe de novo essa nova Bluma enterrada em Paris e acompanhe d. Bluma que v. conheceu. Se você escrever logo, ainda poderemos conversar uma vez, pois deixarei Paris no dia 13 às 9 horas da manhã – nem quero pensar que isso quer dizer dentro de 11 dias. Vou no Groix que deverá sair de Bordeaux. Você pra mim será uma parcela de Paris a quem quero muito bem. Um beijo saudoso para você. Abrace Maury por mim. Até logo.

Bluma

p.s. A Irmgaard parece que descobriu que afinal d. Bluma não era uma senhora tão importante. Não me procurou. Encontrei-a algumas vezes muito abafada com sua exposição. Parece que o Octávio de Faria vem no Campana – não sei direito o navio, mas parece que está para chegar. Você conhece o Reverbel de Porto Alegre? Eu não me lembro se o conheço pessoalmente, mas sei que é um rapaz simpático, inteligente, muito bom jornalista. Ele vem aí, como representante da *Revista do Globo* e do *Correio do Povo*. Soube também que o Carlos Jacinto e Carmem vêm aí por estes dias. Torcendo um pouco a letra da canção do Caymmi, direi: “Pra este canto do mundo... Só você que não vem.”

Saudades

Bluma

Estamos em Maio – Paris está cheia de [...] aqui vai um raminho para dizer-lhe que lhe desejo todas as coisas boas.

Clarice:

Seria uma vergonha deixar que a Irmgaard partisse sem lhe enviar umas linhas. Recebi seus dois bilhetes, e o último, principalmente, encheu-me de notícias suas, detalhadas, a respeito de sua vida, planos, novo livro, a Suíça, sua próxima vinda ao Brasil etc. Então é assim que se escreve para os velhos amigos que não se esquecem, apesar de não escreverem cartas? Que faz você, que anda planejando, que achou de Paris? Notícias suas só as recebo por intermédio dos jornais, votações em que *O lustre* brilha, citações, notas etc. Por falar em *O lustre*, continuo achando-o uma autêntica obra-prima. Que grande livro, que personalidade, que escritora! Mas isto é velho, não?

Eu continuo velho e abandonado. Estou enviando junto o *Anfiteatro* para distraí-la dessas paisagens brancas onde deve viver agora. No que se refere ao resto... Não há.

Nossos amigos vão bem. Octávio escreve muito como sempre, esperando ver seu novo livro dentro em breve nas livrarias. Lêdo, Breno Acioly seguem com brilho esse triste caminho de ser escritor no Brasil.

Clarice, acredite que não me esqueço de amigos exilados nessas frias terras. Penso um dia em ir revê-los, se para tanto tiver coragem de atravessar o mar, desprender-me das pobres coisas que me prendem aqui. Quem sabe Portugal não me levará um dia?

Despeço-me com recomendações ao Maury. E escreva, Clarice, que suas notícias são recebidas aqui como autênticos presentes.

Seu amigo de sempre

Lúcio

Berna, 23 junho 1947

Lúcio,

fiquei tão contente em receber seu livro e a cartinha. Li o livro imediatamente, e você bem sabe que alegria me dá ler coisas suas. Acho o livro lindo, e as mulheres de seus livros são as pecadoras mais violentas e inocentes... Durante toda a leitura espera-se que alguma coisa mortal suceda e que de repente, fique tranquilo, pastoral, e ainda assim perigoso – gosto tanto disso. A cena no anfiteatro é tão plástica e visível, na minha opinião um dos pedaços melhores do livro. Vejo, Lúcio, que você está cada vez melhor, e isso me alegra tanto na admiração e na amizade. Estou esperando a professora Hilda. Irmgaard não me deu logo o livro só trouxe quando veio passar uns dias na Suíça. E depois, não respondi logo, porque várias coisas pequenas e maiores sucederam. – Aqui nada de novo. Eu com o desejo permanente de voltar para o Brasil, não sei quando vamos. Ou então de viajar sem cessar, mas sobretudo não ficar parada gratuitamente num lugar. No meio disso tudo felizmente veio a primavera e você não pode imaginar que boa notícia é a primavera depois de um inverno longuíssimo. Logo que ela chegou passei uns dias meio boba, tomando qualquer sol que aparecia, farejando flor onde tivesse nascido. Uma das coisas que faço na Europa é mudar de estação... Tenho muita saudade dos amigos, tenho saudade de você. Às vezes como seria bom você me ajudar com uma palavra ou outra. Continuo a trabalhar mas como num pesadelo. Seria tão bom que você lesse um pouco o que faço e dissesse se estou doida ou não. Ou então não lesse, mas me explicasse várias coisas. Às vezes continuar a escrever tem para mim o ar de uma teimosia, digamos ao menos de uma teimosia mais ou menos vital, mas não muda. Cada vez mais parece que me afasto do bom senso, e entro por caminhos que assustariam outros personagens, mas não os meus, tão loucos eles são. Mas não pense que tenho saudade de você apenas porque tantas vezes preciso mesmo da ajuda de uma amizade. Tenho saudade de ouvir você contar coisas, de acompanhar mais de perto o trabalho que você faz e que me entusiasma sempre tanto. Sei que Octávio está em Paris, mas não tenho nenhuma outra notícia mais. Eu gostaria tanto de vê-lo. E você com Portugal? escreva contando, se escrever... Recebo poucas notícias do Brasil, e quase nada de livros, nem sei o que se publica. Me mandaram *Sagarana*, *Água funda* e *A busca*, os três ótimos. Quanto ao livro de Adonias, nada. Soube do romance de Lêdo Ivo por um artigo seu que me mandaram, onde você me chama de “lembhada”, que é o nome mais amigo que se pode dar a um amigo.

Nem sei mais o que contar, Lúcio, para mim cartas são cada vez mais um meio gelado de comunicação. Embora, quando as recebo, sejam para mim cada vez mais uma alegria. Me escreva quando você puder, quando você quiser – espero que você possa e queira. Me diga um pouco o que você faz, o que tem escrito. Meu endereço é: Gerechtigkeitsgasse, 48. Defronte de casa está a fonte da Justiça com estátua respectiva, rodeada de gerânios. E como meu quarto dá para os telhados, tenho de vez em quando a visita de dois gatos, um preto e outro pardo, que entram pela janela, ficam um pouco, não dizem uma palavra, e vão embora, nova edição de *never more*. Tenho também pelas vizinhanças mil pardais; dois fizeram ninho na janela da cozinha e para a grande hilaridade da cozinheira carregaram no bico, como material, vários cabelos meus, dos que caem na primavera. Enfim, você vê, não é uma roda gigante que está girando, está girando uma rodinha pequena, toda apressada e despercebida: gatos entrando pela janela, cabelos caindo na primavera, pardais fazendo ninho, cozinheira rindo, tudo isso com o mínimo sentido possível...

Se você quiser me mandar *A professora Hilda*, ficarei muito contente. Maury manda lembranças. Eu desejo muitas felicidades para você.

Clarice.

Rio, 15/7/47

Querida Clarice,

Não respondi logo, porque queria fazer-lhe uma surpresa, mas a surpresa gorou por enquanto. Não contarei nada, senão deixará de ser uma surpresa, não é? Não fique pensando nisso, porque imaginará lindas coisas e quando este segredo se tornar realidade, v. talvez preferisse sua imaginação. Não falemos mais nisso até que... O Brasil continua cada vez mais Brasil. Está fazendo um friozinho de 12,5 acima, naturalmente, e todos os cariocas e “as”, morrendinho de frio. Fala-se numa onda de frio que vem vindo do Sul. Há frio que vem vindo do Sul. Há frio na atmosfera climática porém os ânimos estão quentíssimos. Fala-se em golpes, inventam apreensão de armas, o Flores da Cunha xingou em claríssimo português o seu colega Baeta Neves. Mas xingou mesmo. Além de dizer grandes palavras, mandou-o a lugares que ninguém o poderia levar, para usar a linguagem de um de nossos matutinos de hoje, comentando o caso. A política tomou conta de tudo e de todos, de tal maneira, que quase não se fala em literatura. Noutro dia, Breno Acioly e Lêdo Ivo deram uma entrevista relâmpago a *Diretrizes* e como foi muito relâmpago, nada disseram ou quase nada. A conversa foi sobre os livros dos dois: *João Urso* do Acioly e *Ode e Elegia* do Lêdo Ivo. Fala-se por toda parte que o Acioly está meio assim. Está com mania de perseguição e já agrediu alguns de seus amigos e conhecidos e promete “matar” outros. Não sei direito a que ponto vai a loucura dele, embora tenha assistido a um jovem contar como tinha sido agredido por ele, num cinema, porém na entrevista a que acima me referi, achei engraçadíssimo ele dizer, no meio de explanações literárias, com citações de nomes etc., o seguinte: “Quando me casar preferirei que nasçam meninas. A primeira dela se chamará Cintia, a segunda, Luciana, a terceira Lourdes e a última Maria da Graça, por ser um nome que satisfaz as exigências de minha alma.” Que tal? Raquel de Queiroz continua escrevendo muito (crônicas) e como sempre, maravilhosas. Há uma porção de gente nova, que eu não conheço nem de nome nem de leitura. Os suplementos não são lá essas coisas. Bem, mas essas notícias, Tania manda contar melhor que eu. Direi a você que noutro dia, chovia muito e resolvi visitar algumas exposições de pintura. Que horror. Naturalmente isso não quer dizer que não temos gente que pinte muito bem, mas passei por 3, assim, seguidas, e tive vontade de gritar. Gostei muito de sua carta – estava “linda” como diria sua sobrinha. E sabe que mais? só para chatear os outros, mostrei à Eneida e Moacir. Preciso dizer que eles também gostaram? No momento, estou sozinha nesta cidade do Rio de Janeiro, onde

continua não havendo (cada vez mais) o que se faça. Sam partiu para Caracas, ver o petróleo. Já mandei dizer que ele assinou contrato com o Chatô? Pois é. Minha querida Clarice, v. não poderá imaginar nunca, com toda essa sua maravilhosa imaginação, o quanto me tenho chateado nesta cidade. Como não tenho vontade de ver ninguém. Não consegui casa até agora e isso quer dizer que continuo num quarto de hotel, com todas aquelas malas que v. conhece, sem poder sequer abrir vários dos livros que trouxe, pois qualquer movimento representa abertura de malas. Bem, não quero ficar fazendo queixas. Diga a Rosa que muito me comoveu com suas boas palavras. Que não faça grandes sonhos sobre os meus bons sentimentos, pois não sou propriamente o que costumam chamar de “boa criatura”, muito pelo contrário, sou muito conhecida como ruinzinha. Apenas tenho algumas manias e uma delas é ser gentil (que horror). Não diga nada. Diga que lhe mando outro abraço, que mandarei sempre e gostarei dela, enquanto ela tratar você com carinho.

E esta sua vida? Nada de novo? E Maury, ainda se diverte com o “gasogênio” (não me lembro mais o nome dele)? Tem havido muita festa? V. tem brilhado muito? Aqui houve o baile que o Videla ofereceu ao Dutra/Santinha, no Palácio das Laranjeiras e como v. talvez já tenha tido notícias, acabou num grande sururu, onde as senhoras e os maridos das senhoras, com receio de perderem suas próprias “peles”, levaram para a casa as peles” dos outros. E no meio disso tudo, carregaram com colares, brincos, carteiras com dinheiro etc. Até a espadinha (todinha de ouro) do Dutra carregaram. Ontem *O Globo* noticiou que encontraram a espadinha de um ladrão em S. Paulo. Foi divertidíssimo. Imagine que perdi esse espetáculo – havia convite na redação de *Diretrizes*, mas o Oswaldo resolveu não nos entregar senão depois da festa passada. Se tivesse ido, muito teria que contar e talvez tivesse também trazido um “vison”...

Tem havido assaltos e crimes que não deixam a desejar aos gângsteres de Nova York e Chicago. As senhoras agora andam armadas, quando sozinhas. Está muito divertido. Ninguém mais pode andar sozinho – homens ou mulheres. Assaltam não só de noite como durante o dia, mesmo às 11 horas da manhã em porta de Igreja. Polícia? Há muita e os tiras da “político e social” andam metidos nisso, de maneiras que...

Bem minha jovem Clarice, fico por aqui mesmo, com essa conversa muito mal alinhavada. Não quero demorar-me mais. Já estou doida para receber resposta. Falei com Alceu hoje, pelo telefone. Ele tomou Ovomaltine ontem e ficou com dodói-de-barriga a noite toda. Já está melhor, obrigada. Abraço para Maury. Para você um beijo e uma saude, de

Bluma

P.S. [...] à sua Noia.

Rio, 18/7/47

Clarice,

Há tanto tempo não conversamos. Nossa última conversa – sua – foi tão linda. V. arrumava seu jardim para receber a primavera. Aqui, estamos no inverno, faz um calor danado, há lindo sol todos os dias e as noites são cheias de estrelas. Mas a gente não consegue sentir essas coisas, pois a atmosfera reinante é pesada, opressora. Cheguei no dia 1º e até hoje estou com a sensação estranha de estar mas não estar. Tristemente, confesso a v. que aquela ressurreição de que falamos no princípio desta primavera – bem tinha medo –, ficou em Paris. Aqui, sinto voltar mais uma vez aquela apatia, aquela não vontade de nada. No meio de tudo isso, encontrei minha mãe muito mal e por esta razão, ainda não vi sua irmã Tania, que gentilmente me telefonou. Fiquei de lhe telefonar para batermos-um-papo, porém tenho passado quase que todo o tempo fazendo companhia à minha mãe. Vocês, pelo boletim devem ter tido notícias do que vai por aqui – nada de bom. Além dos problemas políticos propriamente ditos, há as “consequências”, como por exemplo, assaltos diários, de dia e de noite, em todos os pontos da cidade. Assaltos, sim senhora, de mão armada e tudo. Roubam, matam, dão pancada, e quando não são chamados assaltantes, é a própria polícia, como noutro dia que mataram (a polícia) um comerciante de tanta pancada. Continua e piora o problema de habitação – nem para alugar nem para comprar – i. e., há ambas as coisas porém por preços de tal exorbitância que parece mentira. Estamos no Luxor Hotel, mas *stás a ver* que não aguentaremos muito tempo, embora não seja caro, é a velha questão de muito dinheiro. Samuel deixou *Diretrizes* (não mandei contar ainda em Paris?) e no momento está *como free lance*, escrevendo sobre petróleo que é um dos grandes problemas. Deverá resolver dentro destes próximos 8 dias se aceita ou não a proposta do Chatô para trabalhar para os Associados. É danado, mas não há o que escolher. Toda a nossa imprensa é bem uma “imprensa sadia”, a gente tem que viver e o Chatô, que há anos vem com o olho no Sam, lhe oferece um belíssimo ordenado. Se o homem concordar com os pontos do Sam, é bem provável que ele aceite. Havia também uma probabilidade de uma nova revista, mas parece que não pode ser. Aí tem, dentro do panorama brasileiro, o panorama Wainer. No meio disso tudo, resolvi esperar, para ver o que farei depois. Se tenho alguma ideia? Não. Tenho apenas recusado alguns convites como sejam: conferência, entrevista (que não sei como puxar de todo o corpo fora), trabalhar para um novo jornal de mulheres (*O Momento Feminino*) que vai sair, homenagens e *otros*. Sobre o porquê de tudo isso

(não ter resolvido nem pensado ainda o que irei fazer) teria milhões para dizer a você mas não é bem conversa por escrito, sabe? Seria uma daquelas conversas que na maior parte a gente não diz nada e faz careta (como dizem que eu faço). Além destas pequeninas coisas e mais as que vocês sabem: fechamento do pc, extinção dos representantes do pc (agora não é mais cassação dos mandatos, é extinção); reforma do nosso Código de Minas para poder entregar o petróleo aos E.U., há tubarões que vêm comer gente que pacatamente toma seu banho de mar em Copacabana (nunca houve isso, agora, houve). Temos um ônibus que custa mais caro e é melhor, apenas porque é novo e por isso mesmo, as molas são macias – seu nome popular é “gostoso”. Já fica sabendo, se alguém aqui chamar você de “103”, é um elogio (é o número do “gostoso”). Muita gente já foi para Paris e muita gente está pra ir (o casal Braga deve partir no fim deste mês), porém a quantidade de gente que quer ir é muito maior. Você foi a Paris ou vai? Que bom, se eu pudesse ir esperar você na estação. Clarice, queria que v. visse como o Sam tem saudades de Paris. O rapaz está doente e a doença é “parisite”. Que eu tenho também, é verdade. Não quero nem pensar que não voltarei lá. Ao contrário, penso sempre que voltarei e não muito tarde. Não sorria pensando que deixei de gostar do Brasil, não. Mas está acontecendo o que aconteceu quando cheguei dos E.U. – tudo e todos me aborreciam e eu não queria de jeito nenhum viver nos E.U. e naquele período, encontrei um grande trabalho político que me tomava todo o tempo. E hoje, encontro todo mundo pessimista, sem elá para nada.

Desculpe Clarice, sei bem como v. desejaria voltar, porém creia – e v. sabe como queria voltar eu mesma –, a gente nem imagina o quanto aprende e quanto de bem nos faz estar um pouco fora. Sei, bichinha, que v. já está cansada de “ver coisas”. Mas lhe diz aqui essa sua irmã-postiça, não fique triste por não voltar agora para o Brasil. O lado sentimental, pessoal, essa tristeza gostosa talvez seja até melhor do que sentir essa tristeza que a gente não pode remediar, que é o Brasil de hoje. Eu sabia disso. É verdade, mas é que a gente, de longe, não pode impedir que nossa imaginação funcione e aqui, verifica-se que os homens pioram em vez de melhorarem e que a realidade é bem outra e tudo isso, mesmo para v. que não se mete nestas coisas de política, tenho certeza, ficaria triste mesmo sem sentir. Sua sensibilidade sentiria talvez mesmo antes de d. Clarice. Bom, vamos parar senão ficaremos em considerações, que assim escritas sem que v. veja minhas caretas, não tenham nenhuma significação. Gostaria muito de poder dizer a você que o sol que ilumina e aquece esse inverno carioca me enche de alegria, porém não posso, porque não é verdade. Sinto o seu calor vejo a sua luz, o mar lá embaixo bate e está verde, a areia clarinha para ressaltar o colorido da água, porém olho, não sinto. Mande contar coisas suas, de Maury, de Berna de Noia (a minha vai bem, obrigada, e seus garotos uns amores. A menina nunca foi a Paris porém aprendeu uma porção de

nomes feios.), de Rosa, de tudo. Não guarde muito minha carta, nem a que você escrever, pois estou doida por ouvir você. Samuel manda para você e Maury, uma porção de beijos, abraços e saudades (com licença do Maury para os beijos e pedirei a você para ele). Eu também. Lembre-me à Ministra e “o”. Abraço para Rosa. Ah, estive com o Alceu e matamos saudades falando do simpático casal Valente. Taí, se eu pudesse, bem que ia visitar você. Outro beijo. Té logo.

Bluma

P.S. – Quer mandar aquele seu retrato do “morro dos ventos uivantes”? *Merci.*

Clarice:

Fundi um teatro para nós. Chama-se “Teatro de Câmera”, foi subvencionado pelo governo e se apresentará ao público, numa temporada de apresentação, nos primeiros dias de outubro, no “teatro Glória”. O repertório é o seguinte: *A corda de prata*, deste seu amigo e criado, *O jardim*, de Cecília Meireles, *Mensagem sem rumo*, de Agostinho Olavo, *Para além da vida*, do poeta português atualmente entre nós, Rebelo de Almeida, e finalmente um clássico *O anfitrião*, de Antonio José, o judeu, modernizado por Marques Rebelo. Há grandes cenaristas: Santa Rosa, Burle Marx etc. As estrelas principais são duas: Alma Flora, esplêndida e Maria Sampaio, que você deve conhecer. Agora, como é um empreendimento profissional, e necessitamos de grande publicidade, gostaria que você, caso pudesse ou se interessasse, escrevesse quatro ou cinco linhas dizendo o que pensa e apoiando a iniciativa do Teatro de Câmera. Explico melhor o título: é um teatro destinado a enfrentar essa ideia de que o teatro é o espetáculo, a grande montagem. Está para este último, como o trio ou o quarteto, para a sinfonia e o concerto. O que não significa que o trio seja menos música, ou menos profundo. Ao contrário. Resta esclarecer que não há nenhum ranço político no grupo, e que acolhemos todo mundo, desde Cecília Meireles a Jorge Amado, que vai nos dar uma peça chamada *A estrangeira*. Há também uma de Nelson Rodrigues, *Electra*. Com estes dados, você poderá nos enviar um apoio livre de qualquer suspeita de “reacionarismo”...

E você, Clarice? Gostei de receber sua carta. Há tanto não tinha notícias suas! É verdade que a minha preguiça de escrever cartas é imensa, mas adoro receber cartas. Gostaria muito de saber o que é este novo livro que está escrevendo, quando vem por aqui etc. E de Paris, que viu, quais os teatros que frequentou, quem são agora os seus amigos? Como vai Irmgaard, chegou e venceu? Não fala mais em voltar ao Brasil?

A última pessoa que sobra aqui sou eu. E acho que nunca conseguirei sair daqui, ou melhor, não tenho forças, não quero. Ou talvez ainda seja cedo.

Tenho escrito muito para teatro e tratado muito deste assunto. Para publicar ou em vias de publicação, não tenho nada. Às vezes escrevo em jornais, e então me lembro da Clarice Lispector. Mas ultimamente ando desconfiado que me lembro demais de tudo, as coisas parecem tão distantes, tão profundas – e desconfio que estou irremediavelmente um velho. Mas será um mal? Descobri que há outro pior do que se sentir velho: é ver em torno de nós o envelhecimento daqueles que gostamos. É como se assistíssemos a uma morte devagar. Mas isto é muito lúgubre, não? Escreva-me dando notícias suas, de Maury e da Suíça. Que há aí, que se faz, como se exprime essa gente? Às vezes desconfio

que Suíça é mentira, que inventaram lugares assim para nos sentirmos misteriosos e ricos, mas que na verdade o mundo acaba ali perto. E que você está escondida perto de Minas, numa casa grande com janelas azuis, dizendo que foi para a Suíça. Bem, Clarice, um abraço para o Maury e muitas saudades minhas, fraternas e reais para você. Seu velho de sempre,

Lúcio

26/7/47

Berna, 13 de agosto de 1947

Lúcio,

realmente tem muita gente e muita coisa envelhecendo, isso me assusta. Contanto que isso nunca suceda a você, caro Lúcio. E nunca sucederá. Mesmo o Teatro de Câmera mostra que você está jovem do mesmo jeito. E você tem bem razão de não querer sair do Brasil. Se sair, que seja por pouco tempo, só para dar uma espiada, e voltar. É ruim estar fora da terra onde a gente se criou, é horrível ouvir ao redor da gente línguas estrangeiras, tudo parece sem raiz; o motivo maior das coisas nunca se mostra a um estrangeiro, e os moradores de um lugar também nos encaram como pessoas gratuitas. Para mim, se foi bom, como um remédio é bom pra saúde, ver outros lugares e outras pessoas, já há muito está passando do bom, está no ruim nunca pensei ser tão inadatável (*sic*), nunca pensei que precisava tanto das coisas que possuo. Embora agora mesmo esteja envergonhada de ser assim, porque enquanto escrevo a catedral está batendo os sinos; fico envergonhada de não viver bem em qualquer lugar onde uma catedral bata sinos, onde haja um rio, onde as pessoas trabalhem e façam compras; mas é assim mesmo.

Você sabe que sou difícil de fazer uma frase boa, embora sobre coisa que me interesse, como o Teatro de Câmera. Fiz uma um pouco além de quatro ou cinco linhas sem querer; você tem direito de transformá-la como quiser; ou, senão servir de todo, você me diz para eu fazer outra, está bem?

“Os autores, cenaristas e artistas que trabalham para o Teatro de Câmera asseguram a realização de seu propósito – fazer o gesto recuperar o seu sentido, a palavra o seu tom insubstituível, permitir que o silêncio, como na boa música, seja também ouvido, e que o cenário não se limite ao decorativo e nem mesmo à moldura apenas – mas que todos esses elementos, aproximados de sua pureza teatral específica, formem a estrutura indivisível de um drama.”

signé: Lili, rainha do Deserto.

Não sei se compreendi bem a intenção do Teatro de Câmera, mas como compreendi achei ótimo. Eu queria tanto saber como é *A corda de prata*. O que é, Lúcio, conte, por favor, um pouco ao menos. E escreva. Se você soubesse como me faz bem receber uma carta sua, como me anima. Eu estava precisando tanto que você me ajudasse no meu trabalho. Que mais você tem feito? quando é que Octávio volta? Como é *O jardim*, de

Cecília Meireles? deve ser uma maravilha, e eu tinha tanta vontade de conhecer a peça e a autora.

Escreva, Lúcio, é muito bom. Aqui estou esperando, com muita saudade mesmo.

Clarice

Acho que em setembro iremos em férias a Espanha e Portugal. Você quer alguma coisa de lá? Eu posso arranjar, e mandar com o primeiro portador.

Rio, 11/8/47

Querida Clarice,

Andei a tarde toda com sua carta, fechada, na bolsa. Agorinha mesmo, são 6:25 da tarde, cheguei e fui ler sua carta. Fiquei tão contente, tão contente, que mesmo cansada como estou, aqui me tem para responder-lhe logo, para assim ficar com a impressão que logo, amanhã, terei outra conversa de Clarice. Gostei muito de todas as histórias que v. contou. Sobre os incidentes de Evita, quando soube pelo noticiário dos jornais, morri de rir, imaginando o escândalo aí nesta Berna tão bem arrumadinha, com sua gente tão bem-educada! É bom, assim a gente tem a certeza de que nem tudo está perdido. Que se a gente espera, não é em vão, alguma coisa há de acontecer. Aqui, a jovem Evita deve chegar para tomar parte na Conferência Interamericana. É, ela vinha apenas visitar o Brasil, porém, como acontecerá essa Conferência, e sendo ela uma senhora que sabe tudo, naturalmente não poderá deixar de aparecer como delegada. Imagine o que não será essa Conferência, não deixando de pensar no cenário; Quitandinha. Vai ser de matar. Mandarei contar. Você pergunta o que tenho feito e o que pretendo fazer. Minha cara amiga, nem só não estou fazendo nada, como não tenho vontade de nada. Infelizmente, a surpresa não é nossa ida à Europa. Não, jovem Clarice, no mínimo durante um ano, não sairei desta cidade maravilhosa que mais parece uma gaiola de ouro. O ar continua pesado, sem que se possa usar de refrigeração. A vida é o que há de mais horrível. As pessoas ficaram mais chatas, ou então sou eu quem ficou. Não tenho vontade de estar com ninguém. O pior é que Sam também está assim, e o meu esforço é duplo – procuro aliviar a chateação dele. Voltou de Caracas, onde encontrou o povo nadando em petróleo e comendo tudo, por avião. Não é blague não. Tudo vem de avião; carne, legumes etc. O dinheiro deles é fortíssimo, e vivem numa negra miséria. Os poetas? Creio bem que existam, porém devem estar afogados no petróleo. Depois que voltou, foi até Porto Alegre e voltou também. Lá, encontrou o Pasqualini que vive triste, pensando apenas em voltar para Paris. Você chegou a conhecê-lo? Ele esteve em Paris durante a Conferência. Continuamos no Hotel, embora estejamos em negociações de compra de apartamento. A única maneira de se poder morar hoje em dia no Rio.

Olhe, para que v. não fique imaginando coisas lindas, vou contar logo a surpresa. Pedi ao Ruy Santos que mandasse ampliar devidamente, as fotografias que tiramos em Paris. Acontece porém, que esse rapaz é um danado e não aparece, mas assim que apanhar as fotografias, mandarei para você. Se ele fizer as cópias que mandei, darei uma à

Tania, com quem continuo em falta, pois até hoje não estive com ela. Desculpe essa surpresa boba, sim? O rádio está ligado e d. Magdalena Tagliafero ensina piano. O tempo não está quente nem frio, porém nublado. Noutro dia fui ver a *première* de “Terras dos sem fim” (*sic*) – adaptação para teatro, de Graça Mello. Não gostei. Muito longo, quadros rápidos como se fossem *snap*s de cinema, não tem a atmosfera do livro e o Ziembinski fazendo o coronel do sertão, é de matar, com sua pronúncia e jeitos de Europa central. Foi muita gente, e muita gente que não se reunia no mesmo lugar há muito tempo. Clarice, começou a chover e onde estou sinto os respingos que voltam dos pingos que batem no muro da varanda. Está bom.

Gostaria tanto de mandar contar coisas boas e bonitas, mas não há. O que há é lei de Segurança, Cassação de Mandatos, estudos para novos racionamentos, novas levas de brasileiros para Paris (ontem embarcou o nosso técnico em alimentação, Josué de Castro), noutro dia foi o Tude Souza, fora os que não conheço. Numa recepção da Embaixada da Polônia a que fui, encontrei entre outras pessoas, a Ruth Josias Leão. O Acioly veio falar comigo e eu fiz as apresentações. “Ahn, o sr. é do Itamaraty?” E foi a conta. Tocou a falar mal de todos os embaixadores que conhecia e o homem só ouvindo, e eu, sem saber o que fazer. Naturalmente, depois dessa, não apresentei mais ninguém, nem deixei que ela me apresentasse. A moça é mesmo doidinha. O problema do petróleo continua empolgando os interessados. O general Horta Barbosa fez 2 conferências – ele é pela nacionalização e que o Estado dirija. O Carlos Lacerda, que cada vez está mais louco e sujo, achou de dizer que o velhinho está trabalhando para os comunistas. Rachel de Queiroz ficou deste tamanho e envelheceu, mas continua escrevendo maravilhosas crônicas. Não aparece em parte alguma nem recebe ninguém, inteiramente entregue ao seu amor. Consta que Vinícius vai deixar tudo para dirigir cinema. A senhora Fernando Sabino que foi muito elogiada aqui – dizem que ficou muito mais bonita e mais mulher – quando por aqui passou, antes de eu chegar, está para ter outro baby. André Maurois chegou, foi “almoçado” hoje na ABI e dará uma ou duas conferências no Municipal. Toda a grã-finagem irá. E no meio de tudo isso, d. Bluma chegou e foi ser enfermeira, como v. sabe, felizmente, está tudo melhor. Além do trabalho o abatimento moral refletiu no físico. Pensei mesmo que estivesse com qualquer coisa nos pulmões, e antes mesmo que pensasse, já me via na Suíça etc. Fui ao médico e não tinha absolutamente nada. Deu-me injeções de vitaminas. O que aconteceu? Engordei. E estou com 59 quilos, o que quer dizer, que não posso me olhar no espelho, nem me vestir. Imagine que estou com este novo problema. O mais engraçado é que tenho fome de cão, como diria Gondin da Fonseca. Mas não me desesperarei. Espero emagrecer logo. Sam está esquelético e mais velho. Aliás, olhando fotografias tiradas em Paris, chegamos à conclusão de que envelhecemos (os dois) aqui. Que inveja dessa viagem de vocês a Espanha e Portugal.

Que pena eu não poder ir também. Você não vem dar uma voltinha por aqui? Confesso que não é nada mais que egoísmo, pois se eu fosse “uma moça direita”, diria a você que não viesse. Sei como é chato viver em Berna, com Rosa etc., mas meu bem, isso aqui está tão ruim, tão ruim. Bom, vamos ficar por aqui mesmo. Desculpe estes horríveis alinhavos. Nem sei mesmo o que disse, sei apenas que foi muito bom ter recebido carta sua hoje. Estava tão precisando de uma conversa assim. Obrigada. Lembranças à Rosa (aqui não há Rosas com ou sem chatices). Abraços para Maury. Sam manda saudades para vocês, eu também. Muitas saudades, Clarice.

Bluma

P.S. – devemos subir para Petrópolis na quinta-feira. Se o negócio da casa sair mesmo, quero ver se levo as malas para lá. Em todo caso, é melhor escrever para o escritório do César:

Edifício Brasília

311 Av. Rio Branco, 4º andar sala 420

Rio de Janeiro – Brasil

Rio, 2 de outubro de 1947

Querida Clarice,

Há tanto tempo que não conversamos. Sua última carta foi em agosto. Tão longe. No meio desse tempo, chegou um postal da Espanha e fiquei contente em saber v. contente – fiquei louca pra ver v. de brincos à espanhola. Bem diferente do tom da carta que me deixou triste, e mais triste ainda, por não poder dizer a v.: faça como eu... Poderia dizer à “moça loira da cama de ouro” uma porção de coisas, explicando o porquê e como rebater esse estado de desânimo, mas à Clarice, só posso dizer que deve lutar – sei que é preciso grande esforço; lutar sem mesmo procurar saber qual o caminho que vai aparecer na curva: O essencial é não se deixar cair na apatia. Meu bem, Bluma caiu, faz tanto tempo e essa coisa que aconteceu na Europa, que num momento sentiu que renascia, tornou a morrer aqui. Confesso que me sinto tão lá no fundo e tenho a impressão que tudo em volta é como que feito de areia movediça. Vou pisando, mas não sinto força de chegar lá em cima. Você me pergunta se tenho encontrado gente, visto coisa. Nada, minha senhora, nem lido tenho. Até hoje, só um livro abri de todos que trouxe. Leio jornais e isto não entusiasma ninguém. Não vejo ninguém e coisas não há por aqui. Para coroar tudo isso, há minha mãe que desde que cheguei, já teve dois ataques e ver a que pode ser transformada uma pessoa, como o caso dela, também não alegra. Bom, vamos deixar essas conversas. Desculpe, sim? Mas é que escrevendo, falo mais que falando.

Ontem de noite lembrei-me mais de você que de costume. Estava lendo, sozinha em casa (Sam foi ver o Vale do Rio Doce) e lá fora o vento gritava, tanto que parecia que pedia socorro. Não eram uivos, eram gemidos. Depois, Eneida veio me buscar para ir ao cinema (eu não estava absolutamente com vontade de sair – tinha passado o dia inteiro metida dentro de casa, mas sabe como é). Fomos ver *Ivy* – não sei se v. já viu –, e as primeiras cenas são uma visita da Joan Fontaine a uma cartomante. Lembrei-me das nossas visitas... Vamos ver se faço um pequeno noticiário (telegráfico) dos acontecimentos aqui: De todas as partes do Brasil, desce e sobe gente para Urucaína, uma cidadezinha que nunca ninguém ouviu falar e que hoje é o lugar mais falado nesta nossa terra. É que o Padre Antonio que vive nesse lugar tem conseguido milagres. Paralíticos andam, cegos enxergam, loucos voltam à loucura chamada estado normal, enfim todos os doentes se curam. A Leopoldina não tem lugar nos trens até o próximo dia 10. Há lotações, automóveis, caronas roubalheiras, tudo, para receber a bênção do Padre Antonio. Houve uma senhora que ouvindo a bênção pelo rádio, ficou boa. Os

jornais noticiaram que D. Santinha também irá ver o Padre Antonio. Os intelectuais preparam-se para o Congresso de Escritores que se realizará na primeira quinzena deste mês em B. Horizonte (estou pretendendo ir assistir). O Álvaro Lins renunciou – foi eleito delegado pelo Distrito Federal mas não quer ir como delegado, diz na carta que irá como convidado da ABDE de B. Horizonte, assistir e não tomar parte – não gosta do Guilherme Figueiredo que é o presidente. Diz que trabalhará na ABDE assim que for eleita uma nova diretoria. Zé Lins acaba de lançar EURÍDICE – foi posto à venda ontem, se não me engano. V. me pediu para informar qual a melhor revista literária. Perguntei a várias pessoas mais informadas que eu, que há tanto tempo andava fora e a resposta foi a que eu imaginava: não há revistas literárias fora *Literatura*, que você conheceu. O resto, são suplementos. Falar nisso, por que você não traduz uns contos, já que não está em *mood* para escrever v. mesma. Muita gente boa está fazendo isso (Carlos Drummond por exemplo está traduzindo e publicando contos nos suplementos e está traduzindo livros também). Sobre as fotografias, bem que eu não queria mandar dizer nada – não consigo ver o Ruy Santos e isso quer dizer que não consigo botar as mãos nas fotografias. Uma das vereadoras (Lia Correa Dutra é vereadora agora, tomou posse um dia destes), uma senhora que se chama Ligia Lessa Bastos (talvez v. conheça, eu, não) está se batendo no Conselho, pela criação de uma “Casa para a Mãe Solteira” e então apareceram estatísticas. Vou reproduzir para v. tomar conhecimento. A gente sabe que existe muito no Brasil, país católico, que não admite divórcio e outras coisas, sem falar nos preconceitos, mas as cifras falam mais alto:

UNIDADES FEDERATIVAS	MULHERES CASADAS
-------------------------	---------------------

Acre

10.874

Pará

104.730

Piauí

120.971

R. G. do Norte	118.345
Paraíba	211.328
Pernambuco	377.715
Alagoas	137.355
Sergipe	73.005
Bahia	491.657
Distrito Federal	280.384
Paraná	204.565
Santa Catarina	184.206
Mato Grosso	50.084

A isso, poderíamos juntar uma estatística da mortalidade infantil, as causas não se podem discutir senão tacham de comunista. Os mantimentos escasseiam cada vez mais, na proporção do aumento de preços e não sei por que (quer dizer), aumentamos a importação dos E.U. Chegaram 27 mil toneladas de bananas – sim senhora, pode não acreditar mas é a triste realidade, até bananas dos E.U. A banha também virá de lá – não se esqueça de que o Brasil é um dos países mais ricos em gorduras e graxas (exportávamos uma boa quantidade). E por aí vai. Já mandei contar que compramos um apartamento? Pois é. Acho o seu muito mais simpático. Não é o que desejaria se construísse mas, tomando em consideração que não havia maneira de poder morar, ficamos com esse mesmo que é de propriedade de um amigo nosso que nos facilitou etc.

Continuamos com 2/3 da casa vazia e por arrumar, mas não há de ser nada. Você e Maury podem vir que arranharemos.

Embora o sol ainda não tenha comparecido (ele deve estar muito zangado comigo pra fazer uma coisa dessas) e o inverno carioca continue, será mais fácil dormir, i. e., arrumar-se camas e roupas, que na Suíça por exemplo (felizmente para nós), podemos assim convidar vocês e não ficar muito por baixo. Daqui da janela do que será um dia(?) o escritório vejo uma parte do morro com suas miseráveis casas trepadinhas. Tem duas brancas, 1 verde, 2 azuis e 1 amarela. As outras não têm cor. Está tudo tão calmo. Não tenho telefone, de maneiras que, quando fico assim, tenho a impressão que estou fora do Rio. Arranjei uma empregadinha que não posso saber se sabe ou não fazer o trabalho doméstico, pois a casa como está, não é possível, mas é muito bonitinha, chama-se Juracy. Aqui tem, Clarice, uma conversa bem comprida. Responda logo. A única coisa que realmente me dá prazer é receber cartas suas e de alguns outros amigos. São poucas, não demore, sim? Lembranças à sua Ministra, à Rosa também e ao tal amigo de Maury que esteve em Valparaíso (não posso me lembrar da nossa passagem por lá sem rir), Sam não está mas sei que mandaria abraços para você e Maury. Eu também. Saudades.

Bluma

Nosso novo endereço:
1099 Av. Copacabana, apto 902
Rio de Janeiro

Rio, 21/10/47

Querida Clarice,

É tão bom receber carta de você e essa sua última deixou-me encantada (no sentido francês). Encantada com sua alegria, com seu descobrimento de novas portas, sua curiosidade de atravessá-las. Isso é vida meu bem, e vida é tudo que se necessita. Faz bem. Que pena não ter recebido sua carta da Espanha. Quanto ao que v. diz que eu esteja “fechando meu coração, indo contra mim mesmo... esse dom de achar coisinhas e maravilhas... pulinhos de dançarina e ver coisas antes de dormir” – é triste, bem o sei, mas é a realidade e não sei explicá-lo a mim, quanto mais a você. Acontece apenas que não vejo novas portas, nenhuma porta, nem de entrada nem de saída. Tudo opaco, mesmo sem curiosidade de olhar. Às vezes tenho a impressão que sou uma Zumbi que anda por aí e aquela Bluma que existia, desapareceu. Mas não vamos falar nisso mais. É um assunto sem solução e sem fim de discussão. Encheria milhares de folhas de papel e no fim, estaríamos como no princípio. Gostei muito da Dolores – bem que gostaria de ter ido com v. Será que ela diria novamente a mesma coisa para nós duas? Estas senhoras às vezes não têm imaginação. Não li ainda o livro de Zé Lins que disse vai mandar um exemplar “que não comprasse”, por isto não posso dizer nada pessoal. Sei apenas que é um livro inteiramente diferente do seu gênero. Deixou Pernambuco e entrou em romance psicológico. Há quem ache muito bom e outros que preferem os seus antigos livros. Sam está no momento em Quitandinha onde se realiza um Congresso de Produção e Comércio. Ainda há poucos instantes recebi uma carta de Ceschiatti que me fez rir sozinha. Bendito seja ele por isso. Ele é bem engraçado. Imagine que no meio de várias considerações as mais variadas, ele diz o seguinte: “Gostei muito da morte de D. Santinha.” Foi de tal imprevisto que não pude deixar de soltar uma enorme gargalhada. O rádio repete e torna a repetir que o Brasil rompeu relações com a Rússia. Xingam a mais não poder esse país e seus habitantes. Hoje durante a tarde, invadiram a oficina de *Tribuna Popular*, quebraram tudo, jogaram as roupas dos operários na rua e naturalmente a polícia não interveio. O Brasil melhora sempre. Fui assistir ao II Congresso de Escritores em Belo Horizonte. Que pena v. não ter ido. Não pelo que representou o Congresso que foi frouxo, mas para estar no meio de toda essa gente antiga e nova que veio de todos os pontos do Brasil. Como disse, o Congresso em si não teve grande importância – não houve uma só tese de grande valor. Houve apenas um dia de agitação – um grupo da Comissão Política entre os quais estavam Rodrigo de

Mello Fraco (*sic*), Carlos Drummond de Andrade e outros, pediram demissão por causa de uma moção apresentada diretamente à mesa e lida e aprovada por aclamação pelo plenário (quem apresentou foi Aires da Mata Machado – mineiro). Eles acharam que, sendo a moção de fundo político – falava em fechamento de partido, cassação de mandatos etc., deveria a mesa ter enviado à Comissão e não ler diretamente em plenário. Não estavam com a razão, uma vez que outras moções, como as de solidariedade aos espanhóis, portugueses e argentinos, foram lidas e aprovadas em plenário. Embora o autor da moção seja católico apostólico romano, nada tendo a ver com os comunistas, houve esse barulhinho. Saíram, foram buscá-lo, o autor retirou a moção e foi redigido o documento final do Congresso – Declaração de Princípios. Vou arranjar e mandar para você. Mandarei em separado, também, uma revista que a gente moça de Minas fez. Só saiu esse número e não sabem se sairão outros. Fora o trabalho do Congresso, gostei porque fiquei conhecendo gente como Antonio Candido de S. Paulo, revi gente como Paulo Mendes de Almeida e fiquei, com um grande carinho pelo Ivan Pedro Martins vendo como é amigo e carinhoso com sua mulher que está muito “doente (tuberculosa), internada num sanatório. Fui visitá-la e vim cheia de carinho pelo Ivan com o que vi dele. Imagine que ele está morando com ela no sanatório e é só carinho com ela. Talvez não seja nada de mais, sei lá, mas não sei também se muita gente o faria. Passei 10 dias no meio de toda essa gente, ouvindo e rindo das histórias do Barão e Álvaro Moreyra, e fiquei contente também por ver que toda essa gente se lembrava de mim com carinho. Foi um sonho bom. Agora voltei e encontro tudo como é na realidade. O Congresso foi como se estivesse vendo coisas antes de dormir. Agora acordei. Minha mãe continua doente, eu parece que também não estou muito bem, rompimento de relações que ninguém sabe quais serão as consequências. A vida que é difícilima, minha vida pessoal que não tenho nenhum plano nem entusiasmo para traçar. Nem o tempo ajuda. Está tudo cinzento, úmido, triste. Há uma tristeza no ar que vai tomando conta da gente. Não há primavera, nem outono, nem verão nem inverno. Há tristeza transformada em tempo. A rigor, deveríamos estar na primavera. Mas a primavera parece que sofreu muito e chegou sem se lembrar de se vestir, de acender a luz, esqueceu tudo. Veio sem nem o saber que chegou.

Recebi carta de Célia que esteve muito doente – todo mundo foi muito gentil com ela, menos Isadora – é sempre assim. Dizia que deveria embarcar para N. York no dia 11 – já deve ter ido. Scliar está cheio de exposições e concertos. Transbordando de vida – nem vou escrever pra ele hoje. Ele ficaria impressionadíssimo e não compreenderia nada. Só me atrevo a escrever para você estando assim. Desculpe. Lembranças a Rosa. Abraços para Maury. Sam está escrevendo sobre economia, por enquanto vai indo. Ele não está mas sei que abraçaria vocês dois, com carinho. Um beijo triste de saudade, de

Conheci Paulo Mendes Campos, de quem gostei também.

Rio, 27/11/47

Querida Clarice,

Há tanto tempo que não uso minha maquininha, que ela desacostumou – não sabe mais escrever. Está pegando tudo, as letras, como que ansiosas por saírem, depois de tanto tempo presas dentro da caixa, querem sair todas ao mesmo tempo. Não repare, pois. Elas estão com a razão. Acho que Rosa teria toda razão se ficasse zangada por saber que v. levou tanto tempo sem responder. Durante esse tempo, milhões de coisas aconteceram no mundo e eu, coitadinha, esperando cartas. E a única que estava me devendo, era você, pois os outros estavam esperando por resposta minha. E agora, que escrevi, não recebo resposta – greve no correio em Paris. É sempre assim. Clarice, mamãe morreu dia 26 do mês do passado, e embora fosse uma coisa mais ou menos esperada, sem se saber exatamente quando poderia acontecer, o acontecer me deixou mais parada ainda por dentro. Apareceu uma viagem aos E.U. e isso mexeu um pouquinho comigo, mas até hoje (6 dias) não resolveram nos dar o visto – antecedentes. Não sabemos por isso, se iremos ou não. Deveríamos ter ido no domingo e marcamos passagem para esse próximo domingo. Não estou achando com jeito de sair o tal visto, em todo caso, se sair, mandarei avisar mandando endereço. Enquanto isso, conversemos. Você diz que a neve já chegou e aqui, desde que cheguei (junho) só tivemos, na semana passada, 5 dias de sol. Aproveitei para queimar um pouco e a falta de hábito fez com que esteja agora com o corpo comichando e a pele descascando. Voltou a chuva, o sol continua encoberto e a Guanabara está coberta com fog. Aquele nosso velho sol carioca não há mais. Hoje é 27 de novembro e isso quer dizer que o governo está comemorando os “mortos em 35” e a missa este ano sabe onde é? No Largo da Carioca. Minha casa continua na mesma – metade sem móveis e eu nem me incomodo. Aníbal chegou e Rubem Braga e Mariinha também. Fiquei com pena de vocês (Aníbal e você) não se terem visto aí. Disse-me ele que passou apenas por Zurich um dia. Não preciso dizer do contentamento dele com o que viu em sua viagem. E igualmente não preciso falar em como está sentindo o que vai pelo Brasil. Você me pede para falar no Antonio Candido – já mandei dizer a você que tinha gostado muito dele e que foi uma surpresa encontrar um rapaz de 29 anos. Imaginava-o bem mais velho. Além do que sabe (e sabe com segurança) é cheio de vida, de bom humor, alegre. Uma grande simpatia – você gostará muito dele. Infelizmente não conheço Gilda, mulher dele, pois ela não foi ao Congresso. Sobre o Congresso, propriamente, nem sei o que lhe diga. O funcionamento é como qualquer grande

reunião: De todos os estados vieram representantes sendo que cada grupo (estadual) tinha o seu “chefe”. Formaram várias comissões que se encarregavam de estudar e opinar sobre as várias teses apresentadas. Os relatórios eram lidos e discutidos em plenário. Algumas propostas eram feitas diretamente à mesa, que nesse II Cong. foi presidida por Paulo Mendes de Almeida (v. conhece? gostaria também dele). Conheci vários jovens escritores e poetas, muitos dos quais nem me lembro o nome e revi quase todo mundo que há anos não via. Mesmo gente daqui, como Zé Lins, Álvaro Moreyra, Gastão Cruis, Carlos Drummond etc. Ahn, não posso deixar de falar na irmã de Aníbal, Lúcia Machado de Almeida, que escreve literatura infantil – v. conhece? É uma simpatia e embora não conheça os seus livros infantis, os que conhecem fazem grandes elogios. Vou contar um segredo pra v.: um dia durante o Congresso, comprei um caderno qualquer para pedir autógrafos a você, mas na hora fiquei sem jeito de pedir que escrevessem alguma coisa, por isso, ficaram apenas os autógrafos, não sei se você acha bom ou não. Não tem realmente nenhum interesse as assinaturas sem nada, mas eu sou mesmo uma boba, desculpe. Se eu for a S. Paulo, vou ver se faço isso num grupo restrito, tá bem? V. desculpe também essa minha lenga-lenga sem graça, sobre o Congresso, mas é que já foi há tanto tempo – não propriamente no espaço limitado do calendário – e depois disso aconteceu tanta coisa comigo, que perdi o elá. Mas no próximo Congresso, você virá... Recebi um cartão do Ceschiatti contando que no dia 20 iria para Paris – já deve estar, se é que conseguiu que o trem andasse. Tudo está em greve por lá. Sam vai indo, trabalhando, chateado agora mais que antes, com essa história do visto. Se sua casa fosse mais perto, como Berna-Paris, bem que eu iria passar uns dias com vocês, sem contrato de banhos, leite e outras. A única cláusula era: Maury não dormir no “pneumático”. Que história de “sintominhas desconhecidos”? Será um baby? Até que seria bom. Sei que é aborrecido falarem pra gente nesse assunto, mas deixe que lhe diga: me arrependo hoje de não ter tido antes, i. e., logo que casei. Se a gente quer ter filhos, deve tê-los logo. *I’m sorry* – não falemos mais nisso. Só queria ter um olho tão comprido, tão comprido que pudesse ver você toda vestidinha, de chapéu. E Vreni danada. Coitada, uma jovem que não tem humor nem para conversar aquela nossa conversinha que tivemos na casa dela, não adianta. É isso, d. Clarice, nem aquele idiota que mora em cima de um vulcão, não aparece por aqui. É só Dutras, Pereiras Liras, State Department e semelhantes. Mas continuamos vivos, pelo menos na aparência. Não se aborreça com essa carta tão vazia, ruim. É o estado atual das coisas no Brasil e meu também. Preciso sair desse torpor senão cairei na esquizofrenia ou outra coisa nesse gênero. Até então, não demore em conversar comigo, sim? Lembranças a Rosa. Samuel manda abraços e saudades para v., Maury, eu também.

P.S. – escrevendo para um dos rapazes (Geraldo Duchene) que dirige uma revista literária em S. Paulo – *Paralelo*, lembrei a ele que escrevesse para você, pedindo colaboração. Não o trate mal. É uma revista bem-feita, dirigida só por gente moça. Nomes novos, nada de medalhões. V. poderia ajudá-los. *Merci*. Um beijo.

Berna, 6 janeiro 1948

Minha florzinha,

recebi sua carta desse estranho Bucky, datada de 30 de dezembro. Como fiquei contente, minha irmãzinha, com certas frases suas. Não diga porém: descobri que ainda há muita coisa viva em mim. Mas não, minha querida! Você está toda viva! Somente você tem levado uma vida irracional, uma vida que não parece com você. Tania, não pense que a pessoa tem tanta força assim a ponto de levar qualquer espécie de vida e continuar a mesma. Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso – nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro. Nem sei como lhe explicar, querida irmã, minha alma. Mas o que eu queria dizer é que a gente é muito preciosa, e que é somente até certo ponto que a gente pode desistir de si própria e se dar aos outros e às circunstâncias. Depois que uma pessoa perder o respeito de si mesma e o respeito de suas próprias necessidades – depois disso fica-se um pouco um trapo. Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar, e contar experiências minhas e de outros. Você veria que há certos momentos em que o primeiro dever a realizar é em relação a si mesmo. Eu mesma não queria contar a você como estou agora, porque achei inútil. Pretendia apenas lhe contar o meu novo caráter, ou falta de caráter, um mês antes de irmos para o Brasil, para você estar prevenida. Mas espero de tal forma que no navio ou avião que nos levar de volta eu me transforme instantaneamente na antiga que eu era, que talvez nem fosse necessário contar. Querida, quase quatro anos me transformaram muito. Do momento em que me resignei, perdi toda a vivacidade e todo interesse pelas coisas. Você já viu como um touro castrado se transforma num boi? assim fiquei eu..., em que pese a dura comparação... Para me adaptar (*sic*) ao que era inadaptável (*sic*), para vencer minhas repulsas e meus sonhos, tive que cortar meus aguilhões – cortei em mim a força que poderia fazer mal aos outros e a mim. E com isso cortei também minha força. Espero que você nunca me veja assim resignada, porque é quase repugnante. Espero que no navio que nos leve de volta, só a ideia de ver você e de retomar um pouco minha vida – que não era maravilhosa mas era uma vida – eu me transforme inteiramente. Mariazinha, mulher do Milton, um dia desses encheu-se de coragem, como ela disse, e me perguntou: você era muito diferente, não era? Ela disse que me achava ardente e vibrante, e que quando me encontrou agora se disse: ou esta calma excessiva é uma atitude ou então ela mudou tanto que parece quase irreconhecível. Uma outra pessoa disse que eu me movo com uma lassidão de mulher de cinquenta anos. Tudo isso você não vai ver

nem sentir, queira Deus. Não haveria nem necessidade de lhe dizer, então... Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Minha irmãzinha, ouça meu conselho, ouça meu pedido: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagina que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único meio de viver. Eu tenho tanto medo de que aconteça com você o que aconteceu comigo, pois nós somos parecidas. Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia – será punida e irá para um inferno qualquer. Se é que uma vida morna não será punida por essa mesma mornidão. Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige. Parece uma moral amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma. Espero em Deus que você acredite em mim. Gostaria mesmo que você me visse e assistisse a minha vida sem eu saber – pois somente saber de sua presença me transformaria e me daria vida e alegria. Isso seria uma lição para você. Ver o que pode suceder quando se pactuou com a comodidade de alma. Tenha coragem de se transformar, minha querida, de fazer o que você deseja – seja sair nos week-end, seja o que for. Me escreva sem a preocupação de falar coisas neutras – porque como poderíamos fazer bem uma a outra sem esse mínimo de sinceridade?

Que o ano novo lhe traga todas as felicidades, minha querida. Receba um abraço de muita saudade, de enorme saudade de sua irmã

Clarice

Rio, 3/3/48

Querida Clarice,

Há quanto tempo não sei de você. Que é que há? Você ou Maury esteve doente? Mande uma linha, só pra dizer que estão bem. Essa falta de notícia, considero-a quase como que uma exploração de sentimentos, fazer aumentar a saudade. Aqui, vamos vivendo neste mundo que não sei mais de quem é, onde a vida piora diariamente. Minha apatia continua e agora que Sam está fora (foi para a Palestina) estou mais do que só. Notícia, notícia, é só essa mesmo, da Palestina. O resto, os jornais andam cheios de notícias sobre mulheres que matam seus maridos, maridos que matam suas mulheres e respectivos amantes e outros, menos espalhafatosos, que se matam simplesmente. Roubos. Atropelamentos. Carros que capotam. Mantimentos que faltam. Greves. Gente que é presa e espancada diariamente. PSD. UDN e outros. Havia sol, mas esse também fugiu e veio o vento que alucinado quer carregar tudo. Desabam os barracões matando gente. Enfurece o mar que esbraveja fazendo com que os peixes procurem abrigo nas redes dos pescadores que cobrem a praia de Copacabana. Os suplementos literários têm oferecido alguma coisa boa. Semanalmente, há 3 crônicas boas, certas: Raquel de Queiroz no *Diário de Notícias* e Fernando Sabino no *O Jornal e Diário Carioca*. Como está escrevendo bem o mocinho! Tem escrito crônicas sobre a vida norte-americana, verdadeiras obras-primas de conteúdo e forma. Não sei se tem aparecido qualquer coisa de novo. A atmosfera é tal, que nada repercute. Sei que o Carlos Drummond (junto mais um m) publicou *Poesia até agora* – coletânea de seus poemas, conforme o título diz. Recebi carta de Ceschiatti avisando que está para voltar, que já tem apartamento em Ipanema mas que virá aqui para casa. Isadora escreveu-me uma longuíssima carta e sabe de uma coisa? Muito bem escrita e com muito espírito. Vai deixar a Unesco e seguirá com os pais para o Cairo. Notícias sobre pessoas aqui, não tenho – não vejo ninguém. Encontrei o Schmidt que me disse ir para a Europa em março ou abril, não me lembro bem. Pascoal Carlos Magno tem feito um grande trabalho com o Teatro do Estudante que conseguiu realizar *Hamlet* e mantê-lo no cartaz durante 6 semanas. E anuncia que voltará na próxima semana, a pedido. Agora estreia *A Castro* – peça portuguesa, que não conheço nem fui ver ainda. Dulcina anuncia para breve *L'aigle a deux tête* – que tal o Odilon fazendo o papel de Jean Marrais? (nome dele não é assim que escreve, mas não faz mal). Teatro há mesmo o do Estudante, Procópio e Dulcina que ainda não está funcionando, o resto, são filmes horríveis e só. Não há nada para se ver nem ouvir. Nem

mesmo gente. Desculpe esse mau humor, mas é um tanto verdade – muita, para mim, talvez pra outros menos. Escreva, sim, bichinha? Uma conversinha assim, pequenininha.

Abrace Maury, lembre-me a Rosa. Saudades muitas e um beijo, para você.

Bluma

Seu aniversário já foi? Esqueci o dia, mas o meu desejo que os seus desejos se realizem, não tem data – é permanente. Outro beijo.

Rio, 7/3/48

Clarice querida,

Há poucos dias escrevi para você uma carta triste, triste para mim que estava há milhões de anos sem notícias suas. Agora, neste instantinho acabei de ler sua carta do dia 27 ou 28 está um em cima do outro. Fiquei tão contente, tão contente com a notícia do baby que não pude deixar de vir correndo para a máquina – que horror a gente ter que expressar sua alegria por intermédio de uma máquina. Gostaria de poder escrever para você o contentamento que tive, em pétalas de rosas ou coisas assim, poéticas e fora do nosso tempo (hélas). Uma porção de carinhos e beijos para você, por conta do baby. Um carinhoso abraço para Maury também. Que bom, bichinha. Gostaria de mandar contar uma porção de coisas boas mas infelizmente, não há. Até o tempo está feio, choroso. Chove, venta, está tudo cinza e isso aqui no Rio não tem o mesmo gosto que o cinza de Paris ou de Londres. Parece mascarado. Não faz parte. Sam está na Palestina, conforme mandei dizer na carta que v. deve ter recebido há dias. Continuo sem notícias dele, nem pessoais nem profissionais, o que me deixa um tanto preocupada, mas não há de ser nada. Esperemos ainda um pouco. A vida carioca é aquela tristeza que tenho mandado dizer. E eu não suporto mais – sufoco. V. diz ter saudades minhas – que bom. As minhas não são contáveis nem pesáveis, são imensas. Mesmo com a onda de frio que você anuncia, iria, só para bater um papo. Não tenho estado com ninguém, como já mandei contar, então aconteceu o seguinte, há dois dias: Um rapaz amigo nosso a quem quero muito bem e com quem não conversava desde minha ida aos E.U. em 44, apareceu aqui em casa e conversamos 5 horas seguidas. Foi um alívio. Fiquei leve e contente. Imagine se me pego com você. Parei, telefonei, falei com Tania. Fiquei de ir jantar com ela na 3ª feira. Agora vou ver os jornais e esperar duas visitas que tenho para almoçar. Uma delas é um sobrinho do Murilo Mendes de quem v. gostaria. Um rapaz moço, 25, poeta, simpático, inteligente, tá, tá, tá, e coisa. Lembranças a Rosa. Outro abraço para Maury. Beijos e um carinhozinho assim, na sua cabeça, Clarice. Seus cabelos vão bem? Dê lembrança.

Bluma

Rio, 26/4/48

Querida Clarice,

Com esta é a quarta vez que lhe escrevo e não mando a carta. Há sempre uma coisa. É alguém que chega e interrompe ou falta envelope. Sim, falta envelope e como não tenho saído, o envelope não aparece. Vamos ver se desta vez a conversa sai. Sua carta foi muito boa e carinhosa – obrigada. Mas não vamos tocar no assunto. Estou neste momento, como um dia cinza, escuro, mas sem tempestade. Não há ventos, nem relâmpagos, nem chuvas.

Você me perguntou por que não pegava o trabalho do *film*. Já estava trabalhando quando lhe escrevi. Continuo. Não me entusiasmo, mas trabalho e penso mesmo em ir para a Ilha, seguir a filmagem. Pelo menos é o que pretendo. Não assinei contrato, por enquanto, porém a gente que está fazendo o *film*, já conta comigo como coisa certa. O texto é de Jorge Amado *Estrela da Manhã*, escrito especialmente para cinema. Acho fraco. Fotografia – Ruy Santos, o tal que fez aquela foto que v. conheceu em Paris. O diretor é um cavalheiro que assina uma crítica de cinema na *A Noite*, com o nome de JONALD e que me deixou má impressão na única vez que o vi. Ele não aperta a mão da gente – sua mão parece uma coisa sem consistência, fria, molhada e que foge quando se pensa em apertá-la. Não conheço nada mais sobre o homem. Nem sua voz, ouvi. Os artistas o único conhecido é Paulo Gracindo da rádio. Contrataram uma jovem linda (Doris Durantí) do cinema italiano e a outra personagem é uma menina que nunca fez cinema. Música: Caymmi. O lugar é muito bonito, dizem: Marambaia. Você conhece? Pois é, mais uma experiência. Pra quê? Voil [...]

Fora disso, há o Sam que almoça em casa ao meio-dia, sai, volta às 9:30 da noite, janta correndo e “retorna” às 2 ou 3 da manhã. É ou não é divertido? Principalmente porque não vejo ninguém, nem posso fazer nenhum programa, uma vez que Sam vem jantar. Daí, não ver nenhum inconveniente em partir para Mangaratiba para filmar. Ao lado disso, há prisões, espancamentos e tudo mais que costuma acontecer nesta bendita terra do Senhor, sempre que a reação se assanha. Estão mesmo estudando, ou melhor, já foi elaborada, ir para o Congresso a fim de ser aprovada uma novíssima lei de segurança. Naturalmente, foi muito melhorada. Por novíssima, todo aquele que for possuidor de qualquer livro subversivo mesmo na quantidade de “Unidade-um” conforme detalha um dos artigos, terá de 2 a 6 anos de prisão. Realmente é uma medida, quando menos, econômica, pois assim, além de nos desfazermos pela 4ª vez, talvez, dos livros que temos

não precisaremos comprar outros, o que já não é pouco. Não acho necessário citar outros artigos. Este basta. Como vê, temos grandes e belas perspectivas para este futuro que se aproxima.

Carlos Lacerda está com seu cartaz alto – levou uma boa surra quando ia entrando na rádio onde lê diariamente uma crônica. A única coisa ruim dessa história foi que foi uma surra-assalto o que mostra que quando se quer, ou se manda, a polícia ou outros, dão surras assim, no meio da rua, sem que ninguém intervenha. O resto, a surra em si, foi merecida. Acontece porém, que quando outras pessoas que não Carlos Lacerda que tem o *Correio da Manhã* a sua disposição levam surras de cassinetes na rua ou em casa, ninguém fala nisso – são comunistas.

Pedrosa chegou – esteve aqui uma vez. Faz planos para voltar no fim do ano. Fernando Sabino também já chegou – não o vi. Tive notícias. Esteve com o Sam e disse-lhe que quer fazer jornalismo. Ahn não sei se expliquei que Sam está dirigindo o *O Jornal* – hélas. Deverá durar uns 3 meses, mas até lá...

Minha casa continua seminua. Sua irmã que ficou de telefonar marcando um dia para vir jantar comigo, até hoje não telefonou. Sam veio encantado com o novo tipo de judeu que está dando na Palestina.

Ceschiatti já apareceu por aí? Se ainda aí está, diga-lhe que não posso escrever pra ele enquanto ele não mandar dizer que parou num lugar.

Há uma lua linda – o mar está uma beleza lá embaixo. Uma mulher quis se suicidar ontem às 2 horas da manhã na praia. Apareceu logo uma porção de gente e não deixaram. Ela chorava e dizia: “Me deixem... Será que não se pode fazer o que se quer?...” Eu não quero me suicidar, não. Eu queria só ir passear na praia, olhar o mar, a lua, as estrelas. Não deixam também. Não se pode andar sozinha na rua, de noite. Que pena, está tão bonito. Não queria nem conversar com ninguém, queria só que viesse alguém pra andar ao meu lado, para que eu pudesse passear. Clarice, lembre-me a Rosa. Abrace Maury. Sam não está mas sei que gostaria de abraçar vocês. Como vai o *menino*? Faça um carinho nele que eu mando. Pra você, uma saudade grande, grande.

Bluma

P.S. – noutro dia, o Rubem passou por mim e veio perguntar por você. Mandou lembranças. Continua amando Mariinha – você a conheceu? É muito bonita.

P.S. 2 – outras notícias nacionais: soldados capixabas invadiram Minas Gerais – anunciam a “guerra fria” entre os dois estados. As mulheres do Espírito Santo já se apresentaram para ocuparem os lugares dos homens.

Ô BRASIL! No meio disso tudo, apareceu um novo fator, que é um personagem no tipo da Rainha Wanda – faz tudo, está em toda parte, ou melhor, passa em todos os lugares e a única coisa que se sabe é a seguinte frase: “BIRIBA ESTEVE AQUI” – a cidade está cheia dessa frase. E todo [...] que é essa maravilha de malandragem já descobriu até o seu telefone: 312137 que com uns toques, faz assim: /31/21/37 que tal?

Se o Ceschiatti ainda estiver aí, comunique-lhe que a Wanda foi destronada...

Hoje já é dia 3 de maio, mas esta irá assim mesmo.

Prezados amigos Clarice e Maury

Nossos parabéns a vocês pelo nascimento de Pedro e votos de felicidade para o garoto – diretamente a ele.

Aproveito a ocasião para lhe comunicar que interessa a um editor daqui a publicação de um de seus romances. Qual prefere v.? Peço mandar-me o que deseje ver em castelhano e as condições comerciais em que permitirá a tradução. Esse editor é um dos melhores daqui e ao tradutor possível, um poeta meu amigo – vou lhes mandar um livro dele que imprimir – ajudarei no que o português dele for deficiente.

Pedindo-lhes um pouco de pressa da tradução, abraça-os o amigo

João Cabral de Melo

Barcelona, 29.9.948

Berna, 5 de novembro de 1948

Tania, minha irmã querida,

Recebi agora de manhã sua carta de 26 de outubro, com bastante atraso (levou 10 dias para chegar). Ontem mesmo escrevi para vocês uma carta pedindo notícias, mas como chegou a sua hoje não a mando mais – escreverei também a Elisa. Vejo também que vocês não receberam ainda as cartas que lhes mandei com retratos de Pedrinho (separadas para Elisa e para você) e que foram aliás registradas. Chegaram? – Não temos a menor notícia da encomenda de porcelana e talheres, nem para você nem para nós. Você não tem nada o que reembolsar, não pagamos nada ainda. Se eu tiver alguma notícia, lhe escreverei. – Encomendei para você a Eliane uma bela toalha de jantar para 12 pessoas, em cor e bordado. Em Roma há as coisas mais lindas no gênero. E Eliane tem grande bom gosto. Mas essa toalha é presente para você, há muito tempo pensei nisso e agora que Eliane e Mozart estão perto de deixar a Itália, não quis perder a chance. Encomendei para mim também e como Eliane vem por Berna em dezembro, escolherei a mais bonita e lhe mandarei. – Estou também contente por você ter experimentado Bellergal. Consultei o médico e ele disse que não fazia mal. – Continue a fazer uma ligeira dieta, querida, vejo que paga a pena.

A carta que recebi hoje de você trata de *A cidade sitiada*. Tania, não posso lhe dizer como agradeço a Deus, se Deus existe, o fato de você ser minha irmã. Você é o prêmio de minha vida. Você é o sol da Terra, o que lhe dá a graça. A existência de você dá um sentido à vida e a justifica. De um modo geral eu não agradeço aos céus a amizade ou o amor. A amizade, eu sempre posso explicar, se quiser, como sendo uma coisa provocada por mim (suponhamos, sem modéstia, pela minha simpatia). O amor, eu posso explicar dizendo que foi provocado pela atração que todo mundo tem. Mas *você* – eu não posso nem quero explicar – eu agradeço. Não é pelo que você diz no livro, propriamente, que estou lhe dizendo essas coisas. É pela sua alminha querida que sinto tão bem no que você diz. Querida, como você é inteligente. (Desculpe.) Deus te abençoe mil vezes – você é para mim o símbolo do que existe de melhor, do que existe de mais humano. Deus te abençoe mil vezes e te faça feliz. Querida, compreenda por favor que não estou lhe agradecendo o fato de você ter lido o livro e de ter gostado de certos pedaços. Não é isso propriamente. Tudo o que você diz sobre o livro está justo, ou então, outras vezes, quase justo. Vou estudar bem a questão e lhe escreverei talvez ainda nesta carta. Vou, por exemplo, reler o capítulo que você acha enxertado (os primeiros desertores) e ver quais

as ligações. É muito provável que haja ligações. Mas eu sou uma chata que parece viver com medo de dizer as coisas claramente. Isso me lembra um personagem de Proust que era tão delicado, mas tão delicado, que para agradecer uma caixa de garrafas de vinho que recebera em presente em vez de agradecer simplesmente – achava mais “fino” falar em garrafas, ou falar de um modo geral em “vizinhos simpáticos” (fora um vizinho que lhe dera o presente) – de modo que o tal vizinho nunca entendeu que estavam agradecendo o vinho... Ah, querida, que saudade de você me deu agora, só à ideia de que você sorriu desta história. – Suponho que a ligação de Perseu com o resto, é que ele não precisava, como Lucrécia, de procurar a realidade – porque ele *era* a realidade, ele fazia parte da verdade. A mulher de preto sentiu que ele era assim, e que era inalcançável por isso, como uma criança. Perseu era o que Lucrécia não conseguiu ser. Basta como justificativa desse capítulo? Ou ainda parece enxertado? – Também o fato de eu chamar S. Geraldo de subúrbio, vou estudar. Você tem razão, mas creio que vai ser talvez difícil de mudar, porque teria que mudar outras coisas também. Mas vou ver ainda. Mas vejo que você entendeu bem o que eu queria pelo fato de você na carta ter falado em “cidadela”. – Quanto ao fato de Efigênia ser invejada como pessoa, apesar de ser rústica etc. – é mesmo pelo fato de ela não tomar parte no progresso de S. Geraldo que ela adquire importância aos olhos dos outros. Os outros sentiam o perigo em S. Geraldo progressista, e já tinham um pouco a nostalgia da “volta” à rusticidade. O pedaço de Efigênia, além do mais, serve como preparação ao que vai se seguir: é um exemplo de uma pessoa que *é* a realidade, em vez de *pensá-la*. *Ser* a realidade é o máximo de espiritualidade, é o único modo de como o espírito pode viver. Perseu, aliás, em outro plano, é também uma criatura que não se perde, como Efigênia. Quanto ao fato de eu dizer: “Depois de guardar os pratos enxutos é que se iniciou a verdadeira história dessa tarde” – estou de acordo que na verdade não houve mudança de plano mental. Mas me refiro ao fim do capítulo, quando ela *vê* realmente a sala de visitas, atingindo por assim dizer um “êxtase” de visão. Sei que você tem razão, mas não encontrei outro modo de aprofundar o plano em que as coisas se passavam (aprofundamento necessário) senão falando em “verdadeira história dessa tarde”. Ainda vou estudar todos os pontos dos quais você fala, querida, e lhe escreverei o mais depressa possível, para você dar o livro a Lúcio – estou curiosa da opinião dele também. Como lhe escrevi na outra carta, Pedrinho vai bem, pesando hoje 5k 170, sorrindo muito; é um amor. Estou às voltas com *nurses*, a minha é uma peste diplomada. Parece que em breve terei uma boa, não sei. Nem sabemos mais se vamos tirar férias. Um beijo para você, minha filhinha pequena, irmã de Pedrinho. Sua sempre

Clarice

Prezada Clarice,

Sua resposta foi “proximamente” desanimadora, mas, no fundo, animadora. Só lamento é não começar com alguma coisa sua. O próprio Manuel Bandeira, de quem estou fazendo os versos de circunstância, me havia escrito: “Se sua impressora começa com Clarice Lispector, que melhor começo pode desejar?” Você há de compreender, portanto – apesar de que, por meu lado, compreendo seu escrúpulo – o que nela, i.é., em sua resposta, ou em seu envelope vazio, [...] de desanimador. Agora, só me resta esperar que sua promessa se cumpra algum dia, e que seus belos romances deixem tempo para essas coisas portáteis que pretendo imprimir.

Junto lhe mando uma prova em papel de avião da portada do meu livro de poemas. Há de haver quem a encontre como aquelas lojas da rua Larga, no Rio – todas as mercadorias penduradas na porta. Entretanto, não posso negar que essas portadas cheias de palavras me agradam pelo seu ar antigo, de livro do século XVII e XVIII. O título geral do livro ia ser “Psicologia da composição”, nome de uma das partes. Mas depois me veio algum impulso antigo de mouro e compus a portada com o anúncio completo de toda minha pobre mercadoria.

Comecei por imprimir meu livro por uma razão simples: meus primeiros contatos com a “impressão” propriamente dita foram desanimadores. Custei a acertar a mão e para que o livro do Manuel, que estava na máquina não fosse prejudicado, coloquei o meu. Você verá, quando o receber, alguns defeitos de impressão. Só agora compreendi a superioridade que numa tipografia os impressores se [...] sobre os tipógrafos e os outros. É, inegavelmente, a mais difícil de todas as tarefas, lograr-se uma boa impressão.

Estou em entendimentos com o Lauro Escorel – e este com o Antonio Candido, de S. Paulo – para fazermos uma revista trimestral, chamada ANTOLOGIA (dístico: PLVS ÉLIRE QUE LIRE, Paul Valéry). Será uma revista minoritária, de 200 exemplares, distribuída a pessoas escolhidas pelos diretores. Não terá programa formulado, não dará nenhuma bola à chamada vida literária, não terá seções, nem de cinema, nem de livros, nem de nada. Qualquer coisa fora do tempo e do espaço – um pouco como nós vivemos. O fim verdadeiro da revista será o de começar a escolher o que presta de todos nós. Qualquer coisa como um balanço de antes do fim do ano, um balanço dos fevereiroiros que nós todos somos. Que acha você? Um momento, pensei em fazer uma revista para os escritores brasileiros de fora do Brasil. Mas um certo aspecto Itamaraty dessa ideia me fez deixá-la em quarentena. Gostaria que V. nos mandasse – se é que o Lauro já não as solicitou – suas sugestões, e – coisa que seria ótima que considerasse a possibilidade de

figurar como um dos diretores (aliás, em vês (*sic*) de diretores, podíamos declarar: ESTA REVISTA É PUBLICADA POR: a)b)c) etc.). O cargo não lhe daria grandes trabalhos nem a distrairia grandemente de seu trabalho. Você compreenderá que numa revista chamada ANTOLOGIA o trabalho de diretor é um trabalho de escolhedor. Diga se quer ser um dos ESCOLHEDORES.

A revista será impressa por mim, aproveitando a minha máquina e as delícias do câmbio. Esperamos ter um número pronto – no mais tardar – “em março”. Já temos alguma colaboração, só faltando o seu *coro de anjos* que me deixou de orelhas em pé. Posso contar com ele, dentro do envelope da resposta?

Esta carta está sendo animadamente, i.é., espontaneamente, plenamente escrita, no Consulado, onde, desde o dia 6, com as férias do prezado, sou Papa. Desculpe-me assim a falta de ordens. Mas não quero deixar de mandá-la hoje, dia de mala, porque seu parecer sobre a revista é da maior importância.

Logo que meu livro termine – falta pouco – mandá-lo-ei a vocês. De certo modo é este o primeiro livro que consigo fazer com alguma honestidade para com minhas ideias sobre poesia. É um livro construídíssimo; não só no sentido comum, i. é, no sentido de que trabalhei muitíssimo nele, como num outro sentido também, mais importante para mim: é um livro que nasceu de fora para dentro, quero dizer: a construção não é nele a modelagem de uma substância que eu antes expeli, i.é., não é um trabalho posterior ao material, como correntemente; mas, pelo contrário, é a própria determinante do material. Quero dizer que primeiro o planejei, abstratamente, procurando depois, nos dicionários, aqui e ali, com que encher tal esboço. O que eu fiz me lembra aquela máquina que há nas ruas do Rio, que serve para fazer algodão de açúcar. Você a olha no começo e só vê uma roda girando, depois, uma tênue nuvem de açúcar se vai concretizando em torno da roda e termina por ser algodão. A imagem me serve para dizer isso: que primeiro a roda, i.é., o trabalho de construção: o material – que é a inspiração, soprado pelo Espírito Santo, o humano etc. – vem depois: é menos importante e apenas existe para que o outro não fique rodando no vazio (prazer individual, mas sem justificação social, imprescindível numa arte até que lida com coisa essencialmente social, como a palavra).

Bom, paro aqui. Me desculpe toda a estirada sem propósito. São efeitos do [...] em que tenho de fazer esta carta. Por isso é que evito o espontâneo e o fluente: porque o meu espontâneo é tão besta que dá vergonha.

Um grande abraço no Maury. Quando penso nos colegas que tenho conhecido aqui e no Rio, e penso no Maury, no Lauro e poucos mais, fico espantado com a desproporção de qualidade. Vocês não podem imaginar o que teria sido para nós, uma semana que passassem em Barcelona.

Mais uma vez, desculpe tão longa conversa e aceite um abraço do amigo e admirador

Barcelona, 8.XII.1948

Prezada Clarice,

desculpe a demora em lhe adiantar notícias da tradução de seu livro. Eu contava mandar logo a resposta definitiva, o sim, sem pensar que, apesar do namoro com os ocidentais, o bicho, internamente, está ainda bem devorador. O seu livro está de quarentena. Sinto-me abafado ao lhe dizer isso, já que a iniciativa foi minha, de pedi-lo a Você. Entretanto, esclareço, que o único que há de desagradável nisso é a demora. A quarentena está sendo feita pelo editor, que não perdeu o interesse nem a esperança. Isto apesar de lhe haver comunicado que V. não aceitaria nenhuma mutilação.

Vocês estiveram muito presentes em Barcelona durante o turismo dos Telles Ribeiro. Creio que proximamente teremos ocasião de conversarmos (quando aí formos para buscar o carro): de conversarmos e de convencê-la a ceder o *Coro de anjos* às rarefeitas edições inconsúteis. Que que há com a “*cidade sitiada*”? E que escreve V. agora? Vou lhe mandar um livro de sonetos do Lêdo Ivo que publiquei e uma Antologia Pernambucana que organizei com os poemas do Joaquim Cardozo. Conhece V. a poesia do Cardozo? Soube que publicaram há pouco, no Rio, suas poesias completas, arrancadas do autor, que nunca publicara livro, e baseadas em textos “fixados e estabelecidos” pelo poeta e por mim, quando estava no Rio (O poeta não tinha cópia de nenhum poema; e assim, meu trabalho foi: pedir aos amigos as versões que possuíam e submetê-las à memória do poeta para que as corrigisse). Pois desses textos, num momento de *añoranza* da luz recifense, escolhi os mais diretamente pernambucanos e organizei-os numa antologia que tenho estado imprimindo. O próprio Cardozo não sabe de nada, nem da estrutura que dei ao livro (um tanto especial) nem do próprio livro. A ver se lhe agradará.

A tipografia continua me absorvendo. Gosto por ela ou fuga do desagradável ato de escrever? Os livros me encantam como objetos e me amedrontam como coisa a escrever. Há uns dois meses comecei como um leão um pequeno livro sobre o pintor *Miró*, hoje arrinconado num lugar qualquer e do qual procuro me esquecer. A ideia de um poema longo, que venho trabalhando há tempos na cabeça, e que se chamaria “Como e por que sou romancista” (título das memórias do José de Alencar), continua no único plano saudável em que se pode colocar, em mim, a literatura: o do desejo, ou do projeto. Mas a tipografia continua em plena atividade. *Psicologia da composição*, *Mafuá do Malungo*, *Acontecimento do soneto*, do Lêdo, brasileiros; *El poeta comemorativo*, *Alma a la luna e Corazon en la tierra*, espanhóis. Creio que V. os tem todos, não?

Paro aqui porque já não tenho tempo. Lembranças a Maury e ao Pedro (já que não podem ser lembranças) peço-lhe que comunique meu desejo de conhecê-lo.

Um abraço de seu amigo e admirador,

João Cabral

Barcelona, 15.2.949

Prezada Clarice,

Estou meio sem jeito para me botar no lugar da menina do bracelete. Na minha carta anterior eu já não lhe tinha confessado, mais ou menos, que o bracelete era de latão?

Essa confissão, de minha parte, significava atingir um ponto que raramente atingi. Minha atitude até aquela carta tinha sido negar o bracelete a quem o pedia – alguém o pediu? Não me lembro – para que essa pessoa não descobrisse o péssimo material de que era feito. Com você, disse de uma vez a verdade; se v. me pergunta por que, não saberei dizer. Não por amar a verdade, nem a sinceridade, nem nada, coisas essas que não me interessam [...] Apenas porque desconfiava, como desconfio, de sua capacidade de conhecer os metais. Lembra-se de um dia em que depois de lhe expor – no Rio, naquele café perto do Cinema Odeon – todo o meu valerianismo delirante, v. me comentou: – “E a adolescência.”?

Você compreende portanto que minha receita não pode ser válida para você. Você viu tão rapidamente o verdadeiro sentido da minha disciplina – ao dizer aquela frase – que é impossível que não tenha passado por ela e a tenha superado. Surpreende o que eu quero dizer?

Isso que v. me diz sobre literatura – ou melhor: contra a literatura – me parece sintomático. Há duas espécies entre as pessoas que escrevem: as que se quebram a cabeça, ou se jogam a cabeça, em cada lance que escrevem e as que quebram a cabeça uma vez na vida, ao descobrir sua maneira. Não posso imaginar, por exemplo, o meu caro Lêdo Ivo lutando entre um poema e outro poema, ou entre um romance e outro romance. Você sim. Agora, eu pergunto (e nessa pergunta, dada a inutilidade do meu latão, pode haver alguma ajuda): seria v. capaz de continuar escrevendo sem risco de perder a cabeça? É alguém capaz de jogar *poker* sem dinheiro? Sem arriscar? Estou certo que não. Agora, eu pergunto ainda: serão de maldizer esses momentos de desespero e pessimismo que nos obrigam a começar cada vez, cada livro ou cada poema? Apesar de desagradáveis – eu os atravesso desprezando-os, pintando de feio o ofício de escrever e a escrita – não terão eles uma utilidade? O toureiro não necessita esses vazios para ter em que quebrar a cabeça, com que começar. Porque o touro se encarrega disso.

Desculpe-me V. que eu tenha, mais uma vez, saído pela tangente. Releio o que escrevi e me envergonho: a insignificância e a superioridade (não é bem superioridade: é antes esse ar de tranquilidade aconselhadora que me irrita nas curas) dessas coisas que eu

disse. Para não deixar sua carta sem uma resposta imediata, mando-a assim mesmo.

Fico esperando o *coro dos anjos*. Você me fala dele tão fabulosamente que minha expectativa aumenta. Embora certo de que v. gostará dele, quando impresso num bom papel.

[.] por viver, numa enorme preguiça. Tenho planejado agora, com alguns amigos catalães, uma revista clandestina catalã brasileira. Não sei bem como será. Mas desde que a polícia fechou a que eles publicavam aqui, quero fazer alguma coisa de propaganda da cultura deles junto aos intelectuais brasileiros. Farei de vocês destinatários obrigatórios da coisa.

Lembranças nossas aos Telles Ribeiro e um abraço fraterno para Maury e v.

João Cabral

Reli mais uma vez sua carta. Vejo que não a respondi: que pena não ter ainda uma palavra escrita do meu *Como e por que sou romancista...*

Não sei como o Lêdo leu a *Cidade sitiada*. Se não me engano de alguma palavra, o que ele escreveu about foi: “Clarice mandou um romance-de-fechar-o-comércio-da-Rua-Gonçalves-Dias-às-cinco-horas-da-tarde.” Não acha v. que por debaixo dessa expressão tão [.] estão uma porção de formidáveis adjetivos?

João

Mademoiselle

Clarice Lispector

Fazenda Vila Rica

Avelar - Estado do Rio



EXPRESSA



Envelope de carta enviada por Maury Gurgel Valente.

6/11/41

Como vai você, meu bem?

Ainda impaciente? Mesmo
depois de um dia de repouso?
Aqui são onze horas. Os
cavalos já desertaram do
nosso quintal. Tempo,
liberdade. Você hoje não
tem hora para entrar em
casa, nem porteiro abelhudo
para se interromper.

Nem é necessário ouvir
o que eu digo. Você
deve estar sonhando ou
então jogando viciosa
à luz de um lampião
de querosene.

Que a sua fazenda é
igual a todos os lugares
de veraneio?

E tem luz elétrica?

Se tem, não é fazenda
de verdade.

Você já está enfiada
nas calças compridas?
Já lê uma porção de
regras a sua carta.

Senti um friisson
quando você contou
a aventura do riacho.

Você já esteve realmen-
te em perigo?

Uma vez eu caí de
um barranco.

Durante a queda, só
fiz pensar nas conse-
quências do tomba-
para o meu nariz.
Quando cheguei ao
chão senti um cheiro
de terra e chorei, para
completar o quadro.
Então, à tarde, fui
levar uma carta para
Você, ~~ao~~ ao Correio
Central. Entrei pela
rua do Ouvidor —
todas as portas fechadas,
nem um gato pinguado.
Fiquei mais triste ainda.
Trabalhei logo como

um meuro. O automa-
tismo burocrático está
me fazendo a mão
pesada. Vou acabar
esta carta assim:
"Tenho a honra de
renovar a Vossa
Excelência os protestos
da minha alta estima
e mais distinta consideração."
Veja que barbaridade.
Eu tenho mesmo pena
de você. Afinal de
contas eu deveria
~~supor~~ apertar o coração
toda essa amoleção e
deixar de envenenar

3

suas férias com laurinhas
 impotentes. Meu consolo
 é que o mau estilo
 fará você não dar
 atenção a tudo isso.
 Semente uma coisa me
 faria bem agora. Seria
 adormecer com a cabeça
 no seu colo, você me
 dizendo bobagezinhas
 gostosas pra eu esquecer
 a realidade do mundo.
 Vai dormir pensando
 nisso.

Até logo, ~~Até~~
 Clarice

Aviso aos leitores
 Reigo de vida — esta carta está cheia de
 má ortografia

2-1-42

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma
chuva enorme me esperando na
estaca, um carro descoberto
pra' mim conduzir à Fagundes,
guiado por um belo negro
e dois cavalos; uma capa
grossíssima, cheirando a cavalos,
pra cobrir a jovem viajante.
E os selavantes. E a sensa-
ção de perigo (quasi nenhuma,
infelizmente) ao atravessar o
riozinho. Por um triz - uma
aventura! Falta justamente
o carro virar e a donzela
cair de cabeça sobre a
terra, os loiros cabelos

misturado à lama.

Que felices estão dizendo?
Qual consolo dispensa a im-
paciência, essa é a verdade.
E preciso sempre desconfiar
quando alguém esse sorridente
é infeliz.

Como vai, benzinho? Como
vão suas mães?

Escreva-me, hein. ~~Eu não~~
quando se trata de apaziguar
o outro, transfere-me sub-
itamente numa ponte longe de
solidão. E eu mesma tenho
de ir pra ponte. Estou sendo

literária? Juro, faço a pos-
sível para mulheres bem
fundo dentro de mim e reti-
rar belas coisas simples.

Ratinho curioso, perdão

em carta de nomeação e in-
segura. Além disso, prometo
correr a máquina, da pró-
xima vez.

Receba um grande abraço,
meu, seu.

Clarice

P. S. — Estou com san-
dade de você?

Fazenda Vila Rica
Avelar - Est. do Rio

Pernambuco, 31 outubro/1916

Alô, Lúcio,

isto é apenas pra perguntar como você
vai.

O que? ah, estou bem, obrigada.

Sim, com frio também, obrigada.

O que? ah, sim, mesmo no outono
já se tem um grau abaixo de zero.

Que eu vou morrer de frio? Ah, sim,
você talvez tenha razão. Que você tem
me escrito muito? sim, recebo sempre
nas cartas; até já lhe digi que não
me envergonho tanto porque você pode se
causar. O que? que você fez isso por
amizade? é claro, foi o que pensei.
Que você me mandou seus livros? realmente,
lá, todos os dias recebo um. Se eu
li seu poema "Miradouro"? sim, li e
gostei muito, muito. O que? desculpe,
não estou mais ouvindo a distinção
é grande, minha "aura" está acabando.
e o esforço desta comunicação é tão
rebeluniano que mal tenho força
de arrancar - Clarice

Carta de Clarice Lispector para Lúcio Cardoso.

Washington, 10 março 1959

Exmo.Sr.
José Simeão Leal
Serviço de Documentação
Ministério da Educação e Cultura
Rua da Imprensa, 16 - 9º andar, sala 902
Rio de Janeiro, D.F. - Brasil

Prezado Simeão,

desisti de lhe escrever há vários anos, sabendo, por experiências repetidas, que, sendo pouco o seu tempo, eu não receberia resposta. O que explica porque enviei mensagens por amigos. Minha última tentativa foi por intermédio de minha amiga e concunhada, Eliane Gurgel Valente.

Acabo, porém, de receber as provas do livro de contos — o que me deu a súbita esperança da possibilidade de um contato direto, com resposta de sua parte. Ou estarei sendo otimista...?

Há quatro anos os originais dos contos estão em suas mãos para serem publicados. (Continuo considerando uma de minhas experiências agradáveis o fato de Você me ter encomendado os contos — e eu, tão difícil de escrever ficção por encomenda, ter vitoriosamente conseguido.) Recebi dois ou três mil cruzeiros em pagamento prévio. Com a demora da publicação, e com a falta de resposta às minhas cartas, considerei-me desobrigada de meu acordo com Você. Restavam os dois ou três mil cruzeiros que me tinham sido pagos — e que eu autorizei a Sra. Eliane Gurgel Valente a restituir, em troca dos originais a que eu me considerava com direito. Sua resposta foi negativa.

Aqui, nesta carta, quero reitefrar minha proposta — desta vez enfim diretamente, animada pelo fato de Você me ter escrito. A proposta continua a mesma: estou pronta a devolver os dois ou três mil cruzeiros, em troca do direito de dispor de meus originais. Estou precisando de dinheiro, e quero vender os contos separadamente, a jornais ou revistas.

Ser publicada por Você é uma honra. Além do mais, Você é um amigo, e pessoa que admiro e respeito. Mil vezes eu teria preferido que você tivesse atendido minhas mensagens durante os quatro anos. Lamento a coincidência de Você só me ter escrito na hora de me mandar as provas. Ter enfim me escrito, me deu, como eu disse, a esperança de um contato direto. Mas é com infinito desagrado que percebo o perigo da coincidência — poderia parecer que, tendo as provas comigo, eu lhe faço a proposta da devolução dos contos. Você e eu, além das pessoas que gentilmente se encarregaram de lhe transmitir minhas mensagens, sabemos que há muito eu queria os originais de volta.

Você me prestará um favor ao me atender. Ao Ministério de Educação obviamente não interessa a publicação dos contos, ou estes não teriam ficado numa gaveta durante quatro anos. E a mim — por motivos claramente financeiros e de certo modo urgentes — me interessa publicação comercial, mesmo sem a honra de ter livro publicado por Você.

Uma coisa me aborrece: se o livro chegou a ponto de provas, isso

(Não devolva
os contos)

significa provavelmente alguma despesa da parte do Serviço de Documentação, despesa que não estou, infelizmente, em situação de indenizar.

Mas, por outro lado, uma coisa me consola. É que também eu tive prejuízos. Durante os quatro anos, recebi, vez por outra, recados mandados por você, garantindo que o livro estava "prestes a sair", e "já em provas". Isso me impediu de vender os contos separadamente a jornais e revistas, pois "em breve" os contos, sendo publicados por Você, não seriam mais inéditos — e eu não podia vender um conto que poderia ao mesmo tempo sair em livro. Recusei propostas nesse sentido, propostas que me interessavam. Só uma vez resolvi — diante da coisa cada vez mais vaga que se tornara a publicação do livro — assumir compromisso. Aceitei uma proposta de "O Estado de São Paulo". Acontece que eles só chegaram a publicar um conto. Pois, em seguida ao recebimento do cheque, recebi daquele jornal uma carta, justamente indignada, dizendo que, se eu dera a eles exclusividade de publicação, não deveria ter dado um conto a um jornal do Rio. Acontece que esse jornal do Rio não me pediu pessoalmente nenhum conto, não avisou que publicaria, nem explicou como tinha conto meu em mãos. O jeito que dei foi escrever uma carta de desculpas ao "Estado de São Paulo" — e perdi o contrato.

Com isso, Simeão, quero lhe dizer que, para paz de minha consciência, tive prejuízos certamente comparáveis ao do Serviço de Documentação em preparar provas. Até um ano atrás, esses prejuízos não me afetavam substancialmente. Mas agora tenho que tentar vender os contos separadamente.

Por favor, leia esta carta com compreensão. A mesma que tive durante quatro anos...

Sua amiga
Clarice Lispector

Clarice Lispector

Clarice Lispector
4421, Ridge Street
Chevy Chase
Washington 15, D.C.
U.S.A.

Carta de Clarice Lispector para José Simeão Leal.

DÉCADA DE 1950



Torquay, 23 outubro 1950,
Segunda-feira

Tania queridinha,

a essa hora você já deve ter recebido carta minha, não? Repito que estamos bem, e que a alimentação é inteiramente suficiente aqui no hotel. Mesmo assim, ainda compro coisas para acrescentar, de modo que tudo vai bem.

Pedrinho está bem, embora mais pálido do que no Rio. Mas está gordinho e comendo bem. Maury trabalha bastante mas não demais e vai bem. Eu também vou bem, sempre preocupada com problema de empregada... Estou ainda esperando “a mulher de minha vida”... Se eu pudesse encontrar uma pessoa que passasse a ser “nossa” para sempre, nem sei o que daria. A babá de Pedrinho não tem experiência nem paciência. É uma moça que deseja se divertir e tem ótima vida no hotel. Com todos os problemas usuais de convivência, vou despedi-la e parece que na semana que vem terei uma de óculos... Pessoas de óculos são de mais confiança? Tem prática e não é tão moça assim – e tem cara de *nurse*. Com ela talvez eu possa ir a Londres ou outros lugares. Aqui tipicamente cidade pequena, tem cheiro de Berna. Sem ser por pouco tempo, seria chatíssimo. Todo o mundo é mais ou menos feio, com chapéus horríveis, modas horríveis nas vitrinas. Em cidade pequena, até os filmes são ordinários, de *far-west* e comédias, de um modo geral. Fiquei radiante de você ter visto *Ladrões de bicicleta*. Não é mesmo um dos maiores filmes que já fizeram? Talvez mesmo o maior. Imagine que entramos no cinema para vê-lo sem nenhuma referência anterior, apenas porque o diretor era bom. Imagine o choque e a surpresa. Julien Green para mim é dos maiores e foi minha paixão por muito tempo (só deixou de ser porque também as paixões literárias vão se apagando, sem se saber por quê). Mas ainda o venero, apesar de seus últimos livros terem decaído muito. – Querida, que disse Paulo Frank? Você, aposto, não tomou as prometidas vitaminas. Cuide de sua saúde, minha filhinha. E procure não levar certos problemas tão a sério. Às vezes, quando olho certas coisas passadas a que dei tanta importância e que não têm mais nenhuma, fico chateada. Cuide-se moralmente também, minha querida. Seja feliz, custe o que custar! Não seja severa consigo mesma. Me dá aflição ver como você puxa por si mesma e vive se castigando em pensamento. Amo você e se me fosse dado pedir alguma coisa e vê-la realizada, eu pediria coisas para você.

Aqui o frio está pouco a pouco apertando. Mas o hotel é bem aquecido. Aos domingos de noite tem cinema. De qualquer modo, apesar de Torquay ser tão chatinho,

gosto da Inglaterra. A falta de sol, certas praias com rochas escuras, a falta de beleza – tudo isso me emociona muito mais do que a beleza da Suíça. Por falar nesta, cada vez mais a detesto. Espero nunca mais estar nela. – Muitas pessoas estão pagando apartamento, dizem que sai + barato. Mas temos medo de cair numa arapuca, com dificuldades de racionamento, de cozinha etc. Mesmo um apartamento seria um pouco triste. Apesar de vida de hotel ser chata, é mais divertida. Maury e eu voltaremos *falando* admiravelmente bem o ping-pong... Quanto a Pedrinho, ele não quer saber de aprender inglês. O mais engraçado é que ele fala as poucas palavras aprendidas como um caboclo falaria inglês. Ele diz: *gude morningue*. Estou louca para ver Miss Peggy pelas costas. Dê um beijo em Marcinha querida e um grande abraço em William. Ele ficou completamente bom? Como vão os negócios? Um beijo para você, querida

Clarice

Rio, 14 de agosto de 1951

Meus caros Eliane e Mozart,

estou para lhes escrever há muito, mas simplesmente não tenho tido um momento de verdadeira calma. Tenho trabalhado muito e estou organizando com uma moça um plano de maior trabalho... que dê mais dinheiro. Enquanto isso, parece que vou ter que mudar de babá, que está muito chata. E terminarei por mudar também de cozinha, que está mais malcriada e seca que nunca. No meio desse enxame de abelhas chatas, não sobra quase nada de tempo. Ficamos contentíssimos ao saber que vocês estão pouco a pouco se arranjando e se estabilizando: estamos certos de que tudo correrá muito bem para vocês todos. Mas queremos mais cartas, queremos acompanhar mais ou menos a vida de vocês aí. – Na rua Duvivier, tudo excepcionalmente calmo. D. Zuza com muita boa vontade, dr. Mozart mudou o aparelho e vendeu duas casas (Maury entende melhor desse assunto e certamente explicará). Murilo e Nini foram a Caxambu e voltaram. Godofredo é que não passou bem: teve uma ulceração na córnea e foi operado. Estivemos lá e ele está fora do perigo de perder uma vista. Vovó Neca estava bem, sem empregadas como sempre. Nós estivemos num cocktail na casa de Bueno do Prado, fomos à casa de Nogueira Porto, à casa de Narbal (estavam lá o Mário, a Maria Helena e Lizette), vamos jantar na casa dos Câmara Canto, jantamos na casa de Fayga, demos um pulo na casa de Yolanda e Gibson, reunimos numa das quartas-feiras o grupo todo de Fernando, Paulo, Rubem Braga, Yolanda e Gibson, Ceschiatti etc. enfim, dá a impressão de grande movimento, tudo misturado com muito trabalho. Fomos ver uma estranha peça de Nelson Rodrigues, fomos ver Jaime Costa em *Morte de um caixeiro-viajante*, ele ótimo, os outros menos. Vimos uma revista no Follies, chamada *Hoje não, meu bem...* Estou tentando fazer carta-documentário, mas falho miseravelmente: a impressão é de lista telefônica. Maria Helena me telefonou hoje estranhando muito que você não lhe escrevesse nem ao menos um cartão; eu disse que você certamente tinha mandado e a coisa se extraviara. É bom você mandar algumas palavras. Que notícias mais? Pedrinho teve uma crise de urticária (já passou) e ficou muito irritado. Num dos momentos de maior raiva, chegou junto de mim e disse todo concentrado: Mamãe, Pedrinho quer fazer muito escândalo, pirraça e choraminga. É um bom programa de desabafo que, infelizmente, não posso cumprir pelo fato de ser adulta. Estou tentando ver se consigo botá-lo no Bennett, que é mais difícil do que vir a ser presidente da República. Terminarei colocando num dos novos colégios de Copacabana. Tania, Elisa, Diva, d.

Noêmia, Yolanda falaram-me que receberam cartões de vocês. Maury tem trabalhado bastante, mas não parece descontente. Milton escreveu de Berna dizendo que Lousada contou que Ena entregou ao Dutra um memorial falando mal de nós todos de Berna... A mulher é doida. O memorial falava também do Ciro e do Lafaiete. Diz o Jorge Carvalho e Silva que a coisa foi despachada para Raul Fernandes que rasgou depois de ler. (Ena é mulher do Higas.) Como é a vida aí, com mais dinheiro? Vocês têm ido a teatros? Como vão Miriam e João e as crianças? Vocês tiveram algum contato com Bluma? Aqui tem feito bastante frio e está bom. Os dias estão lindos, muito claros. O carrinho está andando muito bem, Carlos Jacinto veio uma noite dessas e conversamos até duas horas. No jornal me pediram que fosse ao Sweepstake e se pudesse dissesse o nome de algumas pessoas: fomos e encontramos Gissa e Valle e um bocado de grã-finas enchapeladas e emperequetadas. Tem um conto meu a sair no *Diário Carioca*. – Não há nada mais a escrever. Peço que escrevam muito, digam como vai Marilu, que gênero de vida ela leva, como vai a Mariazinha, se está adaptada. Digam sobre vocês mesmos muitas coisas.

Muita saudade da

Clarice

Rio, 23 de maio de 1953

Clarice:

Felicidades para você, Maury, Pedro e Paulo, com saudações especiais para este, que é o motivo, ou pretexto, da carta.

Nosso *Comício*, v. viu, morreu assim que Tereza Quadros partiu. Sem a influência sutil de sua presença na cidade, o pobre jornalzinho se foi. Não o choremos, que morreu como nasceu, muito vivo, desleixado, alegre, às vezes malcriado, no fundo talvez sério, em todo caso sempre livre. A gente que trabalhava aqui se espalhou, uma parte foi para *Manchete*, que melhorou muito, outra parte foi fazer *Flan*, do Samuel Wainer, que deve sair este mês.

Meio desempregado, enfrentei o verão (o maior de que tenho lembrança, e continua ainda) em meu novo e pequeno apartamento, e me entreguei à praia, ao uísque e aos levianos amores com estranha voracidade. Agora estou um tanto cansado – inclusive do Rio e do apartamento – e crivado de dívidas. Para conjurá-las em parte vou fazer um livro de crônicas (*A borboleta amarela*) do qual tirarei uma edição de luxo a 1 conto o exemplar. O livro está sendo feito e ilustrado pelo Carybé, na Bahia, o[que] quer dizer que sairá mesmo bonito. Pagando uma parte de minhas dívidas, através dessa espécie de tungaça de meus leitores mais burgueses, espero ficar um pouco mais livre, poder viajar. Vamos ver se o dólar baixa, está a 45 cruzeiros hoje! Em último caso viajarei pelo Brasil, o que sempre me agradou.

(...)

Gostei muito do Raul De Vicenzi, que andou por aqui. V. conhece a Vera Nascimento? Tenho muitas saudades dela e gostaria de lhe escrever, mas não sei para que endereço. (...)

Recebi carta do Lauro Escorel. Por favor, diga a ele que farei o possível, mas praticamente nada se pode fazer antes dele chegar. Em todo caso tocarei no assunto com o Paulo Bittencourt. De qualquer modo o meio de imprensa está muito melhor, financeiramente, agora do que quando ele saiu daqui. Abraço para ele e Sarita.

Meu filho fez 15 anos, está forte, teve boas férias e com mania de aviação. Zora vai bem. Graciliano foi enterrado sábado. Morto, era completamente igual a Dante Alighieri.

Diga o que interessa a você aqui – livros, recortes de jornal, revistas, o que for, que mandarei. Para mim é fácil pois tenho uma secretária e um *boy*. Não faça mesmo nenhuma cerimônia, e transmita aos amigos citados acima – e ao prezado Lôlô – este

oferecimento. E me conte a vida de você aí, o que faz, o que pensa. Agora parece que já posso entrar nos States (nova orientação do Departamento) e não deixarei de fazê-lo na primeira chance, que talvez seja uma viagem ao Japão via S. Francisco (inauguração de uma linha aérea Tóquio-Rio, para a qual fui convidado, mas o dia ainda não está marcado). Isto são planos vagos, pois como disse acima estou praticamente preso ao Rio por dívidas. Das quais não me arrependo pois passei uma boa, alegre temporada, que me fez bem.

Mas vejo que estou chateando V. com meus problemas e planos. Dizem que o livro da Cecília Meireles é uma beleza, ainda não li. V. o recebeu? Diga, que mandarei, se V. quiser. Tati vai bem, trabalha muito, parece que tem um discreto amor, o que é menos mal: Suzana operou-se do [...] e eu a “abafei” completamente de emoção mandando-lhe umas orquídeas para a casa de saúde. Ela e Pedro vão bem.

Tudo isso, Clarice, é para lhe dizer de meu afeto, e saudades. Escreva, por favor. Grande abraço para o Maury.

Rubem

Rubem Braga

Rua Prudente de Moraes, 599 apart. 501

Ipanema: RIO – 27-7174.

Rio 10 de setembro de 53

Clarice,

Chegou minha vez de dizer: fiquei tão contente de receber carta sua, Clarice. Eu ando mesmo precisando que você me escreva, como você pode ver por esta carta meio impaciente que vai junto e que não cheguei a lhe mandar, como é de hábito.

Antes de mais nada, *Manchete*: estou meio sem jeito de dizer a eles que você não quer assinar, por suas razões: primeiro, porque, a despeito da elevada estima e distinta consideração que eles têm pela formosa Tereza Quadros, sei que fazem questão de seu nome – e foi nessa base que se conversou; não sei se você sabe que você tem um nome. E segundo, porque acho que você deve assinar o que escrever; como exercício de humildade é muito bom. E depois, você leva a vantagem de estar enviando correspondência do estrangeiro, o que sempre exime muito a pessoa da responsabilidade propriamente literária. No fundo isso pode ser sofisma de quem se vê obrigado a assinar o que não quer e que está querendo ver os outros no fogo também.

De qualquer maneira, se você insiste, posso tentar convencê-los – mas vai haver briga. Fora disso, embora não tenha estado mais com Hélio Fernandes, sei que o acordo está de pé e você pode perfeitamente começar em outubro, reservando setembro para Tania, que ela merece. Quanto ao que fizer, mande mesmo uma amostra para mim – isto é, amostra não, a primeira colaboração, já para publicar, pois amostra só se fosse para me ensinar. Como você sabe, o que quer que você escreva será bom – (e não tome isso como elogio, pois o que é bom para os outros nem sempre é bom para nós). Não leve a sério demais senão a pontualidade; seções como esta sempre acabam se firmando por si mesmas, depois de duas ou três vezes. Só lhe aconselho a fazer, pelo menos nas primeiras, o mais variado possível: vários assuntos de cada vez, para despertar logo o interesse. Mas vamos deixar disso, faça o que quiser, qualquer coisa sua interessa, e quem sou eu, prima, para lhe aconselhar.

Pois aqui está chovendo, Clarice, são uma e meia da tarde e hoje não fui trabalhar. Ontem também não fui – com um tempo assim é bom esquecer as obrigações e ficar em casa sozinho germinando. Outro dia recomencei a ler – li Hemingway, li um livro sobre Einstein e acabei nas confissões de Santo Agostinho. Ah, sim – li um maravilhoso livro sobre o fundo do mar – chama-se *The silent world*, não me lembro o autor, um francês chamado capitão não sei o quê, o livro está emprestado, mas você não deve deixar de procurá-lo por aí.

21 de setembro – Clarice: esta carta ficou paralisada durante dez dias. Saí do fundo do mar e vim afogar-me aqui fora. Não sei por que esta dificuldade em lhe mandar as cartas que escrevo. Talvez porque sinto que elas não dizem o que deveriam dizer. Enfim, hoje mando de qualquer maneira. Escrevi um conto, parece que saiu bom, vou passar a limpo e lhe mandar – com a condição de ser logo devolvido pois é muito a *clef* para ficar sendo lido pelos outros. Não sei se muito cinismo de minha parte, como homem, ou muita dignidade, como escritor – eis apenas o que quero saber de você, por isso vou lhe mandar. No mais, sinto que estou entrando no capital. Comecei a escrever coisas que deveria guardar comigo, pois preciso delas para viver – inclusive para *Manchete*, e isso é grave. Atualmente estou empenhado em vender minha casa, onde nunca mais voltei. Está vazia há já alguns meses, mas não creio que dê um conto. Isto não é cinismo, é falta de imaginação. Helena, segundo soube, vai para os Estados Unidos esta semana. Eu estou pensando vagamente em ir para a Europa no começo do ano que vem – mas muita coisa que penso tem ficado no chinelo –, o que prova que ainda tenho chinelos, e isto é essencial.

Parei um pouco, pensei um pouco no que eu poderia lhe escrever para corresponder à alegria que sua carta me deu – não descobri nada. É essencial que você me escreva, Clarice – preciso reaprender a escrever cartas. Conte mais coisas suas: o que está lendo, o que está escrevendo, fale nas crianças, no Maury, no seu automóvel. Pergunte coisas, indague, peça notícias – não me julgue por esta carta, nem pelo que ela diz, nem pelo que deixa de dizer. Afinal, você me conhece bem, e eu prometo escrever outras melhores.

Um grande abraço para o Maury.

Com muita saudade,

Fernando

Washington, 5 de outubro de 1953, segunda-feira

Fernando,

Não tenho feito muitos amigos (salvo uma enfermeira da maternidade que gostou de mim e depois de quase oito meses de Paulinho nascido vem me visitar na folga – hoje toma chá comigo), e não tenho influenciado nenhuma pessoa. Tomo menos *milk-shake* e levo uma vida diária vazia e agitada. Passo o tempo todo pensando – não raciocinando, não meditando mas pensando, pensando sem parar. E aprendendo, não sei o quê, mas aprendendo. E com a alma mais sossegada (não estou totalmente certa). Sempre quis “jogar alto”, mas parece que estou aprendendo que o jogo alto está numa vida diária pequena, em que uma pessoa se arrisca muito mais profundamente, com ameaças maiores. Com tudo isso, parece que estou perdendo um sentimento de grandeza que não veio nunca de livros nem de influência de pessoas, uma coisa muito minha e que desde pequena deu a tudo, aos meus olhos, uma verdade que não vejo mais com tanta frequência. Disso tudo, restam nervos muito sensíveis e uma predisposição séria para ficar calada. Mas aceito tanto agora. Nem sempre pacificamente, mas a atitude é de aceitar.

Para quem se “sente” calada, estou falando um bocado, não é? Você vê, Fernando, é assim que às vezes a gente escreve carta: pretendendo apresentar o trabalho da *Manchete* e falando de outras coisas que não têm nada a ver com o assunto.

Mande o conto, sim? Quero ver se é cinismo como homem ou dignidade como escritor. Não seja cínico, Fernando, quer? Você pode muito melhor que isso. Me diga se está escrevendo para outro jornal, além da *Manchete*. Diga como estão as crianças. Estão no Rio? Você as vê sempre?

Queria saber se já nasceu o segundo filho de Joan e Paulo. E também não sei até hoje se a Helena e Otto tiveram outro menino ou menina e quando. Os meus dois vão bem. Pedrinho passou grande crise de ciúme do irmão, mas já está aceitando a nova situação de partilha. Paulo (Gurgel Valente) está engatinhando e, de um modo geral, radiante. Maury está tirando um curso de economia na universidade. Larguei de lado o carro, até ganhar novo ânimo: nenhum carro me atrai, é horrível. Quanto às leituras, variadas, provavelmente erradas, a mais certa é a *Imitação de Cristo*, mas é muito difícil imitá-Lo, e isso é menos óbvio do que parece. Millôr Fernandes mandou cartão prometendo visita e em seguida outro des-prometendo, o que foi uma pena mesmo. No semestre de primavera, pretendo tirar um curso de publicidade (é isso mesmo) na universidade.

Fernando, aí vai a primeira semana de *Manchete*. Só vocês podem saber se está certo,

continuarei mandando (até receber resposta) para não haver “solução de continuidade” (por que solução? E por que quer dizer o que quer dizer?). Mandarei todas as terças-feiras – está bem? Na próxima terça já mandarei para Hédio Fernandes, para não lhe dar mais trabalho – mas me diga depressa se o “bilhete americano” está bem assim. Mesmo mandando diretamente para *Manchete*, vou ter muitos motivos “técnicos”, sempre, para receber respostas suas. Vou até perguntar que horas são no Rio, e você me avisa depressa. Fernando, veja se pode arranjar um modo de ficar assinando “C.L.”, sim? Por que não? E me escreva. Estou esperando carta sua. E não é a horrível C.L. que está esperando, é

Clarice

Desculpe, saiu à máquina, mas repito:

Clarice

É possível (não é certo) que Bilhete Americano vá melhorando – aos poucos tomo pé.

Recebo *Manchete* muito irregularmente – seria possível eu tê-la de um modo melhor?

Teresópolis, 14 agosto 1954, sábado

Mafalda querida,

como você vê, estou em Teresópolis... Como você vê, eu só sinto para esbravejar, e quem consegue o que quer é Maury... Mas está muito bom aqui, muito frio e relativamente repousante. – Já escrevi mentalmente tanta carta pra você que tenho a impressão de não ter mais nenhuma notícia a lhe dar. Já estou habituada – mais ou menos – ao Rio, estranhei muito. Em 2 anos as coisas mudaram muito. Fiquei abafada. Se até chegar em Washington, eu ainda estiver estranhando, terei muitas coisinhas a contar. Se já estiver totalmente habituada, vai ser ruim: nem com “[.] na cara” saberei o que lhe dizer... Felizmente encontrei os de casa muito bem. – As crianças não estranharam. Pedrinho e Paulinho têm às vezes brigas, corpo a corpo, de arrepiar os cabelos. No começo Pedrinho vivia perguntando por que vocês também não tinham vindo. Paulinho perdeu o resto de medo que tinha pelo mundo, e agride crianças de 8 anos para cima. Ele está um amor, cada vez mais ocupado e sem-vergonha.

Quanto ao custo de vida, só com bastante dinheiro se pode enfrentar. Já se pode fazer uma comprinha na farmácia ou na quitanda com um conto de réis sem ouvir reclamação por causa do troco. O dinheiro some sem se saber como. Ainda não absorvi o Rio, sou lenta e difícil. Precisaria de mais alguns meses para entender de novo a atmosfera. Mas que é bom, é. É selvagem, é inesperado, e salve-se quem puder.

Como vai o Érico? Tem trabalhado muito? Tem escrito? E Clarissa está fazendo aquele curso no Arena Stage? Luís Fernando recuperou os discos dos Nenê Mascarenhas?...

Meu bem, só não escrevo mais porque sou uma chata, e não por falta de saudade ou por falta de vontade de conversar. Respeite os defeitos de sua amiga.

Dê um abraço grande no Érico e no Luís Fernando. Para você e Clarissa um beijo da
Clarice

Maury manda um grande abraço para vocês. Escreva para o endereço da Marquês de Abrantes.

Washington, 17 março 1956 – Sábado

Minhas queridas,

recebi sua carta, Tania, que me deu tanto prazer. Pelo fato de você ter resolvido “irar férias até 1957” – acho ótimo. Que diabo, a gente tem o direito de deixar o barco correr! As coisas se arranjam, não é preciso empurrar com tanta força. Você tem feito muito por Márcia; faça menos, e verá mesmo que às vezes a gente pensou que o mundo rodava porque estávamos rodando uma manivela. Como estou meio cansada de “fazer força” e de empurrar, entendo bem você. Felizmente as coisas não dependem assim de nós. Estou cansada de me preocupar... Também queria tirar férias de preocupações!

Não é necessário falar com a moça, como já lhes escrevi na última carta e não sei se vocês já a receberam. Recebi resposta dela, tão asseguradora quanto possível. Espero que vocês tenham recebido as lembrancinhas que lhes mandei pela Marú. O vestido serviu para Márcia? Ela gostou? provavelmente terá que fazer modificações. Quem está cozendo para vocês? Comprei para mim três vestidinhos simpáticos porque estava andando demais de saia e blusas e saia e *sweater*. – Recebi o recorte com aquela frase que Antonio Maria ouviu, frase curiosa e inexplicável, e, sinceramente, não tão lisonjeadora... Ninguém gosta de ter o próprio caráter em monumento... Preferia sinceramente ser Ava Gardner sem caráter... Meu caráter anda me enjoando bastante ultimamente.

As crianças estão bem. Paulinho acabou de levar uma queda lá fora no gelo, o que me deu um susto enorme: a boca ficou bem arranhada, espero em Deus que não fique marca. Ele está um amor, engraçadíssimo, disposto, malcriado, comendo só como passarinho, muitas vezes e pouco de cada vez. Um dia desses ele teve uma briga corporal bastante forte com Pedrinho, Maury apartou-os e disse: Vocês não precisam brigar. Ele respondeu com a mão na cintura: *Yes, we have to fight because we are boyses!* Um dia desses Pedrinho disse uma coisa engraçada, e eu dei um abraço nele; quando vi, Paulinho estava atrás de mim puxando meu vestido dizendo meio tímido: Mamãe, eu está aqui! Pedrinho continua com as leituras dele. Ontem de manhã Avany chamou-o para arrumar os brinquedos e ele disse que não queria. Ela disse: Muito engraçado, você brinca com os brinquedos, e eu que arrume, não é? Então ele respondeu muito pausado: *“For men must work and women must weep.”* Me surpreendi muito, não somente porque soou claramente como citação (por causa do tom pausado), como pela forma claramente literária da frase (a tradução é: pois homens têm que trabalhar e mulheres têm que chorar – mas se a frase fosse trivial não seria usado o *for* e sim *because*) – como me surpreendi

pelo fato da frase ser citada com um “a propósito” tão perfeito. Perguntei a ele: quem te disse isso? (pensando que era alguma coisa da Bíblia aprendida talvez na escola). Ele disse muito negligente: eu li na enciclopédia. Eu perguntei: e como é a história? Ele: oh não é história, é *poetry*! Eu disse: você gosta de poesia? Ele negligente: de algumas. Eu: como é que você explica essa frase? Ele meio chateado: *oh mother, that's poetry!* – Infelizmente ele não se lembrava mais em que volume da enciclopédia ele achou a frase, e não sei de que autor é. Ele vive às voltas com animais, disse que eu sou uma mistura de tigre e veado.

Elisa, como vai a sua viagem? Você não tem falado nela. Para quando é? Quanto tempo de estudo você passará aqui? que cidades percorrerá?

Os Verissimos adiaram a viagem para fins de agosto, começo de setembro. O que é bom para nós. É mês de março mas veio neve e um frio horrível. Tomara que o calor venha.

Meu livro está com Érico que parece estar gostando muito.^[16] Ele está fazendo várias anotações e vamos ver se concordo. Tinha uma vontade louca de me ocupar muito, mas não em livro, estou muito cansada. Esse livro teve umas oito cópias, cada uma um pouco diferente da outra. Mas queria me ocupar, cabeça sem emprego só dá chateação.

Queria me ocupar que de noite eu estivesse bem cansada. Vamos ver.

Minhas queridas, me escrevam. Com amor

Clarice

16. O livro é *A maçã no escuro*. 1-ª edição, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

Washington, 7 de setembro de 1956,

Sexta-feira, 10 horas a. m.

Prezados Sr. e Sra. E. Verissimo,

Como é do conhecimento dos senhores, meu marido e eu, não tendo infelizmente religião (por enquanto), criamos nossos filhos na ideia de Deus, mas sem lhes dar rituais definitivos, e à espera de que eles próprios mais tarde se definam.

Tendo terminado com algum esforço frase tão comprida, venho ao assunto principal que é o objetivo emocionado desta carta. Desejo perguntar-lhes se acreditam na possibilidade de padrinhos leigos. Eu acredito. No caso do sr. e da sra. Fal também acreditarem, esta carta os convida, em nome de uma amizade perfeita, a serem padrinho e madrinha de Pedro e Paulo. A condição única é continuarem a gostar deles.

No caso dos senhores não aceitarem, *no hard feelings*. Mas a verdade é que, por três anos, vocês têm sido os padrinhos deles, por tácito, espontâneo e comum acordo. Restaria apenas legalizar uma situação que aos poucos estava se tornando escandalosa.

Se eu disser que a ideia já me havia ocorrido mais de uma vez, os senhores hão de duvidar. Pois acreditem. Quando o senhor E. Verissimo aventou a hipótese, meu coração se rejubilou, e, quando o digo, não estou brincando.

Aí pois fica o nosso convite. A resposta deverá ser dada antes do embarque, pois, em caso de uma afirmativa, quero anunciá-la às crianças.

Na esperança do convite ser aceito, ousou assinar

Comadre Clarice

(sempre tive secreta inveja da comadre Luísa)

Rio, 7 dez. 56

Clarice

Antes de mais nada muito e muito obrigado pelas gentilezas de v. e Maury aí em Washington. Encontro o Brasil em relativa tranquilidade, uma espécie de pausa na agitação política – não se sabe quanto tempo durará. Voltei um pouco demasiado gordo, tenho bebido e fumado muito, estou pensando em me meter numa fazenda por uma semana, talvez vá para a serra da Bocaina. – Fernando me disse que o Ênio da Civilização não decidia nada sobre seu livro. Então como tinha outros assuntos a tratar com o Zé Olympio fui lá e no meio da conversa falei de seu romance. Ele disse imediatamente que edita – programará o livro logo que eu o entregar, mas o livro só sairá realmente em 1958. Ele disse que não é má vontade, e eu sei que não; é que ele está com uma programação realmente enorme. Meu livro de crônicas também levou mais de um ano para aparecer. Aliás ainda não apareceu, mas a culpa agora é minha, que escolhi o Athos Bulcão para fazer a capa, e até agora o Athos não entregou. Você decida se quer topa a oferta do Zé Olympio; eu acho que vale a pena, ele é o único editor que sabe lançar um livro no Brasil. Quanto aos contos entregues ao Simeão, esperarei ele voltar da Índia e falarei com ele. Inclusive penso que seria interessante publicar os contos primeiro em suplementos e revistas, depois editar em livro; é mais normal. Logo que ele chegar eu verei isso. Estou com palpite que ele voltará com o corpo do Santa Rosa (eram muito amigos) e desistirá de viagem maior que os dois mais o Roberto Assunção tinham planejado. V. querendo algum livro daqui (ou qualquer outra coisa) me avise; tenho uma secretária e um boy, essas coisas portanto não me dão trabalho. V. tem alguém que lhe mande habitualmente livros? Se não tiver me diga; mandarei claro que apenas os que me parecerem interessantes. Mas avise mesmo; não me dá trabalho nenhum e me daria um grande prazer.

(...)Vs. gostam de música popular brasileira? Mandar discos pelo Correio é complicado, mas posso pedir à Varig para mandar para a Dora^[17] em New York, ela arranjará um jeito de fazer chegar a vocês. Não tenho plano nenhum de viagem; quero passar esse inverno no verão daqui, lá para março ou abril talvez vá à Europa. Diga ao Maury para me avisar quando houver perspectiva de alguma bolsa ou convite interessante, como o que ele disse que haveria no ano que vem. Ainda não vi meu filho. Está em Cachoeiro. – Em N. Y encontrei o Benedito Valadares, ele me disse que Heleninha, que está na Índia, irá para os E. Unidos e fará um curso em Washington,

não sei de quê. Dê um grande abraço no Vale e mil obrigados pela enorme gentileza deles comigo.

Aqui ainda não começou o calor direito. Muitas saudades, abraços para vs. dois, Paulo e Pedro (Paulo vai primeiro porque nos conhecemos melhor) do

Rubem

Rua Prudente de Moraes 599 apart. 501
Rio

17. Dora Vasconcelos, cônsul do Brasil em Nova York, madrinha de casamento de Clarice. É reconhecido seu papel como divulgadora da cultura brasileira nos Estados Unidos.

Washington, 17 janeiro 1957, quinta-feira

Meus queridos,

há quanto tempo estou para lhes escrever. Mas, acreditem, penso sempre em vocês e com tanta saudade. Por egoísmo também: desde que vocês saíram perdi o estímulo para tudo, nada tem graça para mim.

Eu pensava que tinha reagido brilhantemente, e com surpresa ouvi Zilah me dizer um dia desses: quando Mafalda e Érico partiram você abateu muito. E eu que pensava ter sido formidável...

Mas vamos ao que vos interessa: Clarissa está ótima. Tanto ela como Dave têm um ar tranquilo e feliz. Ela está se revelando uma boa dona de casa. Dave me disse que ela cozinha com muita imaginação. Me lembrei das misturas que você fazia à última hora, Mafalda... Ontem parece que ela fez um bolo, segundo Armando me disse. Achei muita graça um dia desses, telefonei para ela (eles já tinham chegado há alguns dias) e quando perguntei: que é que você tem feito. Ela respondeu: “a mesma coisa de todos os dias: arrumando e cozinhando.” Ela está muito bonita, no navio engordou um pouquinho mas pretende perder os poucos quilinhos. O apartamento, apesar de ainda sem móveis, está muito agradável, com ar de “habitado”. Eles vieram jantar aqui, e ela estava elegantíssima, com a bolsa nova (uma grande e marrom) de Nova York, com os sapatos marrons brasileiros. Mais tarde ela pretende ver se ingressa no Arena Stage. Enfim, fiquem contentes. Pena que ela não mora a uma distância de nos encontrarmos num drugstore para um café. Mas ela vai aprender a guiar futuramente, e espero que me apareça por aqui. Quando ela me disse isso, eu respondi: “é o que quero, mas previna-se um pouco comigo, pois vou ter sem querer a tendência de tomar conta de você”. Ela disse: “Mas é o que eu quero!!”

Novidades daqui não há muitas: Daisy parte agora para Roma, Cavadas para o Brasil, tem três casais novos na Embaixada. Rosa Maria, nem sei dela. No ano-novo o Celso Cavalcanti reuniu um grupo para ir ao “New Orleans”, e secretamente eu soube que Rosa Maria perguntou ao Celso quem ia, e quando ele disse meu nome, ela disse: ali, então não vou! Ele: “mas que é que você tem contra ela?” E ela: “Só o que me faltava era romper o ano-novo com ela!” Fiquei até boba com a fúria que involuntariamente despertei. Isso me dá a esperança de também me acontecer um dia o contrário: despertar amizade com a mesma intensidade, se possível.

– Um dia Paulinho riscou uns tracinhos num pedacinho de papel e disse que queria

pôr no correio. Então parei o carro junto de um mail-box, ele desceu e jogou o papel dentro, tudo muito sério. Sentou no carro e daí a pouco, sem ninguém perguntar nada, disse: “é para South America”. Pausa prolongada. E depois: “Para Mafalda.”

– Um dia desses, num dos novos passeios de domingo, Pedrinho começou a brincar com palavras, a dizer “ar, er, etc.” – de repente disse: *And Eriquinho? I’m beginning to be tired of not seeing Eriquinho and Mafalda!*

Tem feito frio como nem me lembro mais de ter sentido. E muita neve. Comecei com umas dores de estômago, o Brigulio desconfiou de úlcera, tirei radiografia, e felizmente não é, é uma gastrite, estou de dieta por umas seis semanas. Em dezembro operei de novo o abcesso no dente pois, imaginem a loucura, tinha ficado dentro um estilhaço de osso... Tá doido. – Maury parece contente com o trabalho dele e está bem. Eu não tenho trabalhado, senão na tradução de dois artigos mensais da *Américas*, o que ocupa um pouco minha cabeça. Um domingo de noite Armando trouxe a Bernie, que é muito simpática.

Mafalda, cuide dessa sua dor de cabeça, meu bem. Érico, dê notícias do adiantamento do livro. Deem notícias mais detalhadas de Luís Fernando, do que ele tem feito, do que pretende fazer.

Um beijo para vocês três de nós quatro.

A saudade da

Clarice

Sevilha, 6.2.957

Caríssimos Clarice e Maury.

Sua carta – está claro – me deu enorme prazer. Etc. etc. Relendo agora, para escrever a resposta, topo logo com um problema por onde tenho de começar.

Quem foi o errado que foi contra *A veia no pulso*? Acho que v. não deve mudar, absolutamente. Em 1º lugar porque veia no pulso não é, como v. diz, a mesma coisa; em 2º, porque A veia não é absolutamente cacófato. Cacófato é o som ridículo ou feio. “A veia”, no máximo pode parecer ambíguo, o que não é a mesma coisa. Mas a ambiguidade não é motivo para tirar e sim para deixar. E mesmo que ambiguidade é essa? Se o nome do livro fosse *Aveia no pulso*, ainda se poderia criticar sob o ponto de vista de ser ambíguo ou causador de mal-entendido. Mas o nome é “A veia”, isto é, a coisa mesma que há no pulso e portanto não há por que mudar nada. Se na língua falada fôssemos criticar todos os sentidos duplos provocado pelo artigo ou pela preposição “a” teríamos de ficar calados. Por outro lado, só um idiota, ouvindo A/VEIA NO PULSO pode entender Aveia no pulso. Falo no [.] E a língua é só para ser ouvida? Essa que deram a v. é o tipo da opinião que não devemos levar a sério, creio que v. não deve dar nenhuma bola e dizer que é aveia no pulso mesmo. Aveia que o personagem leva para que os burros venham comer-lhe na mão. Você sabe o que passou no Recife, há muitos anos, com um velho surdo numa ex-posição de pintura de Cícero Dias?

O velho: Que significa este quadro?

Cícero: Uma partida.

O velho: Uma partida de quê?

Cícero: Uma partida de trem.

O velho: Uma partida de tênis?

Cícero: Isso mesmo. Uma partida de tênis.

Gostaria muito de ler essa novela. Espero que v. me mande um exemplar, ou me avise a publicação para que trate de obtê-lo no Rio.

Agora: V. não tem razão de falar em meu tom de brincadeira a respeito de seus livros. V. sabe perfeitamente que escreve a única prosa de autor brasileiro atual que eu gostaria de escrever. Não digo que V. escreve os únicos romances que eu gostaria de escrever, por dois motivos: a) porque não creio que o romance seja meu meio de expressão etc. etc. (coisas já discutidas com v. há tempo); b) porque sou um sujeito tão envenenado por

“construção”, montagem, arquitetura literária etc. (coisas que também já conversamos), que forçosamente construiria mais o romance (do que V.): não vai nisso uma crítica, mas o reconhecimento de que distintas coisas buscamos realizar. Etc. etc. Creio que nenhum romance brasileiro reli em minha vida além do *Lustre* e dos de Zé Lins (este último bastante também por pernambucanismo etc.). Ainda aqui, há pouco tempo, voltei a ler pedaços enormes dele. E não releio os outros porque: nunca “possuí a sorte de haver o primeiro”, como escreveria o celebrado autor de *Sagarana*, e o terceiro porque dei o meu exemplar para aquela tradução que Beata começou a fazer.

E continuando com sua literatura: que fim levaram os contos que v. ia entregar ao Simeão Leal? Seriam ou não? Há ou não esperanças? Por que v. não o oferece ao José Olympio? Se v. quiser posso escrever a este (ou ao Simeão, também, para apressar a coisa).

Gostei que Vs. tivessem gostado do Aluísio. É um ótimo sujeito. Estamos aqui à espera dele. Ele havia dito que de USA viria à Europa e, da Europa, aqui ao continente ibérico. Mas ando sem notícias dele e às vezes penso que talvez até já esteja de volta para o Carnaval do Recife.

Agora uma pergunta: Vocês receberam um exemplar de “2 águas” que mandei do Rio, nas vésperas de minha partida para cá? Meus últimos dias de Rio foram tão atarefados (embarquei 1 semana depois de assinado o decreto) que nem sei o que fiz ou deixei de fazer. Como, apesar do “tom de brincadeira” de Clarice em relação à minha poesia, a opinião de ambos me é precisa, quero saber.

O Hotel que v. descreve não é o Londres mas o Inglaterra. Sua descrição está perfeita. V. só esqueceu um ingrediente: o tempo. Parece um cenário de filme passado em Casablanca, sim, mas no princípio do século. Estive 2 dias no Inglaterra, quando aqui cheguei; mas me mudei correndo para outro mais autenticamente espanhol.

Não tive ainda resposta de Peral [...] Kazni, a escritora americana a quem emprestei seu livro. A culpa é minha, que tenho uma carta dela há tempos para responder. Mas espero ir dentro de poucos dias visitá-la perto de Málaga.

Por que Maury não consegue remoção para Madri? Afinal de contas aqui se vive também. Seria ótimo.

Minha vida em Sevilha tem vantagens. Como vs. sabem (saberão?) o Ministério me mandou para cá fazer investigações no Arquivo das Índias. A posição é boa, me deixa livre, sem chefes, sem caceteações de consulado etc. E sobretudo me deixa em Sevilla. Agora: tem inconvenientes. O trabalho puxa demais pela cabeça, é preciso até estudar história, ler livros, procurar livros etc. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar o trabalho não tem hora. Posso passar dias sem trabalhar mas posso também, como nestas últimas semanas, ficar dias e dias mergulhado entre documentos, gastando-me

intelectualmente, com eles. Meus planos, ao vir para cá, era de escrever o máximo de poesia – quase schmidtianamente. Mas quede cabeça? Tenho coisas começadas e umas poucas concluídas. Mas não estou tendo o tempo que imaginava.

Quanto ao assunto de nossos colegas, é melhor não falar. Afinal são assim porque são colegas, isto é, diplomatas. E afinal não devemos falar muito mal dos colegas... São melancolias da carreira e dessa estúpida vida que temos de levar.

Vs. souberam alguma coisa do romance de Araújo Castro? Ele me escreveu, uma ou duas vezes, falando nele: mas muito pelo alto o Lauro Escorel, com quem me fui encontrar em Madri, ele de passagem para Buenos Aires, me disse que está concluído mas que ninguém o viu nem o leu jamais. Nem a mulher dele. Estou curiosíssimo.

Bom, paro por aqui. Conversar é bom. Mas visto do lado de vocês, conversar por carta com um indivíduo de letra como a minha deve ser tão cansativo quanto conversar com um gago.

Lembranças nossas. Stela pergunta se vs. sabem do nascimento de Isabel, que fez 2 anos a 31 de janeiro. Acho que sabem, não sabem?

Afetuosos abraços do

João

Rio, 4 de março de 57

Clarice

Em vez de estar ajudando você, apressando suas coisas, eu estou atrapalhando. Como dei ao Fernando a ideia de publicar antes seus contos em *O Estado* (o que foi aceito) apanhei, com o Simeão os originais que tinham chegado para a revisão (o livro já está composto) e dei para minha secretária bater à máquina os contos novos. Acontece que ela andou doente ou atrapalhada e só há 3 dias me deu os contos, e só hoje vou me entender com o Fernando para mandar para S. Paulo. Acabo de ler agora os 9 contos que não conhecia; você não imagina como gostei; saio meio crispado da leitura. É engraçado como tendo um jeito tão diferente de sentir as coisas (você pega mil ondas que eu não capto, eu me sinto como rádio vagabundo, de galena, só pegando a estação da esquina e você de radar, televisão, ondas curtas), é engraçado como você me atinge e me enriquece ao mesmo tempo que faz um certo mal, me faz sentir menos sólido e seguro. Leio o que você escreve com verdadeira emoção e não resisto a lhe dizer muito e muito obrigado por causa disso.

Está saindo um livro meu na José Olympio, *A cidade e a roça*, mandarei logo para você e Maury. Estava agora mesmo passando os olhos nele, e as crônicas, tão parecidas com as antigas, me deram a sensação de como sou um homem monótono, passo a vida inteira ruminando duas ou três coisas que houve – ou que não houve. A última crônica é sobre a nossa Bluma.

Tenho estado em uma vagabundagem excessiva, de verão. Resolvi não viajar para parte alguma este ano. Só passo os fins de semana fora – estive na Bahia, em Belo Horizonte, Angra, mas tenho ido mais a Cabo Frio. Tenho bebido muito e tomado muito banho de mar, uma coisa compensa a outra e as duas fazem o tempo voar. Mas estou bem e com um grande plano do trabalho, fazer um “Almanaque Brasileiro de Literatura e Arte” ainda este ano, coisa para ser anual e formar um patrimônio, me dar dinheiro em cada verão. Toda gente acha a ideia excelente (como coisa para dar dinheiro) e me anima, mas ainda não meti os peitos, me deixo ficar cozinhando minhas bebedeiras suavemente no sol da praia. Sei que começando a fazer faço mesmo, mas o trabalho será enorme e ainda não tomei impulso. Meu filho esteve aqui, se apaixonou pela Suzana do Vinícius (ele, 19, ela, 16) mas sem sorte; censurei a Suzaninha – “como é que você faz isso, não dá bola para meu filho!” – ela disse que explicou a ele que está gostando de outro (24 anos) mas acha ele um amor – “e até que deu muita bolinha para ele sim”.

Minha irmã melhorou a coisa arranjando uma namorada muito bonita para ele em Petrópolis. Mas agora ele voltou para Cachoeiro, onde mora e estuda. De qualquer modo está feliz, porque lhe dei uma lambreta. Zora parece que vai bem, de marido novo.

O livro do Fernando está fazendo muito sucesso, tanto de crítica (embora haja algumas hostis) como de venda.(...)

Agora reparo que desandei a contar casos e coisas que com certeza não interessam a você; amanheci falastrão. Aguento tudo isso como sinal de amizade. — Otto vai para Bruxelas com a família (curso de cultura brasileira) por 1 ou 2 anos, almocei ontem com o Paulinho, que está muito bem e agora deu para pescar, o que quase não tenho feito. Tati vai bem, Pedrinho de repente resolve crescer, não vai ficar tão batoque quanto parecia. Quem eu soube que está passando mal é o filho do Frazão, que levou um tiro numa brincadeira com outra criança; nem quero pensar na aflição que ele e a mulher devem estar lá em Santiago, o menino é exatamente tudo na vida deles. E é mesmo um garoto excepcionalmente inteligente, a quem me afeiçoei. Grande abraço para você e Maury do

Rubem

March 27, 1957

Dear Mafalda,

How does your house looks like. I have a picture for your Mafalda.

He is baby Jesus and his mother. MAFALDA

Has Erico got a new book? MAFALDA

E

PAULO

Mafalda, querida, Paulinho ditou palavra por palavra a Ava. Ele não te esquece nunca e nós, também não esquecemos vocês. Só que ele escreve. A filha de vocês está ótima, parece a própria madona anunciada.

Beijos da Clarice. PAULO

March 27, 1958

Dear Mafalda,

How does your house look
like. I have a picture for you Mafalda.



This is baby Jesus and
his mother. MAFALDA.

Has Erico got a new
book? MAFALDA

E

PAULO

Mafalda, querida, Paulinho ditou palavra por palavra a Ana,
ele não te esquece nunca e não Paulinho não esqueceu você, só
que ele esquece a filha de quem gosta o mais, porque a própria mãe não
heute em criança. PAULO

Csdfdx, pppp ppppppppycjçzzzzzzzzxxxxxxxxx uuuuuu

nnnnnnnnnnnnnnnnnnnnnaaaaa

PPPPPP

Washington 30 março 1957, sábado

Mafalda querida,

esta carta de Paulo (Avany, a pedido dele escreveu o seu nome e o dele) foi inteiramente espontânea. Ele próprio bateu “texto” à máquina e veio muito sério me dizer: *“This letter to Mafalda is about pipi and popô, because one day she talked to me by telephone and said to me those bad words. That’s why I’m sending her bad words too.”* (De modo que, onde se lê “csd fdx ppp”, leia-se “pipi e popô”.) No dia seguinte ele quis saber se eu já tinha *“mailed the letter”*. E disse: *“Do you know why I write so many letters to Mafalda? Because she moved from her house, we cannot to her, so and then I write a lot of letters to her, so I won’t be worried about her.”*

No dia seguinte, ainda (ontem), fez um desenho num papel e me pediu para mandar para você, *“so, when she opens the letter, she’ll say: my oh my!”* O desenho não vai porque se reduz a dois ou três riscos, mas considere-se como tendo recebido a carta, e diga alto: *my oh my!*

A carta de Pedrinho para você, Érico, foi também inteiramente espontânea. Uma noite, depois de jantar, ele avisou que não queria ser interrompido pois ia “escrever para Érico”. Não sei se já lhes disse (acho que sim) que Pedrinho, ao responder a um questionário escolar, que incluía a pergunta: “Qual é o nome de um amigo seu que more *out of town?*” ele respondeu imediatamente em letras garrafais. Érico Veríssimo.

Vimos a peça em que Clarissa e Dave trabalham. Clarissa ótima, natural, com talento. Ela também acha que está perdendo tempo com os [.]. Tudo o que ela podia aprender com eles, já aprendeu, e mais, ultrapassou-os. Com o estímulo constante de Dave, ela está pretendendo ingressar no Arena. Mas tem um pouco de timidez em se apresentar, e fica adiando. Clarissa e Dave me parecem *muito ajustados*, e felizes. Aliás, numa leve conversa que tivemos, leve mas franca, isso foi confirmado. Sei que vocês têm saudade, mas pelo menos saibam que podem ter uma saudade tranquila. Estamos esperando Armando com ansiedade, por ele mesmo e para ter um relato sobre vocês.

Mafalda e Érico, sei que é cacete escrever cartas. Mas peço um favor especial: respondam essas duas cartas das crianças, vocês *não podem imaginar* a alegria deles

quando recebem um bilhetinho de vocês.

Nós todos vamos bem, felizmente. Maury manda um grande abraço.

Com saudade de vocês três,

“Sinceramente de vocês”,

Clarice

Dear Érico,

My new interest is dog and models. What is Louie doing? Are you caring any more for dinosaurs?

Here is a picture of Nono glue and Nono Dope. Dope is a liquid used like plastic cement.

Both are used to make plastic models. Sincerely yours

Pedro Valente.

Dear Eric,

My new interest is 
and models. What is Louie
doing? Are ^{you} caring
any more for dinosaurs?

Here is a picture of
Mono glue and Mono


Dope. Dope is a liquid
used like plastic cement.

Both are used to make
plastic models. Sincerely,

Pedro Valente.

To MAFALDA

Dear Prato

Paulo

Mafalda querida,

não estou pretendendo me corresponder com vocês através dos meninos – um dia desses lhes escrevo. Mas acontece que Paulinho queria escrever para você (*I'm going to write a letter to, the [.], to Mafalda*) e até me ditou os dizeres. Achei estranho essa história de “Dear Prato” mas ele insistiu – depois explicou que era porque pretendia dar a você, um dia, um prato de presente. Como você vê, é absolutamente lógico. Ele quer estar certo de que me fez prometer que ele iria comigo ao correio – o que faremos. O desenho é “suposto” representar um gigante “maior que todos e também maior que a carta”. – Clarissa está ótima, estivemos há uns dois dias com eles, o apartamento está ficando um amor. Ela e Dave estão com muito boa aparência. Fui com ela ao dr. Parlas (por nada, só para exame): tudo bem. Dr. Parlas lembrou-se imediatamente de você, virou-se para mim e disse: olhe como ela se parece com a mãe! Sábado vamos vê-la e ao Dave na peça nova. Maria Laura está ajudando ela na escolha de decorações para o apartamento. Na certa o Armando já está aí com vocês, dando notícias bem mais diretas. Estamos loucos que ele volte, por 2 motivos: pela presença dele e para que ele nos conte sobre vocês. Façam o favor de dar a ele o máximo de informações possíveis a respeito de vocês mesmos.

Um beijo para você, Fal. Comprei um costume no *Casual Corner*... Essa é a grande novidade de que me lembro agora. Êrico, viva seu livro sobre o México! Abraço grande para Luís Fernando.

Clarice

Magdalena querendo,
não tinha pretendido me corrigir.
Com você, ahnã, dos meus - um dia
demos lha airovo. Mas, aonde que
Paulinho queria araver para você
(S'eu going to write a letter to
Tela model to Magdalena) e até' me
dizem os diários. Achei o tranca-
na lincina de "Dear Paulo"
na, ele imistiu - depois explicou
que era porque pretendia dar a
você, um lha, um preto de
prezento. Como você vê, é abso-
lutamente lógico. Ele quer ar-
abto de que a carta segue, de
modo que me faz mostrar que
ele iria comigo as coisas -
o que parecemos. O deaculo é
"suposto" representar um gigante
"meios que todos e também mais
que a carta." - Clarissa está ótima,

To MAGALDA

Dear Paulo

Paulo

estiverem há um dia, dia,
com elas, o apartamento está
ficando um alívio. Ela e bone
estão com meus lha apartamento.
Fui com ela ao dr. Parkes (por não
nó para exame!): tudo bem. Dr.
Parkes lembrou-se imediatamente
de você, virou-se para mim e
diz-me: olhe como ela se parece
com a mãe! Sabado vamos pô-la
e ao bone na casa nova. Maria
também está ajudando a ela na escola

Washington, 23 abril 1957, terça-feira

Minhas queridas,

há muito tempo não recebo carta sua, Elisa querida, e recebi uma sua, Naninha, no dia 17, antes de você ir para fora. Elisa, você não quis aproveitar os dias de Semana Santa? Se nós, aqui, soubéssemos que o tempo ia esquentar teríamos ido um pouco para a praia. Ninguém podia adivinhar que sábado de Aleluia e domingo de Páscoa ia fazer um calor quase de verão. Se este próximo fim de semana for quente, vamos ver se iremos. Depois de um longo e não-digo-tenebroso-mas-digo-chato-inverno, tem-se vontade de ficar um pouco ao ar livre, e sem casaco. – A novidade aqui são dois patinhos vivos. Um morreu, porque Pedrinho pisou nele sem querer. O outro é uma graça. Nunca pensei que pato tivesse natureza-íntima tão diversa de pinto. Pinto está sempre com medo, e, além de lindo, é burríssimo, tão burro quanto a futura galinha ou galo que um dia será. Mas pato é altamente sociável, procura companhia, anda atrás da gente feito cachorro, se deixa acarinhar – e, coincidência altamente curiosa, tem o andar típico de pato. Como a gente na vida tem sido tão enganada com promessas-vãs, a gente fica boba ao ver que não estavam ludibriando a gente quando diziam que pato anda como pato. Pois anda. Pinto, por mais que a gente procure fazer feliz, está sempre miserável. Pato, não, não frustra a gente porque “corresponde” e faz a gente se sentir muito generosa. – Um dia desses me contaram uma anedotinha que eu já conhecia, mas tão velha que eu já tinha esquecido. Se vocês conhecem, desculpem. É o caso de uma cidadezinha, durante a guerra, invadida por uma tropa. Naturalmente cada soldado escolheu logo uma moça, a tal ponto que um dos soldados, quando foi ver, descobriu que, do sexo feminino, só restava uma velhinha. Quando ele viu a velhinha ali, ele teve uma crise de desânimo: Ah não! Também esta não! Mas a velhinha disse rápida: “Ah não” coisa nenhuma, soldado! Guerra é guerra!

Estou de cabelo crescido, precisando um dia desses começar a pintar porque os cabelos brancos estão se multiplicando. Tenho ido uma vez por semana ao cabeleireiro, o que deixa “decente” por vários dias.

Pedrinho fez um segundo exame no Friends School, como eu tinha pedido a eles. Não sei se será ou não aceito. Mas francamente já não estou muito interessada nessa escola, achei eles muito incompreensivos (existe essa palavra?), e estou mais inclinada a pôr Pedrinho na escola da School Guidance Center, onde, além de instrução, ele receberá ajuda em relação às emoções. Vamos ver o que acontece. Paulinho está de férias... Férias de primavera, ele recomeça na próxima segunda-feira. Ele está crescendo a

olhos vistos, e sempre muito bonitinho.

Aí junto vai uma carta para Simeão Leal, Tania, e aceito com prazer que você me faça o favor de levá-la a ele, pois, do jeito como são as coisas aí, nunca saberei se ele recebeu ou não a carta, se ele levou ou não em consideração. O pior é que talvez seja difícil achá-lo ou falar com ele. Se você não conseguir, simplesmente ponha a carta no correio, que chegará.

Elisa querida, você não falou mais sobre a viagem. Está mesmo fora de questão? Por quê?

Tania, fale sobre Marcinha. Me diga se você teve alguma conversa com algum médico. É tão bom cuidar da alma cedo. É muito possível que ela não precise senão de algumas conversas diretivas e esclarecedoras.

Como vão os negócios de William? Elisa, como vai a página feminina? Você teve algum aumento? Escreva a respeito.

Tania, você tem certeza de que Ana não voltará mesmo? Você tem estado em algum contato com a família de Diva? Aliás, eu gostaria muito de ter alguma notícia clara a respeito de Diva. Embora minha impressão é de que o caso esteja mais perdido, pois a família mistura tudo com espiritismo e com os próprios tabus e complexos. Enfim. Me deem alguma notícia. Eu não escrevo diretamente porque temo que ela, Diva, se agarre demais a mim.

Escrevam!

Com amor,

Clarice

Tania, quando eu estive no Rio em 1955, Simeão Leal me pagou *adiantado* a publicação dos contos. Eu não tenho nenhum dinheiro a receber dele.

Washington, 4 julho 1957, quinta-feira

Mafalda querida,

Como você pode imaginar, isto aí é uma das loucurazinhas que aparecem de repente no Carrier... Dr. Costese tinha dito que passaria uns dias em Porto Alegre. Não resisto à tentação de pedir a ele que leve essa encomendinha para você, já que se trata de coisa bem leve. E naturalmente, meu bem, você sabe o que isto significa: uma tentativa de imitação dos nossos *cup of coffee* num *drugstore* ou no infame basement do Hecht. O que falta é tomarmos juntas, no meio de uma conversa que graças a Deus nunca esmoreceu e que atrapalhou tanto nossas adiadas compras.

Um abraço grande para você e para “Érico Verissimo”

Da comadre

Clarice

Washington, 17 novembro 1957, domingo

Mafalda, minha querida

receber carta sua é bom mesmo. Embora eu seja da opinião de Paulinho, que disse: *I don't want to write to Mafalda any more, I want to see her*. Ele cansou de esperar. Mas você não imagina a cara de falsa modéstia que ele faz cada vez que me diz: *"Show me again Mafalda's letter. The one where she reclamou that I don't write."* Não sei se lhe disse que ele andou me perguntando se você agora estará *fat*. E acrescenta: *I hope she is the same, just a little bit fat, not too much*. Ele que te apalpou tanto em tempos idos, deve saber exatamente quanto de *fat* você tem. De modo que é melhor você se cuidar pois ele pretende verificar. Sinceramente, Mafalda, acho que se esse menino já fosse homem o Érico tinha que tomar cuidado, pois se trata de amor real.

Tua filha está muito bonita, barrigudinha, e com aquele orgulho discreto de futura mãe. Com barriguiinha e tudo, ela dá um jeito de estar bem arranjada sempre, e bem elegante. Apareceu-me aqui com um casaquinho de *maternity* vermelho de algodão, tão bonito que parecia modelo do Vogue. Tania esteve aqui uns dias, e, ao ver o casal Gaffé, me disse: como eles estão bem um com o outro. O Dave não só apoia o Teatro de Clarissa, como quer que ela continue depois que o baby nascer – e sugere que, se for necessário, ela usará o dinheiro que ganhar para pagar uma *baby-sitter*. Enfim, meus queridos, tudo está bem com eles, graças a Deus. Fiquem descansados e contentes.

Maury trabalhando com ânimo. E eu engordei um bocado. É que passei o verão dormindo quase nada, e então passava as noites comendo, preparando omeletes na cozinha às 3 da manhã. E de dia, para aguentar não ter dormido, passava o dia correndo. – M.L. vai ao Brasil em dezembro, passar uns dois meses. Ela não aguenta mais a exaustão provocada pelas condições na casa do Embaixador. D. Aguiar parece que atingiu agora um ponto aparentemente menos doloroso, mas caiu numa apatia da qual é difícil sair. O médico achou que, apesar das aparências o Embaixador precisa de psiquiatra mais do que ela. Parece que foi difícil convencê-lo, mas que ele está indo (eu sou a única pessoa aqui a saber disso). E parece que uma das causas mais fortes do estado de D. foi a incompreensão permanente do marido durante a vida toda.

Oh mistérios. – Pedrinho continua lendo muito, e, sem sentir, fala difícil como um livro. Ele quase que literalmente ataca Dave com perguntas e conversas. E se sente grande amigo de Armando.

Érico, seu livro chegou e Maury está agarrado com ele só me deixou por enquanto

folhear, e andou levando para a Embaixada para mostrá-lo. Estou ansiosa para ler, e reviver a viagem de vocês ao México. Chegou há uma semana e pouco. Depois te escrevo. Por falar em livro, tem um aqui que está sendo best-seller *A woman doctor looks at Love and Life* (Dr. Marion Hilliard). É livro interessante para qualquer mulher (um capítulo – sobre os 4 medos da mulher – foi publicado há tempos no Reader's Digest). É sincero, de estilo atraente, afetuoso, humano e médico. Se ele interessar a você (como editor, é claro...) poderei, se você quiser, traduzi-lo. Para que você julgue, mando amanhã um exemplar.

Egídio continua achando que Clarissa devia procurá-lo. Transmiti a Clarissa o tom ressentido de Egídio, acrescentando que não ligue muito... Desculpem. D. Lee abençoadamente desaparecida, espero que em algum antiquário. Continuo a pintar a boca como se tivesse acabado de comer uma costeleta de porco sem guardanapo. E aquele penteado original pessoal, anormal bestial, antinatural, continua perfeito como sempre. Quanta bobagem. – Mafalda, Clarissa está tão parecida com você, você nem imagina. Parece uma Fal em moreno. Falei com ela, e ela disse que se sente parecida com você. E, na hora deles saírem daqui de casa, Dave disse: Como Mafalda *it's time to go home*. Então ela riu – e no momento exato em que riu, transformou-se completamente em Érico... Que coisa. Vocês não imaginam os nomes que já nos ocorreram para o baby – há uma alucinada corrente de associação de ideias, e terminamos às gargalhadas.

Saudades de vocês dois, meus queridos. Façam o favor de gostar da gente.

A receita do soufflé de chocolate irá à máquina – vou procurar uma anotação exata dos ingredientes, pois a receita já não é de livro já é Gurgel.

Um grande abraço para Luís Fernando, em quem penso sempre. E que Deus vos abençoe.

Clarice

Sevilla, 21.V.958

Querida Clarice,

estou numa falta de tantos meses com v. que nem vou pedir que me perdoe. Mas não é preciso mesmo. Porque penso que também v. passa às vezes meses a responder minhas cartas e assim acaba tudo na mesma.

A verdade é que sempre quero ter notícias de vocês e frequentemente me entram ganas de conversas. Mas como temos entre nós mais do que os quilômetros e o atlântico a barreira do papel de cartas acabo mesmo por deixar para outro dia.

Parece é que perdi mesmo o jeito de escrever cartas. O jeito e o fôlego. Creio que não há nada – que me canse tanto e que exija de mim tanto esforço. Minhas coisas ficam apodrecendo – negócios, interesses etc. – sem que eu me anime a fazer a carta que daria a providência [...] pedida que evitaria o prejuízo que acabo sempre tendo, em tudo. Será o clima que dá abulia? Os andaluzes têm forma de abúlicos e é possível que eu já esteja irremediavelmente estragado.

Para que vs. não leiam apenas boa literatura vai junto um poema. Creio que com ele este bilhete poderá ganhar o tamanho (físico) de uma carta. Não é que acredite que minha poesia transmite afetos: é que o poema é razoavelmente grande.

Mande notícias de Vs. e da *A veia no pulso*. Todas as notícias que possam caber em muitas folhas de papel. Não faço as perguntas porque este é um bilhete. Mas conte, sem ser perguntada.

Em alguns meses lhe mandarei um livro novo que Aluísio Magalhães está ilustrando e imprimindo no Recife.

Lembranças ao Maury

Abraço afetuoso nosso.

Seu *admirador*

João Cabral de Melo

9 de dezembro de 1958

Querida Comadre:

Como amanhã colhereis mais uma rosa no jardim da existência e como um Western, em véspera de viagem, é coisa fora de propósito; e como não reparareis essas coisas; e como o principal é que os Verissimos pensem em vós, amanhã, como aliaich, pensem sempre – eu vos escrevo estas mal traçadas, que vos leva um carinhoso abraço de toda a família, inclusive do Mércio e da Ema e da Bega.

Parece mentira, como se deteriorou nossa correspondência! Está claro que amizade não depende de carta e nós compreendemos que há situações em que a gente pode fazer tudo menos escrever cartas aos amigos (e as cartas se tornam tão mais difíceis quanto mais verdadeiros forem os amigos).

Vamos todos bem e já nos preparando a sério para a viagem. Sairemos do Rio no dia 11 de fevereiro a bordo do FEDERICO C, e nosso primeiro porto de desembarque será Portugal. Lá tenho, segundo dizem as más línguas, muitos leitores. Meu editor português recebeu uma carta minha em que lhe pedia que reduzisse ao mínimo os festejos. E sabes que me respondeu? Que a recepção ia ser fabulosa, começando com um microfônio (*sic*) a bordo do vapor, na chegada. E mais, a inauguração dum salão com uma conferência, e um coquetel, tardes de autógrafo, um banquete... Santo Deus! O que eu quero mesmo é ver Portugal.

Depois seguiremos (aliviados, já se vê) para a Espanha, onde visitaremos Sevilha, Córdoba, Granada, Madri, Toledo, Ávila, Saragoça, Barcelona, de onde entraremos pelo Sul da França, rumo da Itália, onde passaremos um mês inteiro. Arrastarei a Mafunfa e o Louie por aqueles “exquisitos”. Depois entraremos na Alemanha (melhor: pegaremos a Alemanha de raspão) para finalmente chegar a Paris, de onde daremos um pulo a Londres. Finalmente em princípios de Junho sairemos para New York. Nossos planos para os Estados Unidos são bastante sinistros. (Que nossas mães não desconfiem!) Ficaremos aí até o Natal. E está claro que estamos contando com a permanência de vocês em Bethesda ou qualquer outro lugar nos arredores ou no coração do District of Columbia.

Quero te contar uma história. Logo que cheguei ao Brasil sondei o Bertaso sobre a possibilidade de publicarmos um dos teus livros, o de contos ou (de preferência) o

romance. O Bertaso sem pestanejar respondeu: “Mas é claro. Manda buscar os originais.” O diabo é que fui informado de que o Simeão de maneira nenhuma largaria os originais dos contos que, segundo me disseram, estavam já compostos. Quanto ao romance, a Civilização o anunciava, motivo por que nos retraímos. Ultimamente tenho bombardeado o representante desses editores aqui com perguntas: “Quando sai o livro?” No momento não sei em que pé está o assunto. O que sei é que a hora em que eles nos quiserem dar A VEIA NO PULSO (publicaremos com o título que a autora quiser) a Globo o lançará.

Estou na página 1.000 de O TEMPO E O VENTO, e isso é mais ou menos a metade! Estou de tal modo saturado da história que já começo a achar tudo ruim. Parei. Tenho todas as notas para terminar o livro em Washington. Acho que conseguirei. Eu jamais poderia ter escrito este terceiro volume se tivesse ficado aí... Mas já que o comeci e o tenho todo estruturado, estou convencido de que agora será possível.

Que me contas da gurizada? Temos muita saudade de vocês todos. Os Valentes são sempre lembrados no solar dos Veríssimos.

A Mafunfa está linda, cada vez melhor. Estes dois anos nem sequer boliram com ela quer por dentro quer por fora. *I am a lucky guy*. Como tu muito bem disseste, *she is my ground*.

Escreva duas linhas, se puderes. Se não puderes, compreenderemos.

Mais uma vez, *happy birthday* e um abraço de todos nós.

Do teu compadre e amigo criado obrigado

Érico

Washington, 11 março 1959

Eliane, meu bem,

Por favor se encarregue, se não for trabalho demais, de dar *pessoalmente* essa carta a Simeão Leal. Espero que o conteúdo da carta seja convincente bastante – e que, enfim, eu possa dispor dos contos. Veja se ele escreve, na sua frente, um bilhete para mim, dizendo que os contos são meus. *E que ele dê a você o bilhete, que você mesma me mandaria.* (Pois ele esquecerá de dar ordem à secretária, e ficarei sem um documento.)

Eu não gostaria que ele ficasse zangado comigo, gosto bastante dele. Mas tenho que cuidar de meus interesses.

Você recebeu minha carta (uma segunda, que era também para Elisa e Tania)? Nem sei como lhe agradecer, meu bem o carinho que transparece em cada palavra que você me escreve. Você é amiga mesmo, disso eu já sabia. Mas como é bom ter também a prova!

Um grande abraço para Mozart, um beijo pra Marilu.

Sua

Clarice

Você leu meu conto publicado na revista *SR*? (Este não fazia parte do livro de contos.)

Washington, 10 de março de 1959

Exmo. Sr. José Simeão Leal

Serviço de Documentação

Ministério da Educação e Cultura Rua da Imprensa, 16

9º andar, sala 902

Rio de Janeiro, D.F. – Brasil

Prezado Simeão,

desisti de lhe escrever há vários anos, sabendo, por experiências repetidas, que, sendo pouco o seu tempo, eu não receberia resposta. O que explica por que enviei mensagens por amigos. Minha última tentativa foi por intermédio de minha amiga e concunhada, Eliane Gurgel Valente.

Acabo, porém, de receber as provas do livro de contos – o que me deu a súbita esperança da possibilidade de um contato direto, com resposta de sua parte. Ou estarei sendo otimista...?

Há quatro anos os originais dos contos estão em suas mãos para serem publicados. (Continuo considerando uma de minhas experiências agradáveis o fato de Você me ter encomendado os contos – e eu, tão difícil de escrever ficção por encomenda, ter vitoriosamente conseguido.) Recebi dois ou três mil cruzeiros em pagamento prévio. Com a demora de publicação, e com a falta de resposta às minhas cartas, considerei-me desobrigada de meu acordo com Você. Restavam os dois ou três mil cruzeiros que me tinham sido pagos – e que eu autorizei a Sra. Eliane Gurgel Valente a restituir, em troca dos originais a que eu me considerava com direito. Sua resposta foi negativa.

Aqui, nesta carta, quero reiterar minha proposta – desta vez enfim diretamente, animada pelo fato de Você me ter escrito. A proposta continua a mesma: estou pronta a devolver os dois ou três mil cruzeiros, em troca do direito de dispor de meus originais. Estou precisando de dinheiro, e quero vender os contos separadamente, a jornais ou revistas.

Ser publicada por Você é uma honra. Além do mais, Você é um amigo, e pessoa que admiro e respeito. Mil vezes eu teria preferido que Você tivesse atendido minhas mensagens (sobre devolução dos contos) durante os quatro anos. Lamento a coincidência de Você só me ter escrito na hora de me mandar as provas. Ter enfim me escrito, me deu, como eu disse, a esperança de um contato direto. Mas é com infinito desagrado que percebo o perigo da coincidência – poderia parecer que, tendo as provas

comigo, eu lhe faço a proposta da devolução dos contos. Você e eu, além das pessoas que gentilmente se encarregaram de lhe transmitir minhas mensagens, sabemos que há muito eu queria os originais de volta.

Você me prestará um favor ao me atender. Ao Ministério de Educação obviamente não interessa a publicação dos contos, ou estes não teriam ficado numa gaveta durante quatro anos. E a mim – por motivos claramente financeiros e de certo modo urgentes – me interessa publicação comercial, mesmo sem a honra de ter livro publicado por Você.

Uma coisa me aborrece: se o livro chegou a ponto de provas, isso significa provavelmente alguma despesa da parte do Serviço de Documentação, despesa que não estou, infelizmente, em situação de indenizar.

Mas, por outro lado, uma coisa me consola. É que também eu tive prejuízos. Durante os quatro anos, recebi, vez por outra, recados mandados por Você, garantindo que o livro estava “prestes a sair”, e “já em provas”. Isso me impediu de vender os contos separadamente a jornais e revistas, pois “em breve” os contos, senão publicados por Você, não seriam mais inéditos – e eu não podia vender um conto que poderia ao mesmo tempo sair em livro. Recusei propostas nesse sentido, propostas que me interessavam. Só uma vez resolvi – diante da coisa cada vez mais vaga que se tornara a publicação do livro – assumir compromisso. Aceitei uma proposta de *O Estado de S. Paulo*. Acontece que eles só chegaram a publicar um conto. Pois, em seguida ao recebimento do cheque, recebi daquele jornal uma carta, justamente indignada, dizendo que, se eu dera a eles exclusividade de publicação, não deveria ter dado um conto a um jornal do Rio. Acontece que esse jornal do Rio não me pediu pessoalmente nenhum conto, não avisou que publicaria, nem explicou como tinha conto meu em mãos. O jeito que dei foi escrever uma carta de desculpas ao *Estado de S. Paulo* – e perdi o contrato.

Com isso, Simeão, quero lhe dizer que, para paz de minha consciência, tive prejuízos certamente comparáveis aos do Serviço de Documentação em preparar provas. Até um ano atrás, esses prejuízos não me afetavam substancialmente. Mas agora tenho que tentar vender os contos separadamente.

Por favor, leia esta carta com compreensão. A mesma que tive durante quatro anos...

Sua amiga

Clarice Lispector

Clarice Lispector
4421, Ridge Street
Chevy Chase
Washington 15, D.C.

U.S.A.

Washington, 27 de março de 1959, sexta-feira

Eliane querida,

não quero adiar esta carta só por não ter papel conveniente. Muito obrigada, minha querida, por todo o seu trabalho junto a Simeão Leal. Se entendi bem, ele me devolve os direitos do livro, mas de algum modo me lembrando quanto estou custando ao Ministério – de 60 a 80 contos. E mais ou menos entrega a meu critério prejudicá-lo (ao Ministério) financeiramente ou não. (Não sei qual seria a minha vantagem em ganhar cerca de 1.000 exemplares, pois não só eles não são saudáveis em livraria, por serem coisa não comercial do governo, como eu não iria de porta em porta oferecê-los.)

Acho que cheguei a uma fórmula razoável, alguma coisa no meio-termo, que eu gostaria que você transmitisse a ele. É o seguinte o que proponho: os contos ficam comigo até eu publicá-los todos em revistas ou jornais (o que me dará algum dinheiro); e quando todos os contos forem publicados, eu devolverei a ele as provas para que sejam publicadas pelo Ministério da Educação. Assim nem eu perco a oportunidade de ganhar algum dinheiro, e nem Simeão terá perdido o dinheiro que já empregou nos preparativos de publicação. Resumindo: o livro será de Simeão depois dos contos serem publicados separadamente. Que é que você acha dessa fórmula? (De qualquer modo mesmo que eu devolvesse as provas agora duvido que Simeão publicasse antes de um ou dois anos.) – Se você acha razoável o meu raciocínio, então, por favor transmita-o a Simeão (infelizmente você não poderá mostrar-lhe esta carta).

Mozart vai bem? (fora a gripe) E Mariluzinha? (Gissa recebeu sua carta.)

Não demore a me escrever, sim? Carta sua é bem-vindíssima.

Um abraço grande para você, outro para [.], um beijo na Marilu (Paulo ficou todo vaidoso com sua carta sobre as sementes).

Sua

Clarice

By the way, você achou que S. Leal estava com hurt feelings?

Querida Clarice e Maury,

Hoje me lembrei de que a carta de Clarice está há muito sem resposta e, relendo-a, vi que ela estava meio inquieta com meu tratamento em Monte Carlo (inquieta ou cética?). Eis o que passou: estava realmente em tratamento. Aqui em Marselha li um livro de um médico francês radicado em Monte Carlo que dizia curar nevralgias com toques no simpático (através do nariz). Como Marselha, o inverno, a péssima casa em que estávamos etc., me estavam deixando ainda mais deprimido, fui tentar o tal tratamento. Fiquei três semanas, fiz tudo o que tinha de fazer, mas a dor de cabeça não se abalou por isso. Nem pelas paisagens da Côte D'Azur, que aproveitei para conhecer minuciosamente. Delas – Da Côte – pelo menos estou livre: liquidei-a e já não terei de voltar lá. Bom: isso foi o que aconteceu. Agora, como a dor de cabeça continua pior que sempre, estou com vontade de ir a Genebra, fim deste mês, tentar a última solução: abrir a caixa craniana e cortar o gânglio de [...] o [...] de Almeida Rodrigues já arranhou médico e tudo. É só ir para que cortem. *Mientras* estou fazendo exercícios espirituais para criar coragem.

Marselha é uma droga. Mas há uma semana que nos mudamos e como a casa é boa meu moral começa a se levantar. Aqui, o clima não é ruim. Nem o clima Weather nem o clima climate. O danado é que, para quem vem de Sevilha, Marselha faz o mesmo efeito de Londres a quem vai para lá from Barcelona. E estou, para ser franco, achando difícil me acostumar à ausência de Sevilha.

Ainda falando de mim: dentro em breve vai sair um novo livro. *Quaderna*. Nele estará a Cabra e as *Paisagens com cupim (sic)*, que lhes mandei de Sevilha e sobre as quais Vs. mantiveram um educado silêncio. Quando sair, mandarei um exemplar, está claro. Talvez seja o menos ruim que fiz e como já estou em tempo de entrar na idade ou arteriosclerose, não sei se ainda conseguirei o mesmo nível. Bem, de mim é tudo. Os meninos e Stella bem, com aquela saúde física e sobretudo mental que vs. conhecem e que é um feliz equilíbrio para o temperamento neurótico do pai.

E de vocês? E da *Veia no pulso*? Soube que há uma grande crise editorial no Brasil. O Antonio Pedro de Livros de Portugal, que vai editar *Quaderna*, recusado pelo José Olympio, me escreve que todos os editores grandes estão em pânico. Têm devolvido centenas de livros. “O Otto Lara” me escreve dizendo a mesma coisa. Se não me engano, a Civilização Brasileira tinha aceitado *A veia no pulso*, não é? E que notícias há? E a edição aumentada de seus contos?

Que coisa é escrever literatura no Brasil. Eu creio que o melhor é não fazer mais nada. No Brasil, só se entende escrever em jornal. Daí essa coisa superficial improvisada,

fragmentária que é a literatura nacional. Às vezes, fico pensando em certas coisas que eu gostaria de escrever: ensaios (não artigos de jornal), viagens, etc.; prosa, enfim. E de repente me lembro de que é muito mau isso de escrever e não publicar. Imediatamente desisto. Escrever poesia tem, pelo menos, a vantagem de que é possível sempre se fazer uma edição limitada, barata, e até mesmo mimeografada. Mas a prosa já sai mais cara e nem nós diplomatas podemos nos permitir o luxo de romance ou mais para amigos.

Que é que há de bom por aí? Nos meus tempos de Sevilha me regalei com literatura americana e inglesa. Há ali uma casa Americana e um Instituto britânico com boas bibliotecas das quais eu era um grande frequentador. Aqui, desde que cheguei que me impus ler francês. Cada dia falo *más malamente* os idiomas estrangeiros e se [...] em Marselha lendo inglês, então daria nós nas circunvoluções cerebrais todas. Estou aproveitando para conhecer melhor certos [...] que só havia lido pela [...]: Giono, por exemplo, me está entusiasmando.

Que é que devo fazer com Pierre de Lescure? Creio que o melhor é esperar uma viagem a Paris para procurá-lo, não acha? Isso de escrever carta só serve para dar a ele trabalho de responder.

Pelo que parece vocês ficarão mesmo nos “E.E.U.U.” por seis anos. É uma pena (para mim) porque isso significa que talvez já não nos vejamos mais. Certamente vamos nos desencontrar no Brasil e continuaremos assim toda a vida.

Escrevam dando notícias. Isso aqui não vale nada e sem notícias dos amigos é o diabo.

Grande e afetuoso abraço p. vocês

Do

João Cabral

DÉCADA DE 1960



Rio, 21 de abril de 1961

Caro Thiers,

estive com Rosita na casa dos Escorel – e recebi dela os mais carinhosos e severos carões em relação a uma de minhas mil deficiências: a de achar que “não escrevendo hoje, na certa escrevo amanhã”. Já devia ter comunicado a você que recebi contrato da Livros do Brasil, e um cheque. O cheque, bendito seja. O contrato está todo certo, só que não contém nenhuma cláusula que me garanta que o livro não será modificado (refiro-me à troca de “crianças” por “miúdos”, “meias” por “peúgas”, “moça” por “rapariga”). Fiquei com o problema de considerar ou não a cláusula como tácita. Pensei em pedir retificação do contrato, antes de assiná-lo e antes de descontar o cheque, aguardando um novo onde constasse a cláusula mencionada. Mas fui adiando porque isso significaria carta vai, carta vem, contrato idem ida-e-volta-e-ida. Mas Rosita acha – e concordo plenamente – que você explicando aos editores que esta cláusula é essencial para mim, eles (que têm sido tão direitos com todos) a considerarão, embora não conste explicitamente do texto. Assim envio a você a cópia assinada, descontarei o cheque, certa de que o livro se manterá dentro de sua língua “brasileira”.

Os editores me pedem dados biobibliográficos, uma fotografia e críticas de imprensa. Farei o possível para que isso aconteça, isto é, para que eu mande mesmo, e brevemente, nem que eu tenha de contratar uma secretária para me ajudar ou mesmo ir ao fotógrafo por mim (não estou ainda encontrando um retrato recente que tenho; se achar até dar esta carta a Murtinho, seguirá junto).

Receba a amizade da

Clarice

Rio, 2 de agosto de 1961

Caro Thiers,

muito obrigada pela carta e pelo artigo. Como um rapaz chamado Alexandre Eulálio esteve aqui em casa me entrevistando para *Livros do Brasil*, pensei que estava resolvido o problema dos dados biobibliográficos. Vejo que ele não escreveu o artigo. Saiu na *Manchete* da semana passada um comentário provocado pelo preço do meu novo romance – como contém dados a meu respeito, mando o artigo para você ver se pode servir ao Sr. Souza Pinto. – Espero que você esteja bem de saúde (eu ainda não melhorei, e já perdi a paciência comigo). Pelo Itamaraty vou mandar para vocês *A maçã no escuro*. Um grande abraço para você e Rosita da

Clarice

Buenos Aires, 22 de junho de 1968

Claricinha querida.

recebi neste momento sua segunda carta e tive a sorte de encontrar na Editora o Rodolfo Alonso, com quem eu estava tentando falar, inutilmente, há já vários dias. Ele me disse que ainda não é um editor profissional, por isso copiou o contrato de uma conhecida editora aqui, mas que está disposto a modificar qualquer cláusula, a começar pela exclusividade. Eu lhe disse que você tem tido outras propostas de países de língua espanhola e que por isso não lhe interessava dar-lhe a exclusividade. Ele disse que admira muito você, que gostaria de traduzir *Laços de família* ou outro qualquer livro, que ele é poeta e vai só agora começar com uma editora. Eu então lhe respondi que ia escrever ainda hoje para você dizendo-lhe isso. Quem sabe se o Rubem Braga não pode sugerir algumas modificações no contrato? Telefonei também para a Editorial Rueda, mas o sr. Palacios só está na segunda-feira. É claro que a Rueda é muito mais importante, e se for traduzida a *Paixão*, quem sabe se não vai haver inconveniente em deixar o Alonso traduzir *Laços de família*? Pergunte ao Rubem qual a sua opinião. Depois de falar com o sr. Palacios eu lhe escreverei de novo. Você pode mandar alguns exemplares de livros seus? Tenho pena de ceder os meus, não só por causa das dedicatórias, mas porque preciso deles para uma conferência que vou fazer sobre você.

Suas cartas me deram tanta alegria, Clarice, senti você tão junto de mim, que nem sei como agradecer o bem que você continua me fazendo. Lauro está muito absorvido pelo trabalho do Consulado, por causa do horário integral, mas está satisfeito, pois o Gil Mendes de Moraes é muito gentil com ele. Está cada vez mais bobo com Mônica. Sabe que exatamente no dia em que recebi sua primeira carta e que você me descrevia como descobriu o dentinho de Paulo eu descobri o de Mônica? Ela está parecendo um bichinho, com aquela pontinha branca na gengiva. Quando termina de tomar sopa quem tem que tomar banho sou eu, pois ela me suja toda. Amanhã vai fazer seis meses.

Exultei quando você afirmou que estava apaixonada, ainda que tivesse a sensação de não ser correspondida, pois isso é um indício de que está cheia de vida e que se vai apaixonar muito ainda. O amor atrai o amor, a paixão atrai a paixão, e a impressão que você me dá é a de que está amando o mundo, pois não senti na maneira tranquila com que falou, que havia sofrimento ou necessidade, se bem que para você talvez amor e paixão sejam uma coisa só. “A revelação do amor é uma revelação de carência”, você disse em *A paixão*, não foi?

Embora tivéssemos arranjado logo apartamento, só há pouco recebemos as coisas da alfândega, de modo que estamos ainda com as arrumações, livros para todo lado. O apartamento ainda nos é um pouco estranho, pois há poucas coisas nossas. Os móveis da sala são de estilo inglês não muito modernos, os da sala de entrada são estilo Luís XV, um sofá e duas poltronas. Há um armário de ébano, chinês, antigo, uma mesinha francesa, outra egípcia. Você sabe como é, um mundo já preparado por outras pessoas. Pouco a pouco porém, iremos comprando pequenas coisas, tapetes, moveisinhos etc. etc. a fim de tornar mais nosso o apartamento.

Grande parte do meu tempo é dedicado a Mônica. Sou eu quem lhe dá banho, mamadeiras, sopinha. Nos intervalos, enquanto dorme ou brinca com Cenilda, saio um pouco. Gosto de caminhar sozinha pela rua. Já vimos dois filmes, o *Otelo* e *Vivre pour vivre*. Ao teatro fomos uma vez, ver um espetáculo de um autor polonês sobre a desagregação do mundo moderno. Tive problemas com empregada porque a cozinheira e a babá não se deram bem. Parece que a cozinheira tem um pouco de ciúme da babá comigo. O que acontece é que as pessoas de serviço aqui falam demais, por isso eu quase que as evito.

Você tem saído muito? Rosa me disse que você tem trabalhado demais e eu pensei que o trabalho é bom, dá um sentido às coisas. Acho que vou escrever mais um pouco sobre você aqui.

Lauro se deitou um pouco, Mônica está com Cenilda, e vou tentar ver se encontro um correio que esteja aberto agora à tarde.

Claricinha, mando um beijo para o Pedro, o Paulo e outro grande para você.

Marly

Clarice

é com emoção que lhe escrevo pois tudo o que você propõe tem sempre essa explosão dolorosa. É uma angústia terrivelmente feminina, dolorosa, abafada, desesperada e guardada.

Ao ler meu nome, escrito por você, recebi um choque não por vaidade mas por comunhão. Ando muito deprimida, o que não é comum. Atualmente em São Paulo se representa de arma no bolso. Polícia nas portas dos teatros. Telefonemas ameaçam o terror para cada um de nós em nossas casas de gente de teatro. É o nosso mundo.

E o nosso mundo, Clarice?

Não este, pelas circunstâncias obrigatoriamente político, polêmico, contundente. Mas aquele mundo que nos fala Tchecov: onde repousaremos, onde nos descontrairemos? Ai, Clarice, a nossa geração não o verá. Quando eu tinha quinze anos pensava alucinadamente que minha geração desfaria o nó. Nossa geração falhou, numa melancolia de ‘canção sem palavra’, tão comum no século XIX. O amor no século XX é a justiça social. E Cristo que nos entenda.

Estamos aprendendo a lição seguinte: amor é ter. Na miséria não está a salvação.

Quem não tem, não dá. Quem tem fome não tem dignidade (Brecht). Clarice, estou pedindo desculpas por este palavratório todo. Mas deixe que eu mantenha com você esta sintonia dolorosa dos que percebem alguns mundos, não apenas este ou aquele, porém até mesmo aquele outro, embora linearmente – como é o caso.

Nossa geração sofre da frustração do repouso. É isso, Clarice? A luta que fizermos, não faremos pra nós. E temos uma pena enorme de nós por isso. É assim que explico pra mim estas frases que você põe no seu artigo: ‘Eu que dei pra mentir. E com isso estou dizendo uma verdade. Mas mentir já não era sem tempo. Engano a quem devo enganar, e, como sei que estou enganando, digo por dentro verdades duras.’ A luta, a que me refiro lá no alto, seria aquela luta bíblica, a grande luta, a que engloba tudo.

Voltando às ‘verdades duras’ de que você fala: na minha profissão o enganar é a minha verdade. É isso mesmo, Clarice, como profissão. Mas na minha intimidade toda particular, sinto, sem enganos, que nossa geração está começando a comungar com a barata. A nossa barata.^[18] Nós sabemos o que significa esta comunhão, Clarice. Juro que não vou afastá-la de mim, a barata. Eu o farei. Preciso já organicamente fazê-lo. Dê-me a calma e a luz de um momento de repouso interior, só um momento.

Com intensa comoção.

Fernanda

18. Refere-se ao romance *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

Rio, 25 de janeiro de 1969

Meu gafanhoto querido,

por favor não se sinta só: você está rodeado de nosso amor, até Azaleia tem rezado por você.

Eu sei, Gafanhoto, como é duro embarcar assim sozinho: mas esta é exatamente a aventura. E se você soubesse como vai lucrar com esta aventura, você ficaria eufórico.

O sentimento de solidão é um dos mais difíceis de viver. Mas você, se Deus quiser, não vai se sentir só, vai ter muitos amigos.

Meu coração te acompanhará sempre e sempre.

Deus te abençoe. Tua

Mãe

Rio, 26 de janeiro de 1969

Meu adorado filho,

ontem, quando você embarcou, custei depois a pegar no sono. Não era por preocupação, mas acredite que qualquer mãe digna desse nome me entenderá. Há pouco tempo, Gafanhoto, você subia pelas minhas pernas para ficar no meu colo. É com orgulho ver você alto, fisicamente feito, e independente sobretudo.

Conte-me tudo, por favor. (Esta carta só poderá seguir na segunda-feira, amanhã.) Como é sua família de empréstimo? Quantas pessoas estão na casa? Quantos cinemas tem a cidadezinha?

Hoje, dia seguinte de sua partida, domingo, ocupei-me o tempo todo para disfarçar a saudade. Acabei de copiar o resto do livro, e certamente amanhã mesmo telefono para a Editora Sabiá pedindo que mandem buscar. Se o livro é bom? Eu acho ele detestável e malfeito, mas as pessoas que o leram acham-no bom.

Amanhã vou chamar o homem de pintar geladeiras. E creio mesmo que o tom será bege-queimado, combinando com o teto. Aliás da primeira vez que vier o faxineiro, vou mandar lavar o teto da cozinha.

Vá escolhendo as cores para o seu quarto, pois essas coisas demoram muito: tenho que escolher um pintor de muita confiança para que só o teto seja pintado de azul-pavão, e não escorra nada pelas paredes. Acho bonita a ideia de pintar o rodapé, é original a ideia. Mas alaranjado não porque é difícil de encontrar coberta de cama da mesma cor. A menos que o rodapé seja alaranjado e a coberta de cama da cor de azul-rei.

Silea ficou com tanta saudade de você que não quis assistir televisão, e foi para a cama às oito horas.

Hoje felizmente Pedro foi ao cinema com tia Elisa. Imagine você que ele tinha inventado tantas coisas más a respeito de cinema que não queria mais ir. Mas, se Deus quiser, de agora em diante ele perderá o medo.

Faz muito frio aí? O sobretudo forrado tem esquentado bastante?

Meu Gafanhoto, Deus te abençoe e te proteja. Aceite, junto com meu beijo, a minha bênção de mãe.

Mamãe

Silea te manda um beijo

Meu filho Paulo

Não tenho escrito muito, bem sei. Mas penso em você todos os dias. Já soube que Marilu não estaria em New York. Tive uma pena! Mas espero que você não tenha tido timidez em passar os dias em NY com amigos da Marilu. Sozinho não.

Meu gafanhoto, eu deveria escrever à máquina, mas estou fazendo esses [...] para poder escrever à mão, o que nas entrevistas me é muito útil. Imagina que me mandaram entrevistar Roberto Marinho: fui almoçar com ele ao mesmo tempo falando, anotando – e foi péssimo porque depois não pude decifrar o que às pressas eu anotava. E não saiu entrevista nenhuma. Acho que meu emprego na *Manchete* vai acabar porque simplesmente não tenho a quem entrevistar. Ou talvez eu me [...] pois me mandaram entrevistar d. Yolanda Costa e Silva. Não se preocupe com coisa alguma. Procure ler livros da “verdadeira verdade” para o seu prazer, para conhecer mais a alma humana. Aliás você está mesmo na época para ganhar cultura. Deus te abençoe, meu filho adorado.

Um grande beijo para você.

Mamãe

Rio, 10 de março de 1969

Meu filho adorado, meu gafanhoto, se você soubesse a falta que me faz! Todos os dias penso em você. Lamento você ter ficado sem carta durante 2 semanas. Procurarei fazer com que isto não aconteça mais. Estou feliz em saber de suas possibilidades de visitar N. York com Marilu. Suba ao Empire State Building e você terá uma visão quase aterradora e verdadeira de Nova York. Meu amorzinho, essa ida aos EE.UU. é o primeiro passo de uma liberdade que você ainda fortificará mais aqui no Rio, onde você tem um verdadeiro apartamentozinho dentro do apartamento. Sua formação tem que ser de início bem brasileira, para que você sinta e estude os nossos problemas (Estou sem vontade de escrever à máquina e sai essa letra horrível).

Acho que já lhe disse que terminei meu romance e entreguei-o à Editora Sabiá.^[19] Possivelmente sairá em maio, não sei. A “mãe” americana escreveu-nos uma carta muito favorável para ela. Diga-lhe que não escrevo inglês corretamente, mas que gostei muito de receber notícias através dela. Mas melhor ainda é receber notícias diretas através de você mesmo. Você diz que ela fala muito, pois ela escreve também longas cartas...

Que filmes você tem visto? A primavera já está se manifestando aí? Aqui faz calor, as praias cheias, mas se sente que o verão está acabando. Você está mais habituado à comida americana? E na escola fez algum amigo? Que tal *the american way of life*?

Meu gafanhoto, minha bênção te acompanha sempre.

Tenha saúde, seja feliz e contente. Um beijo na testa da mamãe que se alegra por ser tua

Mãe

Tirei um retrato pra mandar pra você, mas saiu horrível.

19. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

Meu querido pernilongo,

imagine você que um dia desses telefonou para cá um homem chamado Silvino Neto e disse que tinha sido incumbido de escolher os meninos melhores da escola, os mais aplicados, para irem passar, sem despesa alguma, dez dias numa verdadeira fazenda no interior de S. Paulo. E ele disse: no Andrews me deram o nome de Paulo Gurgel Valente. Eu disse: que pena, ele está nos Estados Unidos. Ele respondeu: então tanto melhor.

Fui obrigada a despedir Ângela, por questão de economia, e agora d. Doca cuida de tudo.

Hoje é domingo. Vou mais tarde ao Largo do Boticário visitar Augusto Rodrigues. Mas na verdade eu vou é ver o Largo de novo. O Largo do Boticário me fascina.

Paulo, como é que você está se arrumando na escola? E na casa de sua “família americana”?

Conte-me tudo, meu querido.

Já lhe escrevi que acabei meu romance? Já está na Sabiá.

Eu tenho trabalhado um bocado, mas não estou cansada: tua mãe é fogo...

Estou fazendo um regime sério para emagrecer e se Deus quiser voltarei ao peso antigo.

Meu filhinho, Deus te abençoe.

Escreva, dê notícias. E receba,

pernilongo um beijo da

tua

Mamãe

Rio, 22 de abril de 1969

Pauluquinha,

foi tão bom ouvir tua voz pelo telefone, que valeu plenamente a pena. Logo no dia seguinte recebi carta tua, e é sempre uma alegria. Meu amorzinho, meu pauluca. Você tem crescido aí? E está mais gordo? Eu não sabia que sua casa ficava tão longe do “centro”. Ah, querido, eu queria que você passasse num *drugstore* e comprasse para mim um remédio fabuloso que eles têm contra afta. Não me lembro do nome, parece que entra “Kirsh” no meio. Se você encontrar, me avise que eu quero uns cinco vidros dele.

Aqui está um clima paradisíaco. A luz está mesmo celestial, bom para um pintor criar. Pedro está um pouquinho melhor. Eu, depois do romance, não fiz mais nada. Já devia começar a juntar mais crônicas, mas estou morrendo de preguiça e de falta de imaginação; o retrato que você tirou da gaivota está uma beleza: dá uma impressão desoladora de solidão.

Continuo na *Manchete*. Você tem razão: d. Yolanda não disse nada daquilo... E nem dá para ser uma primeira-dama.

Como é, Paulo? Você quer mesmo o teto azul-rei e os rodapés vermelhos? *Responda*. Não sei é onde arranjar pintor.

Bem, meu querido, não tenho mais nada a dizer. Botafogo ganhou do Flamengo 2x0.

Deus te proteja e te guie, meu filho adorado. De sua mãe que o quer cada vez mais

Mamãe

Rio, 25 de abril de 1969

Meu querido Paulinho,

recebi ontem uma carta sua e hoje outra... Acho que os correios tinham resolvido acumular cartas suas. – Estou contentíssima de você ir a Chicago: eu não conheço essa cidade. Depois você me conta como ela é. Não se preocupe, na hora de matricular você farei tudo o que é possível para você voltar para sua antiga turma.

Você pergunta se a entrada do edifício está pronta. Que ilusão: está cheia de buracos e cimentos e madeiras. Talvez quando você voltar já esteja apresentável.

Um dia desses escrevi a você perguntando se você ainda queria seu quarto pintado, o teto de azul-rei e os rodapés de vermelho. Você ainda não me respondeu, mas permita-me uma sugestão: não faça isso, pois o quarto ficará “fantasia” demais. Enfim, escreva dizendo.

Não li *To Kill a Mocking Bird* e não conheço o autor. Depois você me conta.

Aqui tudo igual. Estou esperando um filme chamado *Teorema*, com o diretor italiano Pasolini. Você viu? Houve um festival de cinema aqui no Rio, mas a multidão era tal que se tornava impossível chegar perto dos cinemas. Espero vê-los em circuito normal.

Todos vão bem. Eu cheia de saudade de você, mas aguentando firme. Receba, meu viscondezinho, um beijo em cada lado da face. Da tua sempre

Mamãe

Rio, maio de 1969

Paulo Gurgel, meu amor,

vai ser uma luta para saber quem ganha no seguinte páreo: quem escreve pior na máquina. Acho que vou ganhar pois tem dias então que eu escrevo pedras. Fiquei radiante com o cartão sobre Chicago e pelo fato de você ter gostado do ar poluído de lá. E recebi o cartão pelo dia das mães: não pude me controlar e de pura emoção chorei muito. Chorar às vezes alivia o coração. Sua ida à corrida de carros é uma sorte. Mas por favor não se coloque perto da pista, porque às vezes eles saem dela e causam desastre.

A mãe de sua amiga Elisabeth me telefonou dizendo que ia ver a filha (morri de inveja), se eu queria que ela levasse alguma coisa para você. Por exemplo, ela disse que ia levar para a filha uma lata de feijoadá. Eu imediatamente quis também uma para você, ela nem quis que eu pagasse. Depois meu coração pulou de alegria quando ela disse que ia com a filha para Nova York, por um fim de semana, e se eu dava permissão para você ir também. Claro que dei! (Silea está sentada diante de mim e dizendo: manda um abraço para ele que eu mandei.) Paulo, quando você diz da viagem da mãe de sua amiga você diz que era de qualquer forma tarde demais para pedir que ela trouxesse alguma coisa. Que coisa você pediria, se tivesse tempo? Responda-me, por favor, pois posso talvez arranjar portador.

A convite do governador da Bahia vou (passagens e estada pagas) passar lá dias 10, 11 e 12. Dia das Mães estarei na Bahia pensando em vocês, meus filhos, que valem mais do tudo o que eu tive, tenho ou virei a ter. Meu livro *A mulher que matou os peixes* foi adotado por várias escolas como livro de leitura para a classe e isso me dará algum dinheiro a mais. E meu romance está por sair, não sei quando. Não sei se haverá noite de autógrafos. Se houver como eu queria que você me acompanhasse! Nessas horas a gente se sente meio sozinha.

Hoje fui ao cabeleireiro e me enfeitei toda porque de noite vou à Academia Brasileira de Letras assistir à posse de João Cabral de Melo Neto. O pior, meu caro, são os discursos que terei que ouvir: vai ser o escândalo do século se eu adormecer na frente de todos.

Estou fazendo regime pra emagrecer: em sete dias perdi cinco quilos, e no oitavo estava fraca, comi de tudo, e resultado ganhei dois quilos. Eu mesma não entendo.

Meu amorzinho, minha alma, meu queridinho, meu flor de abacate, meu amorzinho de estátua, não tenho, ao que me lembre, mais notícias. Fui ver um filme impressionante:

O *bebê de Rosemary*. É de arrepiar os cabelos. Mas se você for, tem que ir bem no princípio.

Meu filho, Deus te abençoe. Receba um beijo de tua mãe.

Rio, 31 de maio de 1969 (vai para o correio segunda-feira, 2 de junho. Hoje é sábado).

Meu querido Pernilongo

como vai o meu amor de filho? Estou contente com a ideia de um fim de semana em Chicago. E acho muito boa a sua ideia de um “empreguinho”, como o de cortar grama. Eu também já tive vários empreguinhos, e ganhava meu dinheirinho. Além do mais não dá preguiça de cortar a grama dos outros, só da preguiça quando é a grama de nossa própria casa... E, embora eu já saiba por que você escreveu, que não está precisando de dinheiro, uns dólares a mais não prejudicarão em nada.

Meu querido, quanto ao seu quarto, você infelizmente terá que esperar por dias melhores, isto é, mais fartos em matéria de dinheiro. Pintar as paredes de seu quarto apenas, eu não faria, porque daqui a um ano pretendo pintar a casa toda. E, quanto ao teto azul-rei, eis a minha opinião: seu quarto não é muito bem iluminado, mas as cores claras iluminam um pouco o ambiente. Ora, se eu cobrir com uma camada de tinta azul-escuro o teto, escurecerei o quarto inteiro. Garanto-lhe, Paulo, que não vale a pena. É melhor, pelo menos pelo momento, deixar o quarto como está.

Estive na Bahia para entrevistar três pessoas (Jorge Amado, o tapeceiro Genaro – não ganhei nenhum tapete... e o escultor Mário Cravo) e adorei Salvador. Foram três dias e meio de sonho e agora só penso em voltar para lá e quem sabe, passar um mês trabalhando lá mesmo. Eu fui a convite do governador da Bahia que pôs à minha disposição um carro e um chofer, de modo que pude ver e sentir mil vezes mais do que se passasse tempo andando e procurando ruas. Nunca comi tanto azeite dendê na minha vida.

Receba um beijo (da pessoa que mais quer você no mundo)

Mamãe

Não quero gato aqui em casa, a menos que já tenha sido treinado em pipis e em arranharr os estofos dos móveis.

Rio, 12 de junho de 1969

Meu adorável, Pernilongo:

Desculpe, meu amor, de não ter escrito pra você há tanto tempo: passou-me despercebido que o tempo passava. Peço (*sic*) diariamente em você. Nós aqui vamos bem. Pedro está muito melhor do que antes. Eu fui ontem a São Paulo para fazer uma conferência: fui e voltei no mesmo dia.

Paulo, o sr. Osmar, do Andrews, me disse que você tem que trazer documentação. Esta consiste em uma carta em inglês da escola que você frequentou aí. Mas esta carta de nada valerá se não tiver a assinatura do cônsul brasileiro. Como Indiana não tem consulado brasileiro, ao que eu saiba, o jeito é você ir a Chicago conseguir a assinatura de qualquer modo. Não vai ser difícil.

Silea mandou dizer a você que d. Elvira casou-se com seu Júlio. Ana Lucia já está andando. O tio Paulo é filho do barão de Damasceno: isso foi descoberto agora. Heitor morreu. Veridiana está presa por diversos crimes e está aguardando julgamento. Ela diz que tem uma grande revelação a fazer quando for julgada. Continua sendo a grande Veridiana Albuquerque Medeiros, e com a revelação ela vai ficar mais afamada ainda do que antes. Roberto e Maria Cristina chegam para assistir ao julgamento de Veridiana. Esta pôs fogo na mansão, dr. Jorge Antônio perdeu tudo e está vivendo modestamente na casa de d. Elvira. A Márcia é filha do Jorge Antônio, mas ainda não se sabe quem é a mãe (Veridiana não é). O Tony não é filho de Márcia. Tio Paulo está muito mal; ele diz que antes de morrer (ele está à morte) há de destruir a sua irmã Sandra.

Silea manda um grande abraço para você, e diz que tomara que o tempo passe depressa e você volte, porque ela está com muita saudade.

Meu querido filho, Deus te abençoe, amém. Continue a me escrever todas as semanas: você não imagina como é bom receber carta sua. E o empreguinho, como vai? Você engordou muito? Você cresceu mais? (vê-se isto pelo comprimento da bainha das calças).

Receba um beijo, meu Pernilongo, minha vida. E escreva para a sua

Mamãe

Paulinho, de minha alma,

tenho me atrasado na minha correspondência com você, o que é imperdoável. Mas depois você vai me entender melhor. Quero saber tudo o que você se lembrar da Flórida. Não faz mal, Nova York fica por realizar. Aliás um humorista daqui João Bethencourt, em vez de New York, só escreve Nu York.

Pelo mesmo correio vai uma *Manchete* para você (sem colaboração minha, por acaso), mas dentro, num envelope, mando dez dólares para você fazer uma farrinha sem remorso de estar gastando do outro dinheiro, está bem? Se gostar, daqui a uns tempinhos lhe mando o mesmo pelo mesmo processo.

Não se preocupe: não vou esquecer de matricular você em junho. Estou doida para que chegue julho e me traga você a melhor e mais preciosa fruta da estação.

Como vai sua “família”? Diga à sua “mãe americana” que eu lhe desejo felizes páscoas.

Afinal você nunca me disse se estava gostando de estar nos Estados Unidos, se está gostando de morar com uma família diferente da sua. Eu que levaria bomba se me mandassem escrever sobre a diferença entre republicanos e democratas: esqueci...

Tenho transmitido seus abraços a Pedro e Silea.

Minha alma, espero que você esteja bem de saúde, sem resfriados. Vá por mim a um *drugstore* e peça um *apple-pie* com café com leite.

Receba um beijo de saudade de sua

mãe

Minha alma:

Sou tão preguiçosa para escrever cartas que até para você eu adio. Eu telefonei porque não aguentei de saudade. Se não fosse caro, eu todas as semanas falaria com você. Estou muito orgulhosa de você. A fotografia em cores foi ótima, e aquela paisagem desolada de inverno que você tirou está muito bonita. Na primavera não se esqueça de tirar uma fotografia do mesmo lugar. Perto de você chegar eu despeço dona Doca que está cozinhando pedras. Despedir Ângela foi uma tolice minha.

Quando demorar a receber carta, não se assuste: é que sou mesmo das que adiam a resposta. Com a graça de Deus são só seis meses – um ano eu não aguentaria.

Pedro está no mesmo, mas está em tratamento e a esperança é a última que morre. Continuo trabalhando forte para *Manchete*. As crônicas no *Jornal do Brasil* não me preocupam porque tenho um punhado delas, é só escolher uma e pronto. Além do mais eu pretendo me “plagiar”: publicar coisas do livro *A legião estrangeira*, livro que quase não foi vendido porque saiu quase ao mesmo tempo que o romance, e preferiram este. Talvez eu receba em breve um pequeno aumento no jornal.

Silea está com muita saudade de você, e até perdeu o gosto por novela. Mandou dizer que a Veridiana estava muito doente, à morte, o prof. Renato continua cego, e o tio Paulo vai se casar com Márcia. E a mulher do prof. Renato roubou o filho da Márcia pensando que é filho do Renato. O Luizinho do Coríntians da novela morreu, mataram-no. D. Elvira continua chorando muito e Heitor ainda não morreu. Silea disse que a casa não é a mesma sem você, e que você volte logo...

Diga a sua mãe americana que não escrevo bem inglês, e que sempre (*sic*) muito ocupada com o trabalho. De modo que ela não repare se eu não lhe escrever. Diga-lhe *how grateful I am* de ter agasalhado na sua casa você, *who is the soul of my*. *I wish her many hapiness.*

Meu gafanhoto de ouro, eu te abençoo. Beijos de tua

mãe

DÉCADA DE 1970



Rio, 25 de fevereiro de 1971

Paulo, meu filho querido,

as cartas estão demorando tanto a chegar ao seu destino que é capaz desta não alcançar vocês em Montevideú.

Só hoje vou saber – foi a data marcada, mas nunca cumprem exatamente mesmo confirmando que as aulas começam no dia 8 de março, foi o que me informaram até agora. Tenho que ir, entre hoje e dia 3 de março, completar uma coisa da matrícula (não se impressione, você está matriculadíssimo, e eu irei hoje ou amanhã completar tudo).

O Carnaval aqui foi michuruca (é assim que se escreve?...). Nem tomei conhecimento. Só que no sábado de Carnaval a rua Gustavo Sampaio ficou sem telefone em funcionamento e não fizeram nada até hoje, me atrapalhando bastante a vida.

Depois, pessoalmente, te contarei a saga da tua matrícula... Todos os alunos foram, como eu, no primeiro dia e a fila era tão comprida que subia pelos degraus da grande escadaria e ia além desta. Eu cheguei às 11 em ponto, quando a matrícula só se abriria às 11:30, e fui para o fim da fila, sentei-me num degrau da escada, como os outros, e nada da matrícula se abrir. Então ouvi os seguintes comentários: “cada matrícula demora muito porque é preciso examinar os papéis, e dar outro escrito de volta; ora, acontece que à 1:30 da tarde eles interrompem para o almoço e só voltam às três e pouco, se não chegarem atrasados; enquanto isso temos que ficar na fila, sem ir para casa; mas acontece que fecha às 5 horas da tarde, e de 3 e pouco às cinco não haverá tempo de atender a todos; será que teremos que pernoitar aqui?” Fiquei desanimada. Mas dei um jeito: fui à terceira moça da fila e lhe disse que eu tinha hora marcada com médico e se ela se incomodaria se eu matriculasse meu filho antes dela. Ela respondeu com um alçar de ombros: por mim, tanto faz, mas pergunte aos dois rapazes na minha frente. Perguntei e eles disseram: é claro. De modo que... fui a primeira a matricular e a pagar na tesouraria os 28 cruzeiros. Acrescente-se a isso que estava um calor de matar passarinho.

Pedro tem vindo diariamente aqui em casa, para almoçar e mesmo para jantar. Transmiti a ele suas lembranças. Ele perguntou quando você voltaria.

Silea está bem, mas sempre com dor de cabeça. Eu tenho trabalhado muito. Como durmo pouco, trabalho mesmo de madrugada.

Estou com muita saudade de você, meu querido. Deus queira que você faça uma boa viagem, venha com Deus.

Acho que esta carta vai ser inútil, vai chegar aí depois do dia 4...

Receba muitos beijos de sua

mãe

Genebra, 13 de março de 1972

Minha Claricinha muito querida,

estou esperando com enorme ansiedade pelo seu novo livro. Achei excelentes seus últimos textos no *Jornal do Brasil* e é impressionante a repercussão que eles têm nas pessoas sensíveis que os leem. Ouvi falar em você com muito carinho hoje, aqui em casa pela embaixatriz Glória Guerreiro, quando viu seu retrato na minha estante. Emprestei-lhe *Laços de família*.

Não sei se você terá recebido um cartão que lhe mandei há tempo. Sabe que no momento em que lhe escrevia, não sei por que, não me conseguia lembrar do nome de Silea: só por isso não mandei um beijo para ela.

Mônica tem reagido um pouco ao francês, sempre diz que gosta mais de Roma que de Genebra e que quer voltar para Buenos Aires. Mas já começa a entender um pouco de que se diz na televisão e se sente melhor. De saúde está ótima graças a Deus. Lauro está achando muito boa a experiência de trabalho aqui na ONU, mas termina tardíssimo.

Eu tenho lido bastante, mas também tenho que trabalhar muito em casa, pois a moça que veio comigo não dá conta do recado. Em geral cuido da minha roupa e da de Mônica, lavo as camisas e meias de Lauro, limpo a prata, os vidros e faço uma limpeza boa na cozinha quando ela sai. Contudo, essas ocupações têm sido boas, pois me distraem de pensamentos dolorosos desde que soube da morte de meu pai.

O mais só enormes saudades de você, do Paulinho, do Pedro. Como estão eles? Diga-lhes que penso sempre neles com muito amor. Paulo ficou de vir passar as férias comigo. Será que vai poder? Quem sabe você vem com ele?

Estamos na Av. [...], 16-A ap. 22 [...]

Beijos muito carinhosos para você e todo o carinho imenso, e a gratidão e o amor de sua

Marly

Clarice:

Li o seu livro de um jato só.^[20] Sem parar. E curioso, pois sem nenhum “plot” ele tem um suspense próprio, transmite grande carga de uma ansiedade pelo que de bonito você vai dizer no parágrafo seguinte. Sabemos que não há um desfecho mas corremos até o fim em busca dele. E então é aquele suspiro final.

Acho-o maravilhoso. É um contato com o bonito-puro. E isto dito por mim tão pouco abstrato, tão “operacional” mesmo na minha atividade como escritor, é muito significativo. Você venceu o enredo, libertou-se do incidente, do evento, do acontecimento. Mas mesmo sem estes o livro prende e se enovela porque dentro da abstração há uma série de vivências muito nítidas e muito lindas. A gente vai encontrando a todo instante situações-pensamento e vai se identificando com elas como se o livro tivesse personagens, incidentes, tudo. Eu pessoalmente me liguei a uma dúzia deles.

É menos um livro-carta e, muito mais, um livro-música. Acho que você escreveu uma sinfonia. É o mesmo uso do tema principal desdobrando-se, escorrendo até se transformar em novos temas que, por sua vez, vão variando etc. etc.

O Gustav Mahler está muito em voga, não? Mas apesar do modismo mahleriano tenho tido um especial prazer em descobrir coisas só minhas nas obras dele. Você certamente o conhece, mas deve cultivá-lo porque se parecem nesta ansiedade elevada à condição de harmonia.

E aí acho que posso responder à sua pergunta fundamental: o livro está terminado? Está. Definitivamente. Mas na mesma medida em que um movimento de uma sinfonia se contém em si mesmo. Ou, na mesma medida em que uma sinfonia de Beethoven ou do próprio Mahler dispensam as outras. O seu *Água viva*, assim como os movimentos e as sinfonias “funcionam” individualmente, tem sua vida própria. Mas também *podem* pedir uma continuação. (Aqui entra a minha furiosa imaginação e onipotência te sugerindo dois outros movimentos: quem sabe um sobre o encontro-desencontro, mezzo-vivace e, depois, um outro andante-maestoso, final?)

O importante, porém, é isto: você concebeu e produziu algo extremamente bonito. E terminado.

Abraço

Dines

20. *Água viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

Rio, 5 de maio de 1974.

Querida Clarice:

Que impressão me deixou o seu livro!^[21]

Tentei exprimi-la nestas palavras:

– Onde estivestes de noite
que de manhã regressais
com o ultramundo nas veias,
entre flores abissais?

– Estivemos no mais longe
que a letra pode alcançar:
lendo o livro de Clarice,
mistério e chave do ar.

Obrigado, amiga! O mais carinhoso abraço da admiração do

Carlos

21. *Onde estivestes de noite*, Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

10/9/74

Clarice

Você me disse que gostava de receber cartas mas que não gostava de responder.

Então não é preciso responder este cartão que lhe mando aqui do meu retiro espiritual, estou numa linda vila chamada Águas de São Pedro. Não conheço ninguém e ninguém me conhece. Ouço o silêncio (agora) mas cedo tem muito passarinho.

Já encontrei aquele pente que pensei que não fosse mais encontrar, aquele que te prometi, igual ao meu, lembra? É verde-amarelo-vermelho. Parece uma lagarta. Comprei para você; um dia te dou. Muito carinho meu.

Lygia

4 de janeiro de 1974^[22]

Querida Clarice:

Antes de tudo eu adorei os meus presentes (que você me deu).

só não lhe dou porque você não gosta, mas neste ano eu lhe trarei uma coisa lá de Miami. (eu vou lá em fevereiro)

sabe o disco? Quando eu o vi, senti tanta curiosidade de ouvir que eu nem almocei direito! Eu adorei o disco e o colar.

Eu vou pra Miami no dia 2 (domingo).

Eu vou morrer de saudades de você. Eu queria lhe conhecer pessoalmente.

No meu próximo aniversário não vai haver festa aí eu convidarei você para ficar comigo.

Você quer?

Beijos e abraços da

Andréa

22. Conjunto de cartas trocadas entre Clarice e Andréa Azulay.

Rio, 27 de junho de 1974

À bela princesa Andréa de Azulay,

dou-lhe de presente este objeto. Espero que você goste dele. Seu nome é mobile. Mas eu lhe dei sete nomes. O primeiro: *la donna è mobile qual piuma al vento* (a mulher é volúvel como pluma ao vento). O segundo nome é: vertigem. O terceiro é: ano 2000. O quarto é: sussurros delicadíssimos. O quinto é: suspiros. O sexto é: pássaro azul. O sétimo é: Andréa de Azulay.

Quero lhe dizer, minha querida coleguinha, que a mais bela música do mundo é o silêncio interestrelar. E me desculpe: não posso ficar sozinha contigo porque senão nasce uma estrela no ar.

Você precisa saber que já é uma escritora. Mas nem ligue, faça de conta que nem é. Eu lhe desejo que você seja conhecida e admirada só por um grupo delicado embora grande de pessoas espalhadas pelo mundo. Desejo-lhe que nunca atinja a cruel popularidade porque esta é ruim e invade a intimidade sagrada do coração da gente. Escreva sobre ovo que dá certo. Dá certo também escrever sobre estrela. E sobre a quentura que os bichos dão a gente. Cerque-se da proteção divina e humana, tenha sempre pai e mãe – escreva o que quiser sem ligar para ninguém. Você me entendeu?

Um beijo nas suas mãos de princesa.

Clarice

Rio, 28, sexta-feira

Querida Andréa,

você quer me explicar o que quer dizer um sonho que tive hoje de noite? Ontem fui dormir tão cansada, mas tão cansada, que fiquei com medo de cair na rua. Dormi de oito e meia da noite até quatro e meia da manhã. Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que ia para fora do Brasil (vou mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo o meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava, e riam de mim. Aí não aguentei e acordei. Eu estava tão nervosa e elétrica e cansada que quebrei um copo.

Mas depois eu fiz uma coisa de gente rica. Por exemplo, tenho uma minissauna em casa, com essência de eucalipto. Tomei a sauna e logo em seguida um banho bem quente com espuma revigorante. Depois tomei café bem quente. E agora estou bem.

Eu vou lhe dar de presente uma coisa. É assim: borboleta é pétala que voa.

Está bem?

Sua Clarice

Rio, 7 de julho de 1974

Andréa de Azulay, que é minha filha espiritual:

Você sabe muita coisa, minha colega. Mas de qualquer jeito vou lhe dar umas dicas para a vida e outras para escrever.

Sugestões de vida:

– Você sabe se espreguiçar? É tão bom. Quando você se sentir cansadinha (você nunca se sente cansada porque é uma borboleta alegre) ou quando quiser sentir uma coisa boa para o seu corpinho, então espreguice-se. É assim: espiche os braços e as pernas ao último máximo, tanto quanto puder. Fique assim um momento. Em seguida largue-se de repente, relaxe o corpo como se este fosse um trapo. Você vai ver como é gostoso. A gente ganha um corpo novo.

– Você gosta de comer coisa boa? Então experimente fios de ovos com creme de leite Nestlé. A gente não tem vontade de acabar nunca.

– Pergunte a seu pai e a sua mãe se eles deixam o seguinte: es quente uma colher de sobremesa de vinho tinto, es quente uma xícara de café com açúcar, misture tudo e beba devagarzinho. Dá um gosto bom no coração.

– Experimente mocotó. Demora a cozinhar e leva tempero. Mande fazer um pirão com o caldo. É forte, é potente, dá força humana. É capaz de você odiar!!!

Sugestões para escrever:

– Você não precisa de nada, já sabe quase tudo. Mas vou lhe dar umas ideias:

– Não descuide da pontuação. Pontuação é a respiração da frase. Uma vírgula pode cortar o fôlego. É melhor não abusar de vírgulas. O ponto de interrogação e o de exclamação use-os quando precisar: são válidos. Cuidado com reticências: só as empregue em caso raro. Como depois de um suspiro. Quanto ao ponto e vírgula, ele é um osso atravessado na garganta da frase. Uma minha amiga, com quem falei a respeito da pontuação, acrescentou que ponto e vírgula é o soluço da frase. O travessão é muito bom para a gente se apoiar nele. Agora esqueça tudo o que eu disse.

– Cuidado com o “quê”, muitos quês numa mesma frase atropelam a gente. Você pode tomar a liberdade que eu já tomei, isto é: começar uma frase com “que”. Mas esse meu recurso já foi por demais imitado, eu já não uso mais, só às vezes.

Quando você fizer sucesso fique contentinha mas não contentona. É preciso ter sempre uma simples humildade tanto na vida quanto na literatura.

Afago os seus belos cabelos.

Clarice

Quer me mandar o seu retrato?

(Esta carta foi escrita antes de você me mandar o seu retrato)

Rio, 9 de julho de 1974

Querida Clarice

Clarice eu adorei o presente.

Olha a parte do sonho de que você partia era que você ficava com medo de alguém, como outra pessoa tomasse seu lugar enquanto você estava longe de todos do Brasil; se esqueciam de você.

As pessoas que escreviam colocando seu nome embaixo não escrevendo coisas de uma escritora como você.

Quando as pessoas davam risos elas mostravam que não tinham escrito coisas tão feias só para lhe enfraquecer na sua vida artista e colocar outra pessoa no seu lugar.

Ah! Clarice da próxima vez que você tiver um pesadelo não quebre mais copos, porque se suas mãos sangrarem e você não puder mais escrever; quem vai escrever coisas tão lindas que você escreve?

Clarice; eu sei interpretar a escritora que é você.

Você é uma abelhinha que voa por partes do jardim. Cada terço do pozinho da flor que você tira, são lindas ideias de outros países. E o pó que você traz para outros lugares, são outras lindas histórias que você escreve.

Um pouco do pó do miolo da flor que você deixa cair no gramado dele nasce uma flor e esta flor está com muitas de suas maravilhosas ideias.

Ah! sabe minhas melhores redações eu faço bem incomodada, num lugar sem inspiração. Esquisito né?

Olhe a interpretação é um segredo que se descobre através de microscópios da inteligência e da dedução. E esses microscópios vêm da nossa inteligência e dedução.

Olhe, eu não escrevi uma carta antes porque estava esperando a sua carta pra responder perguntas que nelas estavam.

Eu li 2 livros e eu adorei!

Espero escrever tão bem como você.

Se você tiver um sonho e ficar pensando que ele significa; me escreva e eu [à] direi na carta seguinte a interpretação.

Ah! Adivinha como eu sou por dentro!

Um beijo e um abraço da

Andréa de Azulay.

Rio, 12 de julho de 1974

Minha adorada Andréa,

fiquei boba quando vi o seu retrato: você é joia, também por fora. Quando não se é bonita, não se tem culpa nenhuma. Mas é bem melhor não ser feia. E você vai ser uma moça linda. E é uma criança de ouro.

Como você é por dentro? você é cristal tilintando, você é ouro que reflete, você é uma rosinha branca que tem cheiro divino, você é uma nuvem rosada num céu bem azul, você é misteriosa como a Lua e brilhante como o Sol que nos aquece. Sobretudo, Andréa, você é boa como uma boa notícia.

Gostei imensamente do perfume que você me mandou. É delicado e ao mesmo tempo intenso, é fresco e ao mesmo tempo cálido. E combina comigo, quer dizer, há perfumes que, por melhores que sejam, a gente não transa bem com eles, e eu transei bem com o seu. Estou lhe mandando um pouco, embora você seja menina. Mas, se seus pais deixarem você usar um pouquinho, então umedeça o dedo e passe atrás das orelhas. Passe também um pouquinho na base do pescoço, bem entre as clavículas. Ou então nos pulsos. Esses lugares são estratégicos: como são mais quentes que o resto do corpo, põem em exalação o perfume. Se você quiser, use só para ocasiões especiais. Um dia vou lhe mandar uma água-de-colônia que você pode passar um pouco no corpo depois do banho.

Fico toda alegre porque você existe.

Olhe, fica combinado uma coisa: só eu lhe dou presente, você só me dá as cartas (quando tiver vontade de me escrever). Porque eu encabulo quando recebo presentes. Mas gosto muito de dar. Hoje, por exemplo, vou procurar “marrom-glacê” para você (não sei se encontro). Eu não sei se você gostará, tem gente que acha o máximo em matéria de doce.

Eu quero lhe informar uma coisa que na certa você já sabe: é que seu pai não é bom só para você, ele é bom para muita gente. E ele já me fez muito bem. Não se incomode em reparti-lo um pouquinho com os outros: a você ele dá tudo e nada tira de você. Ele, para os outros, dá coisas diferentes.

Sabe onde coloquei o seu retratinho? Na carteira onde guardo dinheiro (tem um compartimento só para retratos e ali estão os retratos de meus dois filhos). Tanto te quero bem e torço por você. Você vai fazer gol.

Você escreve muito bem mesmo. É claro, é preciso estudar e ler muito ainda. Mas

você tem apenas nove anos e já tem uma sensibilidade que é um dom dos deuses. Ou melhor: é mesmo um dom de Deus.

Vai aí um retrato meu, bem recente. Porque só lhe dei retratos de pinturas minhas. Quer pedir a seu pai para tirar um retrato seu de corpo inteiro? Em cores. Quero saber o seu tamanho.

Eu vou mesmo para a Colômbia: são nove horas de voo. Que preguiça.

No retratinho o braço é meu.

Até breve. Um beijo na sua testa, minha menina.

Sua

Clarice

Rio, 26 de dezembro de 1974

Querida Clarice.

Ontem mesmo eu li cartas que você me mandou há muito tempo e resolvi escrever uma história para você.

Bem, antes disso vou lhe falar do Puft. Sabe quem é ele? É aquele ursinho que você me deu. Ele dorme comigo, fica na minha cama abraçado em mim.

Eu adoro ele.

Vou lhe dizer por quê:

Ele é macio, fofinho, quentinho.

Quando um de meus pais brigam comigo eu choro perto dele e a tristeza passa logo.

Eu ia escrever um livro há pouco tempo mas não consegui. Acho que eu devo me aperfeiçoar mais na leitura e na pontuação. Olha, eu desejo para você muita alegria neste natal.

tudo isto é você

na liberdade na paz

você é assim também

na natureza no amor

no sentimento na vida

O sol nascendo

Você é uma luz no escuro

E escrevendo não é preciso desenhar é preciso dizer que você é uma deusa na literatura brasileira.

Pronto: agora finalmente vou escrever a história (espero que você goste).

História:

Autora – Andréa

de Azulay.

No país dos mágicos

Pronto, cheguei

– Oi vovô, você estava contando uma das suas histórias pro Carlinhos?

– Sim. Quer ouvir?

– Quero. Mas comece do princípio, tá?

– Esta bem, Cecília.

– Eu era um jovem moço que vivia numa aldeia chamada Guarapé.

– Era longe, vô?

– Cala a boca Cecília – disse Carlinhos.

– Espere Carlinhos, deixe eu responder a pergunta de Cecília. Sim Cecília, era linda...

... Linda como a natureza, linda como uma deusa.

– Tinha os olhos de que cor?

– Pretos como os de uma índia. Pretos como a noite.

Bem, a moça era bonita, porém ambiciosa.

Ela queria que eu fosse ao “País dos mágicos”, buscar para ela a riqueza e assim ela se casaria comigo.

Peguei um barco e fui navegando num mar solitário.

Cheguei a uma cidadela e perguntei a um velho que lá estava.

– Onde fica o país dos mágicos?

– Vá pro mar. Siga sempre em frente atravessando o Horizonte.

– Está bem. Muito obrigada. Viajei 30 dias e 30 noites... Enfim cheguei.

Lá, uma plaqueta dizia bem-vindo ao “País dos Mágicos”.

Lá também tinha: fadas, mágicos e bruxas.

As fadas faziam mágicas de aparecer bichos, estrelas etc.

Os mágicos faziam também muitas coisas.

E as bruxas...

– grrrr.

– Calma Cecília, onde há o bem há o mal. – As bruxas faziam as flores murcharem e coisas assim.

Bem aí consegui a riqueza e trouxe para Gina. Ela pegou-a e fugiu. Não quis mais saber de mim. O resumo da história ficou assim.

Eu trouxe para Gina a riqueza. E ela deixou para mim a infelicidade.

Será que na frase:

“Bem a moça era bonita, porém ambiciosa.” Você não acha que ele também foi um pouco ambicioso por ela?

Beijos e abraços da

Andréa

Querida Clarice

Os livros que eu já tenho são esses

“Os meninos da rua Paulo”

“O retrato da morte”

“As forças do mal”

“O castelo do medo”

“As letras falantes”

“Memórias de um fusca”

“Ana [...] contra a doença”

“Outra vez Heide”

“Poliana e a missão secreta”

“Márcia e o mistério das joias coloniais”

“Elogio da loucura”

“A garota rebelde”

“Jonny no colégio”

“Pérides”

“Memórias de um fusca”

“Márcia e o mistério das aranhas verdes”

“Heide”

“O segredo azul”

“As letras falantes”

(Coleção Calouro)

Bem é só isso.

A Olga pode vir sim mas no dia que vocês puderem vir eu aviso. Vocês vêm nós almoçamos no Flamboyant e depois você vê a casa, os cachorros e o bebê de 8 meses da empregada que é lindo. Bem, mas há um restaurante melhor que o flamboyant. É o Porto finos.

É pra quem gosta mais de lasanha, massas, camarão etc. Mas também tem bife, batata, peixe etc.

Sabe, eu li *A metamorfose* de Franz Kafka (não sei se está escrito direito) eu entendi a interpretação, mas eu como sou muito criativa e cheia de fantasias imaginei-me virando uma barata e perguntei se isso acontece – se a mamãe me beijaria e ela falou com uma cara de nojo “Hum Andréa que besteira!” aí eu comecei a chorar. Eu sou boba não?

O Duth manda lembranças mas é preciso saber lidar com ele (quem não é dono é claro) num instante você põe ele no bolso! Mas o Roofer, você pode até puxar seu rabo!

Bem agora eu vou dormir tá?

Beijos da sua

Amiga

Andréa

Querida Clarice

Há muito tempo eu ia lhe escrever esta carta mas não tive tempo.

Por que você não me escreve nem me telefona mais?

Sempre que você chama o papai no telefone você disfarça a voz só para não falar comigo. Por quê?

Bem sabe o Duth; ele está lindo! Ontem eu dei banho nele ele ficou superchateado. Ele está tão nervoso! Late pra todos que não conhece. Ele já nos defende na rua até!

O outro também é lindo e o olho dele está verde. Está enorme e brinca com o Duth (Eles se adoram).

Bem eu fui a Ipanema e comprei 3 livros daquela coleção de ouro que eu adoro!

As forças do mal

O retrato da morte

O castelo do medo

(nada, apesar de parecer, é de terror, é tudo romance)

Já li “o castelo do medo” em 2 dias agora estou descansando.

Quero te fazer um convite para você e a Silea:

Quero que vocês venham a Paquetá almoçar comigo.

A casa está linda.

Você vai ver o Duth e o Roofer.

Beijos

Andréa

Redação

Autora Andréa Azulay

A Flor

Um dia, eu estava andando e encontrei uma flor. Mas não uma flor comum. Diferente de todas as outras. É quando a gente sente que aquilo significa algo diferente.

Eu reparei nela. Era crescida.

Logo depois vi cinco margaridas, girassóis e sete rosas.

Mas aquela flor não. Única e só.

Para falar francamente, a flor não era linda, nem ao menos bonita. Era pura, branca e num só sentido.

E fui continuando o meu passeio.

Virei o rosto. Vi as 5 margaridas, os 6 girassóis e as 7 rosas.

A outra flor não vi. Nem nunca mais vi uma assim.

FIM.

Querida Clarice:

Você gostou?

Sabe que eu tenho uma gaveta só de suas cartas e retratos?

Quando eu crescer eu vou fazer um livro, na primeira folha eu escreverei assim

VIRE

Eu escrevo este

LIVRO

ao

“Meu pai”

“E a Clarice Lispector que me ajudou a escrever um livro”

“Minha mãe”

“Minha irmã”

Beijos e abraços da

Andréa

Rio, 23 de dezembro de 1975

Andréa querida,

o seu livro demorou a vir à luz mas finalmente apareceu. O resultado é o melhor que pude obter.

O livro menor e com cores você deve conservar com você e sua família e para mostrar às visitas. (Seu pai disse que ia encaderná-lo porque eu esqueci de fazer isso.) Os outros cinco, em preto e branco, você poderá se quiser dar de presente a quem você escolher. Apesar de já ter dedicatórias, sempre é delicado dedicar com a própria letra às pessoas (na página das dedicatórias). Você sabe fazer dedicatórias? se não souber eu mesma ensino, mas seu pai sabe. Receba um beijo da

Clarice

Uma história curta de amor

Era uma vez uma menina suave, leve e linda e que tinha voz de pena de pássaro. Essa menina privilegiada tinha nascido princesa. Os pais dela eram um rei e uma rainha. Essa menina se chamava e se chama e se chamará Andréa. É da estirpe dos Azulays que remonta a 1610, na Holanda. Se Andréa não entender o que estou dizendo, peça ao Rei-Pai que explique.

Essa menina é muito pura. E nasceu com um dom que lhe foi dado por uma fada-madrinha. Quando Andréa nasceu a fada veio com o seu estilete mágico e disse:

– Com a graça de Deus eu faço de Andréa uma menina que sente muito as coisas.

E Andréa foi toda envolvida por um suave sorriso enquanto milhares e milhares de sinos minúsculos tilintavam como cristal. O rei e a rainha tiveram grande júbilo por terem feito uma princesa tão preciosa.

Andréa lia muitos livros até quase onze horas da noite. E também escrevia muito bonito. Mas veio a fada e avisou-lhe: se você vier a ser escritora, procure escrever em prosa, até mesmo prosa poética, porque ninguém edita comercialmente livro de poesias.

Andréa vai fazer dez anos. É uma idade importante. Por isso a fada – por meu modesto intermédio – vai lhe dar uma coisa especial que é minha mesmo há muito tempo e que já usei. Tenho o palpite que Andréa vai gostar porque é objeto antigo. O rei e a rainha gostam muito de objetos antigos. E quase adivinho – decoram a casa com mistura de moderno avançado com o antigo.

Esta história não tem enredo. O enredo é o que Andréa vai escrever com auxílio da varinha de condão da fada mágica. Se Andréa resolver não escrever, não faz mal, depende dela.

Andréa é ao mesmo tempo um luxo e uma inocente. Peço à fada que Andréa Azulay ou Andréa de Azulay (como você queira) seja assim também no futuro.

Clarice

Rio, 18.8.75

Clarice, querida:

Ler ou reler você é sempre uma operação feliz: descobrem-se coisas, aprimora-se o conhecimento das descobertas. Senti isto percorrendo *De corpo inteiro* e *Visão do esplendor*. Obrigado, amiga!

O abraço, a admiração, o carinho do

Drummond

Mafalda, minha tão querida Mafalda, juro que não sei o que dizer. Logo que Paulo, seu afilhado, me deu a notícia, eu quis pegar um avião e ir ver vocês. Mas o choque foi tão grande que minha pressão baixou quase a zero e tive que ficar de cama, sem força para mover sequer as mãos. Me desculpe eu lhe faltar num momento desses. Eu também queria ver você para – por incrível que pareça a ilogicidade das coisas –, para me consolar com você. Paulo e eu estamos muito abalados. Pelo amor de Deus, Mafalda, reaja como Érico queria que você reagisse.

Mafalda, tive a felicidade de conhecer de perto uma das pessoas maiores que jamais vi. Foi um privilégio ter convivido com vocês.

Deus abençoe você. Sua sempre

Clarice

Um beijo para Luís Fernando

Rio, 7 de novembro de 1976

Minha muito querida Mafalda, na volta de Porto Alegre fui visitar Lucinda que está muito bonita. E cheguei à conclusão que você e ela são umas italianas muito corajosas. Vou também ser corajosa e não tomo mais nenhum tranquilizante. É difícil porque eu sou um bocado sensível demais. Mas estou bem.

Mafalda, você poderia tirar xerox da carta de meu filho Paulo? (*I love you*, lembra-se?) Paulo ficou muito interessado e eu mais ainda.

Deus te abençoe, te proteja e te guie. Um abraço grande de

Clarice

Clarissa tem o endereço e sobrenome de Avany.

Lembranças à bela Clarissa, a Dave, a Luís Fernando e Lúcia.

26/3/77 – S.P.

Clarice: que bom ouvir de você. Olga ligou e passou-me as perguntas. Vou responder mas a outras perguntas, as que eu sei de você. É uma pena você fazer perguntas e ser a gente a responder. Só topo se você escrever. É a alegria maior você escrever sobre a gente. É uma festa, é como subir uma escada inteira... *sem pisar nos degraus*. Entende? E olhe, poderia telefonar mas não o faço por covardia. Sei como anda a tua lucidez nesses dias e justamente nesses dias não posso (perdoe) me machucar mais ainda. É uma fuga para dentro se você quiser, é o encontro de grande amor, sabe, quando a gente pensa que não existe mas de repente você passa a pegar e sentir em tudo, é uma tremenda verdade de encontro que estou vivendo agora. E por isso estou reciclando tudo, até a gravura que é meu lado mais protegido... Estou derrubando limites que acho impossível terem existido, estou entrando em outra dimensão desta vez. E sem rede de proteção. Dá medo Clarice, é quase brincar com a morte pois se alguma coisa falha a morte é tão certa (e há tantos tipos de morte que aquela comum nem será necessária) que poderei continuar vivendo mas terei que saber e dizer que estou morta. Se alguma coisa falhar desse amor. Ou desse encontro, sei lá como dizer. A gente começa a viver de tal maneira que as palavras se tornam precárias para a vida. Para falar do que se está vivendo. Estou nessa Clarice, com 41 anos e em plena descoberta, pode? Chego a achar a dor maravilhosa, às vezes a dor de não estar, um sobressalto permanente, e mil bondades e loucuras estourando dentro da gente mas sobretudo uma grande busca da essência. Isto tem sido este tão primeiro e último amor. Uma tremenda busca da essência, o fim do ornato, do bordado, do supérfluo, um encaminhamento definitivo para a verdade, comigo mesma, com as coisas e o mundo. Perdoe o desabafo. Mas comadre é para essas coisas. Por falar nisso teu afilhado está lindo, crescendo muito rapidamente por fora e devagar por dentro. Assustado com as coisas, o mundo, a mãe etc. mas acho que gosta muito de mim, assim como sou mesmo. E é como as pessoas são que se deve gostar. Senão é jogo, palhaçada! Está no primeiro colegial agora, muito orgulhoso da madrinha dele, o que rende muito com a professora de português mas Graças a Deus é ótimo aluno, só por obra e esforço dele pois eu sou uma montanha de erros gramaticais e sintáticos. Agora coloque na vitrola a Sonata Nº 3 Opus 23 de Scriabin (se possível tocada por Wladimir Horowitz) e vamos trabalhar:

1º O que a levou à gravura? O que te levou à gravura? O que te levou à literatura, ou melhor o que te levou a escrever? Resposta igual à que você daria. (Quem me dera ter teu alcance, mas vou chutando...) Foi aquela mania de ficar procurando como dizer melhor o

que se precisa dizer.

2º E já vou respondendo à segunda pergunta junto. Eu Clarice pintava muito retrato, muita paisagem, muito nu artístico, enfim estava seguindo os conselhos de Lasar Segall (garota ainda) e acompanhando o curso de Yolanda Mohalyj aqui em S. Paulo. Em 1952 participei de uma mostra coletiva no Museu de Arte de S. Paulo com uma porção de guaches e aquarelas de naturezas-mortas, havia até o retrato de um galo de louça portuguesa... Desenhava a carvão corpos nus, bem acadêmicos até com sobras de claro e escuro. Não sobras, digo sombras. Fora isto adorava paisagem, de tudo que é jeito e lugar. O fundo do meu quintal mil vezes foi quadro, e bem caprichado, a óleo sobre tela e aquarela. Não fosse assim como teria ousado com 11 anos ilustrar (apenas para meu consumo, o autor nem sabe) o *Cobra Norato* de Raul Bopp...?

3º *A quem você deve a aprendizagem da gravura?* Bom daí era aquela loucurada de ver tudo o que era exposição. Da Yolanda Mohalyj fui trabalhar com o Karl Plattner em pintura de encáustica. E um belo dia entro numa exposição do Lívio Abramo. Acho que lá na 7 de Abril. Mas foi aquela coisa, vi algo que procurava há muito tempo. Sabe eu pintava e desenhava mas não era bem aquilo que queria, tanto assim que tenho uma porção de desenhos daquele tempo onde riscava ou “cavava” com uma ponta por cima de espaços pintados etc. como consequência rasgava o papel ou sulcava o cartão. Enfim estava procurando, mesmo sem saber, um outro resultado, algo de luz vindo por trás da imagem, um efeito que estruturasse o espaço e não apenas o preenchesse. É difícil explicar, mas ao ver as gravuras do Lívio Abramo fiquei completamente alucinada. Era algo no plano da revelação. Abandonei todos os outros trabalhos e técnicas e fiquei no pé do Lívio um tempão para que me ensinasse a gravar. Foi duro, ele achava que eu não tinha jeito e após uma recusa inicial, diante de minha insistência, me deixou lixando madeira e alisando instrumento (afiando) por mais de 2 meses. Pouco depois me colocou no linoleum. Ainda não merecia as árvores. E eu doendo só de olhar ele trabalhando perto de mim. Fui olhando e a aprendizagem começou. O resto você sabe. Com aquela bolsa fui aos Estados Unidos (em Washington conheci você, lembra?) e trabalhei com um gravador alemão expressionista (Hans Muller) no curso regular de artes gráficas da Columbia University e com o chinês Seong Moy no Pratt Institute. Este me marcou muito também, foi ele e o Lívio os que mais me formaram. O Adja Yunkers, cujo atelier frequentei em N.Y, também me marcou muito. Enfim, a gente é soma mesmo, mas soma do que quer.

4) *de Fayga Ostrower* tirei muito leite também. Aliás ela é essencialmente uma mestra, mesmo se o contato não for de aluno professor. Ela ensina gravura para a gente mesmo subindo sentada ao teu lado no bondinho de Sta. Teresa. É como eu ia vê-la antigamente, quando ela morava no fim da linha lá em cima. O que acho dela? Fayga é gente e está

acima do bem e do mal. Me assusta um pouco as certezas que ela tem. Aliás todas as pessoas que sabem das coisas e têm certezas me apavoram um pouco. E veja só, quando eu era mais moça queria crescer e um dia ser como a Fayga. Ela fez a gravura certa no pior momento.

5) *Você gosta de fazer cenários de teatro?* Clarice, gosto de tudo. E também de cenário de teatro porque se sai para um espaço mais certo e envolvente. Porque é trabalho de equipe em cima de um conceito. Porque se pode chegar a uma enorme eloquência com o visual antes do dramático e do textual. O olho pode ver num segundo e abranger em poucos lances o que vai levar horas para ser dito ou representado. Quando digo gosto de tudo (e estou entrando também na 6ª pergunta, *qual é o seu próximo passo na gravura?*) é porque no visual se comunica além da consciência. Você fala aos sentidos antes que à razão. Resposta da 6ª pergunta *Por isso* o meu próximo passo com gravura são uns enormes painéis de concreto que estou fazendo em fachadas ou saguões de prédios, são experiências com cinema e projeções e até alguns eventos. No momento estou teoricamente empenhada em DESVIAR UM RIO. É um tipo de desenho que gostaria de fazer na natureza dedicando-o a uma certa pessoa que aguenta o meu cotidiano. E um sulco para um rio deixar de correr no seu leito e passar a correr dentro não deixa de ser uma forma de gravura. Sai da área de eventos e passa aos territórios das pulsações. E isto é muito ligado à gravura onde o impulso da mão no instrumento “informa” a imagem. Fim da 6ª pergunta.

7º) *Por que você começou a imprimir com cores?* Devo confessar que a cor para mim na gravura demorou muito para surgir. Talvez porque abrandasse muito a linguagem gráfica mais pura. No entanto a cor me parecia algo a mais para a imagem final ganhar toda a sua força. Era mais uma possibilidade incorporada à expressão. No entanto até hoje concebo as imagens (em qualquer suporte) sempre em branco e preto, ou em cheios e vazios ou massa e luz, como você preferir, e apenas na fase final da imagem é que entro com a cor. A gravura, por ser uma linguagem em que se trabalha ao contrário (a gente retira matéria de uma superfície e não soma, produz vazio e não cheios, o cheio é o que fica, portanto processo de negativo positivo), no caso da xilografia possui um só sentido para o uso da cor, que são as somas das transparências. E isso como Fayga ninguém é melhor. Fim da segunda pergunta. Acabou.

Clarice saudade. De um bom papo com você na praia. Parece que o tempo com o tempo passa muito mais depressa. Agora não tem dado para mais nada, e nós só nos vemos em casamentos... Fora isso tudo teu que aparece eu leio e releio muito. Tem aparecido uns contos em revistas paulistas bem doentes que deixam a gente sem dormir vários dias... Clarice é a maior. Fim de papo.

Desculpe ter cansado você com toda esta conversinha. Faça e desfaça ao seu bel-

prazer. Se faltar alguma coisa avise. Tudo de bom para você, sei que anda um pouco assombrada, não ligue que apenas os imbecis conseguem ser felizes e portanto conforme os chineses apenas os inteligentes são infelizes os mentecaptos felizes e a felicidade é uma promessa do capitalismo... e por aí vai.

Muito carinho, até breve e abração da

Maria

Clarice, querida:

A *Folha* publicou este comentário de Vilma há dias. Já li *A hora da estrela* – você é a única escritora brasileira que a vislumbrou. Mas para isto tem que haver uma alma judia fazendo perguntas tão embaraçosas e perplexas. Você é muito sapeca mesmo: quando a gente começa a ficar com horror deste país e doido para tentar o êxodo vem você e esparrama esta dose de melancólica ternura por esta terra de palmeiras e sabiás.

Um beijo saudoso

Dines

Minha querida

Clarice,

queria apenas dizer-lhe que o seu livro *A hora da estrela* é muito belo e que você é muito amada. Segui seu conselho, comprei roupas claras (de preferência, o branco, você disse) e cortei o cabelo. Acho que recomeço a viver, vamos recomeçar juntas? Se eu for aí passar o Natal com o meu irmão, quero te levar um pente (como aquele que te dei, outras cores) e te dar um beijo.

Lygia

25/11/77

NOTAS BIOGRÁFICAS

ALBERTO DINES

Editor do *Diário da Noite*, onde Clarice era *ghost-writer* da coluna “Nossa Conversa”, assinada pela atriz Ilka Soares.

Editor do Caderno B do *Jornal do Brasil*, onde Clarice tinha uma coluna semanal.

ANDRÉA AZULAY

Filha de Jacob David Azulay, psicanalista de Clarice. Tinha nove anos quando escreveu estas cartas para a escritora.

BLUMA CHAFIR WAINER

Jornalista e fotógrafa. Viveu em Paris com o marido, Samuel Wainer, por alguns anos, na década de 1940, quando então conheceu Clarice. Retornou para o Rio em 1948. Clarice acompanhou os últimos dias de Bluma, que morreu precocemente, em 1951.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Um dos poetas mais admirados por Clarice, desde a sua juventude. Gostavam de conversar pelo telefone. Ambos assinaram uma coluna no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, no mesmo período, entre fins da década de 1960 e início da de 1970.

ELIANE GURGEL VALENTE

Cunhada de Clarice. Francesa, naturalizada brasileira, casou-se com Mozart Gurgel Valente, no consulado de Nápoles, em dezembro de 1944.

ELISA LISPECTOR

Irmã mais velha de Clarice. Romancista e contista. Autora de, entre outros, *Tigre de Bengala* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1985).

ÉRICO & MAFALDA VERISSIMO

Padrinhos de Paulo e Pedro Gurgel Valente. Residiram em Washington com seus filhos Clarissa e Luiz Fernando, entre 1953 e 1956. Érico foi convidado para substituir Alceu Amoroso Lima na direção do Departamento de Assuntos Culturais

da União Pan-Americana, órgão ligado à ONU. Ajudou Clarice a publicar alguns contos nos Estados Unidos e foi um dos primeiros leitores dos originais de *A maçã no escuro*, escrito neste período.

FERNANDA MONTENEGRO

Residia em São Paulo quando escreveu esta carta a Clarice. O ano era 1968, marcado pela presença implacável da censura nas encenações teatrais.

FERNANDO SABINO

Sua amizade com Clarice atravessou quatro décadas. Manteve uma longa correspondência com ela, abrangendo o período de 1946 a 1969 (Cf. *Cartas perto do coração*. Rio de Janeiro: Record, 2001). Foi seu editor nas editoras Sabiá e do Autor, onde publicou:

A legião estrangeira (1964), *A paixão segundo G.H.* (1964), *A mulher que matou os peixes* (1968), *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) e *Felicidade clandestina* (1971).

GETÚLIO VARGAS

Presidente da República. Primeiro governo: 1934/1945. Segundo governo: 1951/1954.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Clarice e Cabral moraram no Recife na década de 1930, mas só se conheceram no Rio de Janeiro, quando, então, o poeta iniciava-se na carreira diplomática. Sua correspondência foi enviada dos consulados brasileiros de Barcelona, Sevilha e Marselha, onde foi cônsul.

JOSÉ SIMEÃO LEAL

Organizador dos Cadernos de Cultura do MEC.

LÊDO IVO

Seu contato mais estreito com a escritora deu-se através de Lúcio Cardoso, durante o início da carreira literária de ambos na década de 1940.

LÚCIO CARDOSO

A amizade com Lúcio Cardoso iniciou-se na década de 1940. Lúcio já era um

escritor veterano e Clarice o elegeu como uma espécie de mestre literário.

LYGIA FAGUNDES TELLES

Iniciou sua carreira literária na mesma época de Clarice. Segundo a própria Lygia, seu relacionamento com Clarice foi muito rico:

“Fizemos duas viagens juntas e conversávamos todos os dias, o tempo todo.” (Cf. *Cadernos de Literatura Brasileira Lygia Fagundes Telles* – São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.)

MANUEL BANDEIRA

Conheceu a escritora na década de 1940. Ambos foram padrinhos de casamento de Marly de Oliveira.

MARIA BONOMI

Comadre de Clarice. Conheceu-a nos Estados Unidos, em Washington, em meados da década de 1950, quando foi convidada pela União Pan-Americana para expor suas gravuras. Na época, vivia em Nova York com uma bolsa de estudos da Columbia University.

MARLY DE OLIVEIRA

Afilhada de casamento de Clarice. Seu convívio mais próximo com a escritora deu-se na década de 1960. Autora de ensaios sobre *A maçã no escuro*, *A paixão segundo G.H.* e *A cidade sitiada*, divulgou sua obra na América Latina e na Europa, no período em que residiu nestes continentes.

MAURY GURGEL VALENTE

Conheceu Clarice na Faculdade Nacional de Direito, em 1941. A correspondência trocada entre os dois revela que eles começaram a namorar nesta época. Após casarem-se, em 23 de janeiro de 1943, mudaram-se para Belém do Pará, pois o então vice-cônsul Maury foi enviado para servir como elemento de ligação entre as autoridades estrangeiras em trânsito ou ali residentes.

Em 1944, o casal partiu para a Europa, onde residiram em Nápoles (1944-46), Berna (1946-49) e Torquay (setembro de 1950 a março de 1951). Depois de tornarem a viver no Rio durante um curto período, entre 1949 e 1951, mudaram-se para Washington no ano seguinte, de onde Clarice retornou definitivamente para o Rio em 1959, separada de Maury e com os dois filhos, Pedro e Paulo.

RUBEM BRAGA

Conheceu Clarice em Nápoles, em 1944, quando foi designado pelo *Diário Carioca* para fazer a cobertura jornalística das atividades da Força Expedicionária Brasileira. No fim da guerra, em 1945, voltou ao Brasil e publicou *Com a FEB na Itália*, que reuniu as melhores crônicas enviadas ao jornal.

Foi seu editor junto com Fernando Sabino na Sabiá e na Editora do Autor.

PAULO GURGEL VALENTE

É o filho caçula de Clarice.

TANIA KAUFMANN

Irmã de Clarice. Publicou alguns livros como *A aventura de ser dona de casa* (Rio de Janeiro: Artenova, 1975) e *A idade de cada um. Vida plena na terceira idade* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985).

A “criança da família”, citada por Clarice nas cartas, é a sua única sobrinha, filha de Tania: Marcia Kaufmann Algrante.

THIERS MARTINS MOREIRA

Foi adido cultural na Embaixada do Brasil em Portugal. Assessor do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Cultura.

CRONOLOGIA

1941

Trabalha como redatora ao lado de Lúcio Cardoso, na Agência Nacional, distribuidora de notícias do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, criado com o intuito de propagar notícias do governo de Getúlio Vargas.

1942

Repórter no jornal *A Noite*, a partir de fevereiro deste ano, cuja sede localizava-se na Praça Mauá, no centro do Rio. Seu companheiro mais próximo na redação é Francisco de Assis Barbosa, carinhosamente chamado pelos amigos de Chico Barbosa.

Com o intuito de reduzir o prazo para naturalizar-se brasileira, escreve uma carta ao presidente Getúlio Vargas, encaminhada através de um bilhete do diretor de *A Noite*, André Carrazzoni, a Andrade Queiroz, um funcionário influente do gabinete do Ministério da Justiça. Como o pedido de Clarice não é atendido, ela solicita mais uma vez a ajuda de André Carrazzoni. Ele, então, escreve para o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha. Em 19 de outubro de 1942, o ministro interino da Justiça, Alexandre Marcondes Machado Filho, pede ao presidente da República um parecer sobre a redução do prazo de um ano no processo de naturalização de Clarice Lispector. Getúlio responde ao ministro escrevendo seu parecer na margem esquerda do ofício que lhe é enviado:

“Volte para informar por que a requerente, residindo há tantos anos no Brasil, só a 20 de março do corrente ano pediu naturalização e com tanta urgência que ainda pleiteia a dispensa do prazo regulamentar.” (cf. *Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector*. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 91.)

Clarice não esmorece diante do parecer do presidente da República e escreve outra carta no dia 23 de outubro.

Depois de tantas tentativas, ela obtém sua naturalização um mês antes do término do prazo regulamentar.

1944

Muda-se para Belém (Pará) em janeiro. É a primeira de uma série de viagens acompanhando o marido em missão diplomática.

Mário de Andrade lê o primeiro romance de Clarice. Segundo o depoimento de Fernando Sabino: “Entusiasmado com *Perto do coração selvagem*, Mário de Andrade, em conversa comigo, revelou haver-lhe escrito uma carta, que enviara para Belém. Segundo lhe informaram, ela estaria hospedada no Hotel Central com o marido, que cumpriria ali uma missão diplomática especial durante alguns meses, antes de seguirem para Nápoles, noutra missão. Pois quase dois anos mais tarde, detendo-me em Belém a caminho de Nova York, vasculhei a recepção do Hotel Central onde também me hospedei, na ingênua ilusão de encontrar para ela, esquecida num escaninho qualquer, a preciosa carta para sempre perdida.” (Cf. *Cartas perto do coração*, p. 19.)

Muda-se para Nápoles em agosto.

1946

Muda-se para Berna em abril.

Escreve o conto “O crime”, publicado, posteriormente, em uma nova versão com o título de “O crime do professor de matemática”, em *Laços de família*, 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

1946/1948

Escreve “O coro dos anjos” e tem a intenção de enviá-lo, mas não chega a fazê-lo, a João Cabral de Melo Neto para que o poeta o publique em sua prensa manual em Barcelona. Acredito que “O coro dos anjos” é o mesmo texto que está publicado na segunda parte de *A legião estrangeira* (1ª edição. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964) com o título de *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*.

Isto parece se confirmar em depoimentos da própria escritora:

a) em sua apresentação a *Fundo de gaveta*: *Por que tirar do Fundo de gaveta, por exemplo, a “pecadora queimada”, escrita apenas por diversão enquanto eu esperava o nascimento de meu primeiro filho?*

b) na carta que escreve a Fernando Sabino, em 13/10/1946, *Cartas perto do coração*, p. 66.

Comecei a fazer uma “cena” (não sei dar o nome verdadeiro ou técnico); uma cena antiga tipo tragédia, com... coro, sacerdote, povo, esposo, amante... Em verdade vos digo, é uma coisa horrível. Mas tive tanta vontade de fazer que fiz contra mim. Não está pronto e está tão ruim que até fico encabulada. Mas você não imagina o prazer... (...) O verdadeiro título dessa grande tragédia em um ato seria para mim “divertimento”, no sentido mais velhinho dessa palavra.

Earl E. Fitz escreve um artigo, o único existente, sobre este texto que, em sua opinião, é a única peça teatral de Clarice Lispector: *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos: Clarice Lispector as Dramatist*. Luso-Brazilian Review XXXIV(1997) – pp. 25-39.

1949

Volta a residir no Rio de Janeiro em junho.

A cidade sitiada. 1ª edição. Rio de Janeiro: *A Noite*.

1950

Muda-se para Torquay, onde reside por quase seis meses.

1952

Muda-se para Washington.

Tereza Quadros era o pseudônimo adotado por Clarice no tabloide *O comício*, fundado por Rubem Braga e Rafael Correa de Oliveira neste ano. Ela escreve uma página feminina, onde dá dicas de beleza, culinária ou decoração e aborda temas sobre a emancipação da mulher. Dentre alguns dos colaboradores deste precursor da imprensa alternativa estão: Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Millôr Fernandes, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto e Antônio Maria.

1953

Pede a opinião de Fernando Sabino sobre a possibilidade de se tornar colaboradora da revista *Manchete* assinando sob pseudônimo.

1954

Fica três meses de férias no Rio de Janeiro, entre 15 de julho e 15 de setembro.

1959

Publica, na revista *Senhor*, com grande repercussão, alguns contos feitos por encomenda a Simeão Leal, que são publicados posteriormente em *Laços de família*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960; e *A legião estrangeira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

1961

A veia no pulso é publicado com o título de *A maçã no escuro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Perto do coração selvagem. Lisboa: Livros do Brasil.

1966

Síleia é contratada para acompanhar Clarice durante o período de convalescença após o incêndio que sofrera neste ano. Acaba instalando-se definitivamente em seu apartamento, tornando-se uma amiga fiel e dedicada.

1967/1973

Mantém uma coluna semanal no *Jornal do Brasil*. A maior parte destes textos estão reunidos em *A descoberta do mundo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

1968

Publica a carta que Fernanda Montenegro enviou-lhe, em sua coluna no *Jornal do Brasil*, com a autorização da atriz, demonstrando seu posicionamento diante da ditadura militar. (Carta publicada com o título de São Paulo, em *A descoberta do mundo*, p. 210.)

Inicia “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”, na *Manchete*, onde entrevista inúmeras personalidades. Parte destas entrevistas está publicada em *De corpo inteiro*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

1969

Paulo Gurgel Valente embarca para Indiana, nos Estados Unidos, em janeiro deste ano, para participar de um programa de intercâmbio estudantil.

1974

Visão do esplendor. 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Reúne os textos de Andréa Azulay num livro elaborado de forma artesanal, ilustrado por Sérgio Mata, o mesmo ilustrador de *A vida íntima de Laura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. Clarice escreve um prefácio autodenominando-se “a primeira editora de Andréa”.

1977

A hora da estrela. 1ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

ÍNDICE

Cartas enviadas e recebidas por Clarice Lispector^[*]

ANDRADE, CARLOS DRUMMOND

CR: 285, 307

AZULAY, ANDRÉA

CE: 288, 289, 290, 294, 304, 305

CR: 287, 292, 296, 299, 301, 302

BANDEIRA, MANUEL

CR: 68, 78, 95

BONOMI, MARIA

CR: 310

BRAGA, RUBEM

CR: 194, 208, 217

CARDOSO, LÚCIO

CE: 15, 32, 37, 42, 45, 48, 53, 54, 58, 62, 66, 69, 109, 133, 145

CR: 60, 132, 143

DINES, ALBERTO

CR: 283, 315

IVO, LÊDO

CR: 46

KAUFMANN, TANIA

CE: 39, 49, 72, 75, 80, 90, 114, 164, 176, 189, 204, 228

LEAL, SIMEÃO

CE: 241

LISPECTOR, ELISA

CE: 49, 72, 80, 90, 114, 204, 228

MELO NETO, JOÃO CABRAL

CR: 175, 179, 188, 184, 213, 235, 246

MONTENEGRO, FERNANDA

CR: 256

MOREIRA, THIERS MARTINS

CE: 251, 252

OLIVEIRA, MARLY

CR: 253, 281

SABINO, FERNANDO

CE: 86, 105, 199

CR: 82, 99, 196

TELLES, LYGIA FAGUNDES

CR: 286, 316

VALENTE, ELIANE GURGEL

CE: 191, 240, 244

VALENTE, MAURY GURGEL

CE: 17, 20, 24, 28

CR: 18, 22, 25, 29

VALENTE, PAULO GURGEL

CE: 258, 259, 261, 262, 264, 265, 266, 267, 269, 271, 273, 274, 279

VARGAS, GETÚLIO

CE: 33, 35

VERISSIMO, ÉRICO

CE: 207, 210

CR: 237

VERISSIMO, MAFALDA

CE: 202, 207, 210, 220, 222, 226, 231, 232, 308, 309

WAINER, BLUMA CHAFIR

CR: 89, 92, 96, 110, 116, 119, 122, 126, 129, 136, 139, 147, 151, 156, 160, 167,
169, 171

* CE = cartas enviadas.

CR = cartas recebidas.

FONTE DE CONSULTA

O conjunto destas cartas provém de dois tipos de arquivos:

a) Arquivos públicos:

- Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, onde se encontram os seguintes arquivos:
 - Arquivo Lúcio Cardoso – de Clarice para Lúcio.
 - Arquivo Thiers Martins Moreira – de Clarice para Thiers.
 - Arquivo Clarice Lispector – todas as cartas não mencionadas nos respectivos arquivos.
- Setor de Manuscritos da Biblioteca Nacional – de Clarice a Tania e Elisa Lispector.
- Arquivo Nacional do Rio de Janeiro – de Clarice ao presidente Getúlio Vargas.

b) Arquivos particulares:

- Arquivo Paulo Gurgel Valente – de Clarice a Maury Valente e vice-versa.
- Arquivo Fernando Sabino – de Clarice a Fernando (publicadas em *Cartas perto do coração*. Fernando Sabino Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Record, 2001).
- Arquivo Andréa Azulay – de Clarice a Andréa e vice-versa.
- Arquivo Eliane Gurgel Valente – de Clarice a Eliane.
- Arquivo Mafalda Verissimo – de Clarice a Mafalda.

OBRAS DA AUTORA

- ROMANCE

A cidade sitiada

A paixão segundo G.H.

A maçã no escuro

Água viva

O lustre

Perto do coração selvagem

Um sopro de vida

Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres

A hora da estrela

- CONTOS

A bela e a fera

A legião estrangeira

A via crucis do corpo

Felicidade clandestina

Laços de família

Onde estivestes de noite

- CRÔNICAS

A descoberta do mundo

Aprendendo a viver

Para não esquecer

- CARTAS

Correspondências

Minhas queridas

- ENTREVISTAS

De corpo inteiro

Entrevistas

- COLUNAS NA IMPRENSA

Correio feminino

Só para mulheres

Aprendendo a viver – imagens

Outros escritos, ensaios

- INFANTIL

A mulher que matou os peixes

A vida íntima de Laura

Como nasceram as estrelas

O mistério do coelho pensante

Quase de verdade

Copyright © Clarice Lispector
e herdeiros de Clarice Lispector, 2002

Coordenação de edição
HERDEIROS DE CLARICE LISPECTOR

© das cartas de Manuel Bandeira, do Condomínio dos proprietários dos direitos de
Manuel Bandeira.

Direitos cedidos por Solombra Books
solombrabooks@solombrabooks.com.br

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
VANESSA GOLDMACHER

Edição Digital: julho, 2015

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L753c

Lispector, Clarice, 1920-1977

Correspondências [recurso eletrônico] / Clarice Lispector ; organização
Teresa Montero. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2015.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-573-9 (recurso eletrônico)

1. Carta brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Montero, Teresa. II. Título.

15-23574

CDD: 869.96

CDU:

821.134.3(81)-6

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A AUTORA

CLARICE LISPECTOR nasceu em Tchetchnik, pequena cidade da Ucrânia, e chegou ao Brasil ainda criança de colo, naturalizando-se brasileira assim que atingiu a maioridade. Criou-se em Maceió e Recife, mudando-se aos 12 anos para o Rio de Janeiro, onde se formou em Direito, trabalhou como jornalista e iniciou sua carreira literária. Viveu muitos anos no exterior, acompanhando seu marido, diplomata brasileiro, com quem teve dois filhos. Faleceu em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro.